

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitetura
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Mestrado Integrado em Arquitetura

Jennifer Rego Martins

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel, Açores
ORIENTADOR:
Professor Doutor Bernardo Miranda, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

HOTEL TERMAL EM SINES
TUTOR:
Professor Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2016



INDICE GERAL

- 005 Agradecimentos
- 006 Parte I - Vertente Teórica
- 00000 Parte II - Vertente Projectual



AGRADECIMENTOS

O presente trabalho assinala o fim de um longo percurso. É sobretudo, o resultado de um rigoroso esforço pessoal, que o não seria possível sem a ajuda e apoio de um número considerável de pessoas. Cabe-me a mim, neste preciso momento, agradecer a todos os que me auxiliaram na sua realização:

Aos meus pais, irmãos e restante família, pela compreensão e apoio nos momentos mais difíceis.

Ao João Miguel pela dedicação e paciência, e à família Ramalho pelo carinho e motivação.

Ao professor Pedro Botelho, pela confiança e pelas críticas pertinentes ao trabalho, assim como pelas reflexões e debates, que permitiram o enriquecimento do projecto.

Ao professor Bernardo Miranda, pela hábil orientação e apoio na elaboração do trabalho teórico, pelo estímulo e acompanhamento que fortaleceu o sentido da dissertação.

Ao professor doutor Víctor Hugo Forjaz, professor João Carlos Nunes, Doutora Paula Aguiar, Sónia Timóteo, pela amabilidade com que me receberam e terem partilhado o seu conhecimento.

Finalmente, aos proprietários dos edifícios termais e aos funcionários do Arquivo de Ponta Delgada, por me terem concedido e facilitado o trabalho de campo e recolha de informação.

Estou especialmente agradecida ao Ricardo Cabral, Tiago Ornelas, Urbino Santos, Ruben Soares, Susana Rego, Nádía Gomes, Ana Fragata, Nuno Simas, Carolina Brum, Sofia Sebastião, pela motivação, conselhos e disponibilidade que continuamente revelaram ter.

Agradeço igualmente a todos os colegas e docentes que directa ou indirectamente fizeram parte deste percurso académico.



VERTENTE TEÓRICA



ARQUITECTURA TERMAL Os banhos quentes na Ilha de São Miguel

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: São Miguel; Arquitectura termal; Termalismo; Memória; Saúde e bem-estar.

O termalismo tem vindo a assumir um papel importante no desenvolvimento do país, principalmente dos Açores, onde a arquitectura termal encontra-se directamente relacionada com os recursos hidrotermais, equipamentos e acessórios terapêuticos, as práticas e usos tradicionais e, especialmente, com a paisagem. Portante, é importante compreender este fenómeno.

A presente investigação tem como principal objectivo a realização de um mapeamento histórico e registo arquitectónico, actualmente inexistente, dos edifícios termais da ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores. A elaboração destes registos surge pela importância de preservar a memória dos edifícios e estâncias termais que, em alguns casos, se encontram demolidos, existentes ou ao abandono. A pesquisa é baseada num trabalho exaustivo de análise de documentos de arquivo e, sobretudo, trabalho de campo.

Verificou-se que o passado histórico da ilha certifica a utilidade e a eficácia dos banhos de água mineral, quer pelo número de edifícios termais construídos, quer pela riqueza hidrogeológica e paisagística local. Porém as exigências do sector termal, a nível de qualidade, conforto e segurança, levaram à desactualização e à desacreditação das infra-estruturas, assumindo-se a Natureza como elemento fulcral no conceito da saúde e bem-estar, não só pela abundância de nascentes minero termais, mas sobretudo, pela especificidade dos locais onde estas emergem. Actualmente, vive-se um reviver do termalismo e da arquitectura termal, pelo sector turístico, através da requalificação e revitalização das estâncias termais.

ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel

ABSTRACT

The Hydrotherapy has assumed an important role in the development of the country, especially the Azores, where the thermal architecture is directly related to the hydrothermal resources, therapeutic equipment and accessories, practices and traditional uses and especially with the landscape. Therefore, it is important to understand this phenomenon.

This research aims to carry out a historical and architectural mapping record, currently non-existent, of the thermal buildings on the island of São Miguel, in the Azores. The preparation of these maps arises the importance of preserving the memory of the buildings and spas, in some cases, they are demolished, existing or abandoned. The research is based on a thorough job of records analysis and, above all, field work.

It was found that the historical past of the island certifies the utility and effectiveness of the mineral baths, either by the number of thermal buildings constructed either by wealth hydrogeological and local landscape. But the requirements of the thermal sector, the level of quality, comfort and safety, led to the downgrade and the discrediting of infrastructure, assuming the nature as a key element in the concept of health and well-being, not only by the abundance of thermal springs, but above all, the specificity of the places where those emerge. Currently, we live in a revival of hydrotherapy and thermal architecture, by the tourism sector, through the rehabilitation and revitalization of spas.

ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel

INDICE

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como principal objectivo a realização de um mapeamento histórico e registo arquitectónico, actualmente inexistente, dos edifícios termais da ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores.

A escolha do tema deu-se pela relação com o projecto da vertente prática e a escolha do local, por ser um dos locais geologicamente mais ricos a nível nacional, cujas águas minero medicinais e banhos quentes tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da ilha colocando-a no mapa, como ponto de interesse mundial.

O tema surgiu dadas as questões colocadas durante o processo de projecto, como por exemplo: Como são abastecidos os edifícios termais e qual a sua relação com a nascente? Como são implantados ou integrados na paisagem? Deste modo, é de todo o interesse que a investigação permita a selecção de elementos e estratégias consideradas úteis e pertinentes a utilizar na vertente projectual, uma vez que o programa é um Hotel termal.

O trabalho está dividido em três partes.

Apesar dos inúmeros exemplos de arquitectura termal que temos na Europa, não existe muita bibliografia relativa ao tema. Para melhor entender e fundamentar o tema da investigação é essencial conhecer o passado e a evolução do termalismo no panorama internacional e nacional. A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico, que visa contextualizar o percurso histórico do termalismo e da arquitectura a ele associada, de modo a compreender a situação actual da actividade e arquitectura termal, através da identificação das novas tendências da procura local e das características do sector, segundo a sua organização, tipologias arquitectónicas, intervenientes, entre outros.

A segunda parte corresponde ao corpo principal do trabalho, acerca da arquitectura termal, em concreto sobre os banhos quentes na ilha de São Miguel, estando constituída pelo segundo e terceiro capítulo. O segundo capítulo introduz o tema principal do trabalho de

investigação, através da caracterização histórica, cultural e arquitectónica dos Açores, e a ainda a caracterização geológica e hidrográfica da ilha de São Miguel, onde são expostos aspectos relevantes sobre o vulcanismo e, sobretudo, as nascentes de águas minerais de São Miguel. O terceiro capítulo é dedicado às termas da ilha, onde se apresenta um inventário da arquitectura termal de São Miguel traduzido num mapeamento histórico, informação inédita, baseada num trabalho exaustivo de pesquisa de documentos do arquivo de Ponta Delgada, INOVA, Biblioteca Nacional, IGOT, e, sobretudo, trabalho de campo. A elaboração destes registos surge pela importância de preservar a memória dos edifícios e estâncias termais que, em alguns casos, se encontram demolidos, existentes ou ao abandono.

Foi possível, identificar, localizar e analisar todas as termas, públicas ou particulares, com e sem infra-estruturas de apoio à actividade termal, assim como perceber as alterações dos costumes da prática dos banhos associados às mutações políticas e sociais da sociedade.

Após a análise da informação recolhida sobre cada caso, foram documentadas as intervenções realizadas nos mesmos e traduzidas em fichas técnicas, pretendendo-se avaliar os proveitos da recuperação dos edifícios termais, de modo a produzir um estudo fundamentado que contribua para o esclarecimento das vantagens e repercussões da sua revitalização, independentemente das características intrínsecas de cada estabelecimento termal e dos aspectos morfológicos, geográficos e estruturais associados aos aglomerado em questão.

Neste contexto, pretende-se entender as relações sociais, arquitectónicas e hidrogeológicas que resultam da interacção entre os edifícios termais e a sua envolvente, tendo em consideração o contexto e as características de cada caso, quer pela relação interior/exterior, quer pela relação com a natureza.

De acordo com o panorama que se vive actualmente nos Açores, o sector turístico por vias do turismo termal, vem assumindo um papel importantíssimo no desenvolvimento local e regional. E como tal, a investigação é oportuna no sentido de recorrer à definição de um

conjunto de estratégias que possam regenerar estas áreas termais, apelando à protecção dos edifícios como património arquitectónico, através, não só da revitalização do estabelecimento termal, mas também da requalificação de todo o ambiente urbano envolvente.



Parte I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A ÁGUA, OS BANHOS E A ARQUITECTURA

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

1.1

A ARQUITECTURA TERMAL E O TERMALISMO

SITUAÇÃO INTERNACIONAL

O presente texto resume-se à breve análise do percurso histórico da arquitectura termal, de forma a identificar as tendências e as características do fenómeno termal, as razões históricas que levaram à alteração do conceito, das práticas termais e da arquitectura ao longo dos séculos.

A água para variados povos, era a “matéria pura de excelência, [...] uma tentação e uma procura constante no simbolismo da pureza. A relação entre este valor purificador, e as abluções sagradas, aparecem naturalmente desde que os homens inventaram os deuses e os ritos para os adorar.” (Ramos, 2005, p.19) No âmbito religioso a água sempre se revelou como:

“um símbolo de regeneração e de renovação, [...] onde a *água* marca, [...] grandes etapas da vida: o banho do nascimento, o banho ritual antes do casamento, o banho dos mortos para purificar a alma, antes da viagem para o além [...]. É muitas vezes associada a esperança de cura, desde os tempos pré-históricos, consagrando diversos tipos de culto a certas fontes consideradas *mágicas e sagradas*.” (Ramos, 2005, p. 21)

Faz muito tempo que o Homem conhece os benefícios da água, dos banhos e os seus variados tratamentos, “embora as suas reais virtudes sejam bem mais recentes e resultantes de uma longa caminhada efectuada sobre o conceito da água mineral”. (Ramos, 2005, p.1)

O acto do banho repartiu-se sempre entre *banho privado* e *banho público*, de acordo com as épocas históricas e as diferentes civilizações, estes diferentes tipos de banhos foram evoluindo e revelando a natureza das diversas relações da água com o corpo, e com os

cuidados que a eles foram continuamente concedidos.¹ O acto do banho surge no Egipto, por volta de 3000 a.C., eram rituais sagrados relacionados com a mitologia grega,² em que “os egípcios presumiam que a água purificava a alma, e esta crença era válida tanto para a realeza – cortejada com óleos aromáticos e massagens aplicadas pelos escravos como para as populações mais pobres, que recorriam inclusive a profissionais de rua quando não conseguiam tratar da própria beleza”. (Diana, 2013)

Os banhos públicos iniciam-se na Grécia no séc. VI a.C., associados a práticas relacionadas com o embelezamento e cuidados do corpo.³ É durante o séc. IV a.C. que surge a arquitectura dos banhos públicos, que por sua vez serviu de modelo para os romanos. Estas instalações eram compostas por salas de diferentes temperaturas e finalidades, os banhos baseavam-se num circuito de banhos de diferentes temperaturas alternados entre si.⁴ Os diferentes tipos de banho tinham usurários específicos, os banhos frios destinavam-se aos soldados, enquanto os banhos quentes e os *banhos a vapor*⁵, eram utilizados pela classe alta, como por exemplo, os filósofos e os intelectuais.⁶

O *balnearium* grego era constituído pelos seguintes espaços: o *apodyterium*, o *frigidarium*, o *tepidarium*, o *caldarium* e o *sudatorium*. Mais tarde, a este conjunto de espaços foi agregado um pátio exterior, a *palaestra* e a *exedra*.⁷ (ver anexo1) Estes espaços balneares

¹ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.21

² ALCANTARA, Diana – A História do Banho, Parte I. [Em linha]. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:https://aloucadosperfumes.com/2013/03/06/a-historia-do-banho-parte-i/>.

³ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.23

⁴ *Ibidem*, P.24-27

⁵ Banho integrante dos banhos gregos, onde eram fortemente aquecidos grandes blocos de pedra sobre os quais era lançada água fria, lançando-se assim grandes quantidades de vapor de água no ar – Sudatarium.

⁶ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.24

⁷ THE ARCHEOLOGY – Thermae: Os banhos na Roma antiga [em linha]. [S.I.]: The Archeology, 2010, actual, 2010 [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: https://thearcheology.wordpress.com/2010/06/23/thermae-os-banhos-na-roma-antiga-parte-1/>

eram nichos escavados na encosta “ornamentados por mosaicos, onde o solo era lajeado de pedra polida,” (Ramos, 2005, p. 24) onde “brotavam fontes termais abençoadas pelos deuses para a cura de doenças,” (The Archeology,2010) que abasteciam as piscinas - “normalmente circulares, munidas de degraus para facilitar o acesso, permitindo assim, que os seus utilizadores repousassem sentados, antes dos exercícios ou treinos filosóficos.” (Ramos, 2005, p. 24)

Os romanos herdaram muitos aspectos da cultura grega⁸, inclusive o fascínio pelo banho, ainda retiraram o prazer da boa-forma física e do convívio. Reinterpretaram o modelo arquitectónico termal grego, ultrapassando-os na escala e na complexidade dos banhos.⁹

Em Roma surgiram inicialmente os *balneæ*¹⁰, os balneários termais privados de pequena escala e, é apenas no ano 19 a.C. que surge uma nova era de banhos públicos: as *Thermaes*¹¹, de carácter monumental e de luxo, são complexos termais que por vontade dos Imperadores ganham maior dimensão e a posição de destaque na cidade, localizando-se próximas dos edifícios governamentais e das zonas de lazer da cidade.¹² As grandes obras termais que marcaram a história da arquitectura, foram construídas pelos imperadores *Caracalla*¹³ e *Diocleciano*¹⁴, sendo as termas de Diocleciano o maior complexo termal

⁸ “Para gregos e romanos as nascentes de água minero-medicinais eram dádivas dos deuses. Minerva, Vulcano e sobretudo Hércules, eram festejados e adorados pelos gregos, e os romanos atribuíam a um deus ou a uma ninfa a titularidade de cada estância termal.” (cit. por RAMOS, Domingues - Dicionário Técnico de Turismo, p.312).

⁹ RAMOS, Adelina Rita – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.25

¹⁰ Do Grego *balaneion*, Significa balneário.

¹¹ Do grego *Thermos*, significa Termas - é o termo usado pelos antigos romanos para designar os locais destinados aos banhos públicos. Equipadas de variados espaços lúdicos e actividades de apoio às câmaras balneares, tais como: piscinas descobertas, salas de jogos, bibliotecas, tabernas, anfiteatros, zonas de relaxamento e grandiosos jardins. Caracterizavam-se pelas suas inúmeras cúpulas de grande escala que elevadas cada vez mais alto, se abriam ao exterior e que, por sua vez, deixavam penetrar a luz que marcava os luxuosos ambientes interiores, com pavimentos de mármore exóticos, mosaicos e pinturas nas paredes ilustrando a fauna, a flora, as divindades mitológicas e a água.

¹² RAMOS, Adelina Rita – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.27

¹³ Foi imperador romano de 211 a 217. Estendeu o direito de cidadania romana a todo o império (*Constituição Antonina* ou *Edicto de Caracala*, 212).

construído em Roma, um verdadeiro “oásis”, caracterizado pela sua imponência urbana e também pela sua sumptuosa ornamentação.¹⁵ (ver Fig. 2)

Ao longo do séc. I a.C., registaram-se algumas alterações relativas aos objectivos de utilização e dos estilos arquitectónicos dos edifícios termais, dando-se a ruptura do domínio da *devoção* e da *cura*, e o domínio do *prazer dos banhos*. Confirma-se a consolidação do termalismo e a religião, através da construção de templos e santuários nas novas termas. A mudança na prática do banho traduziu-se na abertura dos banhos públicos a um vasto número de usuários, independentemente da sua estatura social.¹⁶

No entanto, a partir do séc. VI d.C., à medida que o cristianismo e as invasões germânicas avançam, o banho público cai em esquecimento e associa-se apenas a algumas práticas cristãs, tal como, o sacramento do baptismo. Com isto, verifica-se a decadência dos edifícios termais, que são expostos a novas funções e vão sofrendo sucessivas reutilizações.¹⁷ Muitas termas eram convertidas em palácios ou necrópoles: as termas de Caracalla foram ocupadas por um xenodoquio¹⁸ e templos, onde eram sepultadas pessoas¹⁹; já o tepidarium das Termas de Diocleciano foi convertido na Basílica de Santa Maria dos Anjos e dos Mártires, desenhada por Miguel Ângelo^{20, 21}.

¹⁴ Caio Aurélio Valério Dócles - foi imperador romano de 284 a 305. Diocleciano separou e ampliou os serviços militar e civil do império e reorganizou as divisões provinciais, implementando o maior e mais burocrático governo na história do Império Romano.

¹⁵ RAMOS, Adelina Rita – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.35

¹⁶ *Ibidem*, P.34

¹⁷ *Ibidem*

¹⁸ *Xenodoquio* é um alojamento para peregrinos e estrangeiros.

¹⁹ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.36

²⁰ Ou Michelangelo - Escultor, pintor, arquitecto e poeta, foi um dos fundadores da Alta Renascença e mais tarde um dos expoentes do Maneirismo.

²¹ NAVARRO, José – Arquitectura Termal, Poética y Prática. [Em linha]. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW:<URL: http://aguas.igme.es/igme/publica/pdfjor_aguas_mine/13_arquitectura.pdf>.

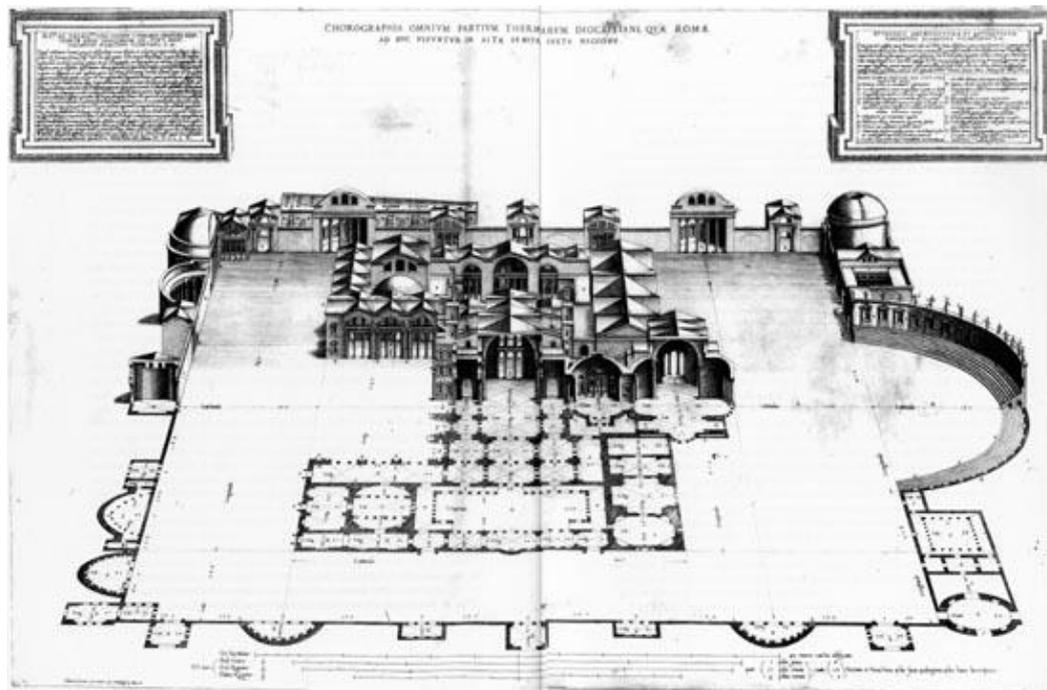


Fig. 02 _ **Termas de Diocleciano**, Vincenzo Scamozzi.1580

A queda do império romano “ditou uma realidade que veio a enraizar-se nos hábitos culturais até ao século XVIII: ninguém tomava banho e mesmo a higiene básica era desvalorizada.” (Ferreira, 2016) Foi durante a idade média que se deu a regressão no desenvolvimento termal europeu, porque a igreja condenava a nudez imposta pelos banhos, considerando-os um acto de luxúria, estabelecendo restrições relativas à higiene e ao prazer que, por sua vez, não invalidaram a existência de alguns balneários cuja natureza não é conhecida.²² Deste modo “a higiene corporal veio [...] a transformar-se numa questão a que a água era alheia, e a limpeza da roupa branca substituía a limpeza da pele” (Sandra, 2008) Os cristãos encerraram e demoliram a maioria dos banhos, iniciando-se um período de imundície com consequências desastrosas para a Europa, como o flagelo da *peste negra*^{23 24}.

Foi durante as *Cruzadas Cristãs*²⁵, na aproximação entre Oriente e Ocidente, que muitos europeus puderam redescobrir e reviver o prazer dos banhos, porque fora dos territórios dominados pela Igreja, os banhos públicos²⁶ haviam sido mantidos, com seus rituais e instalações sofisticados.²⁷

Durante o século XVII, apesar de recuperados os valores da cultura grego-romana, os banhos continuaram a ser vistos como um acto perigoso e o temor da água levou à produção

²² RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.37

²³ É o nome pela qual ficou conhecida a pandemia de peste bubónica que assolou a Europa durante o século XIV. A peste negra chega a Europa em 1347, trazida por navios chineses, onde se disseminou rapidamente, pelo aumento das actividades agrícolas e pela falta de saneamento e higiene básicas.

²⁴ FEIJÓ, Bruno V. – Aventuras na História [em linha]. [S.l.]: O Guia do Estudante, 2007, actual, 2007. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/aguas-tempo-historia-banho-435136.shtml>.

²⁵ Ocorridas entre o séc. XI e o séc. XIII, foram movimentos militares de inspiração cristã que partiram da Europa Ocidental em direcção à Palestina e à cidade de Jerusalém com o intuito de conquistá-las, ocupá-las e mantê-las sob domínio cristão.

²⁶ Os banhos das civilizações islâmicas designavam-se por: *hammam*, em que o prazer de alternar águas quentes e frias se fazia acompanhar de sessões de massagem, hidratação, branqueamento dos dentes e maquilhagem. “O ritual do Hammam Islâmico é completamente diferente do ritual do banho Romano. Embora se mantenha a importância da higiene corporal e a convivialidade, este tem uma componente espiritual muito forte visto que a purificação da alma é feita através da limpeza do corpo, e para além disso, separam-se os homens das mulheres. Os edifícios são mais austeros, mais monásticos.” (Navarro, 1992, p.5)

²⁷ FEIJÓ, Bruno V. – Aventuras na História [em linha]. [S.l.]: O Guia do Estudante, 2007, actual, 2007. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/aguas-tempo-historia-banho-435136.shtml>.

de uma série de substitutos, tais como, os pós e os perfumes, que criaram uma nova base de distinção social em que a limpeza era uma regalia dos ricos.²⁸ A ideia de manter o corpo limpo foi abandonada e os “banhos de água” foram substituídos por banhos com fortes perfumes e essências, porém os hábitos²⁹ começaram a alterar-se a um ritmo muito lento.³⁰

Tempos depois, houve uma nova conquista no campo da ciência relativamente aos diferentes usos da água e ficou definitivamente provado que as doenças se contraíam não da prática do banho, mas da falta dele, tanto que o iluminismo³¹ tornou o acto do banho o símbolo da saúde.³² O renascimento “permitiu o cruzamento e contactos vários, entre culturas, até então quase isoladas e pouco difundidas” (Ramos, 2005, p.40). E é neste contexto que se consolida, “o hábito de proceder a circuitos entre vilas termais notáveis, procurando não só, o restabelecimento físico pela cura mas, também, proceder a uma análise comparativa entre as diferentes estações termais de renome e conhecer e admirar paisagens, hábitos e costumes estrangeiros.” (Ramos, 2005, p.40)

Foi a partir do século XVIII, que o “reconhecimento dos métodos terapêuticos da água termal [...] e a ausência de meios de cura alternativos, levaram à construção de vários hospitais de dimensões consideráveis, junto às fontes termais”.³³ No final do mesmo século começa-se a planear o modelo do edifício termal moderno, alcançando a sua maturidade

²⁸ MULHER PORTUGUESA – A História do Banho [em linha]. Portugal: Mulher Portuguesa, [20??], actual, [20??]. [Consult. 11 Ago. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.mulherportuguesa.com/beleza/banho-e-massagem/a-historia-do-banho/>.

²⁹ “Surgiram os banhos anuais, tanto para o povo como para os monarcas, que permitiam às famílias entrar em grandes tinas com água quente: primeiro o chefe de família, depois os restantes homens por ordem de idades, a seguir as mulheres e por fim as crianças, que se contentavam com água fria e suja.” (Ferreira, 2016)

³⁰ FERREIRA, Maria Leite – Fotos. O que unia ricos e pobres no passado? O medo do banho [em linha]. [S.l.]: Maria Leite Ferreira, 2016, actual, 2016 [Consult. 2 Ago. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:http://observador.pt/2016/05/09/fotos-unia-ricos-pobres-no-passado-medo-do-banho/>

³¹ O iluminismo foi um movimento cultural da elite intelectual europeia do século XVIII, que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval.

³² FEIJÓ, Bruno V. – Aventuras na História [em linha]. [S.l.]: O Guia do Estudante, 2007, actual, 2007. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/aguas-tempo-historia-banho-435136.shtml>.

³³ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.41

apenas em meados do século XIX, é nela que surge a procura do carácter arquitectónico do edifício termal, quer a nível funcional, quer a nível espacial.³⁴ Com isso desenvolve-se um novo conceito, as *vilas* ou *ciudades termals*, porque, como refere Navarro (1992):

“... com o decorrer do tempo, os curistas, exigem maior qualidade nos tratamentos e nas estâncias, e com isso, enriquecem a arquitectura do edifício e a sua relação com a envolvente. Surgem grandes galerias de circulação, e os espaços mais amplos ganham uma maior relação com o exterior. De modo a que cura seja eficaz, adicionou-se uma componente lúdica ao projecto. O balneário completa-se com salas de tratamento, e de outros usos, como salões de jogos, de baile e teatros. Nos jardins encontram-se fontes, esculturas e quiosques, visto que na fachada do edifício estão pórticos que se convertem em pérgulas ao longo do jardim.” (Navarro, 1992, p.5)

Como resultado destas exigências, além do balneário e actividades lúdicas, estes complexos termals passam a albergar nas suas instalações, equipamentos de grande dimensão, hotéis (os grande *palace*), casinos e amplos jardins.³⁵ “Os primeiros casinos a imporem-se como modelos, nas vilas termals, foram os casinos de Spa (Bélgica) e Bad Kissingen (Alemanha). Também em França, os casinos de Vichy e de Aix-les-Bains adquirem expressão simbólica na sociedade do século XIX.” (Ramos, 2005, p.44) A actividade termal dessa época estava associada ao elitismo, caracterizado por personalidades elegantes e instruídas, que contribuíram para o progresso da medicina e, o engrandecimento da arquitectura e do urbanismo termal.³⁶ As vilas termals dedicavam-se à saúde, ao

³⁴ NAVARRO, José – Arquitectura Termal, Poética y Práctica. [Em linha]. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW:<URL: http://aguas.igme.es/igme/publica/pdfjor_aguas_mine/13_arquitectura.pdf>.

³⁵ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.44

³⁶ *Ibidem*, P.50

entretenimento e a prazeres diversos, sendo “governadas por normas de higiene muito acentuadas, não havendo lugar, nem para a pobreza, nem para a insalubridade.” (Ramos, 2005, p.50)

O início do séc. XX foi marcado pela experimentação das águas termais marinhas, surgindo um novo conceito de tratamento termal denominado por *talassoterapia*, que levou à construção de balneários termais próximos da orla costeira.³⁷ Porém, houve uma mudança na década de 90, visto que alguns dos edifícios termais tiveram de se submeter à implantação de novos equipamentos, serviços e infra-estruturas, para sobreviver à situação crítica do sector termal na Europa.³⁸ Assim, surge um novo conceito de termalismo “recuperado pelo turismo, que permitiu suprir as lacunas existentes no seio da oferta turística através do aparecimento de [...] produtos vocacionados para estética, para o culto do corpo e para a necessidade de uma “vida saudável”.” (Pinto, 2009, p.8)

Embora a inovação na oferta e a adaptação dos edifícios às diversas exigências do mercado sejam hoje uma realidade presente em quase toda a Europa,³⁹ os edifícios termais da actualidade “esquecem-se da sua história e perdem o seu carácter em prole de uma economia mal entendida, esquecem-se da componente poética que todos os curistas pretendem encontrar num edifício termal, e aos poucos vão se convertendo em Hospitais Reumatológicos.” (Navarro, 1992, pp.7) Portanto, o termalismo “é uma actividade dinâmica [...] que evoluiu de acordo com as mudanças praticadas pela sociedade, sendo capaz de gerar uma série de notáveis manifestações sociais, culturais e lúdicas, que se reflecte na arquitectura dos edifícios termais.” (Pinto,2009, p.8)

³⁷ VILLAR, Juan J. - Termalismo y Turismo en Catalunya: un estudio geohistórico contemporáneo. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2004. Dissertação de Doutoramento. P. 895

³⁸ PINTO, Nuno Ricardo R. – Arquitectura Termal portuguesa: benefícios da sua recuperação. Porto: Universidade do Porto, 2009. Dissertação de mestrado. P.8

³⁹ PINTO, Nuno Ricardo R. – Arquitectura Termal portuguesa: benefícios da sua recuperação. Porto: Universidade do Porto, 2009. Dissertação de mestrado. P.8

Segundo Nuno Pinto, em *Arquitectura Termal Portuguesa: benefícios da sua recuperação* (2009), estamos a viver actualmente o ressurgimento do termalismo, baseado revitalização dos espaços termais, onde as estâncias termais têm encontrado a valência da saúde e bem-estar aliada à forte componente turística e lúdica. O autor ainda afirma que Portugal tem capacidades para acompanhar países como a Espanha, Itália, a França e a Alemanha, que há muito abandonaram um modelo de termalismo estritamente medicalizado estando na vanguarda do sector termal.⁴⁰

Contudo, é “na Europa que se encontram os edifícios que impressionam pela inovação arquitectónica e construtiva, não descurando da tradição histórica, como são os casos das estâncias termais de Bath (Inglaterra), Vals (Suíça) e Budapeste (Hungria).” (Pinto, 2009, p.8)

⁴⁰ PINTO, Nuno Ricardo R. – *Arquitectura Termal portuguesa: benefícios da sua recuperação*. Porto: Universidade do Porto, 2009. Dissertação de mestrado. P.8

1.2

A ARQUITECTURA TERMAL E O TERMALISMO EM PORTUGAL

ORIGEM, EVOLUÇÃO, PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

O presente texto tem como objectivo a contextualização histórica do percurso do termalismo e da arquitectura termal em Portugal, expondo os contextos de mudança que caracterizaram determinadas épocas, tais como continuidades e rupturas dos seus conceitos e das práticas associadas ao sector termal.

Em 1952, foi apresentada por Acciaiuoli⁴¹ a história da Crenologia portuguesa, dividida em seis períodos distintos, sendo eles: o *Pré-romano*, ocorrendo desde os primórdios até ao século II a.C.; o *Lusitano-romano*, até ao século V da Era cristã; o *Post-romano*, até ao século VIII; o *Árabe*, até ao século XII; o *Português, de pré-legislação crenológica*, desde da fundação do Reino (1140) até 1891; e por fim, o *Português, pós-legislação crenológica*, de 1892 até à actualidade.⁴²

A cultura termal europeia foi profundamente influenciada por um passado focado no culto da água, sobretudo da água mineromedicinal, que através das experiências inovadoras dos povos - os egípcios, os celtas, gauleses, mouros e turcos – sendo estes influenciados pela cultura greco-romana, tornou-se a principal razão pelo desenvolvimento da saúde e bem-estar das civilizações.⁴³ O mesmo se aplica a Portugal, onde existem aquedutos para transporte da água e vestígios arquitectónicos dos balneários romanos, encontrados em: Chaves,

⁴¹ Engenheiro chefe da Inspeção das Águas, Assistente da cadeira de Ciências Geológicas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Membro da Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto de Hidrologia de Coimbra e da Associação Internacional de Hidrologia Científica.

⁴² RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.65

⁴³ *Ibidem*, P.46

Canavezes, Caldas da Saúde, Caldelas, S. Vicente, S. Jorge, Cabeço de Vide, S. Pedro do Sul, Monchique, Aregos, Caldas da Rainha Conímbriga, Caldelas ou Taipas, entre outras.⁴⁴

Segundo Adília Ramos (2005), os romanos não foram os inventores das termas em território português, mas sim os iberos e os celtas, que anteriormente haviam descoberto algumas das fontes e os benefícios da utilização das suas águas, assumindo técnicas de engenharia altamente desenvolvidas para a época e uma arquitectura sofisticada.⁴⁵ Os romanos foram apenas os impulsionadores das termas pela divulgação do “hábito dos banhos de tratamento e de prazer, com o aproveitamento de nascentes que permanecem, ainda hoje, associadas à localização de variadíssimas termas em actividade.” (Ramos, 2005, p.64) Assim, surgiram balneários de diversas dimensões, modestos ou sofisticados, de carácter funcional e lúdico, como exemplo, temos as Termas Cassianas⁴⁶ ou Augustiais⁴⁷ em Lisboa, a antiga *Olisipo*, onde a aristocracia e a nobreza não dispensavam o luxo e o conforto.⁴⁸

No século V, com a invasão dos bárbaros do Norte e dos árabes, deu-se a queda do Império Romano e com isso, a destruição de muitos balneários. Novos edifícios termais foram construídos em Alçarias e Alfama, em virtude da influência e do conhecimento medicinal dos Árabes, para quem “o banho e a ablução faziam parte dos ritos religiosos e da vida quotidiana.” (Ramos, 2005, p.67) Estes reconstruíram as termas de S. Pedro do Sul, que mais tarde vieram

⁴⁴ CANTISTA, António – O Termalismo em Portugal. Anales de Hidrologia Médica. ISSN 1887-0813. Vol.3, nº 79-107 (2008-2010) P. 82. MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – **O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa**. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P.82

⁴⁵ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.64

⁴⁶ Um balneário público romano do tempo de Imperador Cássio, situado na actual Travessa do Almada, em Lisboa. Reconstruído a mando de Numério Albano, governador da província da Lusitânia, sendo encarregado Aurélio Firmo, no ano em que foram cônsules Nepociano e Facundo. Um documento do séc. XVIII relata o seu aparecimento aquando do terramoto de 1755.

⁴⁷ Um balneário público romano do tempo do Imperador César Augusto. Um documento do séc. XVIII relata o seu aparecimento aquando do terramoto de 1755.

⁴⁸ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.64

a ser frequentadas por D. Afonso Henriques, iniciando-se assim uma longa tradição que fez das famílias reais as grandes figuras dos centros termais.⁴⁹

Mais tarde, com a propagação de epidemias pela Europa e com a mudança da atitude da Igreja face à prática do banho e dos benefícios a ele associados, foram construídos hospitais, multiplicando-se as gafarias⁵⁰ próximas das termas para aproveitamentos das águas terapêuticas.⁵¹ Em Portugal, D. Afonso Henriques determinou que se construísse uma gafaria nas Termas de S. Pedro do Sul.⁵² Conforme aumentava a tendência de adaptação das termas a hospitais para leprosos, os edifícios iam perdendo o seu carácter sumptuoso, reacendendo a magia das águas que, por sua vez, deram início a um dos rituais da Idade Média, as peregrinações organizadas pelo próprio clero aos locais das nascentes.⁵³ Nas proximidades das nascentes de água mineral criam-se lugares de culto, constroem-se balneários, conventos e albergues, nomeadamente, junto às termas de Aregos, S. Pedro do Sul, Caldas da Rainha, Vizela e de Caldelas.⁵⁴

No final do século XV, a rainha D. Leonor manda construir o balneário termal das Caldas da Rainha, o primeiro Hospital termal de Portugal traçado por Mateus Fernandes⁵⁵, e alvo de intervenções futuras, por parte de Manuel da Maia⁵⁶, de Eugénio dos Santos⁵⁷ e

⁴⁹ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.67

⁵⁰ Hospital de gafos, leprosaria.

⁵¹ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.67

⁵² *Ibidem*

⁵³ *Ibidem*

⁵⁴ CANTISTA, António – O Termalismo em Portugal. Anales de Hidrologia Médica. ISSN 1887-0813. Vol.3, nº 79-107 (2008-2010) P. 82.

⁵⁵ Arquitecto. Foi o responsável pelas obras do Mosteiro de Alcobaça. Serviu D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I.

⁵⁶ Arquitecto e engenheiro português (1677- 1768). Nomeado Engenheiro-Mor do Reino em 1754. Foi o responsável pela elaboração da planta da cidade de Lisboa e por alguns dos mais ambiciosos projectos de engenharia da sua época, como o Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa.

⁵⁷ Arquitecto e engenheiro militar (1711 - 1760) Foi responsável pela reconstrução da Baixa Pombalina de Lisboa, após o terramoto de 1755. Em 1750 foi nomeado inspector das obras da Corte e arquitecto do Senado de Lisboa.

Rodrigo Franco⁵⁸.⁵⁹ Segundo Jorge Mangorrinha e Helena Pinto (2009), este edifício é o modelo pioneiro na arquitectura hospitalar e termal portuguesa, de estilo arquitectónico manuelino, beneficiado pela sua localização e relação com a envolvente, quer pela proximidade com Lisboa e Sintra, quer pela proximidade com o mar.⁶⁰

Com o reaproveitamento da filosofia e dos valores da cultura greco-romana, deu-se a evolução do desenvolvimento do termalismo português, visto que as modestas termas medievais iam adquirindo uma vida e um carácter semelhante ao das termas romanas.⁶¹

Surgiu a redescoberta das termas, sobretudo, pela aristocracia francesa que influenciou toda a Europa e com isso, alterou-se a função e as condições de ocupação das termas portuguesas, transformando-se em lugares das classes sociais altas, dos intelectuais, “[...] uma época em que a fina flor da nobreza europeia passara a ganhar o costume de passear os seus achaques, ou o seu tédio, pelas estâncias termais, convertidas em alegres centros de lazer e distração.” (cit. por RAMOS, Domingues - Louro -*O Culto das Águas*, p.12). Nasce “a época termal”, “la saison”, e cidades como Vichy ou Aix-les-Bains em França, Bath ou Brighton na Inglaterra, as Caldas da Rainha em Portugal, são exemplos dos locais que a nobreza frequentava.⁶² Nestas vilas termais construíram-se capelas, luxuosos salões de dança, palácios e castelos, alamedas e jardins paradisíacos, elementos de lazer e divertimento agradáveis ao gosto monárquico.⁶³ (ver Fig.03 e 04)

⁵⁸ Arquitecto capitão português do séc. XVIII. Foi responsável por uma intervenção no Santuário do Senhor Jesus da Pedra, em Óbidos e no Palácio da Mitra, em Lisboa.

⁵⁹ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 12

⁶⁰ *Ibidem*

⁶¹ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.71

⁶² CANTISTA, António – O Termalismo em Portugal. Anales de Hidrologia Médica. ISSN 1887-0813. Vol.3, nº 79-107 (2008-2010) P. 82

⁶³ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.71



Fig.03 _ Hospital Termal das Caldas da Rainha
Fig.04 _ Parque Rainha Leonor e Pavilhões do Hospital

Após o terramoto de 1755, durante o reinado de D. José I, o Marquês de Pombal mandou fazer um inquérito aos párocos de todas as freguesias, sobre o estado em que se encontravam as estruturas termais do país a que recorriam as classes populares.⁶⁴ Muitos dos banhos registados tinham cobertura de colmo e eram modestas casas de madeira, de pedra ou alvenaria, soluções que respondiam às condições financeiras de cada proprietário.⁶⁵ Como exemplo, temos os banhos nas Taipas, que se baseavam em “poças escavadas na terra nos sítios de águas tépidas, cobertas por ramos de carvalho e esteiras de Ovar em forma de cubatas; só mais tarde, viriam a construir algumas barracas de madeira.” (Mangorrinha; Pinto, 2009, p.32)

Segundo Jorge Mangorrinha e Helena Pinto, muitos edifícios termais surgiram através da sobreposição de estruturas antigas, oriundas da civilização romana ou outra, enquanto outros edifícios foram estruturas que surgiram a partir da sua relação e da localização com as nascentes.⁶⁶ O “saber popular” esteve sempre associado à arquitectura dos banhos públicos construídos em Portugal, caracterizados por uma arquitectura vernacular, e construídos à imagem de pequenas casas de habitação, segundo as técnicas e os materiais de construção de cada região, não ofereciam unidades hoteleiras, e embora fossem modestos tinham diferentes tipologias e escalas arquitectónicas associadas às diferentes classes sociais, isto é, por um lado existiam os banhos praticados nas grandes estâncias termais, e por outro, os banhos praticados nas pensões e casas particulares.⁶⁷

Ainda no século XIX, e com a necessidade de satisfazer um conjunto alargado de serviços, o balneário termal e as unidades de alojamento são convertidos num “espaço

⁶⁴ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 36

⁶⁵ *Ibidem*

⁶⁶ *Ibidem*. P.70

⁶⁷ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P.72

complexo: um lugar anti urbano de ambiência e dimensão rurais ou que alcançará a sua plenitude com o conceito de “Cidade Termal”.” (Mangorrinha; Pinto, 2009, p. 78) Estes complexos termais eram constituídos por vários equipamentos de diferentes tipologias arquitectónicas e com uma função específica: o balneário para as áreas de tratamento; as *buvettes* para ingestão de água e engarrafamento; os clubes ou casinos, para o salão de festas, jogos e leitura; as moradias e os hotéis para alojamento.⁶⁸ “O modelo mais elaborado da estância termal junta-os no seio de parques arbóreos, pensados como espaço eminentemente intimistas e mágicos, convidativos ao passeio, ao repouso, e ao recolhimento, à leitura e ao jogo.” (Mangorrinha; Pinto, 2009, p. 78) Os espaços verdes nestes complexos termais são construídos para entretenimento das populações, destinados àqueles que procuravam distração e afirmação social.⁶⁹

Com a evolução da sociedade e a constante alteração dos costumes de lazer e das exigências técnicas, os passeios terapêuticos do séc. XIX, inspirados no Passeio da Copa⁷⁰ das Termas das Caldas da Rainha, de 1799, complementavam-se com os passeios de barco em lagos, com os campos de ténis, ciclismo, entre outros, como resultado da constante procura de modernização dos jardins de apoio à cidade, sobretudo, aos hotéis.⁷¹ Nas termas portuguesas foram projectados parques que estabeleciam relações diferentes com os seus edifícios hoteleiros, designadamente, o parque das Pedras Salgadas, Melgaço, Caldas da

⁶⁸ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P.78

⁶⁹ *Ibidem*

⁷⁰ Actualmente, Parque D. Carlos I. Trata-se de um jardim junto ao Hospital Termal Rainha D. Leonor nas Caldas da Rainha. É um jardim barroco que tinha a dupla função de permitir aos doentes hospedados no hospital de se recuperarem e de usufruírem da sua recreação em passeios como era costume na época.

⁷¹ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 88

Rainha, Vidago, S. Vicente, Entre-os-Rios, Cúria, Carvalhelhos, Monte Real e o parque das Furnas.⁷²

Entretanto, surgem os hotéis ou *Palace* como um dos símbolos da época, localizando-se junto à estações de caminho-de-ferro, das vias principais ou mesmo inseridos nos complexos termais. São edifícios de grande escala e caracterizam-se pelas suas fachadas imponentes, pelos seus majestosos pés-direitos, elegantes galerias e dos amplos salões de banquetes e de baile.⁷³ Os clubes e os casinos também foram equipamentos da Idade moderna em Portugal, os primeiros clubes foram instalados nas Caldas da Rainha, Luso, Cucos e Moledo.⁷⁴ O primeiro casino no Monte Estoril foi instalado num chalé de instalações diminutas, sendo logo substituído no final do século XIX, pelo imponente Casino Internacional.⁷⁵

Foi nos finais do século XIX que se deu o desenvolvimento na arquitectura termal em Portugal, devido à reforma da arquitectura hospitalar⁷⁶, com a introdução de um conjunto de elementos e acessórios terapêuticos que condicionam a própria concepção dos espaços balneares.⁷⁷ O carácter estético dos balneários resulta de um misto de materiais e técnicas,

⁷² MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 90

⁷³ *Ibidem*, P. 92

⁷⁴ *Ibidem*, P. 94

⁷⁵ *Ibidem*, P.92

⁷⁶ O balneário oitocentista adaptou premissas e condições expressas no decreto legislativo de 1892, como: “redes de distribuição de água protegidas e novas formas de aquecimento; a água abundante para banhos e duches; redes de água correntes para as lavagens dos compartimentos; desinfecção dos equipamentos por sistema de vapor; ventilação nos compartimentos de banho, recorrendo a grelhas metálicas, colocadas junto dos tectos ou do chão, ligadas a condutas de arejamento com saída nas coberturas dos edifícios, onde são visíveis os cataventos; utilização de azulejo e mosaico no revestimento dos compartimentos de tratamento para favorecer a desinfecção das salas de tratamento; áreas mais espaçosas e com comunicação fácil com os vestiários e com as restantes salas de tratamento; separação de sexos em distintas alas dos balneários; salas de descanso e de arrefecimento dos aquistas e inserção de latrinas com água corrente.” (Mangorrinha; Pinto, 2009, p.50)

⁷⁷ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 48

onde a cerâmica surge como material de revestimento arquitectónico mais utilizado, principalmente, o azulejo de padrão estampilhado, e as louças de faiança ou “pó-de-pedra”.⁷⁸

As décadas finais do século XIX foram um período de viragem no desenvolvimento das técnicas e da tecnologia aplicadas à prática e à funcionalidade dos novos balneários, relativamente às preocupações de captação de água⁷⁹ e a sua condução, elevação, armazenamento e temperatura que, por sua vez, influenciariam a configuração dos edifícios termais, a localização dos depósitos de água e das casas de máquinas.⁸⁰

Entretanto, no início do século XX assinalaram uma época de prosperidade no sector termal, devido à modernidade e aos progressos terapêuticos operados nas estâncias termais em que o conceito termal aliava a cura à arte, música, literatura e à moda, semelhante ao ambiente que se vivia em algumas estâncias termais europeias.⁸¹ Após a 1ª Guerra Mundial, factores como o mar, o caminho-de-ferro, o aristocracismo de inspiração monárquica e a burguesia, tornavam o território apelativo para o investimento de grandes hotéis, casinos e jardins.⁸² Nos anos 30 sentiu-se a influência do Modernismo no desenho das termas, uma vez que vinha deixando marcas na Europa e em Portugal, através da introdução do betão na estrutura ou combinado com a parede de alvenaria, do reboco e da cobertura plana.⁸³ O

⁷⁸ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 40

⁷⁹ Surgiram novos processos de captação, nomeadamente: em superfície, utilizando uma campânula de vidro ou uma câmara de cimento; em profundidade, através de um poço vertical, por captação tubular ou por galeria horizontal; e, através de uma fonte situada no meio de cascalhos ou aluviões ou, ainda, misturada ou próxima da água de rio ou do mar, recorrendo a uma sobrecarga sólida ou líquida e, depois, por envolvimento da nascente por uma bainha impermeável em cimento, betão, metal ou madeira. As primeiras condutas foram feitas em madeira ou pedra, e posteriormente, de outros materiais adequados aos diferentes tipos de água, que impediam a corrosão ou a alteração das propriedades das águas.

⁸⁰ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 40

⁸¹ MARIZ, Suse M. – Estâncias Termais Contemporâneas: Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2015. Dissertação de mestrado. P.46

⁸² RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.86

⁸³ MARIZ, Suse M. – Estâncias Termais Contemporâneas: Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2015. Dissertação de mestrado. P.46

Modernismo exprime-se pela simplicidade e pureza racional na forma dos volumes, expressa também, no desenho de mobiliário, artefactos e objectos.⁸⁴

Segundo Jorge Mangorrinha e Helena Pinto (2009), os planos de investimento nos complexos termais assumiam as unidades hoteleiras⁸⁵ como os equipamentos principais, da própria viabilidade económica e social da actividade termal, associado a paisagens de forte cariz cenográfico.⁸⁶ Na primeira metade do século XX, alguns dos hotéis construídos apresentavam lacunas, relativamente, ao conforto, serviço, higiene e ao requinte.⁸⁷ Porém, o Hotel Palácio do Estoril, o Palace do Buçaco, o Grande Hotel do Luso, o Grande Hotel da Curia ou o Palace do Vidago, eram excepções⁸⁸, cuja importância não dependia apenas da cura, mas também do seu prestígio como locais de prazer e repouso, devido às suas infra-estruturas disponíveis, da sua placidez, e da boa acessibilidade por caminho-de-ferro ou por estrada.⁸⁹

Na segunda metade do século XX, dava-se início de uma crise termal apesar dos progressos científicos e tecnológicos avançarem, influenciando as exigências arquitectónicas das estâncias termais através da determinação de critérios relativos à funcionalidade, em que a ligação entre o hotel e o balneário devia ser directa, qualidade e resistência de materiais

⁸⁴ MARIZ, Suse M. – Estâncias Termais Contemporâneas: Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2015. Dissertação de mestrado. P.46

⁸⁵ “A sua arquitectura tomou diferentes expressões consentâneas com a dimensão do investimento, que quase sempre lhe condicionou o desenho, dando a essas unidades a possibilidade de um papel de relevo na paisagem, ou então beneficiando do percurso de tentativa de encontrar tipologias de hotéis, iniciado em 1915, pela teorização de Raul Lino na procura de um estilo nacional ou estilos regionais e, mais tarde, pela prática modernista, embora esta com pouca expressão no território português.” (Mangorrinha; Pinto, 2009, p.94)

⁸⁶ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 92

⁸⁷ *Ibidem*, P. 86

⁸⁸ *Ibidem*

⁸⁹ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.86

empregues em quatro zonas do balneário, nomeadamente, a zona de recepção, a zona húmida, a zona seca e a zona de abastecimento.⁹⁰

O declínio acentuou-se na década de sessenta, porque as termas portuguesas obtiveram pouco investimento na sua promoção, os hotéis tornam-se obsoletos e pouco atractivos, os balneários degradam-se e encerram.⁹¹ As poucas termas que se mantinham em funcionamento, eram utilizadas para fins terapêuticos pelas classes mais baixas e para divertimento das classes mais altas.⁹² Com a decadência do termalismo deu-se, em simultâneo, o avanço da medicina que resultou na “Era” da farmacêutica na terapia termal e a moda da praia, que veio a ocupar a dimensão lúdica da procura termal.⁹³

Foi apenas na década de oitenta, que a procura pela modernização da desactualização dos edifícios e equipamentos levou à elaboração de uma nova legislação, garantindo a preservação do património e a qualidade dos projectos, através da revitalização dos estabelecimentos termais antigos e de planos globais de reabilitação das estâncias termais.⁹⁴

Actualmente, “o património termal português encontra-se relacionado aos recursos hidrotermais, à arquitectura, aos equipamentos e acessórios terapêuticos, às áreas verdes de enquadramento e às práticas e usos tradicionais.” (Pinto, H.,2008) A sua preservação também é um factor de competitividade entre as estâncias termais, como valor cultural,⁹⁵ porque Portugal detém excelentes condições que passam pela:

⁹⁰ MARIZ, Suse M. – Estâncias Termais Contemporâneas: Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2015. Dissertação de mestrado. P.48

⁹¹ CANTISTA, António – O Termalismo em Portugal. Anales de Hidrologia Médica. ISSN 1887-0813. Vol.3, nº 79-107 (2008-2010) P. 84

⁹² MARIZ, Suse M. – Estâncias Termais Contemporâneas: Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2015. Dissertação de mestrado. P.48

⁹³ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.90

⁹⁴ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P. 292

⁹⁵ PINTO, Helena - O Património da História do Termalismo em Portugal. [Em linha]. [Consult. 16 Jun. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=9fb85615-3100-4aa2-a8c0-bd311cc74beb&edition=90>>.

“... existência de recursos termais em vários pontos do país; localização dos recursos termais em zonas de potencial paisagístico; existência de termas com elevado valor cultural e arquitectónico; clima e a segurança do país; existência de outros produtos como, por exemplo, a gastronomia, a caça, o golfe, com capacidade de atracção de clientes para o produto termas; garantia de posicionamento global turístico de Portugal.” (Pinto, 2009, p.10)

Segundo Nuno Pinto, o termalismo em Portugal parece acompanhar a Europa porque as estações termais começam a recuperar algum dinamismo, devido a oferta diversificada que considera não só pressupostos terapêuticos como os de saúde e bem-estar e lúdicos, expressos na actual legislação relativa ao sector termal, o Decreto-Lei 142/2004 de 11 de Junho.⁹⁶ Deu-se a reabertura ou abertura, de alguns estabelecimentos termais, nomeadamente, as termas do Estoril, a estância termal de Unhais da Serra, e recentemente, as termas de Vidago e Pedras Salgadas, projectos que apresentam novos programas arquitectónicos e que harmonizam os programas terapêuticos termais com actividades de bem-estar e beleza corporal, relaxamento físico e psíquico.⁹⁷

O termalismo produziu um tipo de edifícios com as respostas mais ou menos categóricas, inovadoras e simbólicas, de acordo com as alterações políticas, sociais, económicas ocorridas nos diferentes períodos históricos.⁹⁸ A arquitectura termal portuguesa resume-se:

⁹⁶ PINTO, Nuno Ricardo R. – Arquitectura Termal portuguesa: benefícios da sua recuperação. Porto: Universidade do Porto, 2009. Dissertação de mestrado. P.10

⁹⁷ RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. P.100

⁹⁸ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P.336

“[...] às soluções mais ou menos portuguesas, das vernaculares às mais eruditas; o manifesto arrastamento da cultura arquitectónica oitocentista; os importantes clichés pretensamente monumentalizantes da linguagem *beaux-artina*, sobretudo em projectos não concretizados; o Modernismo confrontado com os valores de saber nacionalista; e, mais recentemente, uma crescente automatização dos materiais e tecnologias, face à construção tradicional, conferindo maior largueza das formas e soluções plásticas. [...] É uma arquitectura que cumpre o compromisso maior com a envolvente e a história. [...] Portuguesa no sentido de ter sido produzida no contexto sociocultural do país [...]. Ela é a identificação da escala de um território, das suas geografias, das suas gentes. Merece que seja conhecida e preservada nos seus elementos significativos, aberta à inovação e à contemporaneidade.” (Mangorrinha; Pinto, 2009, p. 336)



Parte II
ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel, Açores

AÇORES, A ilha de São Miguel



"Maritimidades", Domingos Rebelo



ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel

2.1.

ASPECTOS CONTEXTUAIS: ANTECEDENTES

Localizado em pleno oceano Atlântico, o arquipélago dos Açores é composto por nove ilhas e pertence à região da Macaronésia¹, juntamente com a Madeira, as Canárias, Cabo Verde e o Noroeste Africano.² O seu descobrimento remonta o século XIV, embora ainda sejam apresentadas algumas divergências relativas ao assunto.³

Gaspar Frutuoso⁴, na obra *Saudades da Terra* (2005) afirma que a primeira ilha açoriana a ser descoberta foi Santa Maria, em 1427, pelo piloto Diogo de Silves ou no ano de 1432 pelo comandante Gonçalo Velho Cabral⁵ seguindo-se a ilha de São Miguel, em 1444.⁶ Posteriormente deu-se o descobrimento das ilhas do Grupo Central, nomeadamente, a Terceira, a Graciosa, São Jorge, o Pico e o Faial, e apenas em 1452, foram as avistadas as ilhas do Grupo Ocidental, as Flores e o Corvo. Por volta de 1457 todas as ilhas já haviam sido visitadas por navegadores portugueses e flamengos.⁷

O povoamento insular dependeu muito da localização geográfica do arquipélago, relativamente à acessibilidade e a potencialidade económica de cada uma das ilhas. Embora

¹ É um nome moderno para designar os vários grupos de ilhas no Atlântico Norte, perto da Europa e da África, e mais uma extensa faixa costeira do Noroeste da África, fronteira a esses grupos de ilhas, que se estende desde Marrocos até ao Senegal.

² COSTA, Susana – Açores: Descoberta, Povoamento e Sociedade. [Em linha]. [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1102>>.

³ *Ibidem*

⁴ Gaspar Frutuoso (1522-1591) foi um historiador, sacerdote e humanista açoriano. Bacharel em Artes e Teologia pela Universidade de Salamanca e doutor em Teologia. Destacou-se pela autoria da obra *Saudades da Terra*, uma detalhada descrição histórica e geográfica dos arquipélagos dos Açores, Madeira e Canárias, para além de múltiplas referências ao arquipélago de Cabo Verde e a outras regiões atlânticas.

⁵ Foi um navegador português, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, comendador de Almourol e senhor de Pias. Foi íntimo colaborador do Infante D. Henrique, e o 1.º capitão do donatário das ilhas de Santa Maria e São Miguel.

⁶ FORJAZ, Victor H. [et al.] – Vulcanologia da ilha de São Miguel dos Açores: VulcanoWatching. 1ªed, São Miguel, Açores: Observatório Vulcanológico e Geotérmico, [2015]. ISBN 978-989-8164-18-6. P.16

⁷ COSTA, Susana – Açores: Descoberta, Povoamento e Sociedade. [Em linha]. [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1102>>.

tenha sido um processo lento, por consequência dos interesses da coroa portuguesa na costa ocidental africana e das agitações políticas resultantes da morte do rei D. Duarte.⁸

Em 1439, com a autorização de D Afonso V, o Infante D. Henrique ordenou o arremesso de gado e aves domésticas para as ilhas de São Miguel e Santa Maria, iniciando-se em 1449, a forte colonização das mesmas por famílias provenientes de Portugal continental, principalmente do Minho, Algarve e Alentejo, que mais tarde fizeram-se acompanhar por povos de outras regiões da Europa, tais como, a Flandres e o Norte de França.⁹ Eram pessoas de classes sociais distintas, atraídas pela fertilidade dos solos açorianos, estimuladas pela ideia de enriquecimento e revitalização social ou, simplesmente, embevecidas por um espírito aventureiro.¹⁰ O isolamento geográfico do arquipélago suscitou interesse aos mouriscos e aos judeus, enquanto a situação frágil que caracterizava Portugal gerava o incentivo régio à vinda de ingleses e flamengos para as ilhas do grupo central, especificamente, para o Pico, Faial, São Jorge e Graciosa. O compulsivo voluntarismo de muitos povos levou à imigração coactiva, composta por escravos e exilados, disposto a exercer actividades no sector primário e no circuito doméstico.¹¹ (ver Fig.06)

No entanto, o povoamento insular assumiu expressão na segunda metade do século XV, nos grupos oriental e central, e inícios do século XVI, no grupo ocidental.¹²

As primeiras populações que chegaram a São Miguel desembarcaram na Povoação e distribuíram-se ao longo de toda a linha costeira da ilha, fixando-se nos locais de melhor acessibilidade e que melhores condições de vida ofereciam, essencialmente no que se referia

⁸ COSTA, Susana – Açores: Descoberta, Povoamento e Sociedade. [Em linha]. [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1102>>.

⁹ AZORES WEB – História dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006. [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.azoresweb.com/historia_acores.html>

¹⁰ COSTA, Susana – Açores: Descoberta, Povoamento e Sociedade. [Em linha]. [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1102>>.

¹¹ *Ibidem*

¹² *Ibidem*

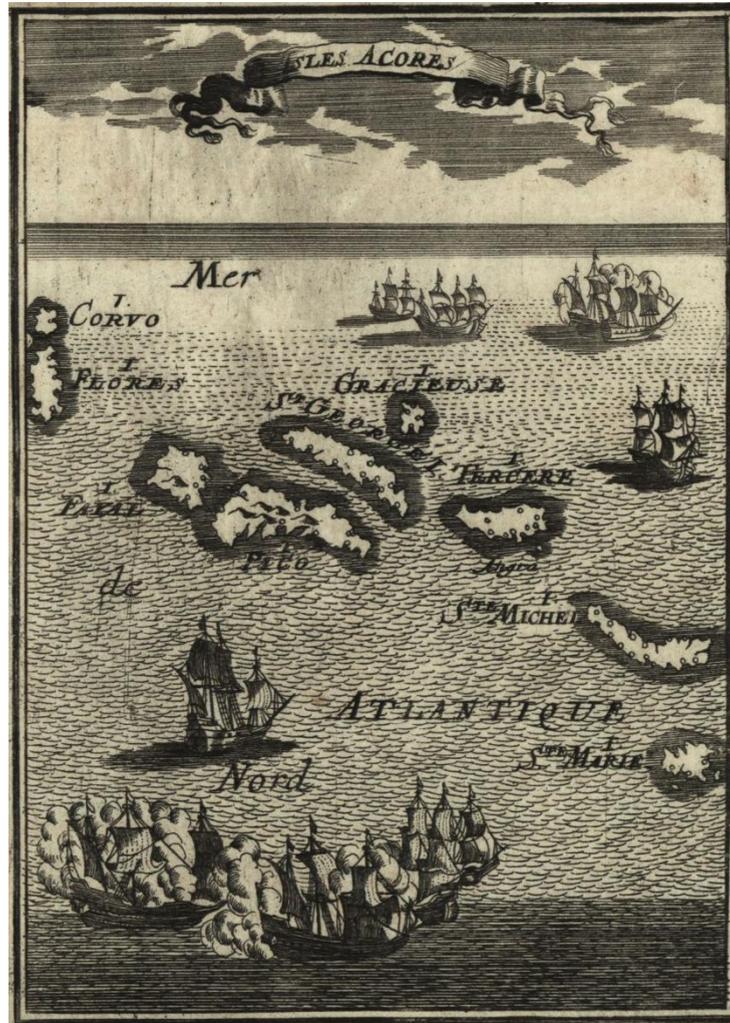


Fig.06 _ Mapa dos Açores, 1685

ao aproveitamento do solo.¹³ O solo fértil, aliado à privilegiada posição geográfica das ilhas no meio do oceano Atlântico, contribuiu para a rápida expansão económica de São Miguel¹⁴ através: “da produção do trigo que se exportava para abastecimento das guarnições portuguesas das praças no Norte de Africa, do fabrico do açúcar de cana e da exportação para Flandres das plantas tintureiras do pastel e da urzela.” (Miguens, 2008) Tempos depois, a exportação de laranja torna-se a maior riqueza local, sendo a Inglaterra o principal mercado.¹⁵

Com Portugal continental e os Açores sob o domínio dos Filipes, o período de 1580 a 1640 foi marcado por duras batalhas marítimas próximas ao arquipélago entre os corsários espanhóis e ingleses.¹⁶ Porém, com o restabelecimento da soberania portuguesa e a ascensão da Casa de Bragança deu-se um declínio comercial das ilhas, mas nos séculos XVI e XVII, com a evolução da navegação e, especialmente, devido à sua posição geográfica estratégica, os Açores tornaram-se num ponto de referência e paragem nas rotas que ligavam a Europa, a África, a Ásia, e as Américas.¹⁷

Criado o regime pombalino em 1766, e sendo estabelecida a capital em Angra, Marquês de Pombal findou o regime das donatarias, substituindo-as por uma província governada por um Capitão-general, nomeando D. Antão de Almada como responsável pela administração insular açoriana.¹⁸

Após as invasões francesas na Península Ibérica, com a fuga de D. João VI para o Brasil em 1807, e a abolição de várias restrições sobre o comércio, deu-se uma nova fase de

¹³ MIGUENS, Luis – História Completa, Açores – Portugal. [Em linha]. [Consult. 10 Ago. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://acores-ilhas-portugal.blogspot.pt/2008/10/historia-completa-acores-portugal.html>>.

¹⁴ *Ibidem*

¹⁵ *Ibidem*

¹⁶ AZORES WEB – História dos Açores [em linha]. [S.I.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.azoresweb.com/historia_acores.html>

¹⁷ *Ibidem*

¹⁸ FORJAZ, Vitor H. [et al.] – Vulcanologia da ilha de São Miguel dos Açores: VulcanoWatching. 1ªed, São Miguel, Açores: Observatório Vulcanológico e Geotérmico, [2015]. ISBN 978-989-8164-18-6. P.16

prosperidade e desenvolvimento no arquipélago.¹⁹ Após a independência do Brasil, em 1830, é instalada a regência do reino em Angra por D. Pedro IV e em 1832, a armada e o exército proclamam a Carta Constitucional em todo o País,²⁰ em que é eliminada a capitania-geral e substituída pela Província dos Açores, constituída por uma Prefeitura, Angra, e por duas subprefeituras, Ponta Delgada e Horta.²¹

Todavia, em 1926, com a ditadura instalada, Salazar invalidou as pretensões açorianas relativas às Juntas Gerais, que por sua vez, levou à elaboração do Estatuto dos Distritos autónomos das ilhas Adjacentes, concebido por Marcello Caetano, em 1939.²² É apenas em 1976, após a revolução de 25 de Abril de 1974 e com o Movimento de 6 de Junho de 1975, que são abolidos os Governadores Civis e as Juntas Gerais, tornando-se assim os Açores numa Região Autónoma.²³

Contudo, as ilhas do arquipélago dos Açores tiveram um percurso histórico dinâmico no que diz respeito à sua ocupação e desenvolvimento da região, dada a influência do comportamento migratório de uma população diversificada, fortemente caracterizada pelos seus hábitos sociais e culturais, expressos na sua arquitectura.

¹⁹ AZORES WEB – História dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.azoresweb.com/historia_acores.html>

²⁰ In: WWW: <URL: <http://acores-ilhas-portugal.blogspot.pt/2008/10/historia-completa-acores-portugal.html>>. [Consult. 9 Set. 2016].

²¹ FORJAZ, Vitor H. [et al.] – Vulcanologia da ilha de São Miguel dos Açores: VulcanoWatching. 1ªed, São Miguel, Açores: Observatório Vulcanológico e Geotérmico, [2015]. ISBN 978-989-8164-18-6. P.16-17

²² *Ibidem*, P.20

²³ *Ibidem*, P.21

2.2.

ASPECTOS CONTEXTUAIS: CULTURA, COSTUMES E ARQUITECTURA

O arquipélago dos Açores desde o início da sua ocupação sofreu influências culturais e arquitectónicas de várias regiões do mundo, embora adaptadas às necessidades dos primeiros povoadores, da geografia e do clima, determinaram ao longo dos anos diferentes estilos e tipologias habitacionais.¹

A diversidade das nove ilhas reflecte-se na arquitectura popular dos Açores, uma vez que influenciadas entre si de acordo com a sua proximidade, diferenciam-se pelas origens dos seus povoadores, pelo emprego dos materiais disponíveis e pela adaptação necessária ao território, e assemelham-se pelos sistemas construtivos aplicados e pela predominância da utilização da pedra vulcânica.² (ver Fig.08)

A pesca e a agricultura eram as principais fontes de rendimento e sobrevivência dos habitantes insulares, embora as principais produções viessem da terra e não do mar, através da cultura do trigo, do milho, da laranja, cana-de-açúcar, entre outros.³ A sociedade açoriana era marcadamente rural e tradicionalmente agrícola, visto que o povoamento açoriano surgiu “em agregados rurais constituídos pela habitação e outros elementos de apoio à actividade agrícola como o palheiro, o abrigo de carro de bois, o sequeiro de cereais, ou de tabaco, a pocilga ou a cisterna.” (Fazenda *et al*, 2012)

¹ NUNES, Maria – A casa açoriana através dos séculos. [Em linha]. [Consult. 7 Set. 2016]. Disponível: WWW: <URL: <http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/184980.html>>.

² FAZENDA, Sérgio; DOURADO, Rita – Arquitectura Popular dos Açores. [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012108101047.PDF>>.

³ AZORES WEB – Cultura dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.azoresweb.com/cultura.html>>



Fig.08_ Habitação popular dos Açores

Inicialmente a construção era rústica, simples e defensiva visando a protecção dos habitantes contra os elementos da natureza e dos piratas.⁴ A casa rural açoriana caracteriza-se por uma planta de geometria simples, rigorosa e repetitiva. Com apenas um piso, apresentava aspectos construtivos comuns como o uso da pedra local, a cobertura inclinada, com telha cerâmica de meia cana ou de colmo, apoiada em estrutura de madeira, e com paredes divisórias em tabique.⁵ (Ver Fig.09) A entrada marcava a centralidade da construção, onde um lado estava o quarto e do outro a cozinha com o forno e a lareira, onde pavimento era de terra batida, à excepção do quarto que tinha o chão e o tecto revestido a madeira.⁶ “A cozinha é o compartimento essencial da casa e o cerne da habitação popular, onde decorre toda a vida de relação da família. É na cozinha que se encontra o lar, no sentido primordial de lugar onde se faz o fogo.” (Fazenda *et al*, 2012) A casa açoriana apresentava geralmente três tipologias: a casa com cozinha dissociada; a casa linear, e; a casa com cozinha integrada.⁷

Nas propriedades adjacentes às habitações construía-se o “pião”, uma armação de madeira em forma de pirâmide para secar o milho e nas traseiras da casa, o quintal, albergava o espaço para a eira, o lagar, o chiqueiro e a horta, e sobre os muros que marcavam o limite das propriedades estava a vinha exposta ao sol.⁸

Entretanto, forma-se o traçado mais comum da casa açoriana (ver Fig.10), em que a pedra basáltica resume-se a um elemento decorativo, passando a bordar as janelas, os pórticos e as portas das habitações, fazendo contraste com as paredes brancas de cal e com o

⁴ NUNES, Maria – A casa açoriana através dos séculos. [Em linha]. [Consult. 7 Set. 2016]. Disponível: WWW: <URL:<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/184980.html>>.

⁵ FAZENDA, Sérgio; DOURADO, Rita – Arquitectura Popular dos Açores. [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012108101047.PDF>>.

⁶ NUNES, Maria – A casa açoriana através dos séculos. [Em linha]. [Consult. 7 Set. 2016]. Disponível: WWW: <URL:<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/184980.html>>.

⁷ FAZENDA, Sérgio; DOURADO, Rita – Arquitectura Popular dos Açores. [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012108101047.PDF>>.

⁸ NUNES, Maria – A casa açoriana através dos séculos. [Em linha]. [Consult. 7 Set. 2016]. Disponível: WWW: <URL:<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/184980.html>>.

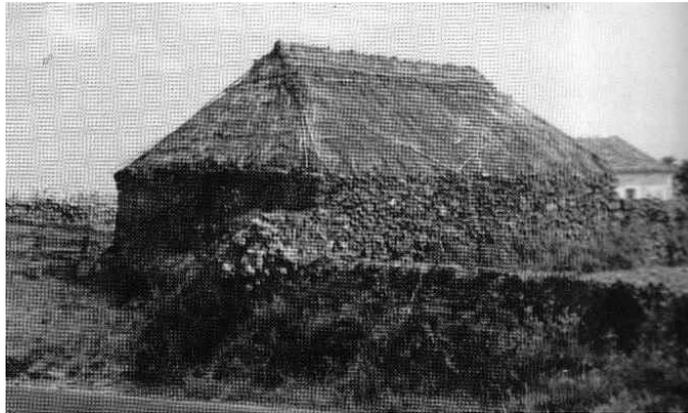


Fig.09 _ Construção primitiva
Fig.10 _ Habitação açoriana.

vermelho dos telhados.⁹ Novos sistemas construtivos vão surgindo substituindo os antigos, dada a antiga e constante luta contra o isolamento, os sismos, as erupções vulcânicas, e até mesmo contra um clima muito instável, que depois reflecte uma grande diversidade na organização interna, nas volumetrias e nos acabamentos das construções^{10, 11}.

Segundo Sérgio Fazenda e Rita Dourado (2012), nos finais da década de oitenta, a relação da arquitectura com a agricultura permanecia bastante expressiva, sendo que a sociedade açoriana ainda mantinha a tradição agrícola, apesar da pesca da baleia (ver Fig.11), ter introduzido novas tipologias como as vigias e os abrigos de barcos. É de realçar que estas novas tipologias surgiram quando o óleo de baleia detinha um papel importante na economia mundial e atracavam na cidade da Horta os baleeiros de New Bedford, baseavam-se em barracas de madeira, simples, mas confortáveis, com base em pedra ou cimento, e com grandes janelas envidraçadas, de inspiração norte-americana.¹²

A arquitectura popular açoriana resume-se à fusão das culturas dos seus povos colonizadores, porém diferenciada pelas condições climáticas e geológicas de cada ilha.¹³ Os modos de vida assim como os costumes da sociedade açoriana são marcados por uma religiosidade católica intensa, que sempre foi um factor marcante no modo de estar das

⁹ NUNES, Maria – A casa açoriana através dos séculos. [Em linha]. [Consult. 7 Set. 2016]. Disponível: WWW: <URL:<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/184980.html>>.

¹⁰ Com o decorrer do tempo, as casas tornaram-se mais confortáveis pelas alterações arquitectónicas e estéticas por influência do estilo arquitectónico importado de Portugal continental e do contacto com outras culturas, deu-se a chegada da cantaria, os azulejos Portugueses, o ouro e a prata das Américas, as peças decorativas das Índias, as novas cores e formas sul-americanas, que clarearam os tons tristes e escuros das construções açorianas. Com isso após os descobrimentos marítimos portugueses e do domínio filipino, surgem nos séculos XVII e XVIII, as casas senhoriais de dois e três pisos. Visto que a beleza e o interesse da arquitectura barroca, estava nas curvas, nas figuras e nas ornamentações em talha dourada e policromada, estas habitações caracterizavam-se pelas janelas em guilhotina de vidraças inglesas e pelos portais dos solares e quintas ornamentados por bandeiras, brasões, figuras decorativas em alvenaria, faiança, porcelana ou madeira.¹⁰ Nas suas propriedades começaram a surgir as pequenas capelas ou ermidas, símbolo da inspiração ou devoção religiosa dos seus moradores.

¹¹ FAZENDA, Sérgio; DOURADO, Rita – Arquitectura Popular dos Açores. [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012108101047.PDF>>.

¹² NUNES, Maria – A casa açoriana através dos séculos. [Em linha]. [Consult. 7 Set. 2016]. Disponível: WWW: <URL:<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/184980.html>>.

¹³ AZORES WEB – Cultura dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.azoresweb.com/cultura.html>>

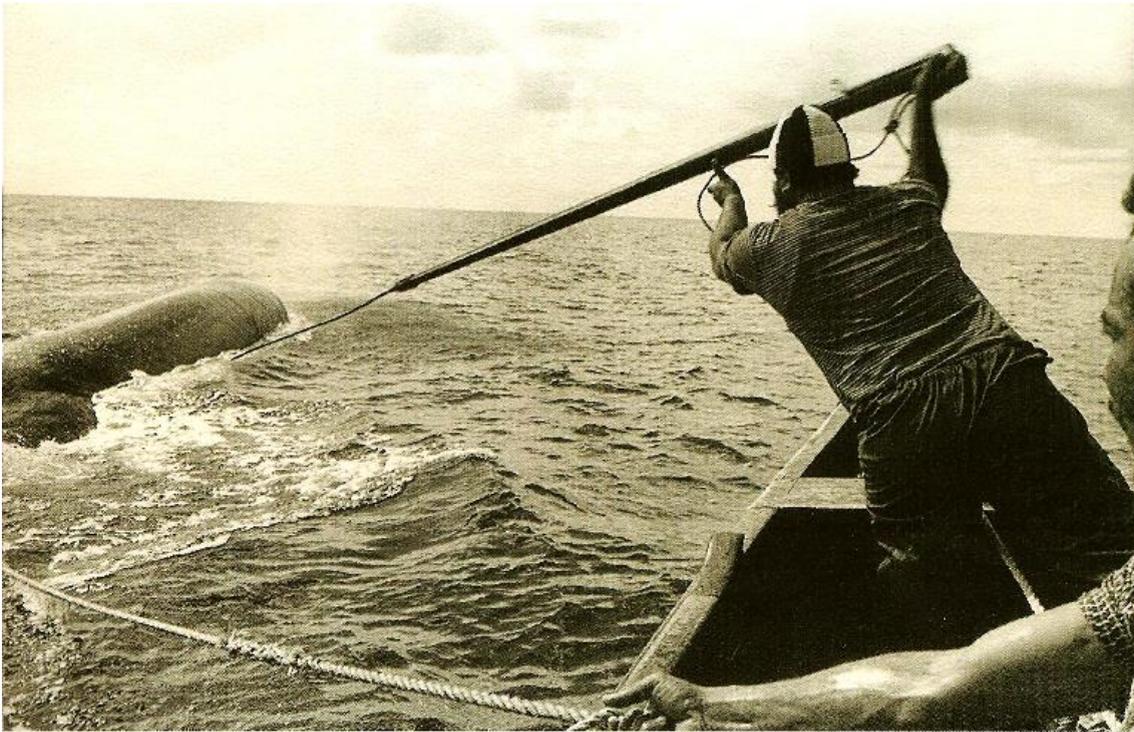


Fig.11_ Caça da Baleia

populações,¹⁴ reflectindo-se na supremacia do cariz religioso das festividades e na arquitectura do território do arquipélago. A religiosidade está expressa em edifícios de referência que marcam e estruturam o território insular, desde as igrejas aos *Impérios*¹⁵ do Espírito Santo, comum a todas as ilhas.¹⁶ (ver Fig.12 e 13)

“Os *impérios*, paradigma da arquitectura popular açoriana por todas as freguesias ressaltam os aglomerados pela sua exuberância formal e decorativa. Algumas se assemelham a pequenas ermidas e a composição das fachadas têm influência de arquitectura religiosa, mas populariza a linguagem erudita, criando mesmo modelos muito trabalhados, com frontão, coroa e outros elementos simbólicos, e uso muito intenso da cor.” (S. Fazenda; R. Dourado, 2012),

Este é o retracto de um modo de vida e de uma cultura arquitectónica, que se encontram em vias de extinção, devido às transformações da vida quotidiana, da decadência do sector agrícola e das sucessivas catástrofes naturais, bem como, a posição geográfica do arquipélago e o forte fenómeno migratório.¹⁷ Porém a sua marca arquitectónica persiste como expressão da cultura e do local, por ser uma arquitectura genuína e espontânea, predominantemente rural, fortemente relacionada com a Natureza e adaptada às necessidades da população. Os edifícios mantêm a sua linguagem erudita, de saber popular, prova disso são os pequenos balneários termais, construídos à imagem da habitação açoriana, implantados de acordo com as condições geológicas de cada local, segundo a localização das nascentes e o conhecimento do povo acerca do abastecimento ou captação das águas minero-termais.

¹⁴ AZORES WEB – Cultura dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.azoresweb.com/cultura.html>>

¹⁵ Os Impérios ou teatros açorianos são pequenas construções de sabor popular, semelhantes às capelas e aos palacetes miniatuiais, é a casa da irmandade ou da mordomia local das Festas do Divino Espírito Santo.

¹⁶ FAZENDA, Sérgio; DOURADO, Rita – Arquitectura Popular dos Açores. [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012108101047.PDF>>.

¹⁷ *Ibidem*



Fig.12_ Império do Espírito Santo de São Sebastião, Ilha Terceira.



Fig.13_ Império do Espírito Santo de Santa Ana, Ilha do Pico.





2.3.

A ILHA DE SÃO MIGUEL

O VULCANISMO E AS ÁGUAS MINERAIS

A origem vulcânica do arquipélago dos Açores explica a existência de variadas nascentes de águas minerais, gasocarbónicas e/ou termais, nas ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Faial, Pico, Flores, e particularmente na ilha de São Miguel.¹

Estes recursos hidrominerais são susceptíveis a várias utilizações, desde fins terapêuticos a aproveitamento industrial para engarrafamento.² Posto isto, algumas das nascentes foram classificadas como água *Mineral Natural* (ver anexo 1), nomeadamente, as águas gasocarbónicas das Lombadas ou da Serra do Trigo utilizadas para consumo; e as águas das Furnas, Ferraria e Caldeiras da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, do Varadouro na ilha do Faial, e do Carapacho na ilha Graciosa, destinadas à prática da balneoterapia.³ Os locais termais micalenses, como a Caldeira Velha, a Poça da Dona Beija e o Parque Terra Nostra, têm sido utilizados ao longo de muitos anos como pretexto recreativo, lúdico, de relaxamento ou de bem-estar, estando em alguns casos, reconhecidas as propriedades terapêuticas da água no tratamento do reumatismo e outras patologias músculo-esqueléticas, dermatológicas e respiratórias.⁴

¹ CRUZ, J.V [et al.] - As águas minerais da Ilha de São Miguel (Açores): Monitorização Hidroquímica entre 1992 e 2003. **Comunicações Geológicas** [Em linha]. 101:1 (2014) 671-675, actual, 2014. [Consult. 28 Dez. 2015]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.Ineg.pt/download/9630/16_2893_ART_CG14_ESPECIAL_II.pdf>. ISSN 0873-948X.

² *Ibidem*

³ NUNES J. [et al.] – **Águas Termais dos Açores: Passado, Presente e Futuro**. São Miguel, Açores: INOVA, 2015. ISBN: 978-84-606-9368-0.

⁴ *Ibidem*



Fig.15_ Ilha de São Miguel



COMPLEXOS VULCÂNICOS

CRONOLOGIA

Complexo vulcânico dos Picos	5 000 Anos
Complexo Vulcânico do Fogo	250 000 Anos
Complexo Vulcânico das Setes Cidades	500 000 Anos
Complexo Vulcânico das Furnas	750 000 Anos
Complexo Vulcânico da Povoação	3 000 000 Anos
Complexo Vulcânico de Nordeste	4 000 000 Anos

Fig.16_ Carta Vulcanológica sintética da ilha de São Miguel

A ilha de São Miguel é a maior das ilhas do arquipélago dos Açores integrando os concelhos de Ponta Delgada, Lagoa, Vila Franca do Campo, Ribeira Grande, Povoação, e Nordeste.⁵ A ilha está sujeita à actividade sísmica, uma vez que a sua geologia é dominada por três vulcões activos, nomeadamente os vulcões das Sete cidades, Fogo e das Furnas.⁶ Como foi referido anteriormente, no seu território existem diversas manifestações de águas minerais e termais devido à sua formação vulcânica, constituída por seis complexos vulcânicos, sendo eles: o Complexo Vulcânico do Nordeste, o Complexo Vulcânico da Povoação, o Complexo Vulcânico das Furnas, o Complexo Vulcânico das Sete Cidades, o Complexo Vulcânico do Fogo e, por último, o Complexo Vulcânico dos Picos.⁷

A nível hidrogeológico, em São Miguel foram definidos seis sistemas de aquíferos ou massas de água, nomeadamente, a massa de água da Achada, das Sete Cidades, dos Finais da Luz e da Água do Pau - Ponta Delgada, das Furnas – Povoação e, por último, do Faial da terra – Nordeste.⁸ Foram cartografadas 1100 nascentes e 26 furos de captação de água.⁹

Segundo Freire (2006), as águas minerais resultam, maioritariamente, do enriquecimento da água das chuvas infiltradas através dos terrenos permeáveis, ocorrentes com muita frequência em regiões vulcânicas, associadas a episódios eruptivos ou a emergências relacionadas com sistemas hidrotermais.¹⁰ A ilha de São Miguel possui grande número de nascentes de águas minerais, nomeadamente nas áreas dominadas pelos seus

⁵ AZORES WEB – Cultura dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.azoresweb.com/sao_miguel_pt.html>

⁶ NUNES J. [et al.] – **Águas Termais dos Açores: Passado, Presente e Futuro**. São Miguel, Açores: INOVA, 2015. ISBN: 978-84-606-9368-0.

⁷ FORJAZ, Vitor H. [et al.] – **Vulcanologia da ilha de São Miguel dos Açores: VulcanoWatching**. 1ªed, São Miguel, Açores: Observatório Vulcanológico e Geotérmico, [2015]. ISBN 978-989-8164-18-6. P.89

⁸ NUNES J. [et al.] – **Águas Termais dos Açores: Passado, Presente e Futuro**. São Miguel, Açores: INOVA, 2015. ISBN: 978-84-606-9368-0.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ FREIRE, Pedro – **As águas minerais da ilha de São Miguel (Açores): Caracterização Hidrológica e implicações para a monitorização vulcanológica**. São Miguel, Açores: Universidade dos Açores, 2006. Dissertação de mestrado. P.9

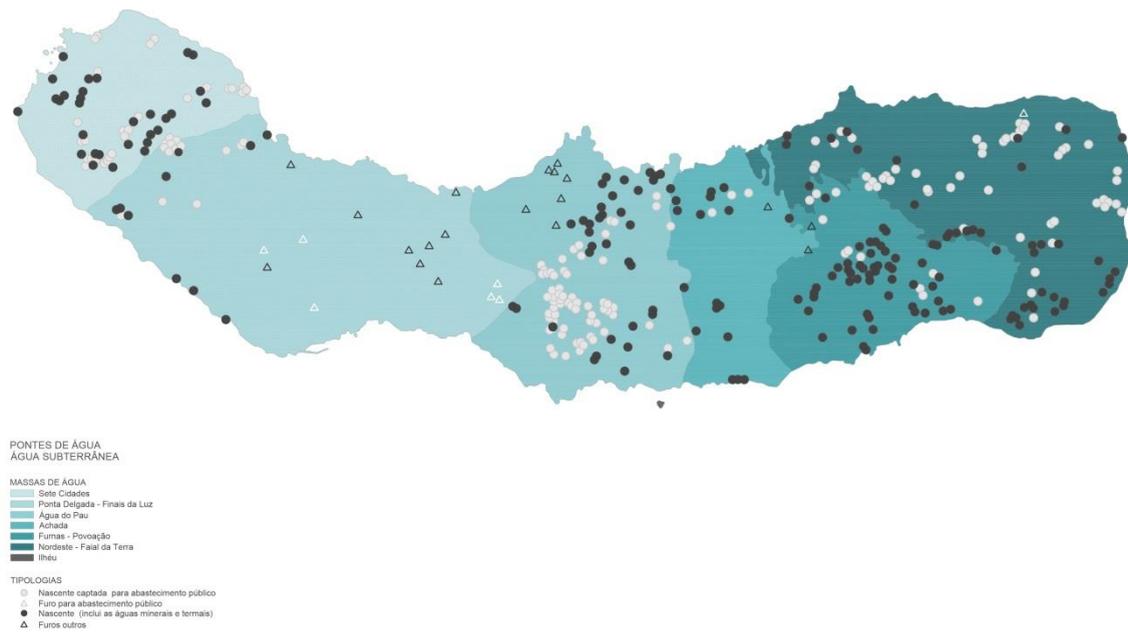


Fig.17 _ Água subterrânea da ilha de São Miguel

vulcões activos, existindo 12 pontos de água mineral monitorizados, em que seis pertencem ao Vulcão do Fogo e os outros seis ao Vulcão das Furnas.¹¹

No território foram localizados e inventariados setenta e seis pontos de água mineral sobre os aquíferos das Furnas-Povoação, Água de Pau e das Sete Cidades, dos setenta e seis pontos identificados: cinquenta e seis são nascentes, dez são fumarolas, nove são furos e um corresponde a um poço de maré^{12,13} Estes encontram-se, geograficamente distribuídos, pelos concelhos de Ponta Delgada, Vila Franca, Ribeira Grande e Povoação.¹⁴

¹¹ NUNES J. [et al.] – **Águas Termais dos Açores: Passado, Presente e Futuro**. São Miguel, Açores: INOVA, 2015. ISBN: 978-84-606-9368-0.

¹² São poças que se formam entre as rochas e os sedimentos próximos à orla marítima, ao capturar de massa de água quando há baixa de maré.

¹³ FREIRE, Pedro – **As águas minerais da ilha de São Miguel (Açores): Caracterização Hidrológica e implicações para a monitorização vulcanológica**. São Miguel, Açores: Universidade dos Açores, 2006. Dissertação de mestrado. P.34-42

¹⁴ *Ibidem*

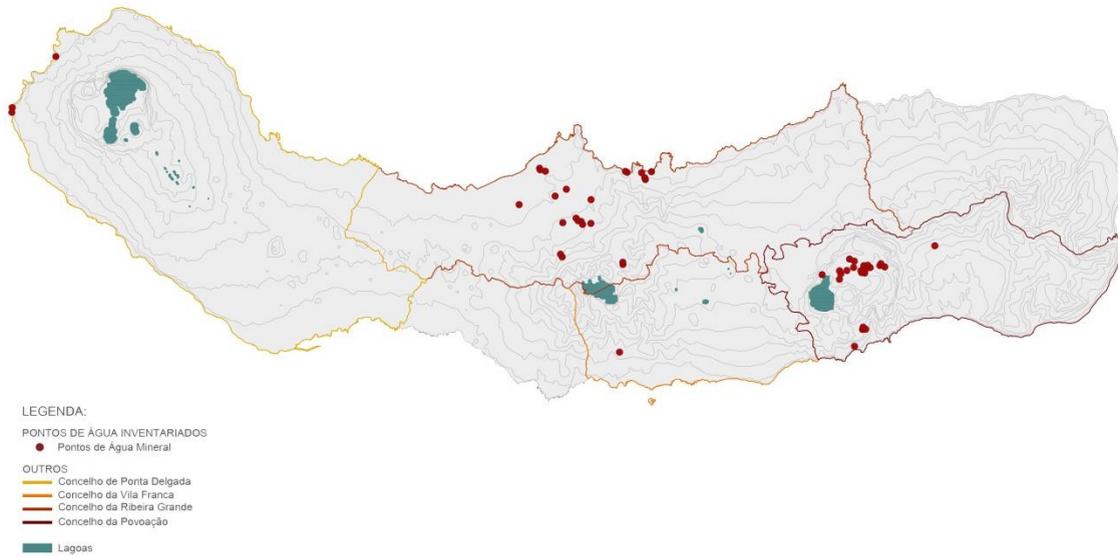


Fig.18 _ Localização geográfica dos pontos de água mineral segundo os limites administrativos.

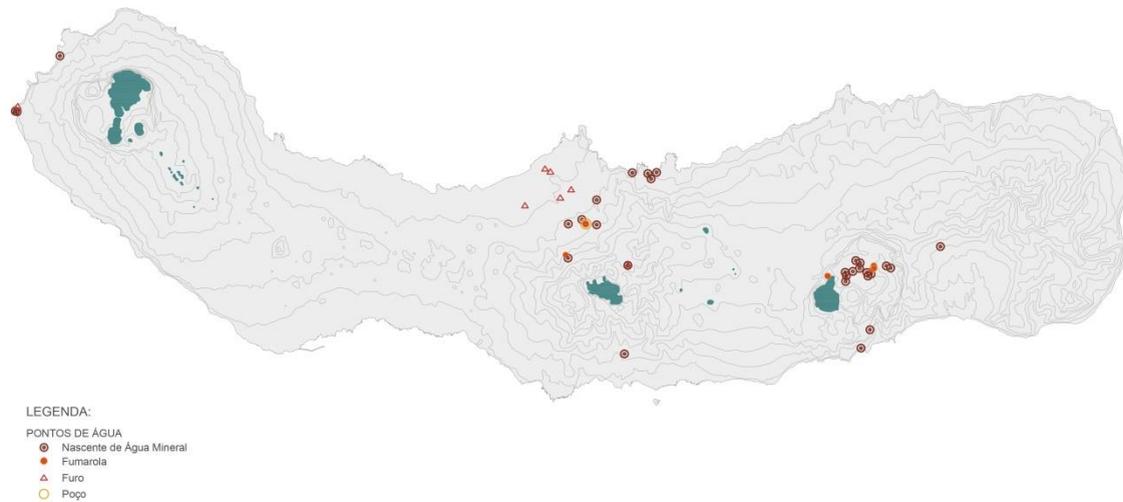


Fig.19 _ Distribuição e caracterização dos pontos de água mineral. (Adaptado de Freire, 2006, in Águas minerais da ilha de São Miguel: Caracterização Hidrológica e implicações para a monitorização vulcanológica. 2006)

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

É no concelho da Povoação que se encontra o maior número de pontos de água mineral, visto que foram localizados quarenta e seis pontos na freguesia das Furnas.

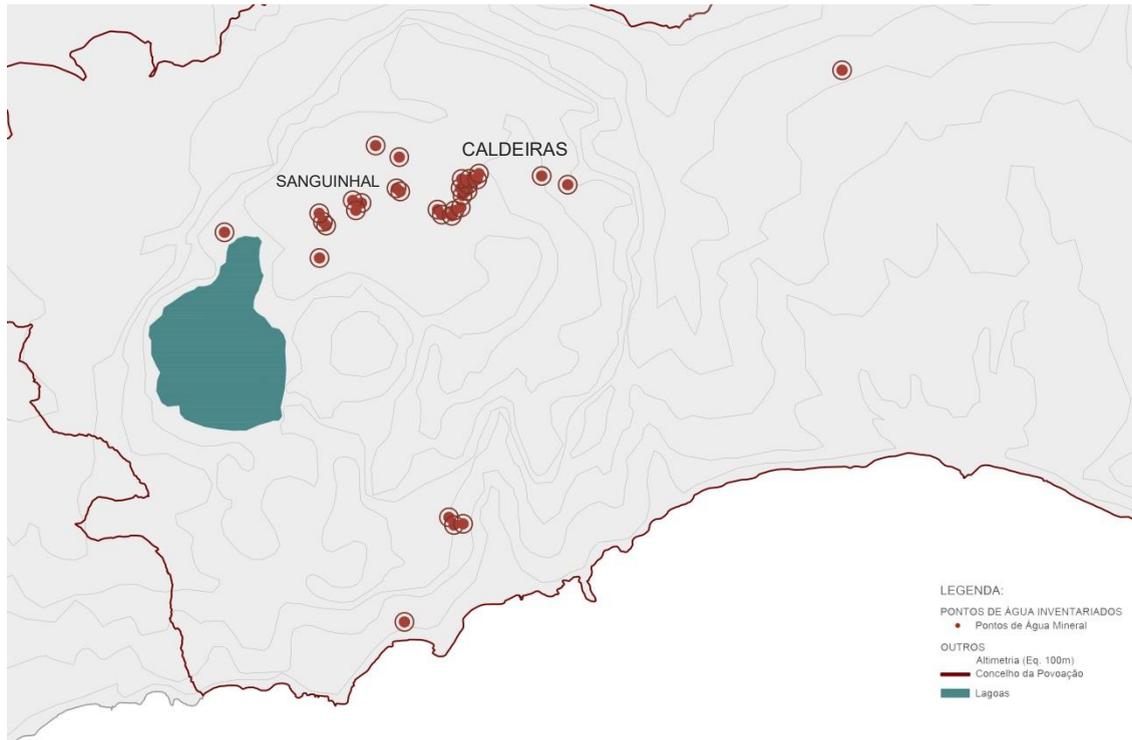


Fig.20_ Localização geográfica dos pontos de água mineral no concelho da Povoação.

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

Foram situados vinte e três pontos de água nas freguesias de Matriz, Porto Formoso, Ribeira Seca, Ribeirinha e Conceição, do concelho da Ribeira Grande, enquanto no concelho da Vila Franca foi localizado apenas uma nascente de água mineral.¹⁵

¹⁵ FREIRE, Pedro – As águas minerais da ilha de São Miguel (Açores): Caracterização Hidrológica e implicações para a monitorização vulcanológica. São Miguel, Açores: Universidade dos Açores, 2006. Dissertação de mestrado. P.36

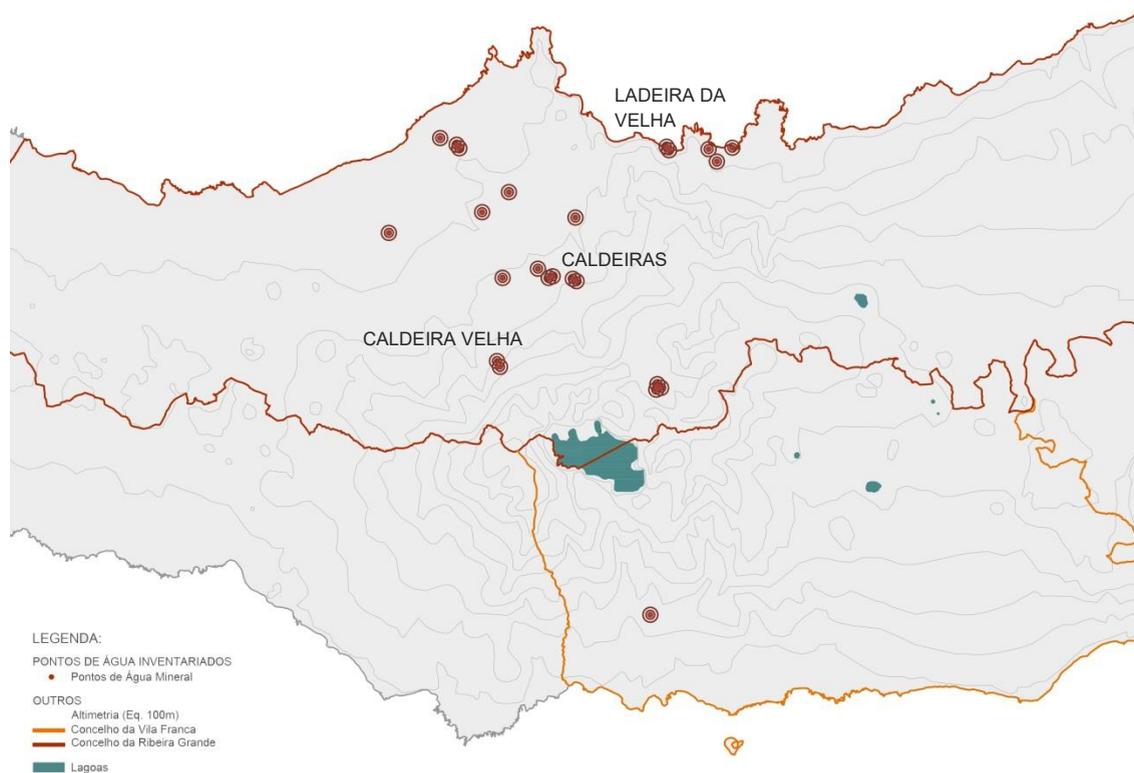


Fig.21 _ Localização geográfica dos pontos de água mineral no concelho da Ribeira Grande e da Vila Franca do Campo.

Relativamente ao concelho de Ponta Delgada foram localizados seis pontos de água termal, dois na freguesia dos Mosteiros e quatro na freguesia dos Ginetes, especificamente na Ponta da Ferraria.¹⁶

Os pontos de águas minerais termais localizam-se nas zonas onde ocorrem as maiores manifestações vulcânicas da ilha, mas nem todos os pontos correspondem a fontes de captação para abastecimento público ou engarrafamento, existem pontos de águas minerais explorados para abastecimento de edifícios termais, nomeadamente, na Ferraria, Ribeira Grande, Porto Formoso e, em maior número, nas Furnas.

¹⁶ FREIRE, Pedro – As águas minerais da ilha de São Miguel (Açores): Caracterização Hidrológica e implicações para a monitorização vulcanológica. São Miguel, Açores: Universidade dos Açores, 2006. Dissertação de mestrado. P.37

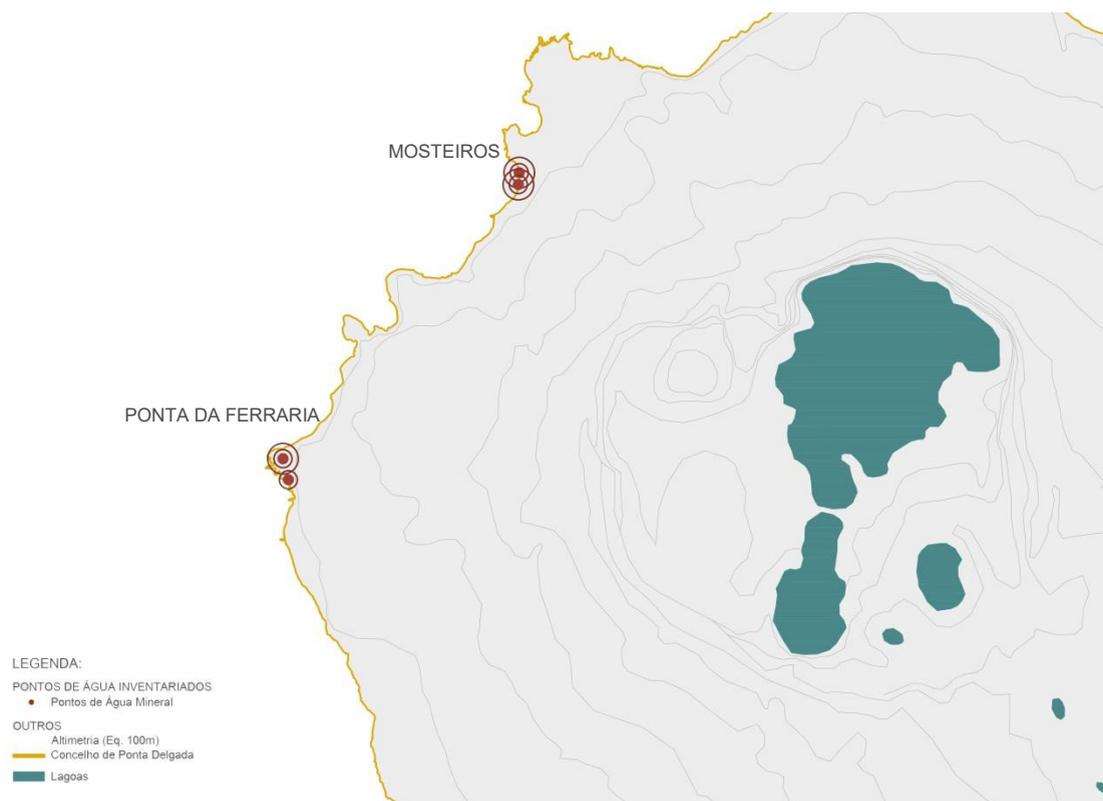


Fig.22_ Localização geográfica dos pontos de água mineral no concelho de Ponta Delgada.

ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel

3 TERMAS NA ILHA DE SÃO MIGUEL, AÇORES

O arquipélago dos Açores desde a sua colonização suscitou curiosidade de distintas personalidades, tais como, naturalistas, cientistas e escritores, entre outras, oriundas de diversas regiões do mundo, por uma multiplicidade de interesses relativos à sua constituição geológica, fauna e flora, aspectos curiosos da vivência social e do desenvolvimento termal.¹ Foi no século XVIII, que se iniciaram primeiras as visitas à ilha de São Miguel, surgindo os primeiros registos sobre as suas águas e os seus banhos termais.² Mas foi principalmente no século XIX que decorreram as viagens de estudo mais significativas, não só pelo número de investigações empreendidas, mas pelo teor da bibliografia publicada relativa às zonas termais da ilha, ricas em águas minerais com propriedades curativas exploradas em balneários públicos e particulares, principalmente, localizados nas Furnas, na Ribeira Grande e na Ferraria.³

¹ LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In *INSULANA*. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.P.43-45

² *Ibidem*

³ *Ibidem*, P.44



Pitago





3.1.FURNAS

Localizado a doze quilómetros da sede do conselho da Povoação,⁴ o vale das Furnas:

“[...] constituiu uma, senão a principal rota turística da Ilha de São Miguel, pois, as dádivas da natureza, não se traduzem apenas na beleza da paisagem, nos vales e nas montanhas, nos recortes caprichosos das costas, no encanto dos lagos localizados em crateras de antigos vulcões; revela-se igualmente no prodígio manancial hidrológico (vinte e duas nascentes termais), sendo considerada por isso a “guarda avançada das hidrópoles europeias”. Escritores e poetas têm cantado a rara beleza deste Vale onde brotam géiseres de água fervente e lamas medicinais, que contrastam com parques frondosos e ricos em espécies exóticas, que reúne uma extraordinária colecção de árvores centenárias.” (Direcção escolar de Ponta Delgada, 1982, p.529)

O reconhecimento das propriedades terapêuticas das águas das Furnas remontam épocas muito recuadas, desde que os habitantes da ilha colonizaram o Vale e descobriram nas águas de uma ribeira, de nome Ribeira Quente, princípios de actividade e fizeram uso delas para o tratamento de determinadas doenças.⁵ Dada a chegada dos padres eremitas ao Vale, em 1614, e reconhecidas as propriedades terapêuticas destas águas, esta prática tornou-se cada vez mais popular, enraizando-se no espírito e nos hábitos de vida das pessoas.⁶ Porém, foi após a expulsão dos jesuítas da ilha de São Miguel, em 1760, que se deu a construção dos

⁴ DIRECÇÃO ESCOLAR DE PONTA DELGADA – **Apontamento histórico e etnográfico de São Miguel e Santa Maria**. 4ªed. Ponta Delgada, Açores: Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1982. P.529

⁵ DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. p. 96-99

⁶ *Ibidem*, P.97

primeiros balneários termais e, a mandado do Governo, o estudo e classificação de todas as águas minerais da ilha por parte de médicos e cientistas estrangeiros.⁷

Segundo Urbano Dias, em *História do Vale das Furnas* (1936), os banhos quentes eram inicialmente tomados na ribeira, e foi nas proximidades desta que se construíram os edifícios, diferenciados pela sua localização e pelas propriedades das suas nascentes, nomeadamente, as nascentes do sanguinhal, as nascentes férreas e as nascentes da Caldeira Grande, nas Caldeiras.⁸ Estas casas de banhos eram conhecidas pelos nomes dos respectivos proprietários, podendo qualquer pessoa edificar um balneário, de acordo com as suas possibilidades financeiras ou estatuto social, para uso pessoal e da sua família, desde que reservasse uma parte dos mesmos para uso público ou construísse outro para o mesmo fim.⁹

Foi Félix de Valois e Silva¹⁰, que em 1790, descreveu os primeiros banhos que surgiram nas Furnas, designadamente, os banhos de Sant'Ana, de António Moniz Cabral, também conhecidos pelos Banhos do Tio Cabaço¹¹, no sítio do Sanguinhal,¹² de condições deploráveis, era uma simples barraca ou “choça” de colmo com um reservatório de madeira, inserido no chão a trinta ou quarenta centímetros de profundidade, com buracos no fundo tapados por batoques para escoamento, e abastecido por bicas de madeira.¹³ Com as mesmas condições encontrava-se instalada, no sítio das Caldeiras, a casa de banho de veraneio de D. Maria Madalena da Câmara, que prontamente se fez acompanhar pelas casas de banhos

⁷ DIAS, Urbano M. – *História do Vale das Furnas*. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.98

⁸ *Ibidem*, P.126-127

⁹ LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In *INSULANA*. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.P.52

¹⁰ Habitante da Ilha da Madeira, que por desacreditação dos métodos medicinais continentais dirigiu-se aos Açores, onde nas Furnas, na ilha de São Miguel, efectuou um tratamento termal com êxito.

¹¹ Banhos construídos por Agostinho de Barros Lobo, o organizador do cadastro dos bens confiscados aos Jesuítas.

¹² DIAS, Urbano M. – *História do Vale das Furnas*. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.125

¹³ *Ibidem*, P.104

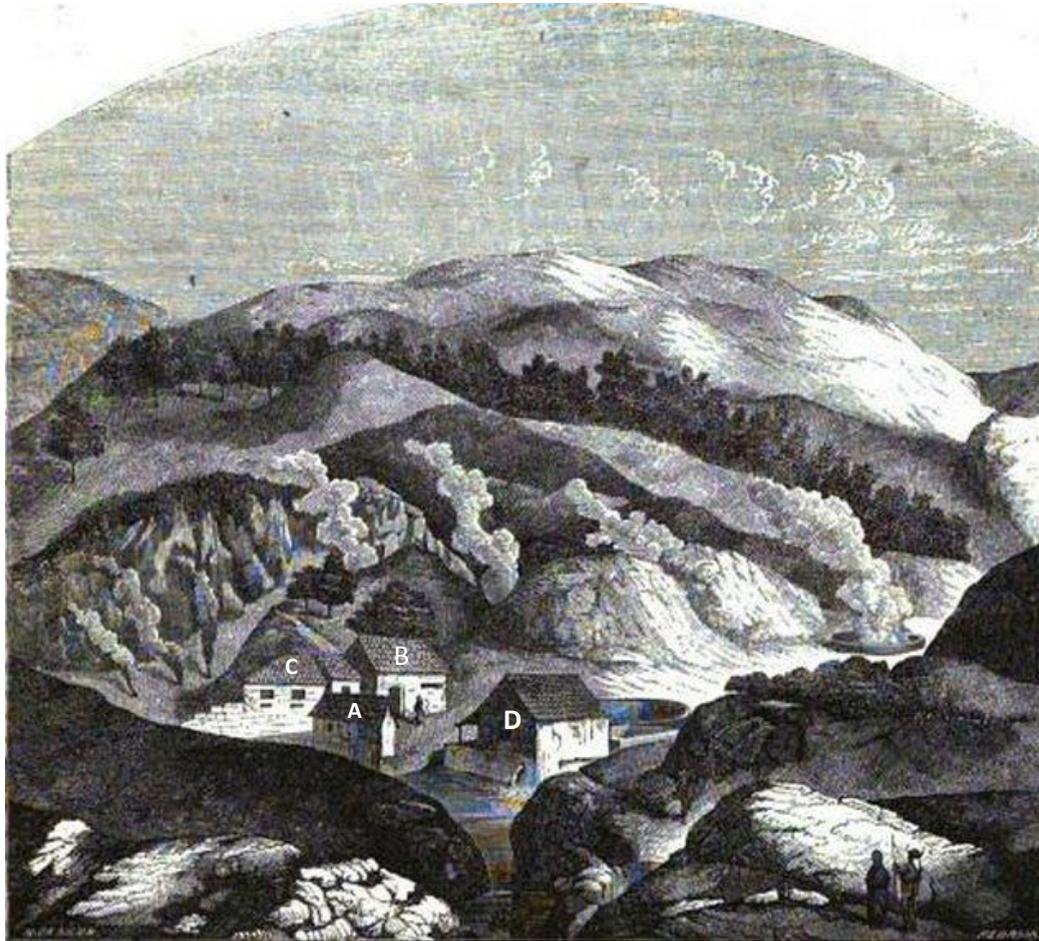


Fig.25_ Vale das Furnas, Vista sobre o lugar das Caldeiras. A- Banhos de João José loureiro, B- Banhos de Thomas Hickling, C- Banhos de Morgado Francisco Botelho d'Arruda D- Banhos de António Albuquerque

quentes de João José da Silva Loureiro e de Thomas Hickling¹⁴, ambos estruturalmente de alvenaria de pedra vulcânica e com estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo, eram balneários abastecidos pelas águas da Caldeira Grande captadas através dos cursos de água vincados na terra, todavia, não existe registo da organização, do número e do tipo de banheiras destes dois edifícios.¹⁵ (ver Fig. 25)

Foi no decorrer das primeiras décadas do século XIX, sobretudo nas Caldeiras, que foram construídos inúmeros edifícios termais devido à crescente procura da cura através da prática dos banhos quentes. Todavia, a exploração dos banhos não estava dependente apenas da iniciativa de particulares, tendo também, as instituições de solidariedade social, como por exemplo, a Misericórdia de Ponta Delgada, e os poderes públicos, como as autarquias, mostrado empenho em melhorar as condições no Vale das Furnas.¹⁶ Assim, foi construído em 1813, como produto de uma subscrição promovida por particulares e mais tarde propriedade da Câmara da Povoação¹⁷, o Chalet Frio ou o Banho das Misturas¹⁸, caracterizado pelo seu traçado arquitectónico de influência inglesa, estruturalmente de alvenaria de pedra, caiada e pintada a branco, e com cobertura de madeira, estava organizado por um átrio central, ladeado por dois quartos de banho, cada qual com uma banheira de grés. (ver fig.26)

¹⁴ Foi o primeiro cônsul dos Estados Unidos nos Açores e o grande dinamizador das Furnas pela divulgação da qualidade das águas termais e dos seus benefícios para a saúde. A ele se deve a construção do parque Terra Nostra, que mais tarde passou a ser posse do Visconde da Praia.

¹⁵ DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.127-128

¹⁶ LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In **INSULANA**. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.P.50

¹⁷ ACCIAUOLI, Luiz; NARCISO, Armando – Águas minerais do Continente e Ilha de S.Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L.^{DA}, 1940. P. 161

¹⁸ De acordo com Joseph e Henry Bullar, na obra *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas* (1839), este balneário era abastecido por águas férreas e sulfúreas, e descrevendo o processo do abastecimento do Chalet Frio afirmam que “[...] a água férrea está num tanque ou reservatório por detrás do edifício e a sulfúrica, brota na caldeira a certa distância do, dirigindo-se por goteiras, ou regos cavados no solo, para pias de pedra nas traseiras dos banhos. A água fica detida para os banhos por meio de obturadores de madeira; quando se tira o batoque no tanque, precipitam-se duas correntes de água férrea e sulfúrea - a primeira muito fria a segunda escaldante – para dentro de um recipiente de pedra no balneário, lançando-se em seguida na banheira onde finalmente se misturam por completo.” (J.Bullar & H. Bullar, p.317)



Fig.26_ Chalet Frio ou Chalet das Misturas, o primeiro balneário termal público, pertencente à junta Geral.

Pouco tempo depois, em 1815, surgiu a casa de banhos quentes públicos das Quenturas¹⁹, mandada construir pelo Município da Vila Franca do Campo com o auxílio de alguns particulares, por efeito da Correição de 6 de Junho de 1815, do Desembargador João José da Veiga à Câmara de Vila Franca do Campo.²⁰ Localizava-se longe das casas, num campo solitário, junto da ribeira e a pouca distância das Caldeiras, das quais fica separado por uma elevação do terreno. Era alimentada pelas águas férreas a 59°C e pela água da Caldeira Grande.²¹ Não existe registo sobre a organização e o número de banheiras deste edifício, mas sabe-se que tinha pequenas dimensões.²²

Segundo os registos cartográficos das caldeiras e do vale das Furnas de 1820, de Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque na obra *Observações sobre a Ilha de São Miguel* (1825), podemos perceber a localização dos edifícios construídos até à data e a relação dos mesmos com as nascentes de água mineral. Nestes mesmos registos, podemos ver que nesta altura já se encontrava construída a Casa de Banhos de António Albuquerque²³, (ver Fig. 27) o Barão das Laranjeiras, um pequeno edifício de estrutura em alvenaria de pedra, caiada e pintada a branco, e com estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo. Outra casa de banho de veraneio foi construída num terreno baldio logo abaixo da casa de banho do Cônsul Hickling, a casa de banhos quentes de Morgado Francisco Botelho d'Arruda.²⁴ (ver Fig. 28)

¹⁹ A água das quenturas “ [...] brota abundantemente por uma fenda na orla do campo. Jorra sem ruído, da nascente, calmamente separando-se em duas correntes, uma das quais cai num tanque próximo, onde arrefece, dirigindo-se a outra a uma goteira de pedra donde se caminha directamente para as traseiras dos banhos. Na extremidade do tanque de arrefecimento, um pequeno obturador regula a saída de água, a qual, por meio de outra goteira de pedra, é levada a misturar-se com a sua corrente mais quente antes de chegar ao balneário.” (J.Bullar & H. Bullar, p.316)

²⁰ DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P. 131

²¹ BULLAR, Joseph; BULLAR Henry – A monotonia das termas; O Tanque; Banhos quentes; Dia de S. João; Alojamentos nas Furnas; Os patriarcas do Vale; O Clima; Açorianos gordos; Indigestões e suadoiros. In **Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas**. 1ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1939. P.316

²² DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.130-131

²³ Edifício composto por três quartos de banho separados por paredes de taipa, cada qual com uma banheira de pedra basáltica, abastecidas pelas águas da Caldeira Grande. O maior quarto de banho pertencia ao proprietário, e os restantes dois, mais pequenos, serviam o público, na zona pública havia um átrio ou sala de espera, de acesso ao balneário das crianças e ao balneário dos adultos.

²⁴ SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L.^{DA}, 1940. P.117



Fig.27_ Antigos banhos de António Albuquerque, Barão das Laranjeiras.

Entretanto, são construídos três casas de banhos, localizados no centro do povoado da freguesia das Furnas que são providos de um grupo de águas férreas que sai de um rochedo, perto da confluência da ribeira da Murta com a ribeira Quente.²⁵ (Ver Fig.28) Um dos banhos construídos é designado por casa de Banhos da Ribeira²⁶, construída a mando do Padre Anjos, frade da ordem menor de S. Francisco, e era a casa mais frequentada na altura, não só pela temperatura suave das suas águas, como pelas suas qualidades terapêuticas.²⁷ Após a morte do seu proprietário o edifício foi vendido à Camara da Povoação, ficando este edifício designado por Banhos da Câmara.²⁸ (Ver Fig.29) Os outros dois balneários foram construídos numa propriedade privada e abastecidos por uma nascente férrea de 48,5°C: um pertence a Eugénio da Câmara²⁹; o outro pertence a Albano da Ponte ou Morgado Gil Gago da Câmara^{30, 31} (Ver Fig. 30)

Todos estes novos balneários representavam um significativo melhoramento relativo às condições deploráveis dos balneários primitivos, mas apresentavam um aspecto muito pouco convidativo.³² A Câmara da Povoação mantinha em funcionamento os banhos das Quenturas, Férreos e os das Misturas, mas era urgente dar resposta à chegada de inúmeros doentes que

²⁵ DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.129

²⁶ Este apresentava-se estruturalmente em alvenaria de pedra, com estrutura da cobertura em madeira e telha de canudo, organizava-se segundo um hall de acesso às instalações sanitárias de apoio aos usuários dos banhos e aos três quartos de banhos, dois com uma banheira de grés e outro com duas, abastecidas por duas nascentes, uma férrea de 39°C e a outra, carbonatada de 30,3°C. A água férrea seguia directamente para o balneário e a carbonatada seguia para um tanque de arrefecimento aberto, o que dificultava o processo. Após a sua construção um dos quartos de banho foi convertido em dois, ficando o edifício com quatro quartos de banho com uma banheira cada.

²⁷ DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.129

²⁸ ACCIAUOLI, Luiz; NARCISO, Armando – **Águas minerais do Continente e Ilha de S. Miguel**. Lisboa: Sociedade Astória, L.^{DA}, 1940. P. 8

²⁹ Estruturalmente em alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo, composto por um alpendre e dois quartos de banho com uma banheira de basalto cada, onde uma destinava-se aos proprietários e a outra para o uso do povo.

³⁰ Estruturalmente em alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo, composto por um átrio, uma arrecadação e um quarto de banho com uma banheira de grés, este destinava-se exclusivamente ao proprietário.

³¹ ACCIAUOLI, Luiz; NARCISO, Armando – **Águas minerais do Continente e Ilha de S. Miguel**. Lisboa: Sociedade Astória, L.^{DA}, 1940. P.9

³² LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In **INSULANA**. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.P.50

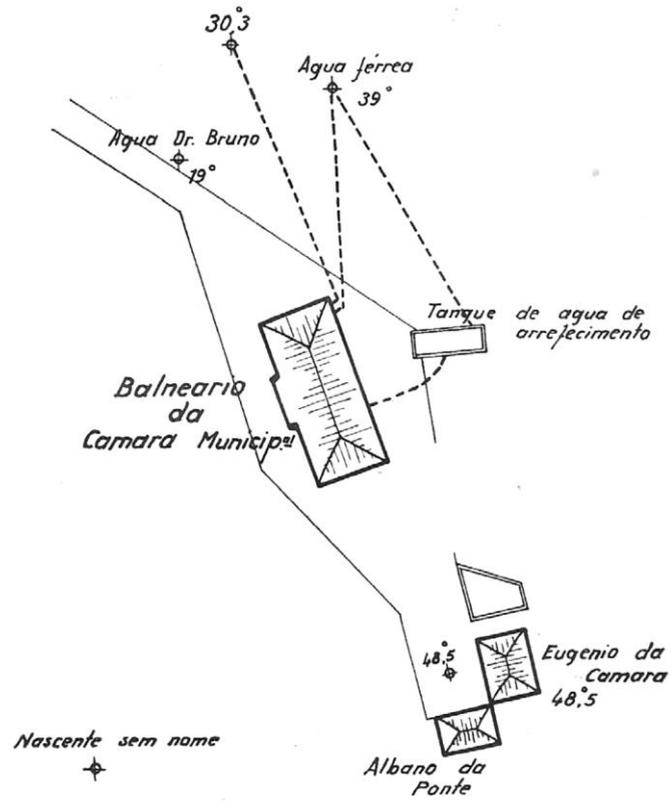


Figura.28 _ Croquis dos Banhos da câmara e particulares. Relação com o grupo de nascentes.

ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel



Fig.29_ Banhos da Câmara Municipal.



Fig.30_ Balneários privados de Eugénio da Câmara e Albano da Ponte

se aglomeravam à volta do balneário que lhes era destinado, “alguns de moletas, outros demasiados fracos para se manterem de pé, deitados em esteiras, aguardando com paciência a sua vez, formando um quadro vivo e sugestivo do “tanque” junto ao qual se jazia uma grande multidão de inválidos, coxos, enfezados, à espera que a água se agitasse, prova eloquente das propriedades curativas dessas águas.” (Luz, 1995, p.51) Perante este quadro de abandono e incapacidade de explorar as potencialidades naturais da região, começaram a surgir propostas de navegadores visionários com vontade de mudar este panorama, afirmando que a administração inglesa traria benefícios às ilhas, uma vez que a exploração da navegação a vapor colocaria os Açores ao alcance de todas os países da Europa, e o governo inglês responsabilizar-se-ia pela promoção da virtudes curativas das inúmeras e valiosas águas minerais que lá abundavam, dotando o Vale com requisitos indispensáveis para uma confortável estadia e uma orientação médica adequada à utilização das termas.³³

Foi com base nos investimentos de associações da ilha que a situação foi melhorando progressivamente, até que a Misericórdia de Ponta Delgada fez construir, em 1851, um Hospital Termal, o *Filantropia Micaelense*. Traçado pelo Oficial da engenharia Francisco Maria Montano, pela necessidade de uma assistência médica eficaz e pela hospitalização de um elevado número de pacientes, sobretudo pobres provenientes de todas as zonas da ilha.³⁴ Era alimentado pelas águas da Caldeira Grande, constituído por duas enfermarias com capacidade para quarenta doentes com actividades e funções contínuas, devido à existência de um médico efectivo, com a obrigação de elaborar um relatório sobre o efeito das águas em cada um dos casos de tratamento, de modo a estudar a balneoterapia, uma pesquisa até então muito descuidada. Anos depois, foi convertido numa escola primária.³⁵ (Ver Fig.31)

³³ LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In **INSULANA**. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.P.52

³⁴ DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.135-136

³⁵ LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In **INSULANA**. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995. P.53

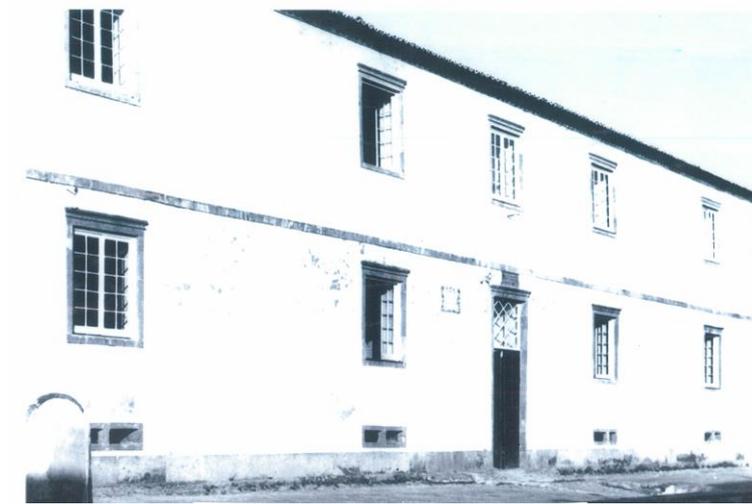


Fig.31_ Hospital *Filantropia Micaelense*

Fig.32_ Banhos da Condessa de Cuba

No entanto, surgiu a Casa de banhos da Condessa de Cuba³⁶, que se resumia à ampliação do antigo edifício do Morgado Francisco Botelho d'Arruda e à apropriação do edifício termal do Cônsul dos Estados Unidos.³⁷ (Ver Fig.32)

Face à incapacidade de resposta das pequenas casas de banhos para atender a crescente procura dos aquistas, começou a ser construída em 1863, devido às persistentes diligências efectuadas junto do Governo Central pelo Governador do Distrito, Doutor Félix Borges de Medeiros, e pela Junta Geral, um estabelecimento termal público de muito boas condições designado por Banhos Novos.³⁸ (Ver Fig.33 e 34) Desenhado pelo director das obras Públicas da Povoação, o engenheiro Ricardo Júlio Ferraz, localizava-se no sítio dos antigos banhos das Quenturas, o edifício com uma área total de 1845 m², rectangular, com quatro alas, medindo 33.6 metros de frente e 21 metros de profundidade cada, estruturalmente de alvenaria de pedra, caiada e pintada a branco, estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo e pavimento de pedra basáltica.³⁹ (Ver Fig.35) Um corpo central o ponto distribuidor de acessos para todas as dependências, entre as quais, a moradia do médico-director que se encontrava no piso superior. Este mesmo corpo central era marcado por um grande hall de entrada, e dois corpos laterais, a ala feminina e a ala masculina, que albergavam consultórios, quartos de banhos com banheiras de grés, salas de duches, salas de inalações, quartos de repouso, instalações sanitárias, entre outros espaços. O novo edifício das Quenturas, os Banhos Novos, começou a receber os primeiros doentes por volta de 1870 e funcionava como um hospital, onde os tratamentos eram feitos à base de lama e da água da Caldeira Grande.⁴⁰

³⁶ Esta casa de banho remonta aos anos cinquenta do século XIX, tinha estrutura em alvenaria de pedra local e estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo, tinha forma curva e localizava-se face à rua, o edifício era composto por sete quartos de banho, seis quartos públicos, dois sem antecâmara e outros dois com antecâmara e um banho sentado.

³⁷ DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.128

³⁸ *Ibidem*, P.53

³⁹ *Ibidem*, P.133-134

⁴⁰ *Ibidem*



Fig.33 e 34_ Os Banhos Novos, o Hospital termal das Furnas.



Fig. 35 _ Corredor das alas laterais do Hospital Termal.

Após a construção do balneário hospitalar dos Banhos Novos as autoridades administrativas não impediram o funcionamento dos balneários particulares existentes e a construção de novos para utilização do recurso hidrológico.⁴¹ Foi dada a autorização da Câmara Municipal da Povoação, a 17 de Março de 1866, a José Maria Raposo d’Amaral para a edificação de uma casa de banhos⁴² - actualmente conhecida por Chalet da Tia Mercês - com a obrigação de dispor uma banheira ao povo, localizada próximo de umas das vias principais de acesso às Caldeias do Vale das Furnas, próxima dos novos Banhos das Quenturas, inserida num terreno ingreme numa das margens da ribeira Quente.⁴³ Implantada num plano mais baixo da Caldeira Grande, que provia directamente um tanque de arrefecimento nas traseiras do balneário que juntamente com as águas da Caldeira do Asmodeu, abastecia as duas banheiras de grés existentes no interior do edifício.⁴⁴ (ver Fig. 36)

Embora os pequenos estabelecimentos não fossem tomados como concorrência para com o Grande Balneário da Junta Geral, não foram autorizadas as obras de remodelação do sistema de captação do balneário da Condessa de Cuba; a construção do Banho dos Leprosos localizado próximo do Chalet das Misturas ou Frio; e a conclusão da construção do balneário Marques Moreira, ficando desde então em ruínas.⁴⁵ No decorrer do tempo, o edifício dos Banhos Novos das Quenturas foi alvo de algumas intervenções, como a ampliação do edifício para a adição de duas enfermarias, entre outras remodelações falhadas a nível das condições de salubridade e da captação da água condicionando a preservação das propriedades das nascentes. Isto privou, durante algum tempo, a funcionalidade do hospital, dificultando o

⁴¹ SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.114-115

⁴² Estruturalmente em alvenaria de pedra local e estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo, caracterizava-se pela sua planta livre, onde um biombo de madeira organizava o espaço, servindo como separador entre o quarto com a banheira maior que servia a família do proprietário e a outro, com a banheira mais pequena, servia o público.

⁴³ ACCIAUOLI, Luiz; NARCISO, Armando – Águas minerais do Continente e Ilha de S. Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.25

⁴⁴ SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.113

⁴⁵ *Ibidem*, P.114-115

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel



Fig.36_ Chalet Do José Raposo d'Amaral
Fig.37_ Banhos de Sant'Ana.

tratamento dos enfermos e sentindo-se a necessidade de recorrer aos edifícios termais particulares, sobretudo, aos pequenos edifícios da Câmara, especificamente, o Chalet Frio que, por muito afamado pelo tratamento da arteriosclerose, foi submetido a uma ampliação, na qual foram adicionados mais dois quartos de banho ao edifício, acedidos por um corredor com duas instalações sanitárias de apoio.⁴⁶

Nas primeiras décadas do século XX, no Sanguinhal, foram construídos os banhos de Sant'Ana, o edifício termal de Mariano Luís Cabral (Ver Fig.37), o neto do proprietário dos antigos banhos dos Cabaços que haviam sido abandonados e destruídos por intempéries.⁴⁷ Era um edifício estruturalmente de madeira com telha de canudo, estava organizado por um átrio, uma pequena arrecadação e por dois quartos de banhos, um público e o outro particular, com uma banheira de grés cada, alimentadas pela nascente das águas do Sanguinhal a 43,5°C. Era muito procurado pelos benefícios das suas águas no tratamento de doenças dermatológicas.⁴⁸

O parque Terra Nostra, o ex-libris do Vale das Furnas, fundado em 1780 por Thomas Hickling, foi ao longo dos anos um ponto de encontro das personalidades mais ilustres que se dirigiam ao vale pelas paisagens paradisíacas e pela prática dos banhos termais, e encontrava-se num estado de degradação avançado que perdurava desde a morte dos seus proprietários, os Viscondes da Praia.⁴⁹ Foi em 1935 que o Hotel Terra Nostra abriu ao público, sendo um sucesso dada a relação de proximidade entre o edifício hoteleiro e o Parque, mas somente alguns anos mais tarde a Sociedade Terra Nostra adquiria toda a propriedade sob a direcção de Vasco Bensaúde, que contrata o jardineiro escocês John McInroy que viria supervisionar a

⁴⁶ SOLLÁ, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.114-115

⁴⁷ DIAS, Urbano M. – História do Vale das Furnas. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.126

⁴⁸ DIAS, Urbano M. – História do Vale das Furnas. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. P.126

⁴⁹ PARQUE TERRA NOSTRA – História. [Em linha]. [Consult. 20 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.parqueterranostra.com/pt-pt/hist%C3%B3ria.aspx>>.

restauração do Parque Terra Nostra.⁵⁰ Nessa altura, a *Yankee Hall*⁵¹ é reabilitada, o grande tanque aumentado e revestido com pedra de cantaria, passando a ser abastecido por uma nascente local de água férrea de 25°C, os lagos e os seus os canais são restaurados, muitos dos percursos do jardim foram redescobertos e conservados, e fizeram-se novas plantações.⁵² (Ver Fig. 38) Com isso na década de 30, o Vale assume-se como um centro termal, é construído o Casino que se destinava ao entretenimento dos hóspedes do Hotel e da sociedade micaelense, porém, com decorrer da segunda Guerra Mundial, houve um declínio acentuado no fluxo de visitantes, mas o Hotel manteve-se firme aos seus ideais e o Parque Terra Nostra foi continuamente tratado.⁵³

Como foi referido por Jorge Mangorrinha e Helena Pinto na obra *O Desenho das termas, A história da Arquitectura Termal Portuguesa* (2009), na segunda metade do século XX sentiram-se algumas manifestações de relevo na arquitectura termal, perdeu-se a sua divulgação associada à descontinuidade das actividades ritualísticas e à marginalização das curas termais. Os autores ainda afirmam que a desactualização dos edifícios e dos equipamentos obrigava a que os seus concessionários procurassem condições para a sua modernização. Assim, surge um conjunto de projectos com a particular responsabilidade de garantir a preservação dos recursos e a qualidade dos investimentos, sendo necessária a implementação de uma nova legislação.⁵⁴

Entretanto, em 1971 a Direcção de Obras Públicas elabora um Plano de Urbanização das Furnas para a protecção das zonas termais e valorização das suas nascentes, através da:

⁵⁰ PARQUE TERRA NOSTRA – História. [Em linha]. [Consult. 20 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.parqueterranostra.com/pt-pt/hist%C3%B3ria.aspx>>.

⁵¹ A residência de veraneio de Thomas Hickling, o Cônsul dos Estados Unidos na ilha de São Miguel, comprada pelo Visconde da Praia e reconstruída a 1845.

⁵² Parque terra Nostra – História. [Em linha]. [Consult. 20 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.parqueterranostra.com/pt-pt/hist%C3%B3ria.aspx>>.

⁵³ Ibidem

⁵⁴ MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – *O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa*. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4. P.292

delimitação destas mesmas zonas atendendo à situação de cada nascente e caldeiras; proibição de construções que não sejam de carácter hidrológico nas zonas termais; redução/redefinição dos seus terrenos devido à construção de vias, passeios, estabelecimentos/piscinas termais, entre outros, e à cultura agrícola.⁵⁵ Ainda, deviam ser eliminadas as construções existentes, como por exemplo, as ruínas dos banhos do Marques Moreira e do hospital *Filantropia Micaelense*, a Casa de Banhos da Condessa de Cuba, excepto o Balneário Principal.⁵⁶ Atendeu-se à pormenorização das captações das nascentes, construindo-se pequenas *buvettes* para cada uma delas; à recuperação dos balneários de nascentes com valor medicinal, nomeadamente, o Chalet frio e os Banhos da Ribeira, ou seja, os banhos quentes públicos; e por fim, à construção de piscinas públicas de águas da mesma natureza, particularmente, a Poça da Tia Silvina (Ver Fig.39) – localizada na Avenida Manuel Arriaga, nas proximidades dos Banhos Novos, inserida numa das margens da ribeira Quente, é uma pequena piscina de quarenta centímetros de profundidade abastecida por uma nascente de emergência a 40°C, usada pela população no tratamento de Dermatoses⁵⁷ - e a Poça da Dona Beija⁵⁸ (ver Fig.40) - inicialmente conhecida por *Poça da Juventude* ou *Poço do Paraíso*, passou despercebida no meio da diversidade de águas termais para banhos das Furnas, pela sua discreta localização na zona ocidental da freguesia denominada por Águas Quentes, na margem de um pequeno canal da ribeira que forma a jusante Ribeira dos Lameiros, onde “a água quente brotava para o solo enriquecendo-o para a produção agrícola dos famosos *Inhames de água quente* das Furnas”.⁵⁹ Este espaço nasceu de um conjunto de nascentes

⁵⁵ VICENTE, Abilino – *Estação Termal das Furnas: Zonas Termais a defender no Plano de Urbanização e algumas considerações acerca da sua valorização*. Ponta Delgada: Direcção das Obras Públicas, 1958. P.6-7

⁵⁶ *Ibidem*, P.9

⁵⁷ GOVERNO DOS AÇORES – Furnas. [em linha]. [Consult. 19 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/6C09D463-E09A-40EC-A886-7357C032346F.htm>>.

⁵⁸ VICENTE, Abilino – *Estação Termal das Furnas: Zonas Termais a defender no Plano de Urbanização e algumas considerações acerca da sua valorização*. Ponta Delgada: Direcção das Obras Públicas, 1958. P.9

⁵⁹ POÇA DONA BEIJA – História. [Em linha]. [Consult. 20 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.pocadadonabeija.com/#apoca>>.

férreas do Sanguinhal e, segundo um legado popular, terá sido um pároco da freguesia o primeiro aquista da pequena poça de água quente da gruta da Lomba das Barracas.⁶⁰ Aos poucos a Poça ganhou fama e, em 1988, devido à afluência ao local deu-se a primeira intervenção governamental, ficando esta conhecida mundialmente pela beleza da sua paisagem natural.⁶¹

No entanto, devido à desactualização dos pequenos edifícios termais e da alteração dos hábitos da prática dos banhos foram empregues novas funcionalidades aos mesmos, por parte dos seus proprietários ou entidades responsáveis, indo de encontro às necessidades de uma cultura em desenvolvimento, em que o sector do turismo vem assumindo um papel importante.⁶² Como exemplos temos: a conversão da Casa de Banhos do Barão das Laranjeiras onde o espólio e o traçado original do edifício mantiveram-se havendo apenas alterações na sua envolvente. Foi Casa-Museu, Posto de Turismo, mas devido ao aparecimento de uma caldeira nas suas fundações, todas as actividades que pudessem decorrer no espaço foram interditas por um determinado tempo, sendo actualmente a Loja de Artesanato das Furnas; o Banho das Misturas que também manteve o seu traçado original, embora o interior tenha sido muito alterado, foi em 2010, convertido num laboratório, composto por um gabinete, quatro salas expositivas e o corredor, cuja utilização varia conforme as necessidades e actividades do centro, procurando assumir um papel importante na investigação da ecologia microbiana. Actualmente, uma das banheiras antigas encontra-se em exposição⁶³; o edifício dos Banhos da Ribeira ou Banhos da Câmara, cujo traçado foi parcialmente conservado, foi submetido na década de 90 do século XX, a uma intervenção, onde numa primeira fase, foi agregado ao corpo primitivo um espaço constituído por uma

⁶⁰ *Ibidem*

⁶¹ *Ibidem*

⁶² NUNES J. [et al.] – *Águas Termais dos Açores: Passado, Presente e Futuro*. São Miguel, Açores: INOVA, 2015. ISBN: 978-84-606-9368-0.

⁶³ OBSERVATÓRIO MICROBIANO DOS AÇORES – OMIC. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://omic.centrosociencia.azores.gov.pt/omic/omic>>. [Consult. 15 Jan. 2016].

piscina termal de águas férreas, em que dois dos seus quatro quartos de banho foram convertidos em instalações sanitárias de apoio à mesma e as banheiras de grés substituídas por banheiras de ferro revestido com esmalte; numa segunda fase, é construído um espaço comercial, agregado e complementado pelas estruturas já existentes e os restantes quartos são transformados, num espaço expositivo, e o outro numa arrecadação de apoio ao restaurante, actualmente existente; por último, o Chalet da Tia Mercês, alvo de uma conversão para uma Casa de Chá em que o seu espólio se encontra actualmente em exposição. O seu traçado manteve-se fiel ao original, sofrendo apenas algumas intervenções relativamente ao seu espaço envolvente, como a construção de um pequeno anexo adossado a uma das suas fachadas e a instalação de bancos e mesas de pedra basáltica de apoio à nova função a que havia sido adaptado.

Por vias da existência de recursos hidrominerais, termais e geotérmicos com elevado potencial de investimento nos sectores do termalismo e águas minerais naturais, o sector do turismo começou a desempenhar um papel activo no desenvolvimento social e económico da região, aumentando continuamente o número de aquistas que frequentavam as zonas termais do Vale, assim, surge a necessidade de requalificar os balneários termais e/ou em infra-estruturas lúdicas e de bem-estar, os Spa.⁶⁴ Estes aspectos traduziram-se em intervenções nos três locais mais importantes das zonas termais das Furnas, que são hoje em dia, os pontos turísticos mais emblemáticos da ilha.

Foi em 2013 após uma minuciosa intervenção no Parque Terra Nostra, que este passou a ter uma relação mais íntima com o Terra Nostra Garden Hotel, fornecendo-lhe o algumas ervas e vegetais para consumo no Restaurante, e sobretudo, o Centro de Wellness, que pretende tirar partido do imenso potencial do Parque para os tratamentos estéticos e de

⁶⁴ NUNES J. [et al.] – *Águas Termais dos Açores: Passado, Presente e Futuro*. São Miguel, Açores: INOVA, 2015. ISBN: 978-84-606-9368-0.





bem-estar.⁶⁵ É o Tanque Termal o ponto de atracção principal dos visitantes que procuram o Parque Terra Nostra e o hotel, uma vez que está actualmente, complementado por uma nova piscina de menor dimensão e umas instalações sanitárias de apoio.⁶⁶

Por seu turno, o emblemático hospital termal dos Banhos Novos das Quenturas, que se encontrava desactivo desde cheias e das catastróficas intempéries de 1996, foi submetido a uma reabilitação da autoria do arquitecto Miguel Saraiva, iniciada em 2006 e inaugurado em 2015, como Furnas Boutique Hotel, o hotel termal da ilha de São Miguel. O grande desafio do arquitecto nesta intervenção foi a manutenção e recuperação da traça original do antigo Centro Termal das Furnas⁶⁷, a dicotomia antigo/novo, é marcada pela coexistência de uma estrutura metálica envidraçada inserida sobre a estrutura em alvenaria de pedra do edifício primitivo. A intervenção pauta-se pela adição de um novo corpo que alberga a zona de Spa e tratamentos ao corpo, já existente, que recebe o programa de hotel. A disposição interior do corpo principal do edifício deriva directamente do aproveitamento espacial do edifício primitivo, composto: no piso térreo, átrio e uma sala de reuniões na zona central, o restaurante, bar e outros serviços na ala lateral esquerda e quartos com aproveitamento da métrica estrutural preexistente na ala lateral direita; no piso superior encontra-se uma zona de distribuição para quartos nas alas esquerda e direita e, nas traseiras da ala central, a zona de tratamentos e a ligação ao edifício anexo. A cobertura das alas laterais dispõe de zonas de iluminação interior abundante, criando um ambiente translúcido.

Localizada no exterior, a nascente do edifício principal, a zona de Spa, Health e Fitness, que inclui as piscinas, de interior e exterior, os banhos e o Fitness Club, assumindo, este corpo um destaque natural dado o seu desenho de modo a proporcionar aos clientes a relação entre

⁶⁵ TERRA NOSTRA GARDEN HOTEL – Parque Terra Nostra. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.bensaude.pt/terranostragardenhotel/hotel/parque-terra-nostra>>.

⁶⁶ *Ibidem*

⁶⁷ ARCHDAILY – Furnas Boutique Hotel. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.archdaily.com.br/br/768203/furnas-boutique-hotel-thermal-saraiva-plus-associados-plus-nini-andrade-silva>>.

os recursos naturais envolventes e o conceito desenvolvido ao nível do design de interiores, onde o equilíbrio entre o interior e o exterior é alcançado através da selecção de materiais e acabamentos com texturas e tonalidades cinza e branco e neutras, havendo uma alusão directa às pedras vulcânicas das Furnas. Caracterizado pelas suas linhas e volumetria simples, de estrutura metálica e preenchido por grandes vãos de vidro duplo, e envolvida exteriormente por um ripado vertical de lâminas de madeira. No exterior, encontra-se um plateau em deck de madeira, com ligação ao interior do Spa por um conjunto alargado de portas envidraçadas que proporcionam a forte relação interior-exterior e evidenciam a envolvente paisagística.

A Poça da Dona Beija sempre foi um dos locais termais mais emblemáticos do Vale e dado o incremento não controlado do número de aquistas no local, quer residentes, quer visitantes/turistas, surgiram conflitos de interesse por parte da Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, que em 2005, alude à urgência de um plano de intervenção.⁶⁸ Em 2007, por questões de segurança e saúde pública, a nascente termal é fechada ao público e é iniciada uma requalificação da zona termal, sendo concluída apenas em 2010.⁶⁹ Nesta primeira intervenção foram construídas na margem da Ribeira dos Lameiros duas piscinas, uma modesta bilheteira, instalações sanitárias e um vestiário de apoio aos banhos. Por motivos de vandalismo nas instalações e agravado o risco de contaminação das águas minerais, nos finais de 2014 e inícios de 2015, ocorreu uma intervenção para a requalificação da Poça, levada a cabo pela empresa Criações Naturais Lda.⁷⁰ Esta requalificação teve como objectivo a melhoria das condições de segurança e da exploração recursos naturais existentes no local⁷¹, através da: substituição do todo o pavimento do percurso de acesso às piscinas por um ripado de madeira de criptoméria da região, dado o desgaste dos materiais existentes, causado pela sua

⁶⁸ POÇA DONA BEIJA – História. [Em linha]. [Consult. 20 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.pocadadonabeija.com/#apoca>>.

⁶⁹ *Ibidem*

⁷⁰ *Ibidem*

⁷¹ ARCHDAILY – Piscinas termais da Poça Dona Beija. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.archdaily.com.br/br/768848/piscinas-termals-poca-da-dona-beija-m-arquitectos>>.





grande afluência; construção de mais um núcleo de piscinas, composta por um tanque e um lava-pés, no sentido de aumentar a capacidade da área balnear do recinto; demolição da antiga bilheteira e de um volume de apoio, que se encontravam implantadas junto à entrada principal do recinto, que por exigências programáticas foram substituídos por um único edifício que otimiza os espaços de serviço e toda a entrada no recinto, com uma linguagem arquitectónica que estabelece uma relação de maior equilíbrio com a envolvente.⁷²

O novo edifício, localizado a uma distância mínima de 7 metros de margem da ribeira e com base numa directriz paralela ao muro periférico existente a sul, é composto por uma cobertura de uma água e revestido integralmente por um ripado de madeira de criptoméria, o seu interior organiza-se pela portaria/bilheteira, uma instalação sanitária para os funcionários, um compartimento para arrumos e uma área de exposição ou loja.⁷³ O núcleo das piscinas é formado por cinco piscinas de temperaturas diferentes e profundidades, porém, novas piscinas localizadas na margem norte da ribeira foram construídas com base nas estruturas já existentes e o seu acesso é assegurado por um passadiço de estrutura metálica, revestido por um ripado de madeira de criptoméria. De um modo geral, a utilização de materiais endógenos dos Açores, estabelece uma melhor simbiose entre a exploração dos recursos naturais e a intervenção humana.⁷⁴

⁷² ARCHDAILY – Piscinas termais da Poça Dona Beija. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.archdaily.com.br/br/768848/piscinas-termais-poca-da-dona-beija-m-arquitectos>>.

⁷³ *Ibidem*

⁷⁴ *Ibidem*



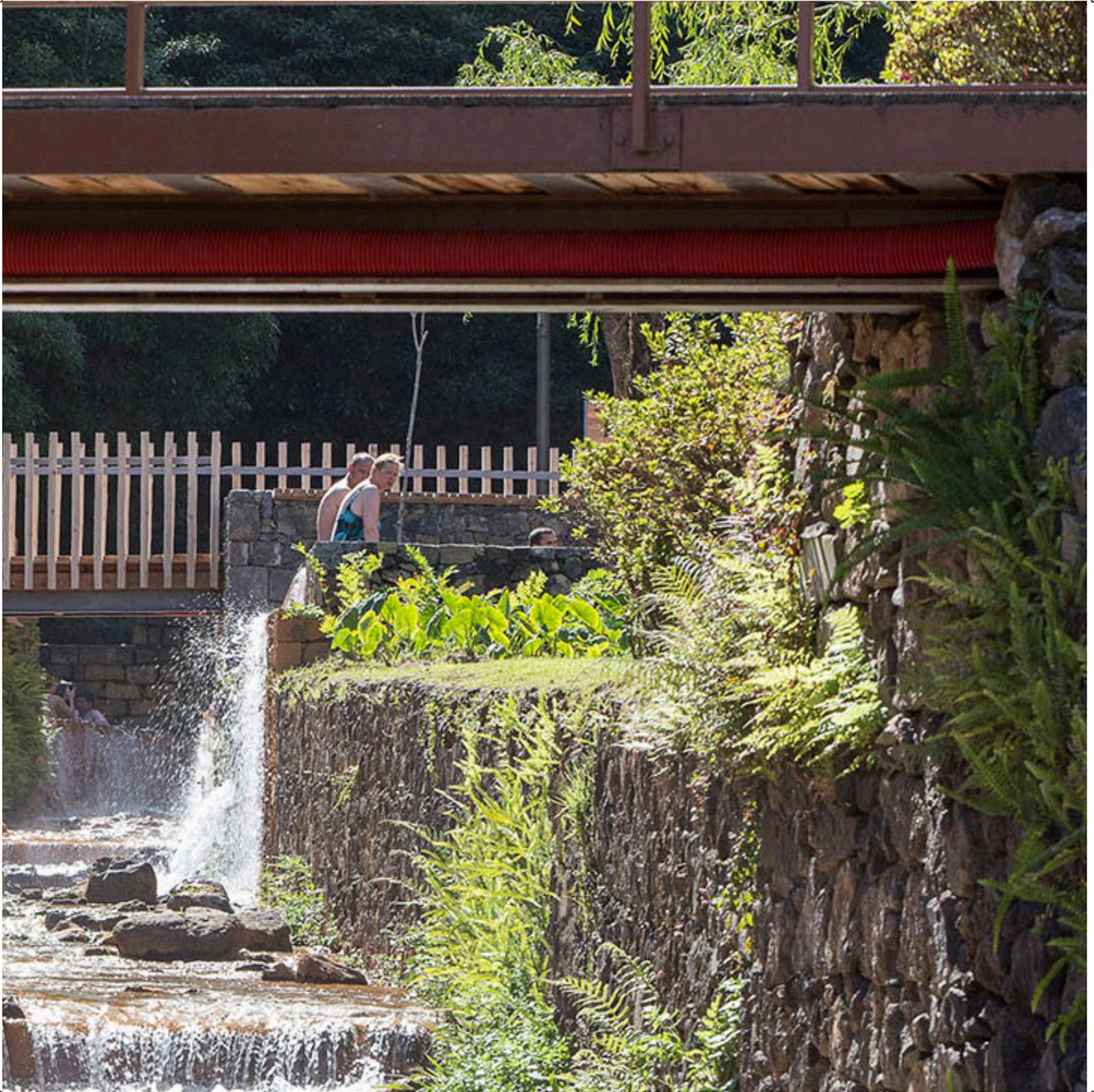












ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

3.2. RIBEIRA GRANDE

A cidade da Ribeira Grande, a Sede do Concelho com a mesma designação, situa-se na costa norte da ilha de S. Miguel e ergue-se numa planície extensa ao longo de uma vasta enseada atravessada por uma larga ribeira, a qual lhe atribuiu o nome. O seu povoamento data os finais do século XV, após a vinda dos primeiros colonos para a ilha São Miguel, particularmente, lavradores provenientes da Povoação e de Vila Franca do Campo fixando-se e erguendo as primeiras casas junto ao mar, na zona de Santo André.¹ A actividade termal nesta zona da ilha teve início no século XVII dada a descoberta de nascentes termais e das propriedades terapêuticas das suas águas, sendo utilizadas para o tratamento de determinadas doenças.² Posto isto, o Concelho da Ribeira Grande corresponde à região central termal de São Miguel, onde existem grupos termais isolados localizados distantes dos limites da cidade Da Ribeira Grande, como as Caldeiras e a Caldeira Velha, importante referir também, a Ladeira da Velha situada na freguesia do Porto Formoso.³

¹ DIRECÇÃO ESCOLAR DE PONTA DELGADA – **Apontamento histórico e etnográfico de São Miguel e Santa Maria**. 4ªed. Ponta Delgada, Açores: Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1982. P.295

² AÇORIANO ORIENTAL - Termas das Caldeiras da Ribeira Grande, vão ser exploradas por privados. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.acorianooriental.pt/noticia/termas-das-caldeiras-da-ribeira-grande-nos-acores-vaio-ser-exploradas-por-privados>>.

³ SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.138





3.2.1.CALDEIRAS DA RIBEIRA GRANDE

Foi nas Caldeiras da Ribeira Grande, inseridas num vale profundo cingido por montanhas ao lado de uma aldeola⁴, que se deu o início da prática dos banhos, cuja referência mais antiga, é dada pela existência de um pequeno edifício em alvenaria de pedra com telha de canudo, que alberga uma pequena banheira de pedras basálticas talhadas e embutidas no chão, abastecida pela nascente local, sulfúrea, através de canais esculpidos no pavimento em pedra. Posteriormente é agregado a ele um espaço de apoio.

Deu-se uma crescente afluência no século seguinte em virtude das propriedades curativas das suas águas vulcânicas, iniciando-se as visitas de investigadores e cientistas às Caldeiras e à Caldeira Velha, e mais tarde, após a publicação das primeiras bibliografias relativas às águas. Em Março de 1811, a vereação do município reconhece o valor do lugar e das suas potencialidades deliberando a construção das termas das Caldeiras, também conhecidas por *Banhos da Coroa*⁵, agregadas ao pequeno edifício preexistente, onde há muitas águas minerais que passam por diversas minas de ferro, enxofre e outros betumes.⁶ Este havia sido edificado por gente local, para utilidade do público⁷, caracterizado pelos irmãos Joseph e Henry Bullar em 1839 como:

⁴ LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In *INSULANA*. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.P. 338

⁵ Os primeiros registos oficiais do edifício surgem nesta data, o que leva esta fase a ser considerada a "original".

⁶ AÇORIANO ORIENTAL - Termas das Caldeiras da Ribeira Grande, vão ser exploradas por privados. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.acorianooriental.pt/noticia/termas-das-caldeiras-da-ribeira-grande-nos-acores-vaio-ser-exploradas-por-privados>>.

⁷ BULLAR, Joseph; BULLAR Henry – A monotonia das termas; O Tanque; Banhos quentes; Dia de S. João; Alojamentos nas Furnas; Os patriarcas do Vale; O Clima; Açorianos gordos; Indigestões e suadoiros. In *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*. 1ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1839. P.157

“[...] um longo edifício, espécie de duplo estábulo, dividido em quatro compartimentos em cada um dos quais se enterrou no chão uma banheira de seis pés de comprido por três de largo. Os compartimentos são pavimentados e as banheiras formadas por uma pedra áspera, favada e rugosa, que o tempo, a água e as costas dos aquistas têm polido, com aprazimento geral, excepto dos que possuem pele mais delicada. [...] Acima do edifício dos banhos há um tanque oval de lama branca, em parte cheio de água quente que brota da lama e em parte ocupado pelas nascentes.” (Bullar, J., Bullar, H., 1839, P.157)

A sua estrutura era alvenaria de pedra com estrutura da cobertura em madeira e telha de canudo. Era uma casa de banhos públicos frequentada principalmente no verão, pela população pobre e por famílias abastadas de Ponta Delgada e da Ribeira Grande que possuíam moradias nas caldeiras⁸.

De acordo com Hermano Teodoro na obra *Caldeiras da Ribeira Grande* (2003), ainda no século XIX o edifício sofreu algumas alterações relativas ao acesso e à configuração do mesmo, visto que através de gravuras e fotografias é perceptível a adição de um alpendre, pressupondo que o corredor de acesso aos quartos de banho não tinha dimensão para albergar o número de aquistas que frequentavam as termas, transformando o alpendre uma zona de espera e estar. O autor ainda afirma que em 1867, Ferdinand Fouqué, um químico francês, analisou as águas termais das Caldeiras, assumindo que seriam fatais devido aos químicos existentes nas mesmas, levando ao descrédito da estância termal por parte da população, ficando esta ao cargo dos habitantes abastados do Vale.

É nesta fase que as Caldeiras da Ribeira Grande são transformadas para a elite de maneira a suprir as necessidades e actividades dos veraneantes, construindo-se em 1896, *Assembleia Artística das Caldeiras*⁹, passando-se os dias

⁸ SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.139

⁹ TEODORO, Hermano – *Caldeiras da Ribeira Grande*. 1ªed. Ribeira Grande, Açores: Museu da Ribeira Grande, 2003. P.17

“ [...] em belos passeios, à Fonte das Lágrimas, á nascente das Lombadas, á Lagoa do Fogo, ou ao Salto do Cabrito, ou ainda jogando, em lindos jardins á sombra das árvores frondosas, entre o perfume das flores, o croquet e o tennis. A noite é na Assembleia, em danças, cantos, jogos e recitações, n'um convívio intimo, alegre e familiar.” (Teodoro, H., 2003, P.18-19)

Segundo o engenheiro Luiz Castro e Solla, Director Geral das Minas e Serviços Geológicos, após a sua visita às caldeiras em 1937, elabora um relatório de valorização das nascentes da ilha, fazendo uma breve descrição de todos os elementos que compõem a estância termal ribeira-grandense, e foram observadas algumas alterações nas termas relativamente ao acesso aos banhos, uma vez que as três portas da entrada foram convertidas em janelas, passando a entrada principal a ser feita por um corpo novo adicionado ao edifício preexistente, composto por uma pequena assembleia para reuniões e festas locais.¹⁰

Já na segunda metade do século XX, surge novamente uma desacreditação na sequência de um Relatório do Grupo de Trabalho para o Estudo do Termalismo na Região dos Açores, e em 1982 a Direcção Regional de Saúde informa a Autarquia ribeira-grandense de que o estabelecimento termal das Caldeiras da Ribeira Grande não teria, interesse para ser aproveitado no campo da saúde, nomeadamente para a realização de tratamentos termais.¹¹ Este facto deve-se possivelmente à nascente de água sulfúrica, hipertermal, ácida das caldeiras da Ribeira Grande, ter um caudal reduzido, e posteriormente, aumentado com águas pluviais, retira-lhe a sua pureza mineromedicinal.¹²

Todavia, ao encargo da Câmara Municipal da Ribeira Grande, o edifício foi recentemente submetido a uma intervenção arquitectónica e urbana, em que foram

¹⁰ Solla, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.130

¹¹ TEODORO, Hermano – **Caldeiras da Ribeira Grande**. 1ªed. Ribeira Grande, Açores: Museu da Ribeira Grande, 2003. P.15

¹² *Ibidem*

adicionadas umas instalações sanitárias, uma copa, e uma sala técnica à zona da assembleia; num dos quartos de banho duplos as banheiras foram substituídas por um duche e instalados equipamentos de inalação; e por fim, deu-se a substituição das banheiras restantes por modelos actuais, de ferro esmaltado.

Na obra *Caldeira da Ribeira Grande* (2003), o autor defende que:

“ é pois mais como valor turístico do que valor terapêutico que o balneário das Caldeiras, deve ser apreciado e mantido, o que não quer dizer que, no futuro, e depois da descoberta de novos valores crenoterápicos das suas águas, não possa vir a merecer mais amplo desenvolvimento adentro da Saúde Pública. Isto é mais uma razão para a sua conservação” (Teodoro, Hermano, 2003, P.16)

Contudo, embora as últimas intervenções no edifício tenham um cariz de conservação e valorização mais relacionado com o turismo do que propriamente com a vertente terapêutica, nos Banhos da Coroa ainda são praticados banhos com a dosagem tradicional das duas águas, a doce e a sulfúrea, bem como a aplicação de lamas retiradas da Caldeira Grande, no tratamento de doenças dermatológicas e reumáticas.¹³

¹³ *Ibidem*, P.16

3.2.2. CALDEIRA VELHA

A Caldeira Velha, no século XIX, foi alvo de estudo devido ao seu conjunto de manifestações de vulcanismo secundário como um campo fumarólico e uma nascente de água que ascende de um aquífero termal aquecido pelo vulcão da Lagoa do Fogo. De acesso difícil, dada a sua localização a 315m de altitude na serra da Água de Pau - actual periferia da reserva Natural da Lagoa do Fogo – estava muito distante da cidade da Ribeira Grande e inserida numa área de relevo acidentado, profundamente encaixada num vale e rodeada por íngremes escarpas.¹⁴ A Caldeira Velha era um charco de água lodosa branca, de trinta pés de comprido por vinte de largo, quase por toda a parte a água fervia em jactos de seis polegadas a um pé acima do solo, com o mesmo movimento ondulatório que se observa à superfície de qualquer caldeira a ferver.¹⁵

Foram os irmãos Herry e Joseph Bullar os responsáveis pelo primeiros registos descritivos acerca desta zona termal na sua viagem de 1837 ao local¹⁶ e na obra *Uma Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas* (1939) declaram:

“Abril, 13 – Visitamos hoje a Caldeira Velha. Albardados os burros e encarapuçados os burriqueiros [...] lá nos pusemos a caminho das montanhas. [...] A Caldeira Velha está situada por baixo de uma rocha perpendicular, na parte sul da cratera irregular e lacerada. É difícil transmitir uma ideia do sítio, colocado entre as serras de que as bordas rasgadas da cratera se podem considerar os picos. Imagine o leitor uma

¹⁴ GUIA DA CIDADE – Monumento Natural da Caldeira Velha. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-monumento-natural-da-caldeira-velha-280015>>.

¹⁵ DIRECÇÃO ESCOLAR DE PONTA DELGADA – **Apontamento histórico e etnográfico de São Miguel e Santa Maria**. 4ªed. Ponta Delgada, Açores: Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1982. P.327-328

¹⁶ BULLAR, Joseph; BULLAR Henry – A monotonia das termas; O Tanque; Banhos quentes; Dia de S. João; Alojamentos nas Furnas; Os patriarcas do Vale; O Clima; Açorianos gordos; Indigestões e suadoiros. In **Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas**. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1939. P.161-163

cratera em forma de taça côncava, formada pelo processo que qualificaremos de usual; sucessivas erupções de lava e pedra-pomes [...]. Várias nascentes e regatos deslizam e juntam-se, formando a ribeira, que, a julgar pelo leito fundo e rasgado de sulcos, se transforma às vezes em torrente, cuja água se escoia pela grota para o terreno mais baixo, onde finalmente se mistura com a corrente mais larga da ribeira Grande e dali se dirige para o mar. Por esta abertura penetrámos na cratera da Caldeira Velha [...]. A água não transborda da caldeira em quantidade apreciável e nenhuma vimos que se escoasse dali; existiam, porém, sinais de que pouco transbordara do leito, facto que talvez se devesse à chuva que caíra na véspera e que engrossara as correntes vizinhas e enchera algumas partes da caldeira.” (Bullar, J., Bullar, H., 1839, P.161-163)

Actualmente no local encontram-se água e lamas em ebulição a uma temperatura de 90,2°C nos locais de afloramento, e um pouco acima desta caldeira, a 328 metros de altitude, brota uma fonte de água alcalina, férrea, emergente a uma temperatura na ordem dos 35°C, atingindo valores na ordem dos 25º-30°C ao longo da ribeira.¹⁷ Estas características levaram a que no final do século XX fosse construída uma piscina, junto à cascata, uma vez que a temperatura e as propriedades da água sempre foram convidativas aos visitantes para um banho relaxante.¹⁸ A prática dos banhos neste local exótico virou um hábito comum, por parte da população da ilha e de forma crescente por turistas, tanto que em 2013 o local foi submetido a um plano de intervenção paisagístico e arquitectónico, para valorização e protecção dos recursos termais, da fauna e flora. O plano baseou-se: na requalificação dos percursos e acessos locais; delimitação dos limites das caldeiras; construção de instalações de apoio à zona balnear, tais como, a bilheteira, as instalações sanitárias e os vestiários; construção de uma nova piscina natural, e por fim, um centro interpretativo do Monumento da Caldeira Velha -

¹⁷ SOLLÁ, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.138

¹⁸ CAMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE – Caldeira Velha. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. In: WWW: <URL: <http://www.ribeiragrande.pt/geo/caldeira-velha/>>.

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

localizado na encosta norte do maciço central da Serra de Água de Pau - que visa a promoção do património natural, de modo a que os visitantes possam experienciar um contacto mais directo com a natureza, através dos passeios e dos banhos de água quente.¹⁹

¹⁹ *Ibidem*





3.2.3.LADEIRA DA VELHA

Localizada junto à via que liga a Ribeira Grande às Furnas, no obelisco da Ladeira da Velha pertencente à freguesia do Porto Formoso, encontramos a estância termal da Ladeira da Velha, onde existe uma nascente de água mineral, rica em potássio, que brota a uma temperatura de cerca de 31°C. Para além de abastecer as termas, esta água também era explorada como água de mesa.²⁰

De difícil acesso, por via de rampas acentuadíssimas que venciam a falésia de 100 metros, esta estância termal de veraneio situava-se junto ao mar e estava inserida numa quinta composta por: quatro modestas habitações geminadas aos pares mas servidas pela mesma escada e eram alugadas gratuitamente a pacientes, maioritariamente pobres, que ali procuravam tratamento; dois barracões; e um edifício termal na orla costeira.²¹

Do albergue ao balneário, a descida era feita por numerosos degraus, de pedra, bem talhados e encastrados na colina. A nascente estava protegida pela estrutura de betão do edifício termal embutido nas rochas, acedido por uma escadaria de pedra que permitia o acesso ao espaço onde a captação de água era feita num canto por dois bicos de cobre servindo para engarramento e o resto que escorria, abastecia as banheiras. Este espaço comunicava com os três quartos de banho com uma banheira cada, escavadas mais baixas que o nível do pavimento. As janelas laterais e a caixa de escadas de acesso ao edifício estavam tapadas por escotilhas de madeira, sendo elas indispensáveis para a ventilação.²²

O edifício termal encontrava-se inserido nas rochas, e tinha a cobertura resistente de betão, galgável, devido ao mau tempo que se fazia sentir no Inverno, por vezes ficava submerso e como tal era frequentado apenas nos meses de Verão.²³

²⁰ CAMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE – Caldeira Velha. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. In: WWW: <URL: <http://www.ribeiragrande.pt/porto-formoso/>>.

²¹ SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.123

²² SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.123

²³ *Ibidem*

As termas eram muito frequentadas pelos benefícios das suas águas no tratamento do reumatismo e, sobretudo, pelos baixos valores das rendas, mas as quatro moradias eram insuficientes para compensarem o capital investido.²⁴ Entretanto, o edifício termal e as suas acomodações foram abandonados, encontrando-se actualmente num estado avançado de degradação.²⁵

²⁴ *Ibidem*

²⁵ DIRECÇÃO ESCOLAR DE PONTA DELGADA – **Apontamento histórico e etnográfico de São Miguel e Santa Maria**. 4ªed. Ponta Delgada, Açores: Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1982. P.253



3.3.FERRARIA

No extremo sudoeste da ilha de São Miguel pertencente à freguesia dos Ginetes e junto ao mar, situa-se o lugar da Ferraria, é uma zona protegida composta por diversas estruturas de origem vulcânica de grande valor paisagístico e científico, integrado no Monumento Natural Regional do Pico das Camarinhas e Ponta da Ferraria.²⁶ Este promontório lávico, que remonta tempos anteriores ao povoamento da ilha de São Miguel, foi formado após uma das mais violentas crises sísmicas registadas na ilha, onde uma escoada de lava desceu a arriba em direcção ao mar.²⁷ Aqui formou-se um pequeno complexo termal composto por duas nascentes de água mineral termal, uma com a temperatura de 61.8°C, que aquece as piscinas naturais e a outra de 64°C abastece o edifício termal implantado nas imediações. A nascente que brota no mar varia de temperatura consoante a maré, na maré baixa atinge os 28.1°C e na maré alta os 18°C.²⁸

Dito isto, a Ferraria não é apenas uma estância de águas medicinais, é também uma estância marítima.²⁹

Em 1888 sob a ordem da Junta Geral de Ponta Delgada, foi construído um pequeno edifício hospitalar termal a cerca de trezentos metros do poço junto ao mar, que por via de bomba manual a água mineromedicinal era captada e lançada em barris que sobre animais que a transportam para o depósito de abastecimento.³⁰ As suas águas eram muito utilizadas no

²⁶ TERMAS DA FERRARIA – O lugar da Ferraria. [Em Linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.termasferraria.com/spa/index.php>>.

²⁷ *Ibidem*

²⁸ PRAIA PORTUGAL – Praia da Ponta da Ferraria. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://praiaportugal.com/visita-obrigatoria-praia-da-ponta-da-ferraria/>>.

²⁹ PEREIRA, Rodrigo A. - **O problema termal da Ilha de São Miguel**. Ponta Delgada: Junta geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, 1961. P.13

³⁰ *Ibidem*





tratamento do reumatismo e nevrites por parte de doentes pobres, que no verão transportavam muitas cargas de águas das nascentes sulfúricas em barris para distribuição nas freguesias próximas.³¹ O acesso era feito por um caminho muito inclinado que vencia os 200 metros da falésia, o que dificultava o acesso dos enfermos.³²

Inicialmente, o edifício funcionava como uma república, composta por dois pisos: o piso inferior estava organizado por dois quartos de alojamento para os empregados, uma sala de jantar, cozinha comum, instalações sanitárias, um espaço de arrumos e cinco quartos de banho com tinhas de cimento; o piso superior resumia-se ao sótão, a área de internamento onde se alojavam cerca de cinquenta pessoas - vinte e cinco pessoas de cada sexo - em regime de camarata. Os quartos independentes eram alugados a 50\$00 a quinzena e o internamento nas camaratas grátis, somente os pobres tinham tratamento gratuito e os restantes aquistas pagavam cerca de 15\$00 por 15 dias.³³

O pequeno hospital da Ferraria era estruturalmente de alvenaria de pedra vulcânica, caiada em branco, e a estrutura da cobertura em madeira e telha de canudo.³⁴ (ver imagem X) As condições do edifício eram más devido à ausência da água potável canalizada, da iluminação eléctrica, assim como, pelas deficiências na canalização e no abastecimento das salas de tratamento, aspectos que levaram, mais tarde, a que o edifício termal fosse encerrado.³⁵

Em 1961, com o plano de protecção das zonas termais da ilha de São Miguel propôs-se desenhar a via de acesso com melhores condições; requalificar o edifício através: da melhoria das condições e dimensões dos espaços de tratamento e de alojamento; da

³¹ DIRECÇÃO ESCOLAR DE PONTA DELGADA – **Apontamento histórico e etnográfico de São Miguel e Santa Maria**. 4ªed. Ponta Delgada, Açores: Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1982. P. 257-258

³² SOLLÁ, Luiz C. – **Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel**. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.127

³³ *Ibidem*

³⁴ *Ibidem*

³⁵ PEREIRA, Rodrigo A. - **O problema termal da Ilha de São Miguel**. Ponta Delgada: Junta geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, 1961. P.13

canalização da água potável; captação de água da nascente por via de um processo actualizado isolado da água do mar; e por fim, da requalificação da envolvente.³⁶ Porém o plano não foi posto em prática, permanecendo o hospital num estado de degradação avançado. Todavia, nesta zona as piscinas naturais termais passaram a ser o único recurso de tratamento e de lazer, cada vez mais procuradas por residentes e turistas.³⁷

Recentemente em 2010, a estância termal foi alvo de um plano intervenção desenvolvido pelo arquitecto Manuel Saldanha. Este plano integra a reconstrução do edifício devoluto das termas, reconvertendo-o para um restaurante-bar e um Spa, bem como piscinas exteriores projectadas por uma equipa externa ao coordenador do plano.³⁸

O edifício pré existente foi completamente destruído e reconstruído de acordo com a traça do original, distribuindo-se o programa em três pisos: o inferior que é uma ampliação em cave, albergando a piscina interior, o spa e as suas dependências de acesso directo às piscinas termais no exterior; o piso intermédio, que corresponde à entrada, integra os espaços comuns e públicos, tais como, o restaurante – bar, instalações sanitárias, e recepção; por ultimo, o piso superior, corresponde aos apartamentos. A solução construtiva aplicada baseia-se em estruturas maciças de betão armado e, parcialmente, em alvenaria de pedra basáltica.

O projecto para as piscinas exteriores adjacentes ao edifício, ficou a cargo dos arquitectos José Capela e Paulo Monteiro, e previa uma construção de apoio ao Spa, em que é escavado o solo e é integrado um edifício em forma de L, abaixo da cota da entrada das termas. Num dos tramos do L encontram-se as duas piscinas e o solário e, no outro, o corpo serpenteado de vestiários, balneários e instalações sanitárias de apoio, e um bar no seu extremo, com esplanada anexa. A ligação ao edifício principal é feita através de um corredor coberto, onde se encontra o corpo serpenteado que divide as zonas de pés sujos e pés limpos.

³⁶ PEREIRA, Rodrigo A. - **O problema termal da Ilha de São Miguel**. Ponta Delgada: Junta geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, 1961. P.14

³⁷ *Ibidem*

³⁸ TERMAS DA FERRARIA – O lugar da Ferraria. [Em Linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.termasferraria.com/spa/index.php>>.

Dada a sua localização, este corpo é revestido por uma pele em policarbonato transparente, e uma interior, opaca, que encerra individualmente cada um dos compartimentos, na sua globalidade, o volume de equipamentos funciona como caixa-de-luz.

A arquitecta paisagista Marta Lourenço foi responsável pela intervenção paisagística no local de modo a que o aquista pudesse usufruir dos vários elementos que o local oferece, posto isto, é projectado um edifício de apoio à zona termal das piscinas naturais na orla costureira, composto por balneários, instalações sanitárias, uma loja e um centro de informação.





Termas
da
Ferraria

ARQUITECTURA TERMAL
Os banhos quentes na ilha de São Miguel

4. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O termalismo é uma actividade milenar que, ao longo dos tempos, teve variados impulsionadores, mais ou menos entusiastas, que consoante os êxitos da utilização das águas com propriedades terapêuticas, adaptavam a arquitectura à sua cultura e aos seus hábitos balneares. A prática do banho sempre teve um cariz espiritual, associando-se a um ritual de purificação que variou de acordo com os ideais de cada civilização. Estes ideais traduziam-se na composição e organização espacial dos edifícios termais e, também, na dimensão dos mesmos.

A arquitectura termal caracteriza as continuidades e rupturas dos conceitos e das práticas associadas ao sector termal, e o seu passado histórico certifica a utilidade e a eficácia dos banhos de água mineral.

Em Portugal, o termalismo produziu um tipo de edifícios com as respostas mais ou menos categóricas, inovadoras e simbólicas, de acordo com as alterações políticas, sociais, económicas ocorridas nos diferentes períodos históricos. Como por exemplo: o Hospital das Caldas da Rainha, o modelo pioneiro na arquitectura hospitalar e termal portuguesa, construído no século XV; ou as estâncias termais de Luso, Vidago, Estoril, Pedras Salgadas, entre outras, grandes complexos termais do século XIX, compostos por termas, luxuosos jardins, hotéis e casinos. Assim, o património termal português encontra-se directamente relacionado aos recursos hidrotermais, à arquitectura, aos equipamentos e acessórios terapêuticos, às áreas verdes e às práticas e usos tradicionais.

O arquipélago dos Açores suscitou e ainda hoje suscita curiosidade a distintas personalidades por uma multiplicidade de interesses relativos à sua constituição geológica, cultura e costumes. Embora a ilha de São Miguel seja um caso particular por ser fortemente

marcada por inúmeras manifestações vulcânicas, onde emergem nascentes de águas minerais predominantemente gasocarbónicas e termais. São descargas de aquíferos por via de vulcões activos, distribuídas pela ilha, exploradas para consumo e em termas, localizadas em maior número no Concelho da Povoação e no Concelho da Ribeira Grande.

As primeiras referências relativas às águas minerais e à sua utilização terapêutica na ilha de São Miguel surgem no século XVI com a obra *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, e desde então estes recursos hidrotermais foram alvo de estudo por parte de diversos investigadores, que no final do século XVII iniciam a publicação de inúmeros artigos acerca das nascentes termais e dos edifícios a elas agregados.

A utilização deste recurso teve início desde a colonização da ilha, em que a grande parte dos aquistas utilizava as águas de um modo meramente empírico e, assim, iam assumindo um papel interventivo na exploração do recurso.

Os edifícios surgiram devido à crescente afluência aos locais termais e pela crença do tratamento de doenças através das “águas sagradas”. Contudo, o “saber popular” esteve sempre associado à arquitectura dos banhos públicos construídos em Portugal no geral. Estes eram construídos à imagem das pequenas habitações, segundo as técnicas e os materiais de construção da região, sob as condições financeiras dos seus proprietários. Os materiais empregues eram predominantemente a pedra basáltica e a madeira, não ofereciam quaisquer espaços de albergue e, embora fossem modestos, tinham diferentes tipologias, número e tipo de banheiras associadas às diferentes classes sociais.

Após a recolha de informação, histórica e recente, relativa aos banhos quentes, foi elaborado um mapeamento histórico de todas as zonas termais da ilha, em que foram registadas todas as termas que neste território existem ou outrora existiram. Deste modo, foi possível entender qual o impacto que estes edifícios tiveram no desenvolvimento urbano local, quer na relação edifício-nascente, quer na relação edifício-natureza.

As primeiras construções, públicas ou particulares, surgiram por uma necessidade puramente terapêutica, em que a paisagem era desvalorizada sendo o edifício implantado consoante a localização da nascente e construído de acordo com o sistema de captação e o processo de arrefecimento da água. O sistema de abastecimento era feito segundo a sabedoria do povo, que por via das mais modestas condutas construídas e da força gravítica, conduziam as águas para os edifícios que se encontravam, sempre, próximos e num plano inferior relativamente ao ponto de emergência do recurso hidrotermal. Um exemplo deste processo, encontra-se nas termas de José Raposo d'Amaral, o Chalet da Tia Mercês, actualmente existente com todo o seu espólio e tanque.

Como foi referido anteriormente, os costumes e a prática do banho foram se alterando conforme as necessidades da população. Os tempos avançaram e as exigências aumentavam, novos edifícios surgiam segundo as reformas hospitalares que condicionavam a sua concepção e a credibilidade dos pequenos edifícios termais. Com isso, alguns balneários termais foram submetidos a novas funções, como o Chalet Frio, os Banhos de António Albuquerque e os Banhos da Ribeira; outros desapropriados, mas recentemente reabilitados, como os Banhos da Coroa, as Termas da Ferraria e Os Banhos Novos; ou deixados ao abandono como é o caso das Termas da Ladeira da Velha.

Todavia a afluência aos locais termais sempre foi crescente, e com isso, foram estabelecidos novos métodos e lugares de exploração do recurso, principalmente, naturais sem qualquer edifício de apoio. A natureza passa a assumir um papel que anteriormente não lhe havia sido estabelecido, um bem adquirido nunca aproveitado que se evidenciava então como uma possibilidade de desenvolvimento da região, mas sobretudo, como um novo modo da actividade banhar associados ao sector turístico. Como por exemplo, a Poça da Dona Beija, nas furnas, a Caldeira Velha na Ribeira Grande e as piscinas naturais da Ferraria, nos Ginetes.

A beleza paisagística da ilha surge como um factor imprescindível no campo do termalismo, saúde e bem-estar. Deste modo, despontam sugestões muito positivas que

acabaram sendo gradualmente implementadas ao longo dos tempos, enaltecendo a importância da recuperação e protecção das nascentes, edifícios, e sobretudo, dos locais onde estão inseridos. Como exemplo temos as intervenções: a recuperação dos antigos Banhos Novos das Furnas, actualmente Furnas Boutique Hotel; a requalificação da zona termal da Poça da Dona Beija, da Caldeira Velha e da Ferraria.

Nasce, assim, um novo conceito de termalismo recuperado pelo turismo, que reagiu às adversidades e permitiu suprir as lacunas existentes no seio do sector turístico, através da oferta de produtos direccionados para a estética, para o culto do corpo e para a necessidade de uma “vida saudável”, alargando horizontes para a concepção de turismo baseada numa relação renovada com a natureza.

Reflectindo acerca do panorama termal na ilha de São Miguel, assistimos a um processo de recuperação lento que se iniciou nos primeiros anos do século XX relativamente a intervenções paisagísticas. Actualmente, de modo acompanhar o progressos das novas tendências e exigências do mercado termal por meio do sector turístico, sente-se a necessidade de elaborar planos de recuperação dos edifícios termais capazes de responder a essas demandas, albergando funções de apoio ao edifício balnear, como por exemplo um hotel ou um albergue.

Os pequenos balneários existentes, não classificados como património termal, deviam ser igualmente recuperados e integrados numa rota termal que, antigamente, desempenhara um papel importantíssimo no desenvolvimento termal da região.

Um local que apresenta todas as condições necessárias para ser restabelecida a sua estância, é a Ladeira da Velha, actualmente esquecida, por via da sua localização e do difícil acesso à zona balnear, que por sua vez influenciara o rendimento da mesma. Fortemente marcada e integrada na paisagem, num promontório onde as nascentes ainda se encontram em emergência na orla costeira, factores que possibilitam a recuperação ou requalificação da zona, através da exploração do recurso para uma zona balnear à imagem das piscinas naturais

da Ferraria, e do restabelecimento dos antigos albergues ali existiam, para apoio à zona balnear, como por exemplo, instalações sanitárias, balneários, cafetaria, entre outros.

Contudo, é notório que o termalismo é uma actividade que evolui de acordo com as mutações da sociedade, gerando uma serie de manifestações culturais, sociais e lúdicas que se traduzem nos edifícios termais. Nos dias de hoje, o arquipélago dos Açores assiste ao ressurgimento ou melhoramento do sector termal, balizado por processos de transformação e modernização dos edifícios termais, das estâncias termais e sobretudo, los locais termais.

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

5. BIBLIOGRAFIA

MONOGRAFIAS

BULLAR, Joseph; BULLAR Henry – A monotonia das termas; O Tanque; Banhos quentes; Dia de S. João; Alojamentos nas Furnas; Os patriarcas do Vale; O Clima; Açorianos gordos; Indigestões e suadoiros. In **Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas**. 1ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1939. Pp.

DIAS, Urbano M. – **História do Vale das Furnas**. 1ª ed. Vila Franca, Açores: Empresa Tip. L.^{DA} Vila Franca do Campo, 1936. Pp.158

DIRECÇÃO ESCOLAR DE PONTA DELGADA – **Apontamento histórico e etnográfico de São Miguel e Santa Maria**. 4ªed. Ponta Delgada, Açores: Direcção Escolar de Ponta Delgada, 1982. P.529

FORJAZ, Victor H. [et al.] – **Vulcanologia da ilha de São Miguel dos Açores: VulcanoWatching**. 1ªed, São Miguel, Açores: Observatório Vulcanológico e Geotérmico, [2015]. ISBN 978-989-8164-18-6. PP.144

MANGORRINHA, Jorge; PINTO, Helena – **O Desenho das termas: A história da Arquitectura Termal Portuguesa**. 1ª ed. Ramada: ACD Print SA, 2009. ISBN 978-989-20-1676-4.

TEODORO, Hermano – **Caldeiras da Ribeira Grande**. 1ªed. Ribeira Grande, Açores: Museu da Ribeira Grande, 2003. Pp.49

DICIONÁRIOS

RAMOS, Domingues - Dicionário Técnico de Turismo, p.312

TERMAS DE PORTUGAL – **Dicionário do Termalismo** [Em linha]. Lisboa. [Consult. 6 Dez. 2015]. Disponível em <http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/Dicionario/DicionarioDoTermalismo.pdf>.

RELATÓRIOS

ACCIAUOLI, Luiz; NARCISO, Armando – Águas minerais do Continente e Ilha de S.Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L.^{DA}, 1940. P. 161

PEREIRA, Rodrigo A. - **O problema termal da Ilha de São Miguel**. Ponta Delgada: Junta geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, 1961. Pp.26

VICENTE, Abilino – **Estação Termal das Furnas: Zonas Termais a defender no Plano de Urbanização e algumas considerações acerca da sua valorização**. Ponta Delgada: Direcção das Obras Públicas, 1958. Pp.19

DISSERTAÇÕES

FREIRE, Pedro – As águas minerais da ilha de São Miguel (Açores): Caracterização Hidrológica e implicações para a monitorização vulcanológica. São Miguel, Açores: Universidade dos Açores, 2006. Dissertação de mestrado. Pp.173

MARIZ, Suse M. – Estâncias Termais Contemporâneas: Os casos de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2015. Dissertação de mestrado. Pp.215

PINTO, Nuno Ricardo R. – Arquitectura Termal portuguesa: benefícios da sua recuperação. Porto: Universidade do Porto, 2009. Dissertação de mestrado. Pp.100

RAMOS, Adelina R. – O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005. Dissertação de doutoramento. Pp.683

VILLAR, Juan J. - Termalismo y Turismo en Catalunya: un estudio geohistórico contemporáneo. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2004. Dissertação de Doutoramento. Pp.895

ARTIGOS

AÇORIANO ORIENTAL - Termas das Caldeiras da Ribeira Grande, vão ser exploradas por privados. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.acorianooriental.pt/noticia/termas-das-caldeiras-da-ribeira-grande-nos-aco-res-vao-ser-exploradas-por-privados>>.

CANTISTA, António – O Termalismo em Portugal. Anales de Hidrologia Médica. ISSN 1887-0813. Vol.3, nº 79-107 (2008-2010) Pp. 28

CRUZ, J.V [et al.] - As águas minerais da Ilha de São Miguel (Açores): Monitorização Hidroquímica entre 1992 e 2003. **Comunicações Geológicas** [Em linha]. 101:1 (2014) 671-675, actual, 2014. [Consult. 28 Dez. 2015]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.lneg.pt/download/9630/16_2893_ART_CG14_ESPECIAL_II.pdf>. ISSN 0873-948X.

FAZENDA, Sérgio; DOURADO, Rita – Arquitectura Popular dos Açores. [Em linha]. [Consult. 20 Fev. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012108101047.PDF>>.

FEIJÓ, Bruno V. – Aventuras na História [em linha]. [S.l.]: O Guia do Estudante, 2007, actual, 2007. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em:

WWW:<URL: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/aguas-tempo-historia-banho-435136.shtml>>.

- LUZ, José L. B. - O vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX. In **INSULANA**. 2ªed. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995. Pp. 11
- NAVARRO, José – Arquitectura Termal, Poética y Práctica. [Em linha]. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW:<URL: http://aguas.igme.es/igme/publica/pdfjor_aguas_mine/13_arquitectura.pdf>.
- NUNES J. [et al.] – **Águas Termais dos Açores: Passado, Presente e Futuro**. São Miguel, Açores: INOVA, 2015. ISBN: 978-84-606-9368-0.
- PINTO, Helena - O Património da História do Termalismo em Portugal. [Em linha]. [Consult. 16 Jun. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=9fb85615-3100-4aa2-a8c0-bd311cc74beb&edition=90>>.
- SOLLA, Luiz C. – Águas minerais do Continente e da ilha de São Miguel. Lisboa: Sociedade Astória, L^{DA}, 1940. P.117

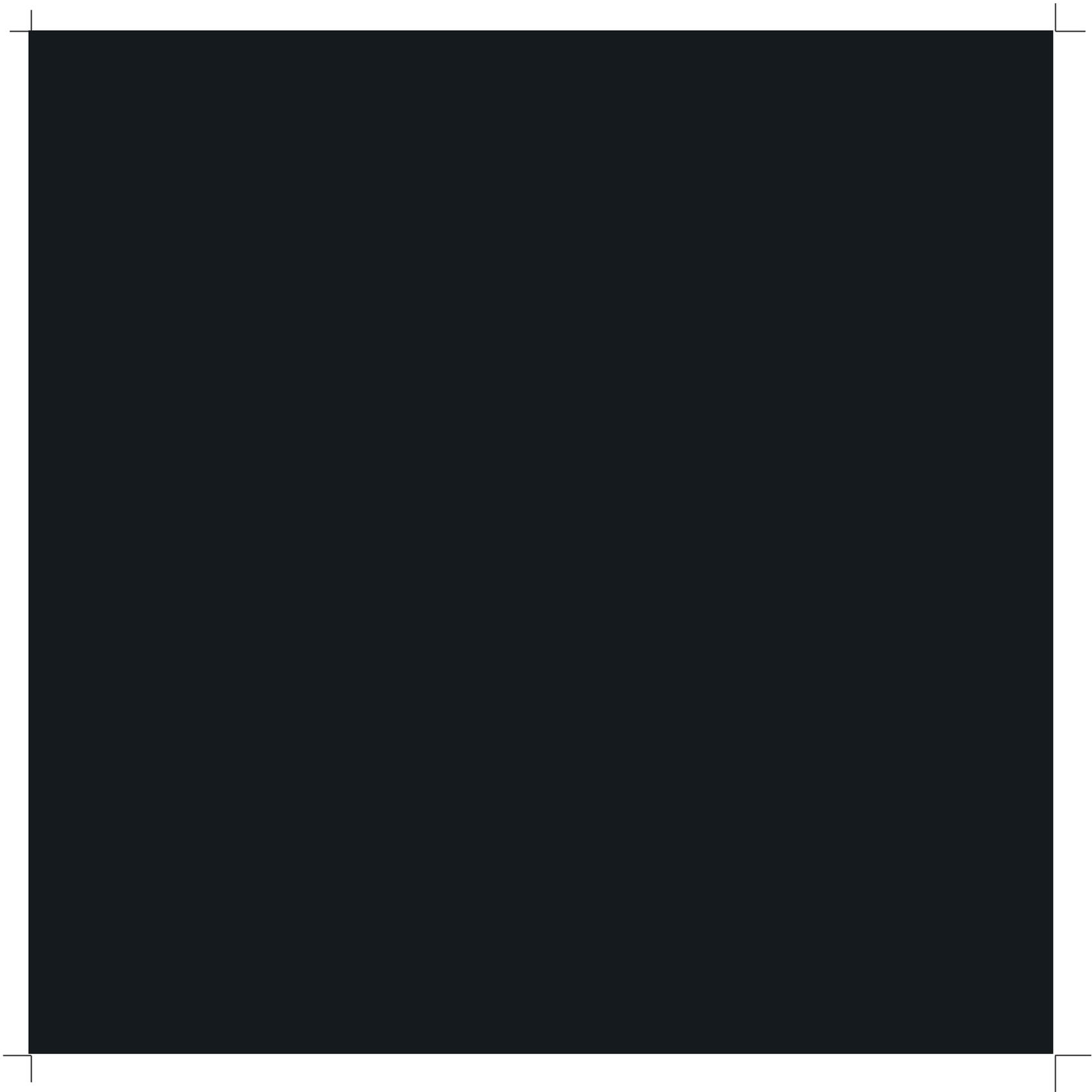
FONTE ELECTRÓNICA

- ALCANTARA, Diana – A História do Banho, Parte I. [Em linha]. [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <https://aloucadosperfumes.com/2013/03/06/a-historia-do-banho-parte-i/>>.
- ARCHDAILY – Furnas Boutique Hotel. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.archdaily.com.br/br/768203/furnas-boutique-hotel-thermal-saraiva-plus-associados-plus-nini-andrade-silva>>.
- ARCHDAILY – Piscinas termais da Poça Dona Beija. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.archdaily.com.br/br/768848/piscinas-termals-poca-da-dona-beija-m-arquitectos>>.
- AZORES WEB – Cultura dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://www.azoresweb.com/cultura.html>>
- AZORES WEB – Cultura dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006 [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.azoresweb.com/sao_miguel_pt.html>
- AZORES WEB – História dos Açores [em linha]. [S.l.]: Azores Web, 2006, actual, 2006. [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: http://www.azoresweb.com/historia_acores.html>
- CAMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE – Caldeira Velha. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. In: WWW: <URL: <http://www.ribeiragrande.pt/geo/caldeira-velha/>>.
- CAMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE – Caldeira Velha. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. In: WWW: <URL: <http://www.ribeiragrande.pt/porto-formoso/>>.

- COSTA, Susana – Açores: Descoberta, Povoamento e Sociedade. [Em linha]. [Consult. 9 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1102>>.
- FERREIRA, Maria Leite – Fotos. O que unia ricos e pobres no passado? O medo do banho [em linha]. [S.l.]: Maria Leite Ferreira, 2016, actual, 2016 [Consult. 2 Ago. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:<http://observador.pt/2016/05/09/fotos-unia-ricos-pobres-no-passado-medo-do-banho/>>
- GOVERNO DOS AÇORES – Furnas. [em linha]. [Consult. 19 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.azores.gov.pt/NR/exeres/6C09D463-E09A-40EC-A886-7357C032346F.htm>>.
- GUIA DA CIDADE – Monumento Natural da Caldeira Velha. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-monumento-natural-da-caldeira-velha-280015>>.
- MIGUENS, Luis – História Completa, Açores – Portugal. [Em linha]. [Consult. 10 Ago. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://acores-ilhas-portugal.blogspot.pt/2008/10/historia-completa-acores-portugal.html>>.
- MULHER PORTUGUESA – A História do Banho [em linha]. Portugal: Mulher Portuguesa, [20??], actual, [20??]. [Consult. 11 Ago. 2016]. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.mulherportuguesa.com/beleza/banho-e-massagem/a-historia-do-banho/>>.
- NUNES, Maria – A casa açoriana através dos séculos. [Em linha]. [Consult. 7 Set. 2016]. Disponível: WWW: <URL:<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/184980.html>>.
- OBSERVATÓRIO MICROBIANO DOS AÇORES – OMIC. [Em lina]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <http://omic.centrosciencia.azores.gov.pt/omic/omic>>. [Consult. 15 Jan. 2016].
- PARQUE TERRA NOSTRA – História. [Em linha]. [Consult. 20 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.parqueterranostra.com/pt-pt/hist%C3%B3ria.aspx>>.
- POÇA DONA BEIJA – História. [Em linha]. [Consult. 20 Set. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.pocadadonabeija.com/#apoca>>.
- PRAIA PORTUGAL – Praia da Ponta da Ferraria. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://praiaportugal.com/visita-obrigatoria-praia-da-ponta-da-ferraria/>>.
- TERMAS DA FERRARIA – O lugar da Ferraria. [Em Linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.termasferraria.com/spa/index.php>>.
- TERRA NOSTRA GARDEN HOTEL – Parque Terra Nostra. [Em linha]. [Consult. 15 Jan. 2016]. Disponível em: WWW: <URL:<http://www.bensaude.pt/terranostragardenhotel/hotel/parque-terra-nostra>>.
- THE ARCHEOLOGY – Thermae: Os banhos na Roma antiga [em linha]. [S.l.]: The Archeology, 2010, actual, 2010 [Consult. 20 Mar. 2016]. Disponível em: WWW: <URL: <https://thearcheology.wordpress.com/2010/06/23/thermae-os-banhos-na-roma-antiga-parte-1/>>

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel



Parte II
ARQUITECTURA TERMAL

ANEXOS

GLOSSÁRIO

ARQUITECTURA TERMAL

Os banhos quentes na ilha de São Miguel

GLOSSÁRIO^{1, 2}

Termalismo - Uso da água mineral natural e outros meios complementares para fins de prevenção, terapêutica, reabilitação ou bem-estar.

Termalismo Clássico - Conjunto de acções terapêuticas indicadas e praticadas a um termalista, sempre sujeito à compatibilidade com as indicações terapêuticas que foram atribuídas ou reconhecidas à água mineral natural utilizada para esse efeito.

Termalismo de bem-estar - São os serviços de melhoria da qualidade de vida que, podendo comportar fins de prevenção da doença, estão ligados à estética, beleza e relaxamento e, paralelamente, são susceptíveis de comportar a aplicação de técnicas termais, com possibilidade de utilização de água mineral natural, podendo ser prestados no estabelecimento termal ou em área funcional e fisicamente distinta deste.

Termalista ou Aquista - Utilizador dos meios e serviços disponíveis num estabelecimento termal.

Termas - Locais onde emergem uma ou mais águas minerais naturais adequadas à prática de termalismo.

Estância Termal - Área geográfica devidamente ordenada na qual se verifica uma ou mais emergências de água mineral natural exploradas por um ou mais estabelecimentos termais, bem como as condições ambientais e infra-estruturas necessárias à instalação de empreendimentos turísticos e à satisfação das necessidades de cultura, recreio, lazer activo, recuperação física e psíquica asseguradas pelos adequados serviços de animação.

Balneário ou Estabelecimento termal - Unidade prestadora de cuidados de saúde na qual se realiza o aproveitamento das propriedades terapêuticas de uma água mineral natural para fins de prevenção da doença, terapêutica, reabilitação e manutenção da saúde, podendo, ainda, praticar-se técnicas complementares e coadjuvantes daqueles fins, bem como serviços de bem-estar termal.

¹ DECRETO-LEI nº142/04. D.R. I Série. 136 (04-06-11) 3632.

² TERMAS DE PORTUGAL – *Dicionário do Termalismo* [Em linha]. Lisboa. [Consult. 6 Dez. 2015]. Disponível em: WWW:<URL:http://www.termasdeportugal.pt/media/4/file/Dicionario/DicionarioDoTermalismo.pdf.>

Spa – Spa é uma expressão reduzida que traduz Serviço Personalizado de Atendimento. Este termo provém do latim *'salute per aqua'*, que tem o sentido literal de 'saúde pela água'. É um estabelecimento comercial que dispõe de um local com uma estrutura específica para oferecer aos clientes tratamentos de saúde, beleza e bem-estar.

Hospital Termal - Estabelecimento termal com área de internamento.

Nascente - Local da superfície onde emerge naturalmente uma quantidade apreciável de água subterrânea, representando descargas naturais dos aquíferos que alimentam os cursos de água, podendo ser utilizadas para consumo humano através de obras de captação.

Água Mineral Natural - Água considerada bacteriologicamente própria, de circulação profunda, com particularidades físico-químicas estáveis na origem dentro da gama de flutuações naturais, de que resultam propriedades terapêuticas ou simplesmente efeitos favoráveis à saúde.

Banhos medicinais - São "banhos nos quais são adicionados à água aditivos à base de substâncias vegetais, minerais ou químicas, registrados como medicina.

Hidroterapia - É o uso da água em qualquer das suas formas, sólida, líquida ou gasosa, utilizada externa ou internamente, a temperatura e pressão variáveis, na prevenção e tratamento.

Balneoterapia - Não é apenas "o tratamento com banhos em geral, mas também todas as medidas terapêuticas praticadas nos balneários, inclui-se portanto a ingestão e inalação de águas, o emprego de pelóides e o aproveitamento dos factores climáticos de balneário.

Talassoterapia - Balneoterapia através da utilização dos diversos elementos marinhos (água do mar, algas, lamas, sal, areia, clima) para benefícios terapêuticos e/ ou preventivos.

Crenoterapia - Banhos baseados exclusivamente na utilização das águas minerais naturais no tratamento/prevenção de determinadas patologias.

Apodyterium - Serviam como vestiários. Era sempre a primeira câmara, logo após ao pórtico da entrada. Nesta câmara o banhista se despia e guardava suas roupas.

Tepidarium - Câmara de temperatura morna que preparava ao banhista para o banho de água quente.

Caldarium - Banhos de água quente. Era uma câmara luminosa e enfeitada. As grandes termas tinham inclusive piscinas, onde se podia nadar. Em termas menores, o banho era feito em banheiras ou tanques de água quente.

Frigidarium - Câmara destinada aos banhos de água fria. Em grandes termas o frigidarium podia ser descoberto e incluía entre suas instalações uma grande piscina onde se praticava natação (*Natatiae*).

Sudatorium - Câmara com vapores, parecida com a sauna moderna (sala de transpiração).

Palaestra - Pátio central para o qual se abriam todas as demais câmaras e era usado para exercícios físicos.

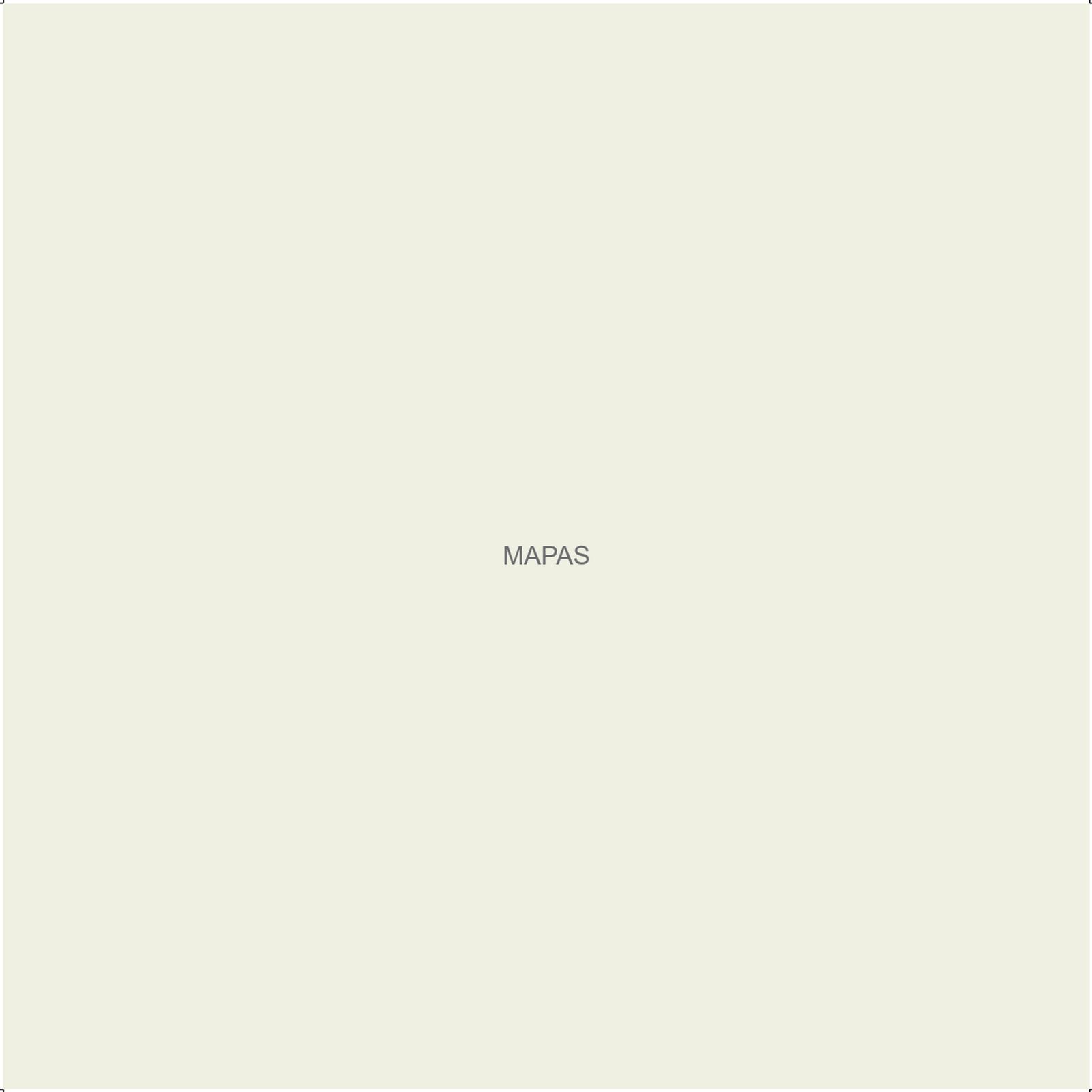
Tabernae - Lojas adjacentes às câmaras de banho, onde se vendiam bebidas e comidas.

Laconicum - Câmara seca.

Hypocaustum - Sistema de aquecimento sob o pavimento, em que o ar aquecido das fornalhas circulava através de tijolos perfurados, e daí espalhavam calor no interior das paredes.

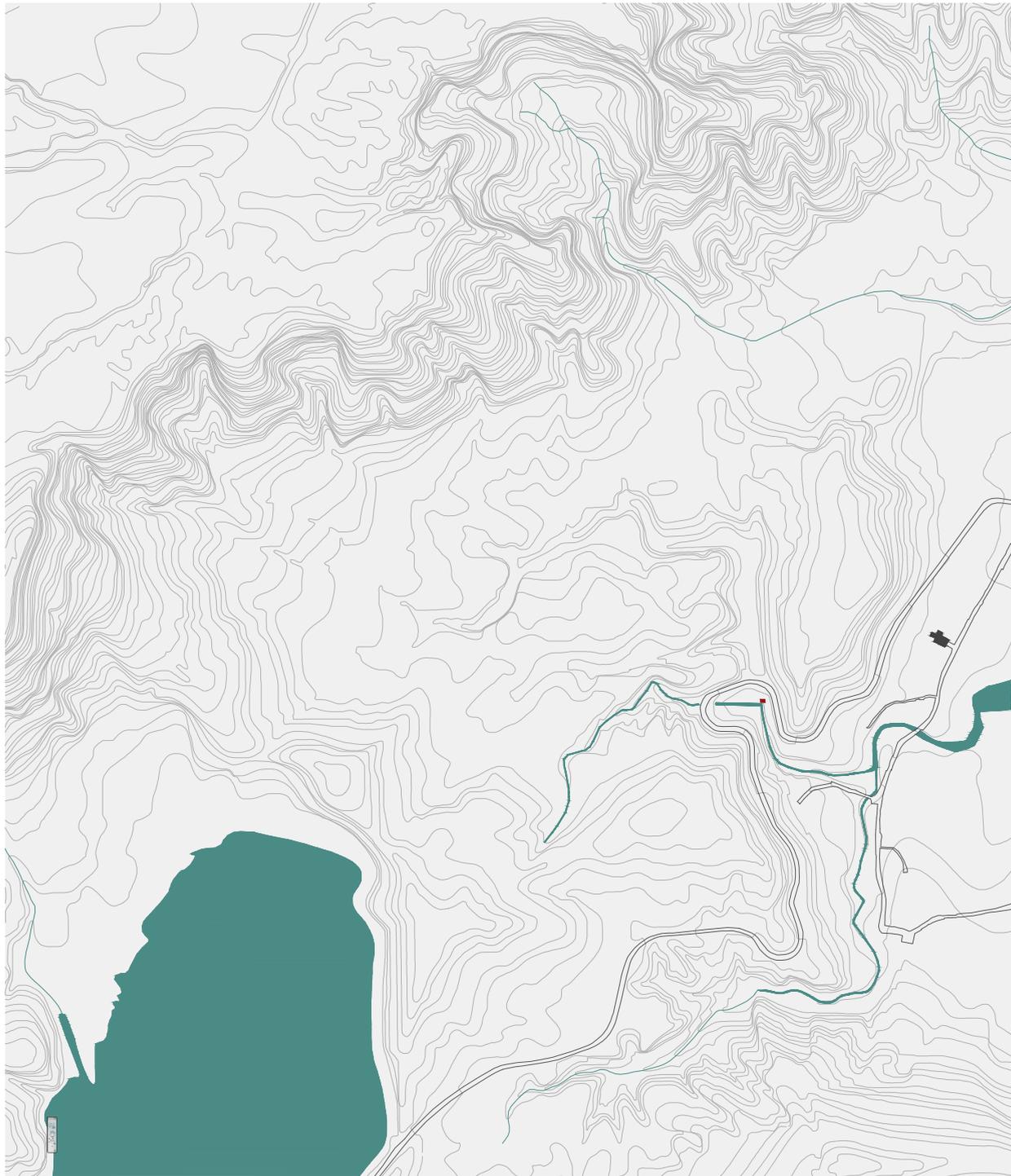
Praefurnium - Local das fornalhas subterrâneas que aqueciam o ar e a água das banheiras.

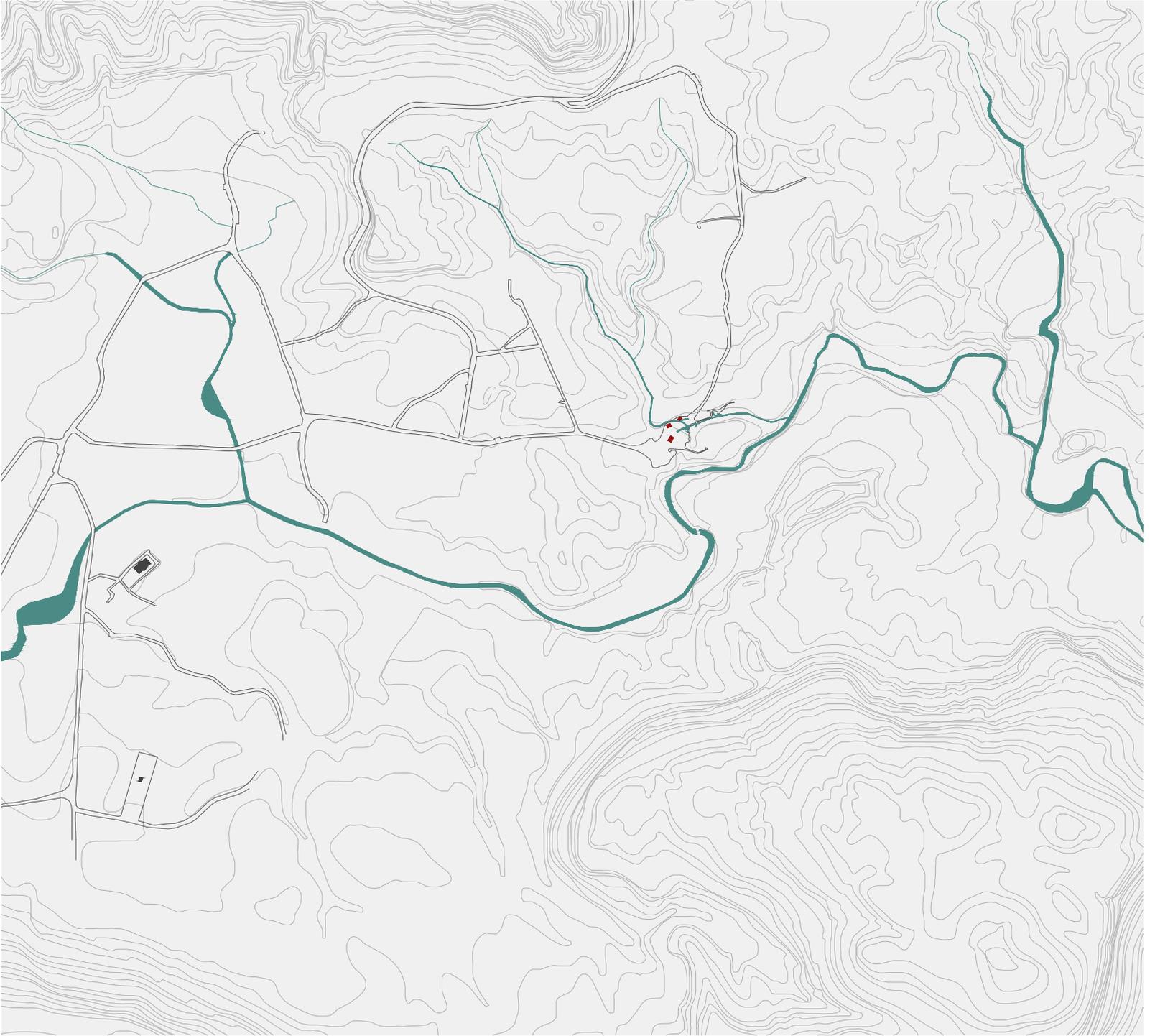
Exedra – Área destinada a reuniões e a ensinamentos ou preleções filosóficas.



MAPAS

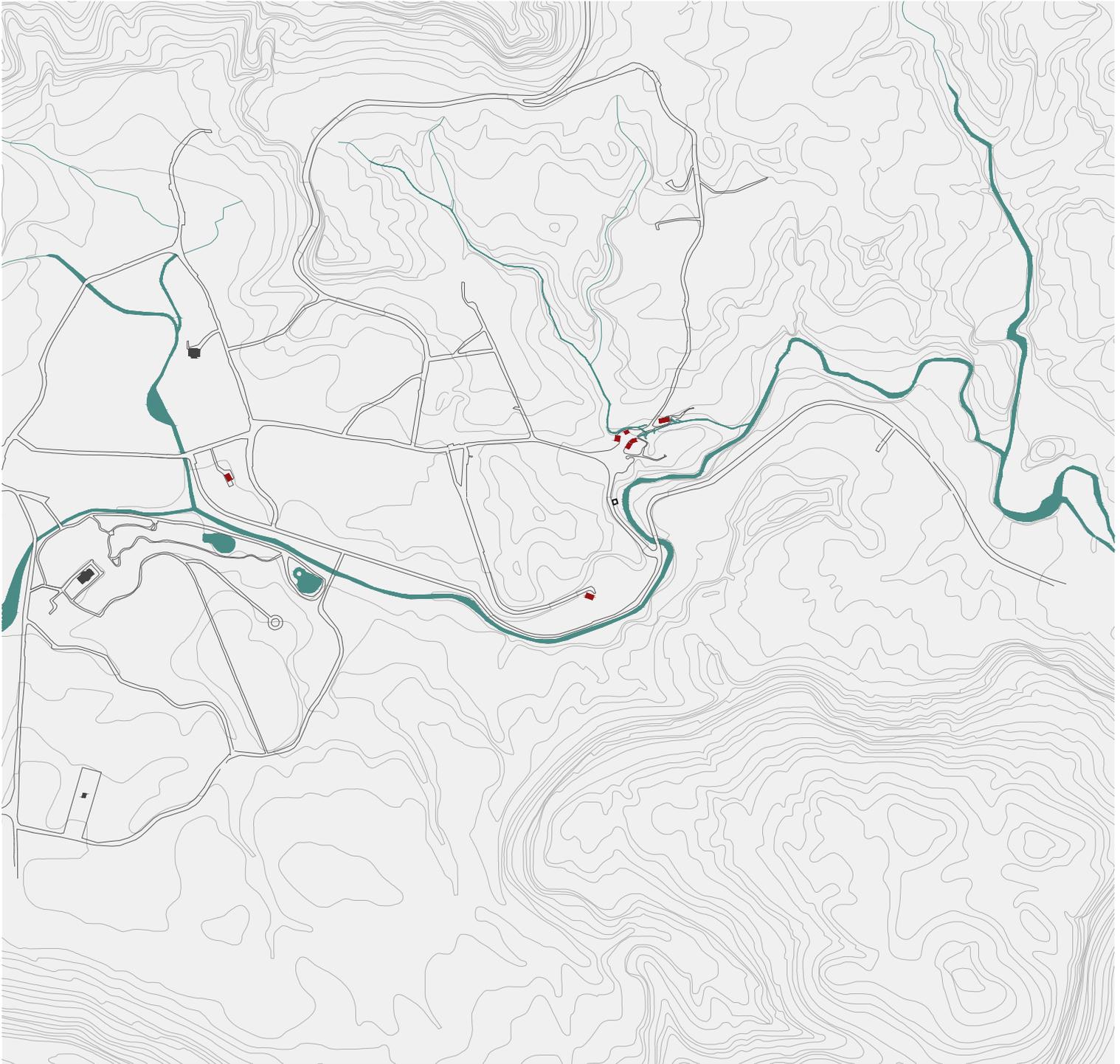
Final
Séc. XVIII
Esc_ 1/7500

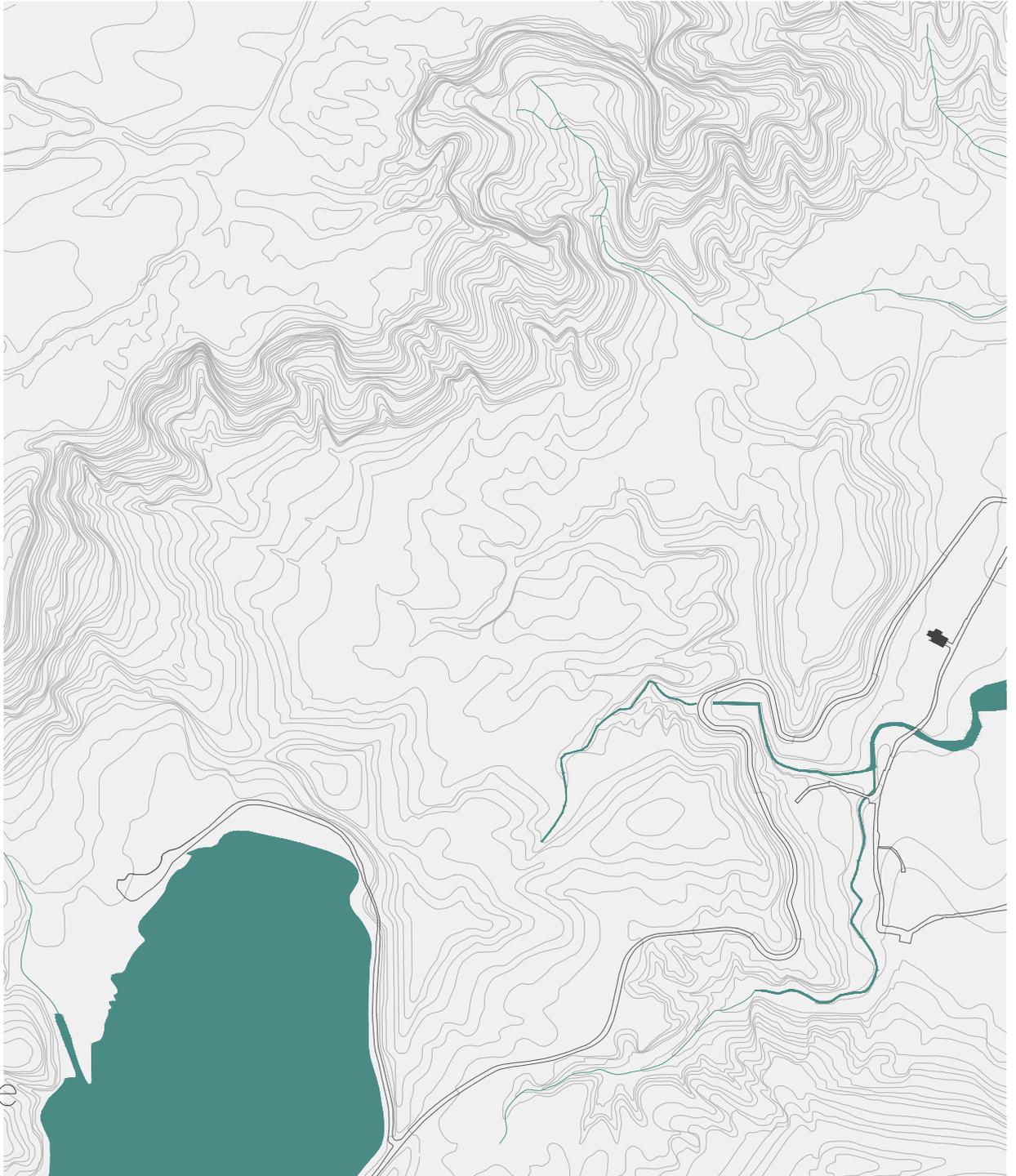




Final
Séc. XVIII
Esc_ 1/7500
168



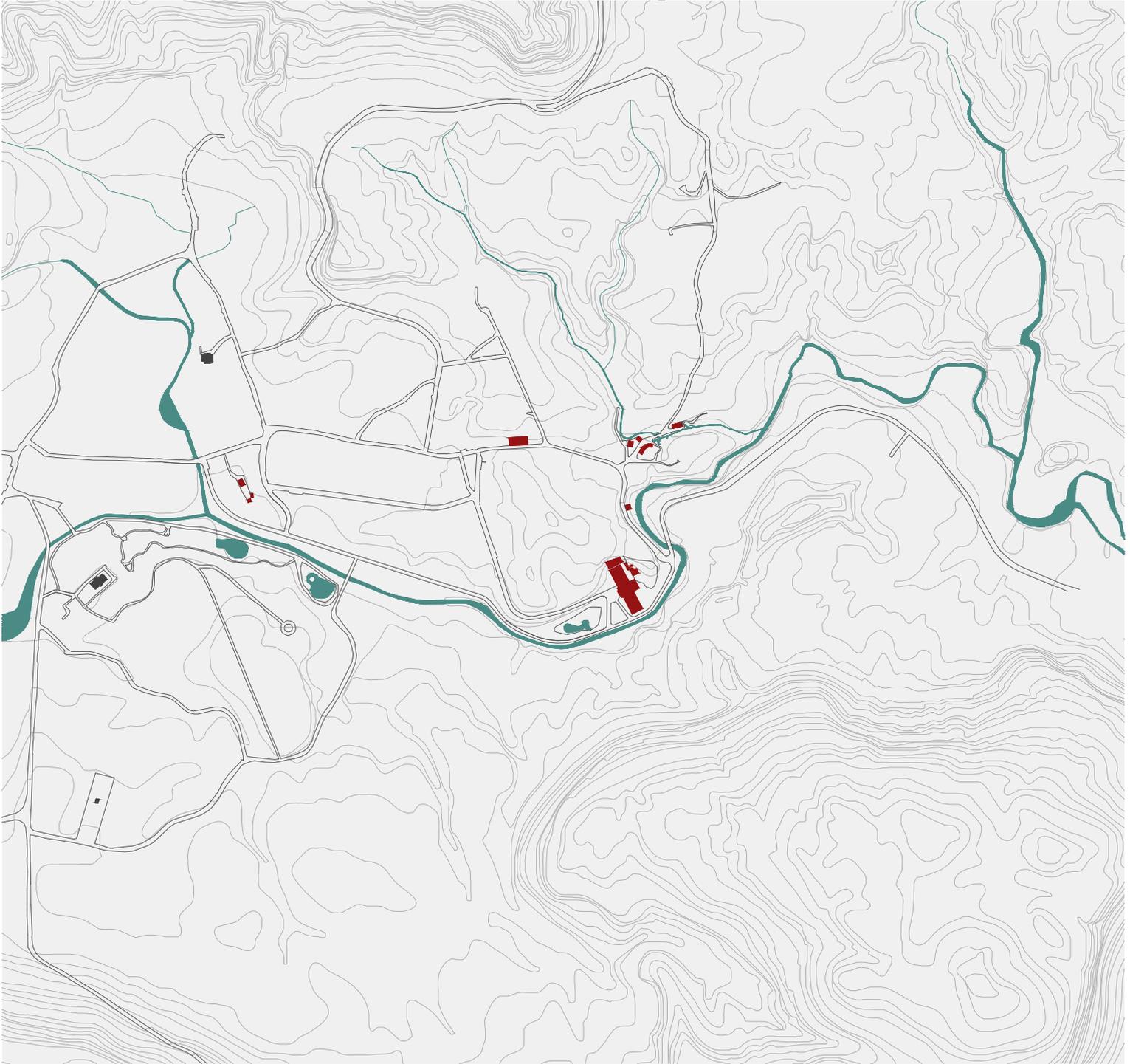


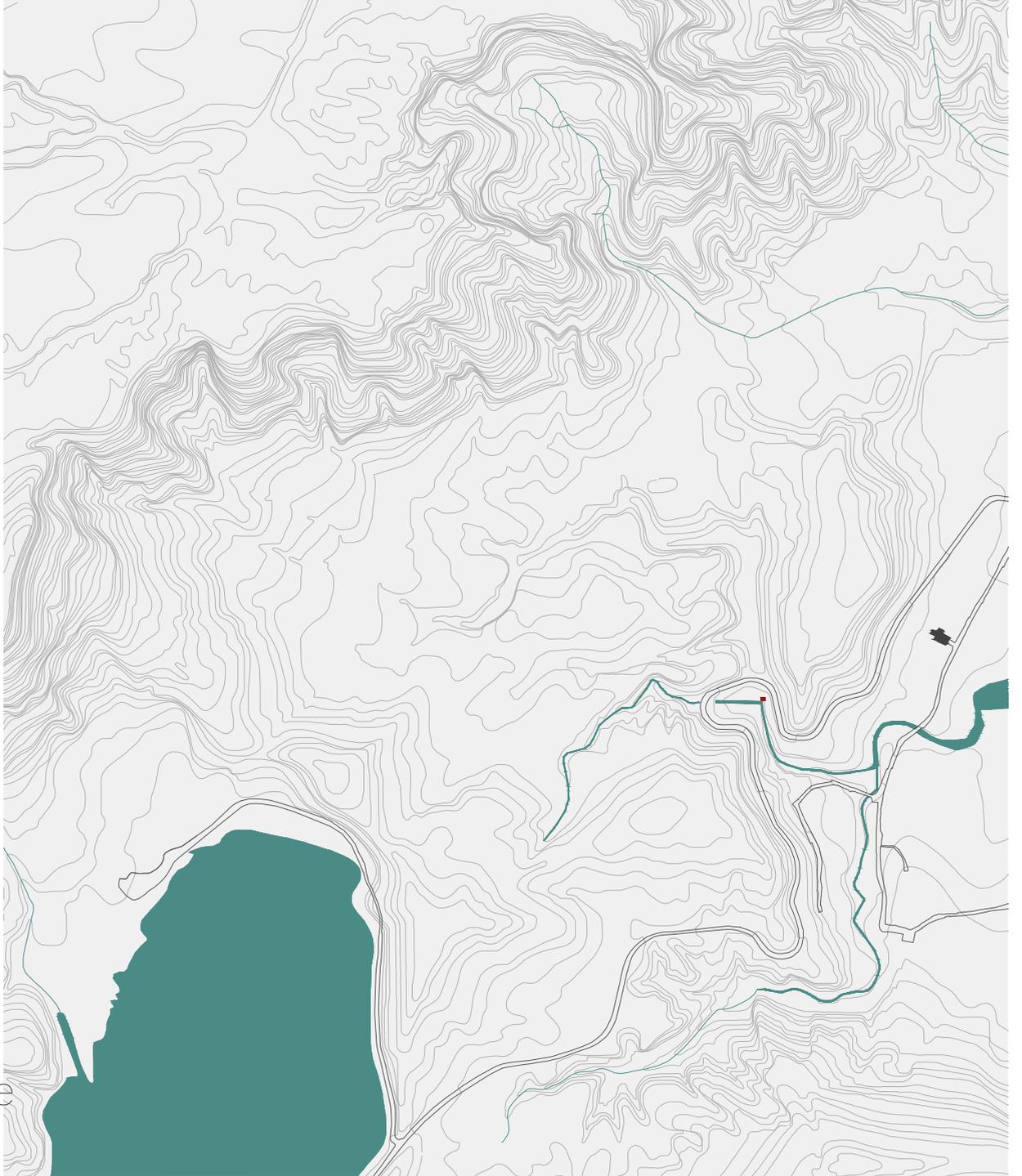


2º Metade

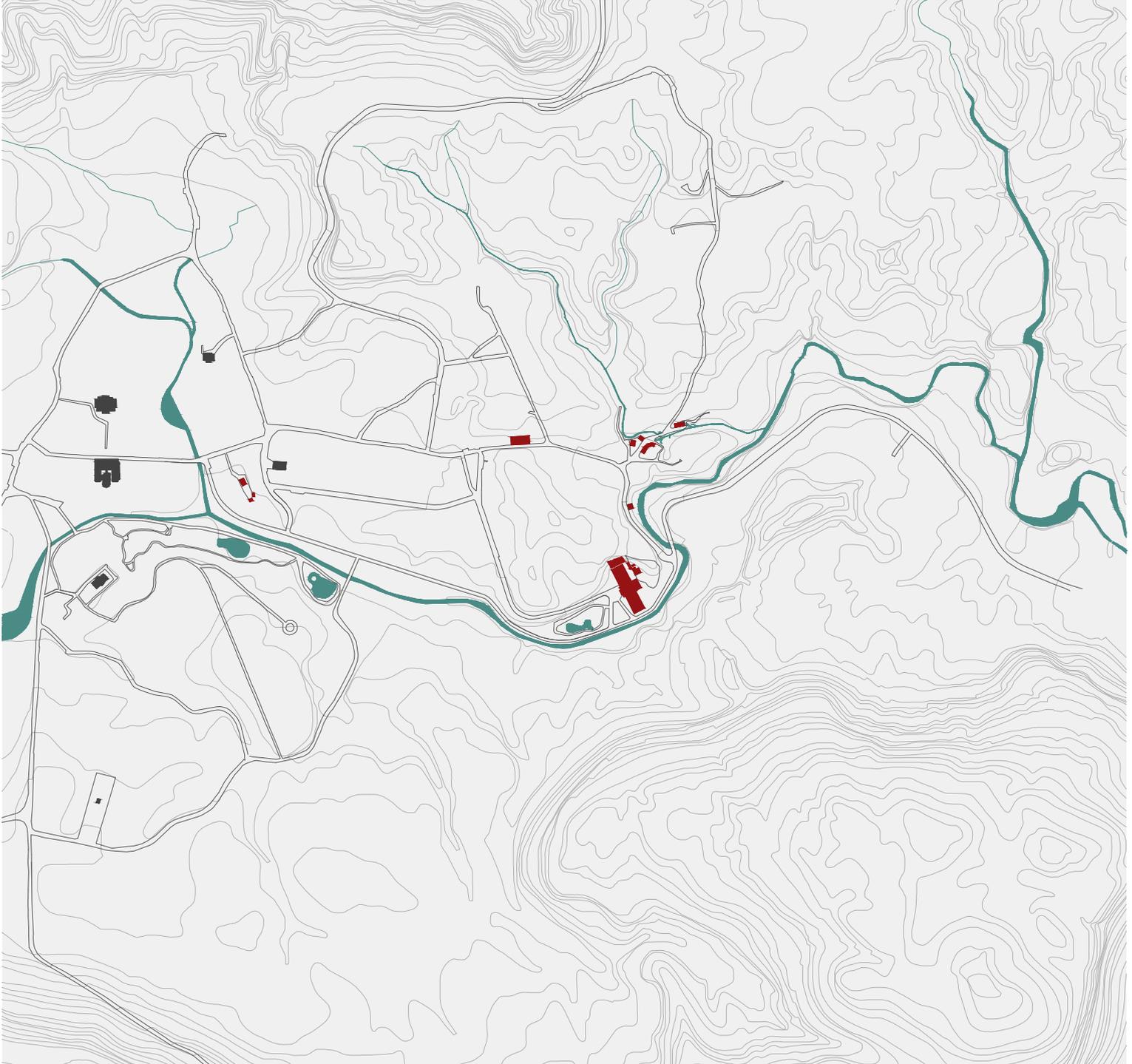
Séc. XIX

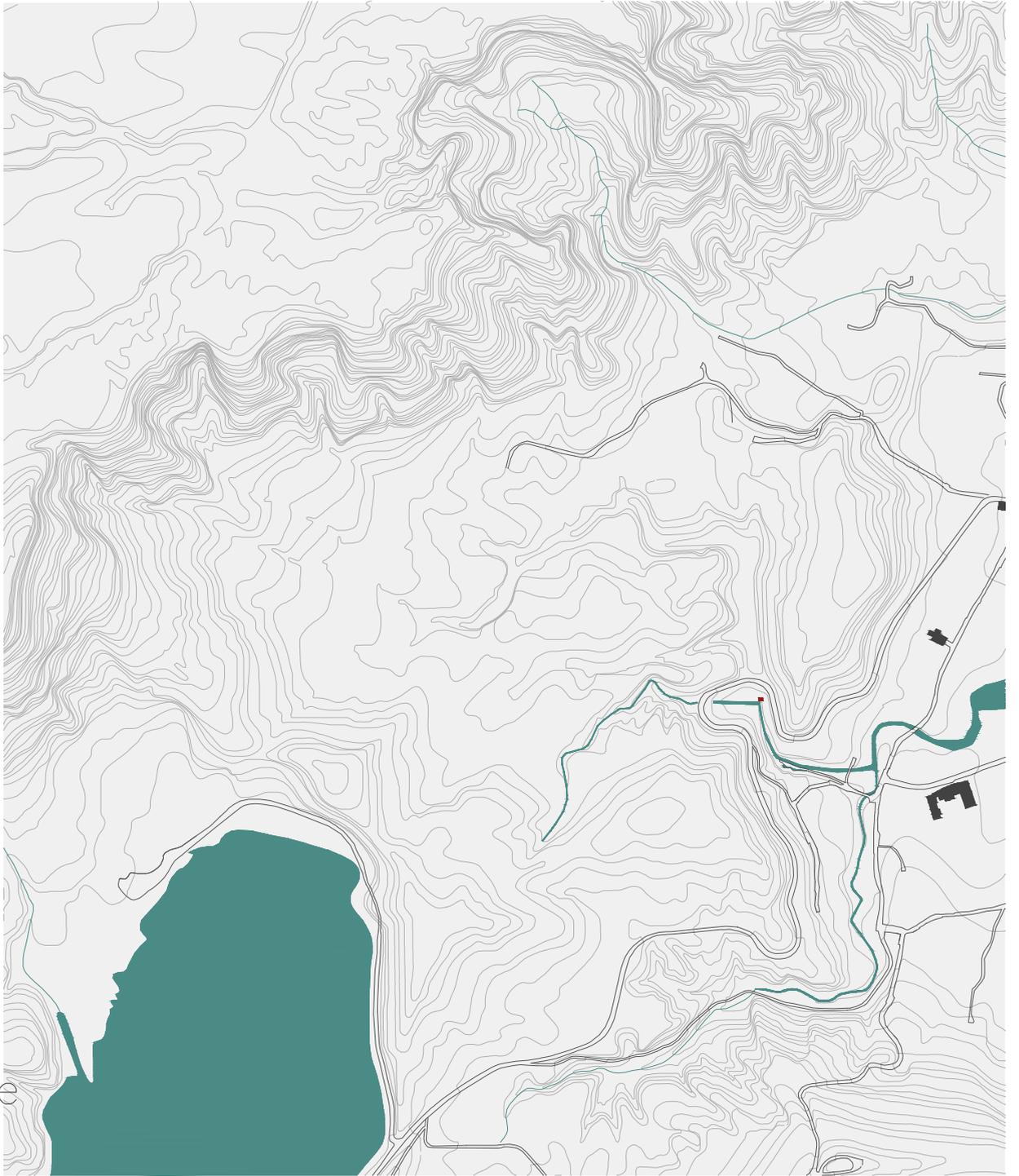
Esc_ 1/7500





1^a Metade
Séc. XX
Esc. 1/7500





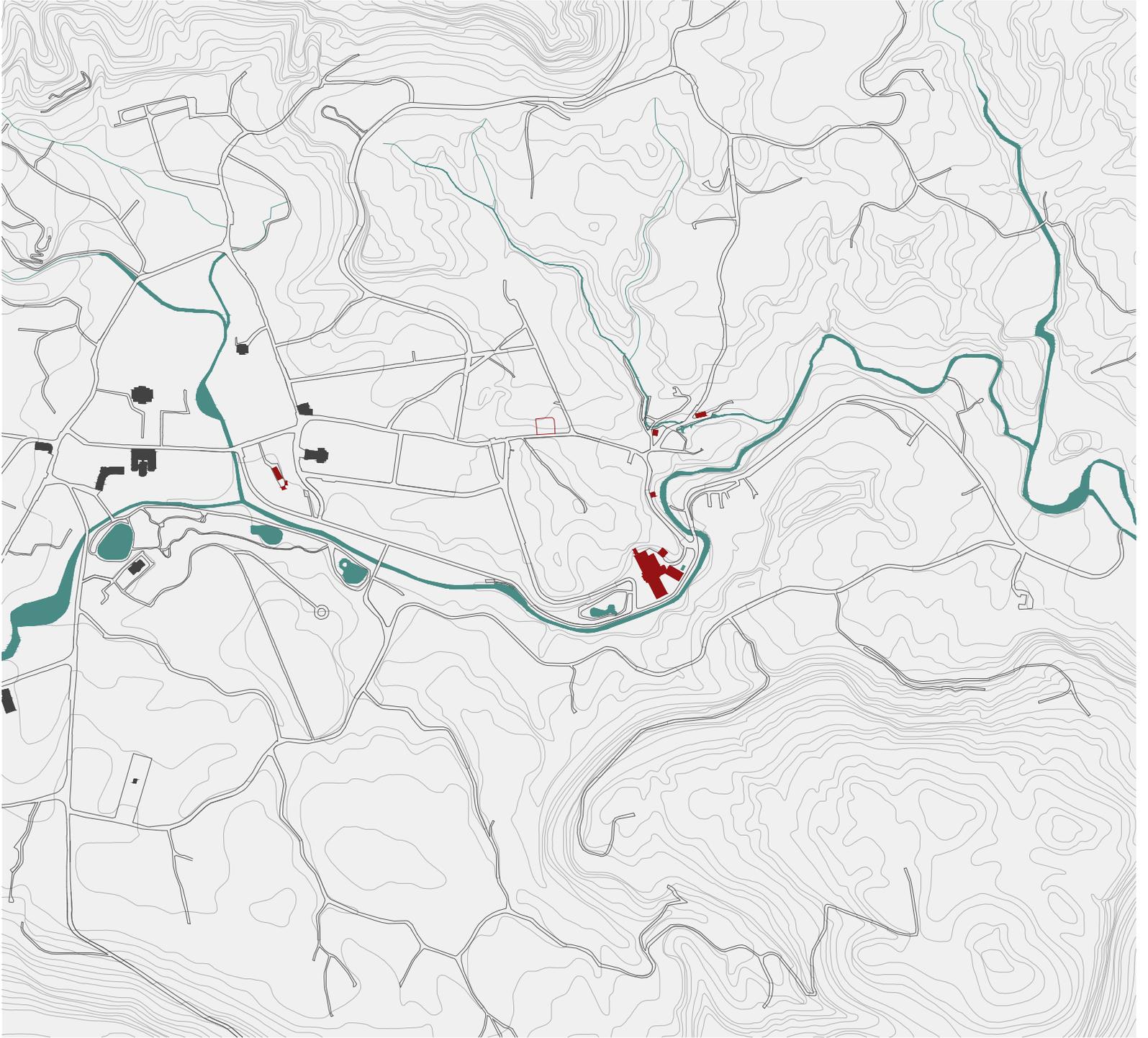
2° Metade

Séc. XX
Esc. 1/7500

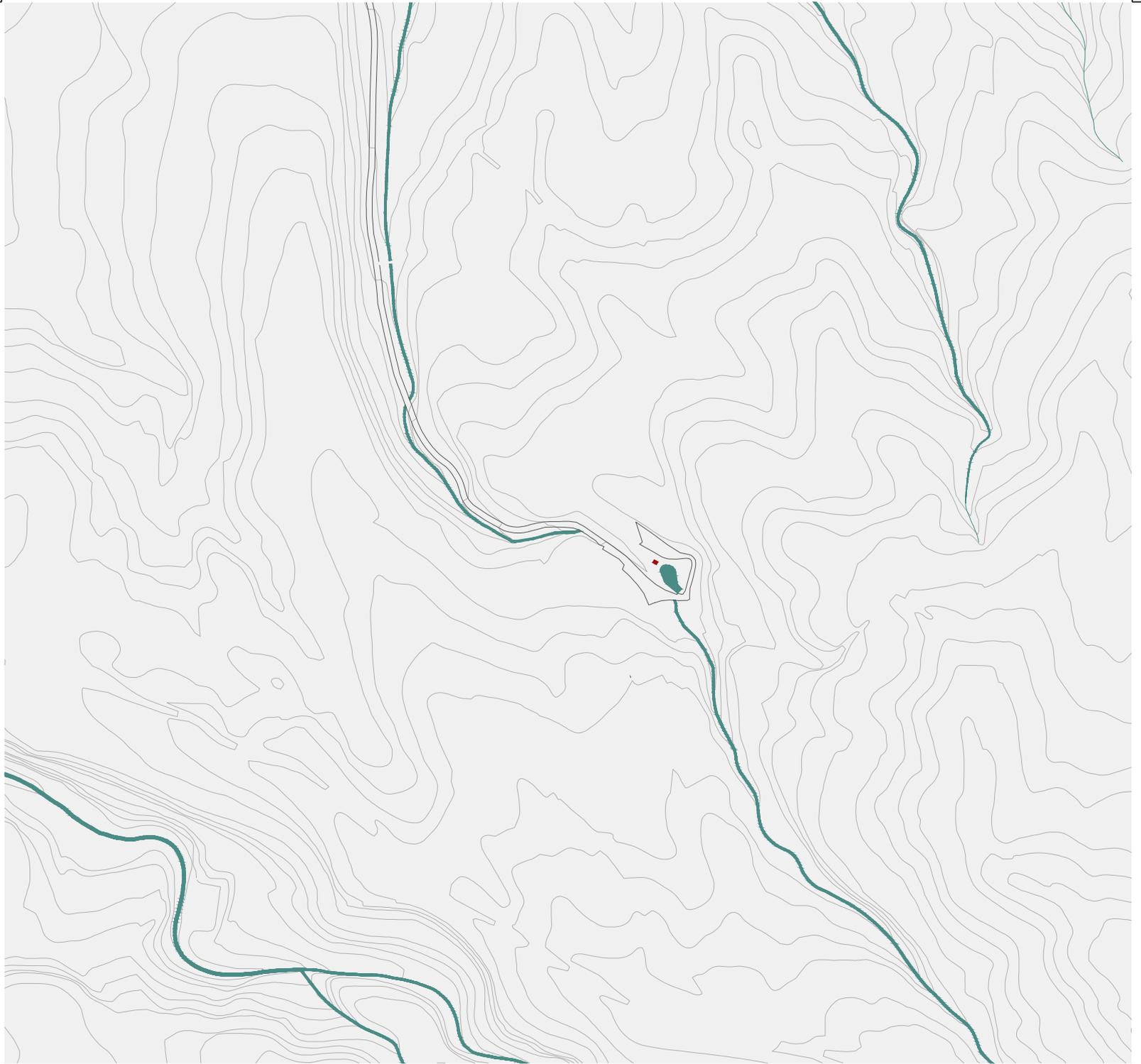




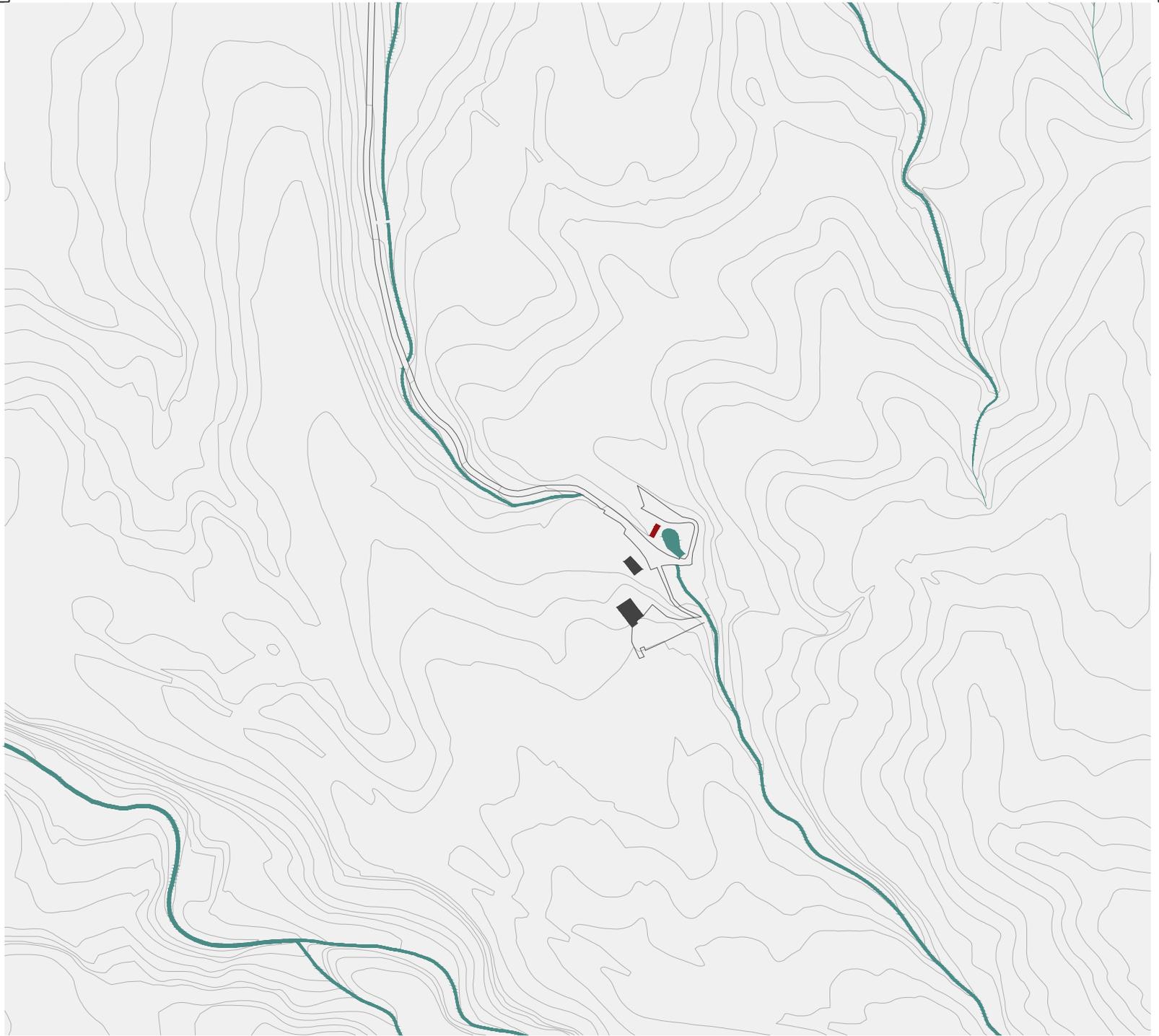
Séc. XXI
Esc. 1/7500



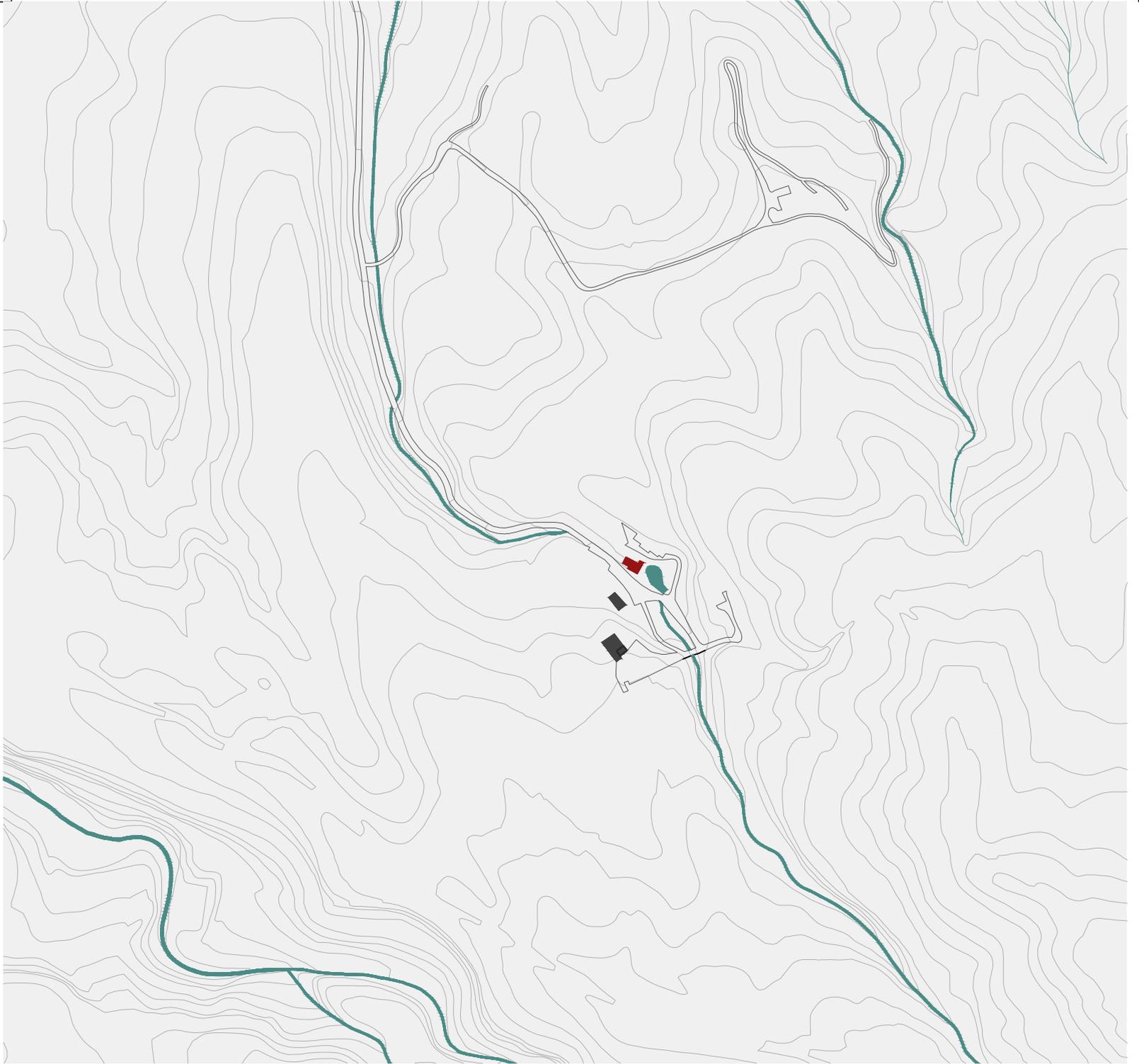




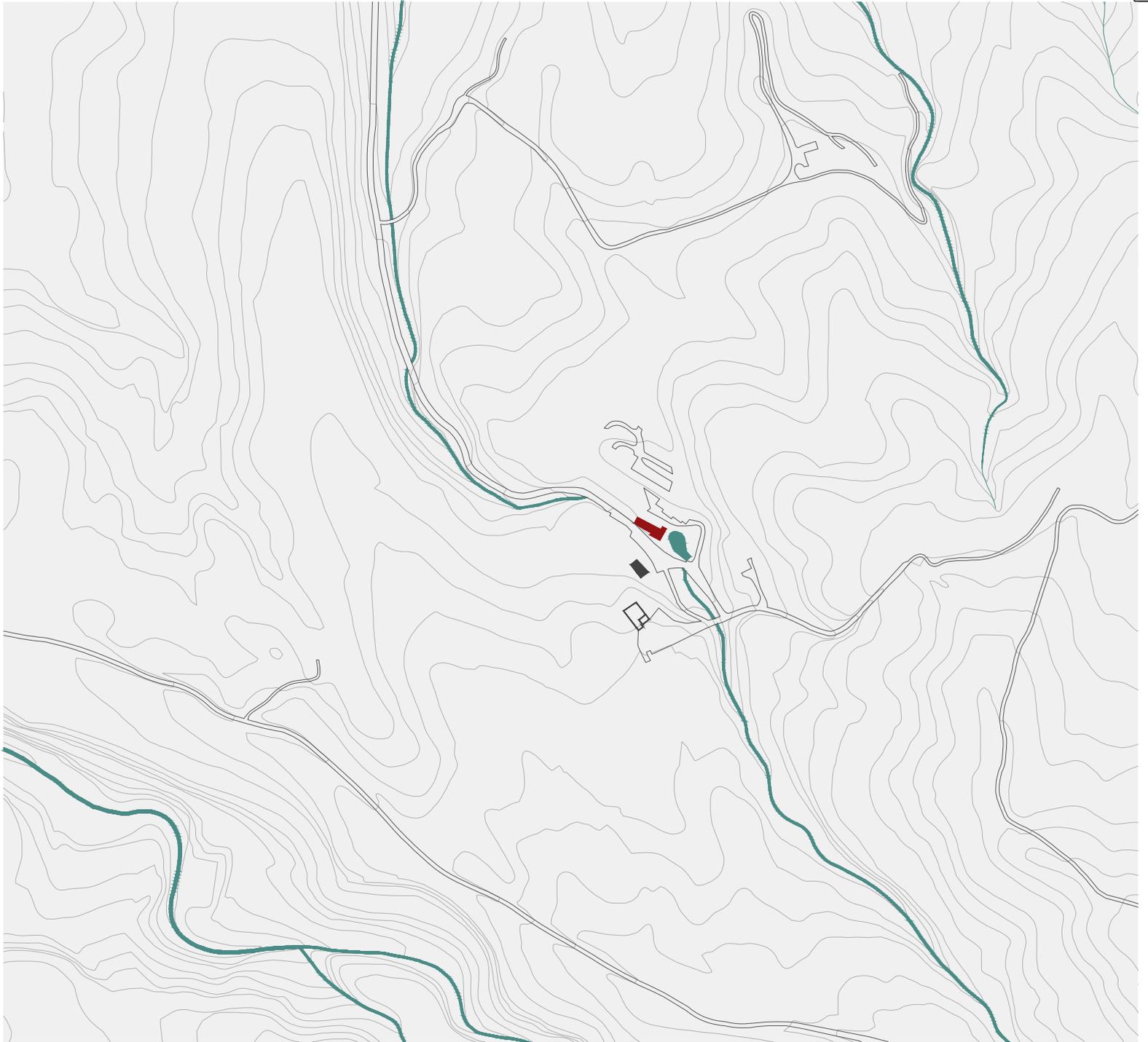
Séc. XVI
Esc_ 1/5000



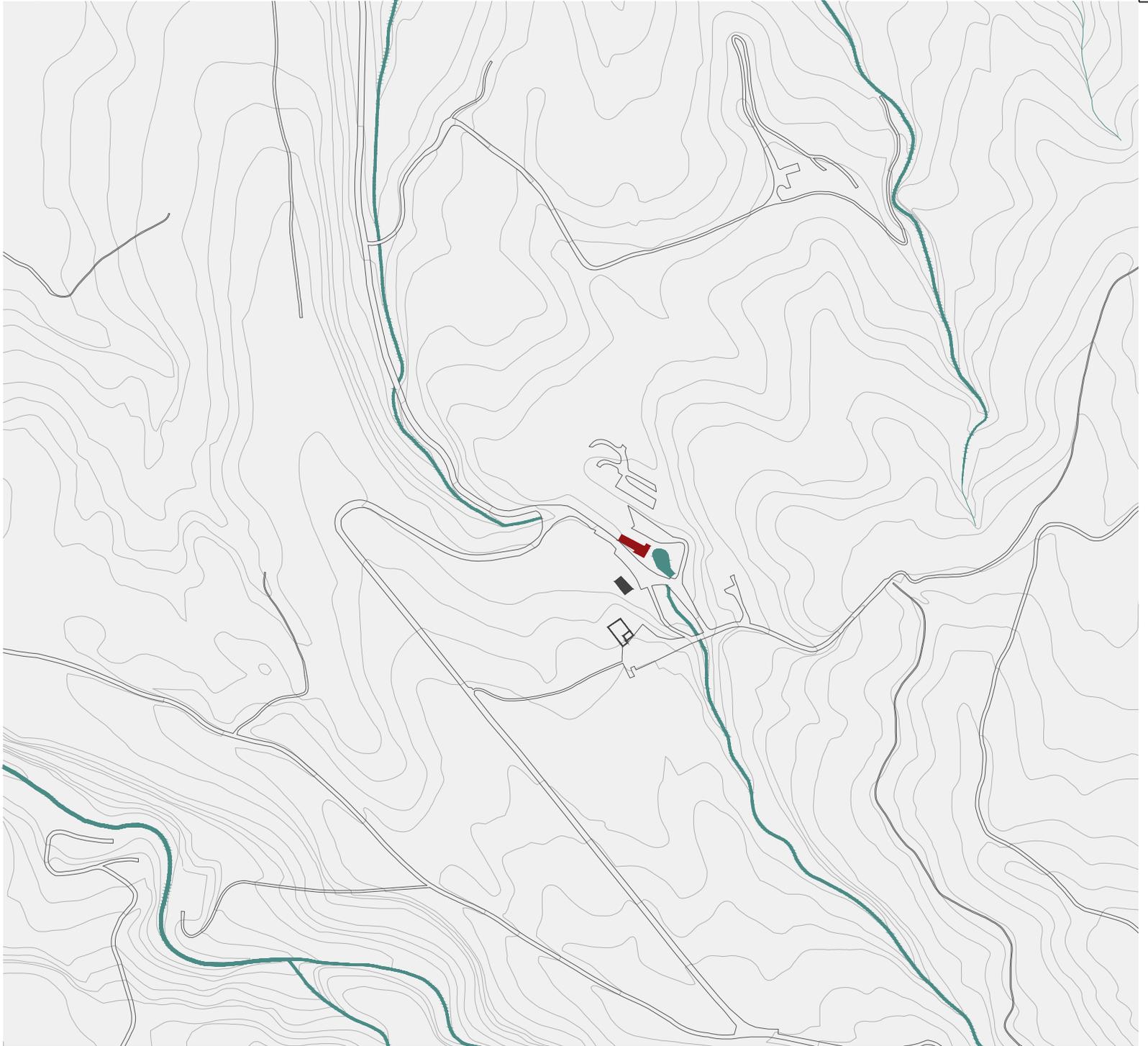
Séc. XVII
Esc. 1/5000



Séc. XVII
Esc. 1/5000



Séc. XX
Esc. 1/5000



Séc. XXI
Esc. 1/5000



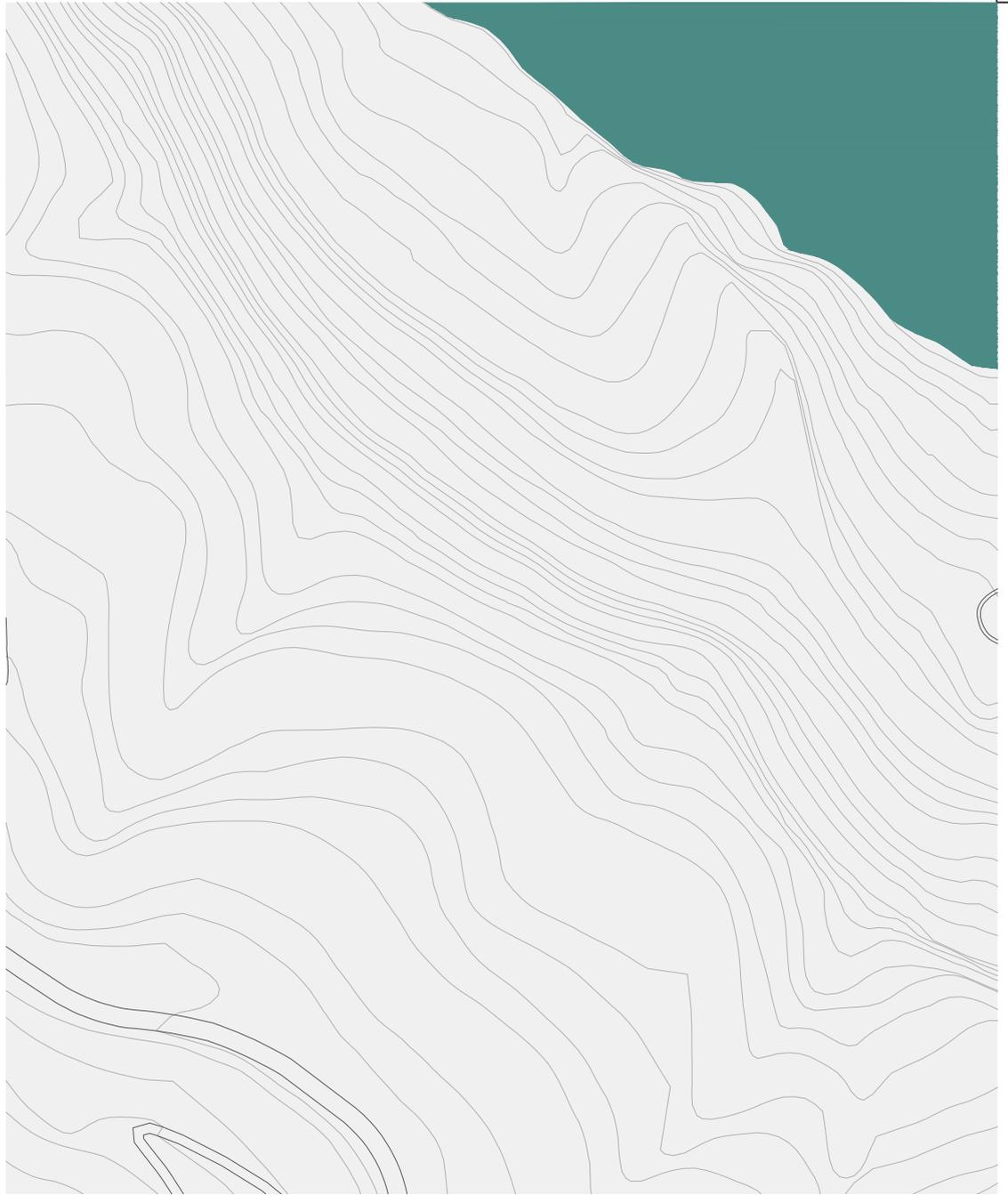
Séc. XIX
Esc_ 1/2000





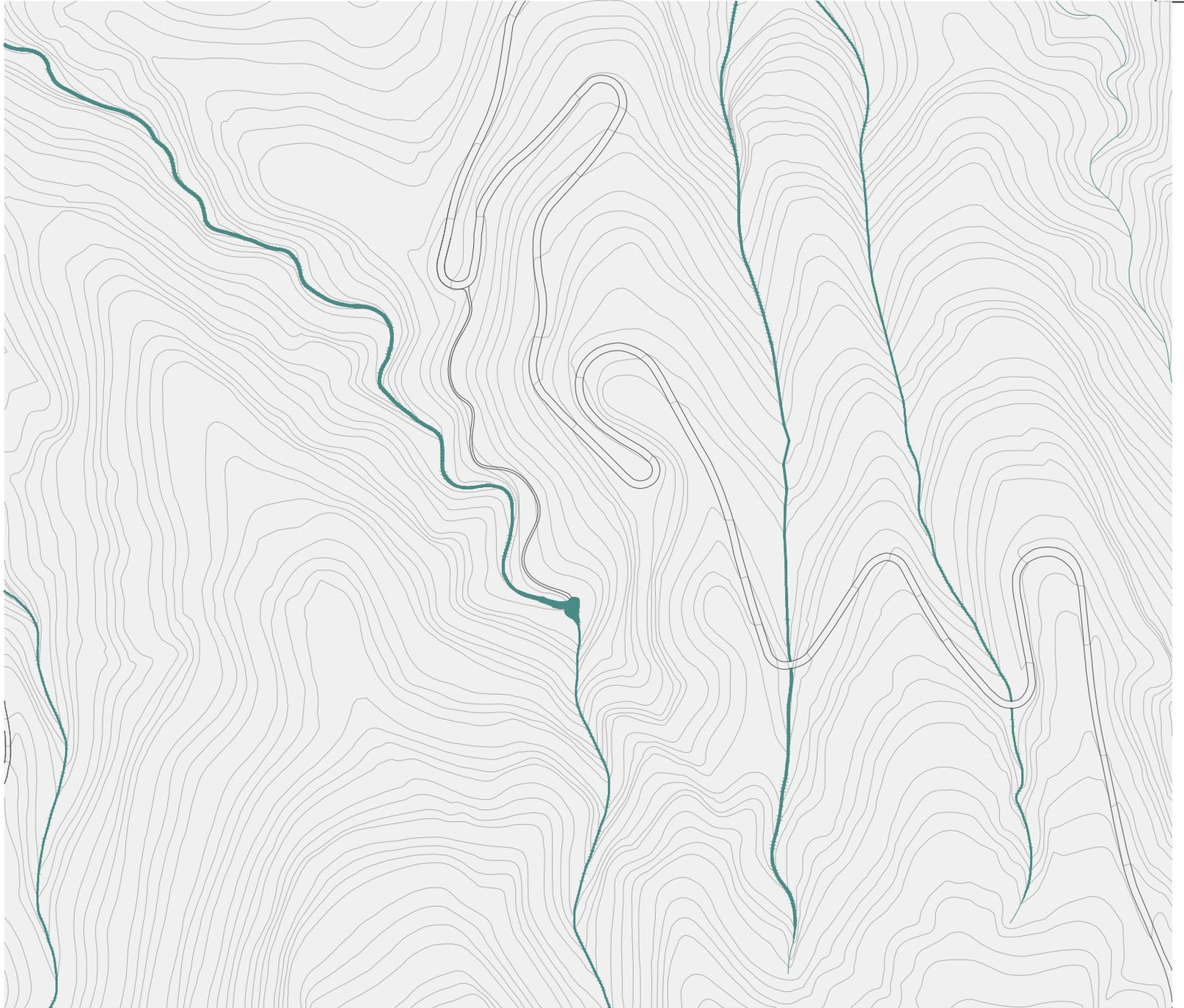
Séc. XX
Esc_ 1/2000





Séc.XXI
LADEIRA DA VELHA
Esc_ 1/2000



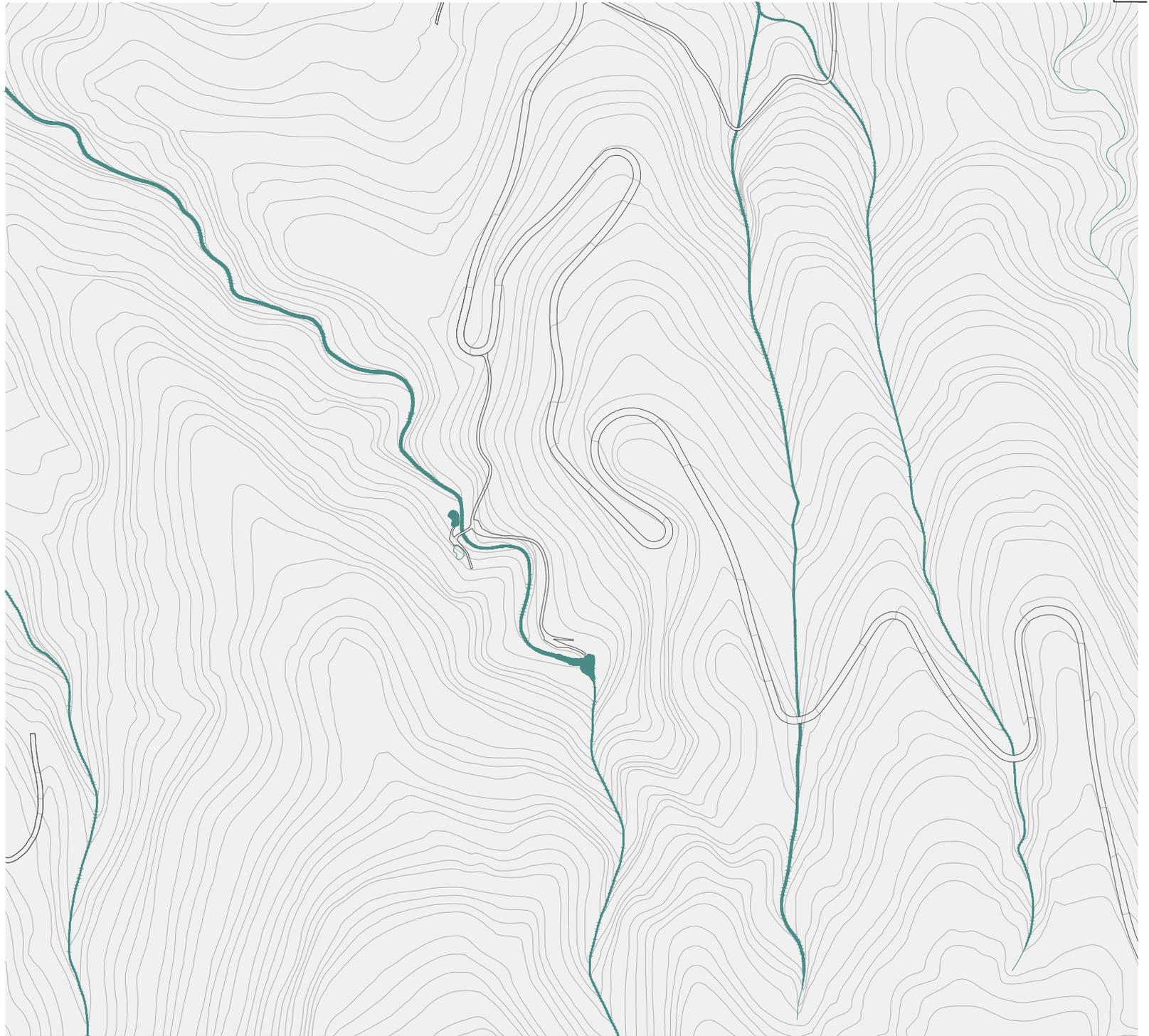


Séc. XX

CALDEIRA VELHA

Esc_ 1/5000

190



Séc. XXI
Esc_ 1/5000





2^a Metade
Séc. XIX
Esc_ 1/5000





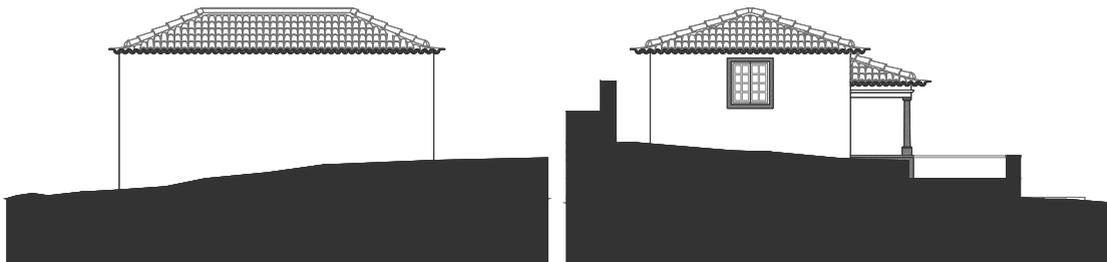
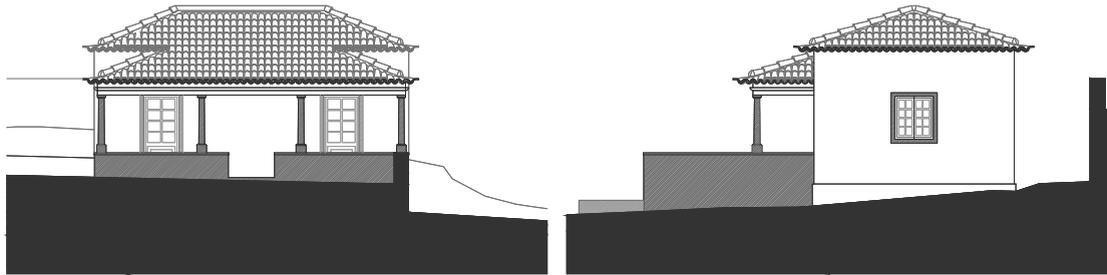
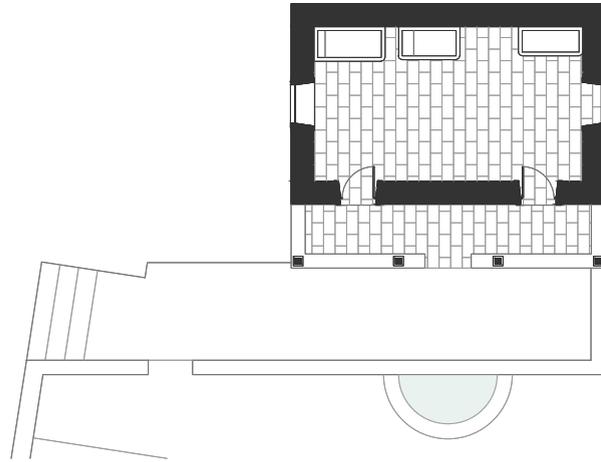
Séc. XX
Esc_ 1/5000





Séc. XXI
Esc_ 1/5000

FICHAS TÉCNICAS



CASA DE BANHO DE ANTÓNIO ALBUQUERQUE OU BARÃO DAS LARANJEIRAS

LOCALIZAÇÃO

Rua do Estaleiro

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado no sítio das caldeiras das Furnas, inserido numa propriedade privada e situado afastado da via.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual Espaço comercial de Artesanato

ÉPOCA

Séc. XVIII-XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes públicos datada na década de 1810.

Alimentada pelas águas da caldeira Grande.

Estruturalmente de alvenaria de pedra basáltica, caiada e pintada a branco, e com estrutura da cobertura em madeira com telha de aba e canudo.

Edifício com três banheiras de basalto que correspondiam a cada um dos três quartos de banho existentes. Separados por divisórias de madeira, o quarto de banho com a banheira maior pertencia ao proprietário, e os restantes dois, mais pequenos, serviam o público. Na zona pública havia um átrio de acesso ao balneário das crianças e ao balneário dos adultos.

O traçado do original do edifício manteve-se havendo apenas alterações na sua envolvente.

Foi Casa-Museu, Posto de Turismo, mas devia ao aparecimento de uma caldeira nas suas fundações, todas as actividades que pudessem decorrer no espaço foram transferidas por um de-

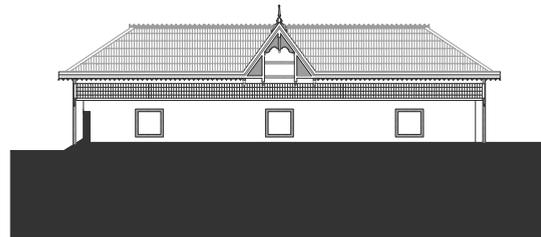
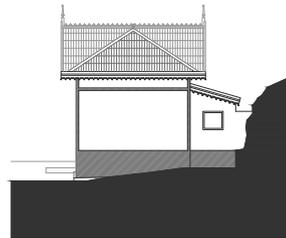
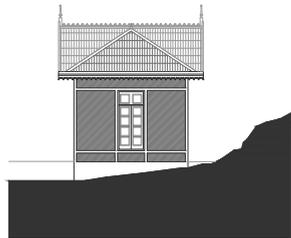
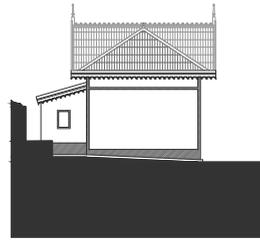
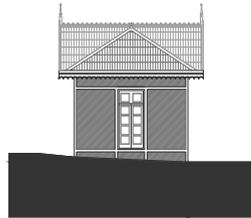
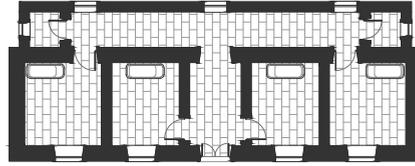
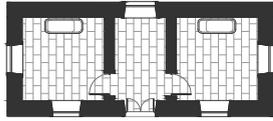
terminado tempo. Actualmente é a loja de artesanato das Furnas.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito bom



CASA DE BANHO DAS MISTURAS OU BANHOS DO CHALET DA JUNTA GERAL – CHALET FRIO

LOCALIZAÇÃO

Rua do Estaleiro

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado nas Caldeiras das Furnas. Situado face à via de acesso ao estaleiro e próximo da nascente da água azeda.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual OMIC - Observatório Microbiano dos Açores

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes públicos datada na década de 1810.

Alimentada pelas águas da caldeira Grande, por uma nascente de água sulfúrea e outra férrea.

Estruturalmente em alvenaria de pedra basáltica, caiada e pintada a branco, e estrutura da cobertura em madeira com telha de aba e canudo.

O traçado original do edifício manteve-se fiel ao original, embora o interior tenha sido muito alterado. Inicialmente, este era composto por dois quartos de banhos, mas como as águas eram muito afamadas no tratamento da arteriosclerose, foi ampliado com mais dois quartos. Os mesmos tinham banheira de grés cada, os acessos a dois dos balneários eram feitos através de um átrio central que, por sua vez, ligava-se a um corredor que permitia o acesso aos outros dois balneários e a duas instalações sanitárias. Em 2010, o edifício foi convertido num laboratório natural que procura assumir um papel importante na ecologia microbiana, deste

modo, o antigo edifício passou a ser composto por um gabinete, quatro salas expositivas e o corredor, cuja utilização varia conforme as necessidades e actividades do centro.

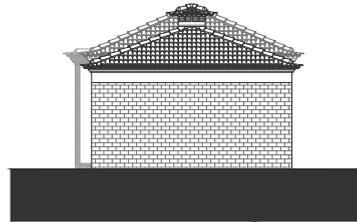
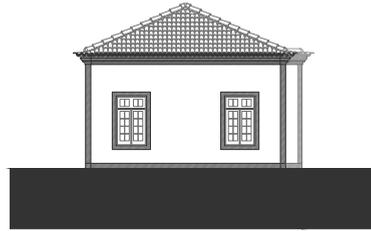
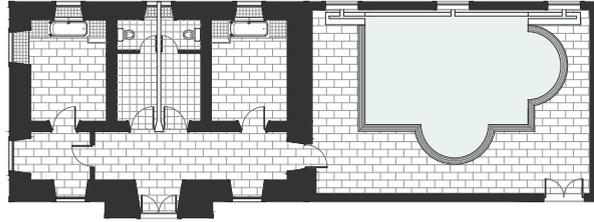
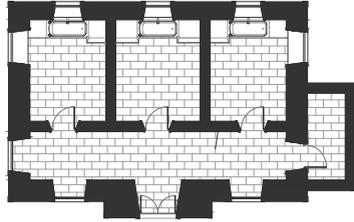
Actualmente podemos encontrar uma das banheiras antigas em exposição.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom



CASA DE BANHO FÉRREOS DA CÂMARA OU CASA DE BANHOS DA RIBEIRA

LOCALIZAÇÃO

Rua Padre José Jacinto Botelho

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado no centro do tecido urbano do Vale, inserido no meio de um quarteirão de uma propriedade privada, afastado da via e próximo das nascentes férreas.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual Casa Museu -Restaurante

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes datada em 1813. Alimentada por uma nascente das águas Férreas, a uma temperatura de 39°C. Estruturalmente em alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira com telha de aba e canudo.

Edifício composto por um corredor de acesso a umas pequenas instalações de apoio aos usuários dos banhos, e três quartos de banhos, dois com uma banheira de grés, e um com duas da mesma materialidade mas de diferentes dimensões.

Este edifício foi reconstruído na segunda metade do século XIX, e até aos dias de hoje conta com três intervenções: 1ª - a sua reconstrução e conversão do quarto de banho com duas banheiras para dois quartos de banho banhos quentes, passando assim o edifício a ter quatro; 2ª - a ampliação do edifício na década de 1990, com a construção de um espaço com uma piscina de águas férreas e com a conversão dos dois quar-

tos centrais para instalações sanitárias femininas e masculinas; e por fim, a 3ª intervenção, que consistiu na construção de um espaço comercial agregado às estruturas adjacentes, sendo mantidas as instalações sanitárias, um dos quartos de banhos foi convertido num armazém e o outro conservado para exposição.

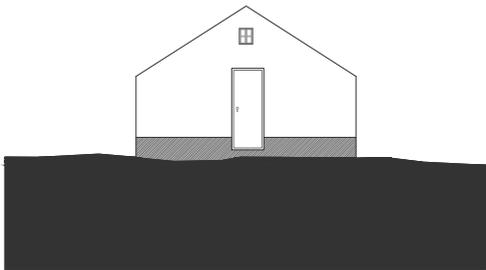
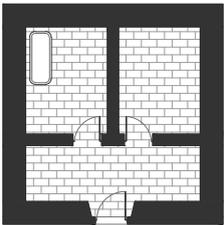
Entretanto, as banheiras de grés foram substituídas por banheiras de ferro revestido com esmalte.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Razoável



CASA DE DE BANHO DO MORGADO GIL GAGO DA CÂMARA OU BALNEÁRIO DE ALBANO DA PONTE

LOCALIZAÇÃO

Avenida Dr. Manuel de Arriaga

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado no centro do Vale, numa propriedade privada próxima do edifício de banhos quentes férreos da Câmara Municipal adjacente à Casa de Banhos de Eugénio da Câmara

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual ...

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes datada por volta da segunda metade do século XIX.

Alimentada por uma nascente das águas Férreas, a uma temperatura de 48,5°C.

Estruturalmente em alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira com telha de aba e canudo.

Edifício composto por um átrio, uma arrecadação e um quarto de banho com uma banheira de mármore/grés.

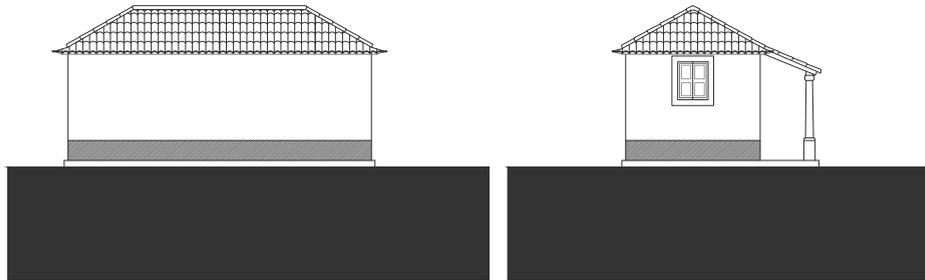
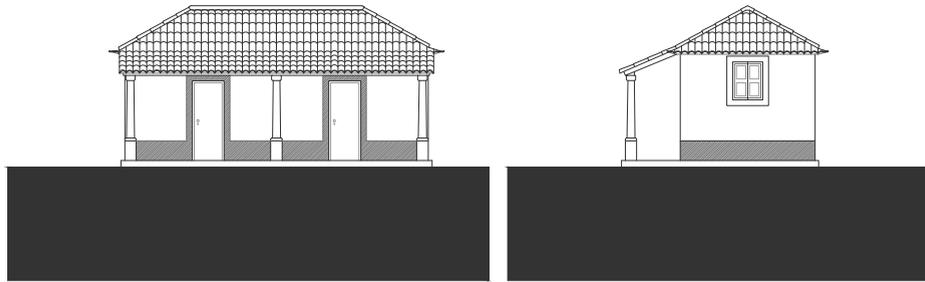
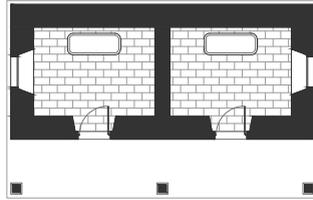
Esta casa de banhos quentes destinava-se exclusivamente aos proprietários.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Demolido



CASA DE BANHO DE EUGÉNIO DA CÂMARA

LOCALIZAÇÃO

Avenida Dr. Manuel de Arriaga

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado no centro do Vale, numa propriedade privada próxima do edifício de banhos quentes férreos da Câmara Municipal adjacente à Casa de Banhos de Albano da Ponte

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual ...

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes datada por volta da segunda metade do século XIX.

Alimentada por uma nascente das águas Férreas, a uma temperatura de 48,5°C.

Estruturalmente em alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira com telha de aba e canudo.

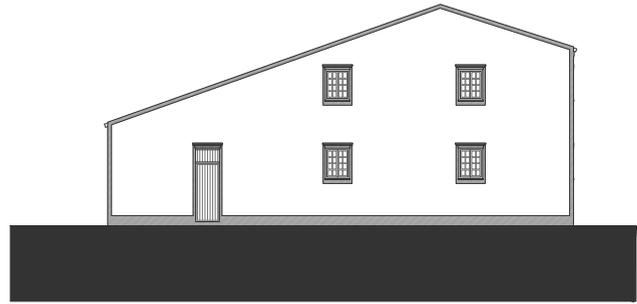
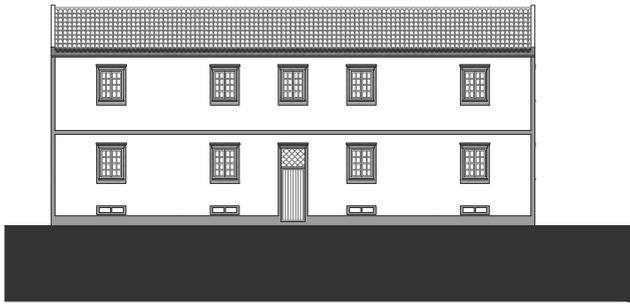
Edifício composto por um alpendre e dois quartos de banho com uma banheira de basalto cada, onde um quarto se destinava aos proprietários e o outro para o uso do povo.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Demolido



HOSPITAL TERMAL DAS FURNAS OU FILANTROPIA MICAELENSE

LOCALIZAÇÃO

Rua das Caldeiras

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado próximo das Caldeiras das Furnas. Situava-se face à via, no início rua que desce para as Caldeiras.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural/urbana

FUNÇÃO

Inicial Hospital Termal
Actual -

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Hospital Termal datado em 1851.

Alimentado pelas águas da caldeira Grande.

Edifício construído pela necessidade de hospitalização de um elevado número de pacientes, sobretudo pobres, e de uma assistência médica eficaz.

O plano do hospital é traçado pelo Oficial da engenharia Francisco Maria Montano.

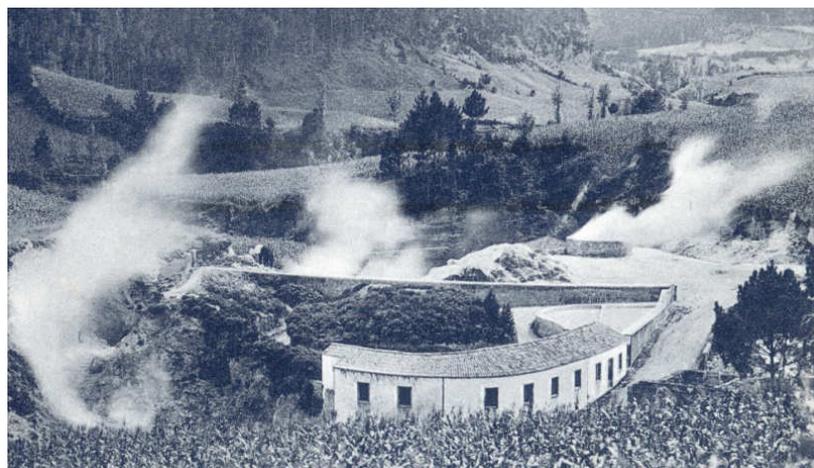
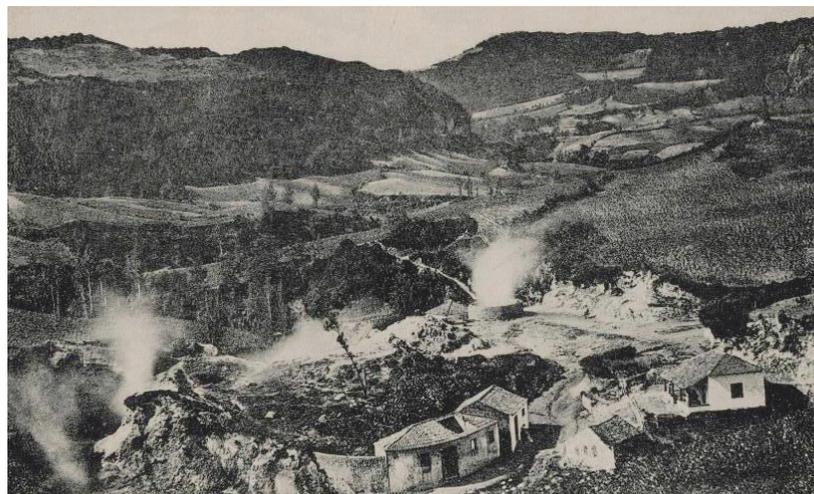
Constituído por duas enfermarias com capacidade para quarenta doentes com actividades e funções contínuas, devido à existência de um médico efectivo, com a obrigação de elaborar um relatório sobre o efeito das águas em cada um dos casos de tratamento, de modo a estudar a balneoterapia, uma pesquisa até então muito descuidada. Anos depois, foi convertido numa escola primária.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Demolido



CASA DE BANHO DA CONDESSA DE CUBA

LOCALIZAÇÃO

Rua do Estaleiro

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado no sítio das Caldeiras das Furnas, próximo da caldeira do Pêro Botelho, das casas de banho do António de Albuquerque e dos banhos do Marques Moreira. Situado face à via.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual -

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes públicos datada por volta dos anos 50 do século XIX.

Alimentada pelas águas da Caldeira Grande.

Resumia-se à ampliação do edifício do Morgado Francisco Botelho d'Arruda e à apropriação do edifício termal do Cônsul dos Estados Unidos, Thomas Hickling

Estruturalmente de alvenaria de pedra basáltica, caída a branco, e estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo.

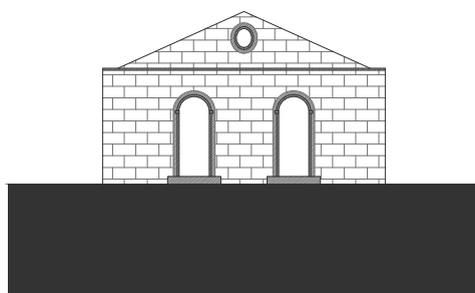
De forma curva, o edifício estava composto por sete quartos de banho, seis quartos que serviam o público, dois sem antecâmara e outros dois com antecâmara e um banho sentado.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Demolido



CASA DE BANHO FÉRREOS DE MARQUES MOREIRA

LOCALIZAÇÃO

Rua do Estaleiro

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado no sítio das Caldeiras das Furnas, adjacente à casa de banhos de António de Albuquerque e próximo dos banhos da Condessa de Cuba. Situado face à via.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual -

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes públicos datada por volta dos anos 50 do século XIX.

Alimentada pelas águas da caldeira Grande.

Estruturalmente de alvenaria de pedra local e estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo.

É desconhecida a organização interior do edifício, assim como, o número e o tipo de banheiras.

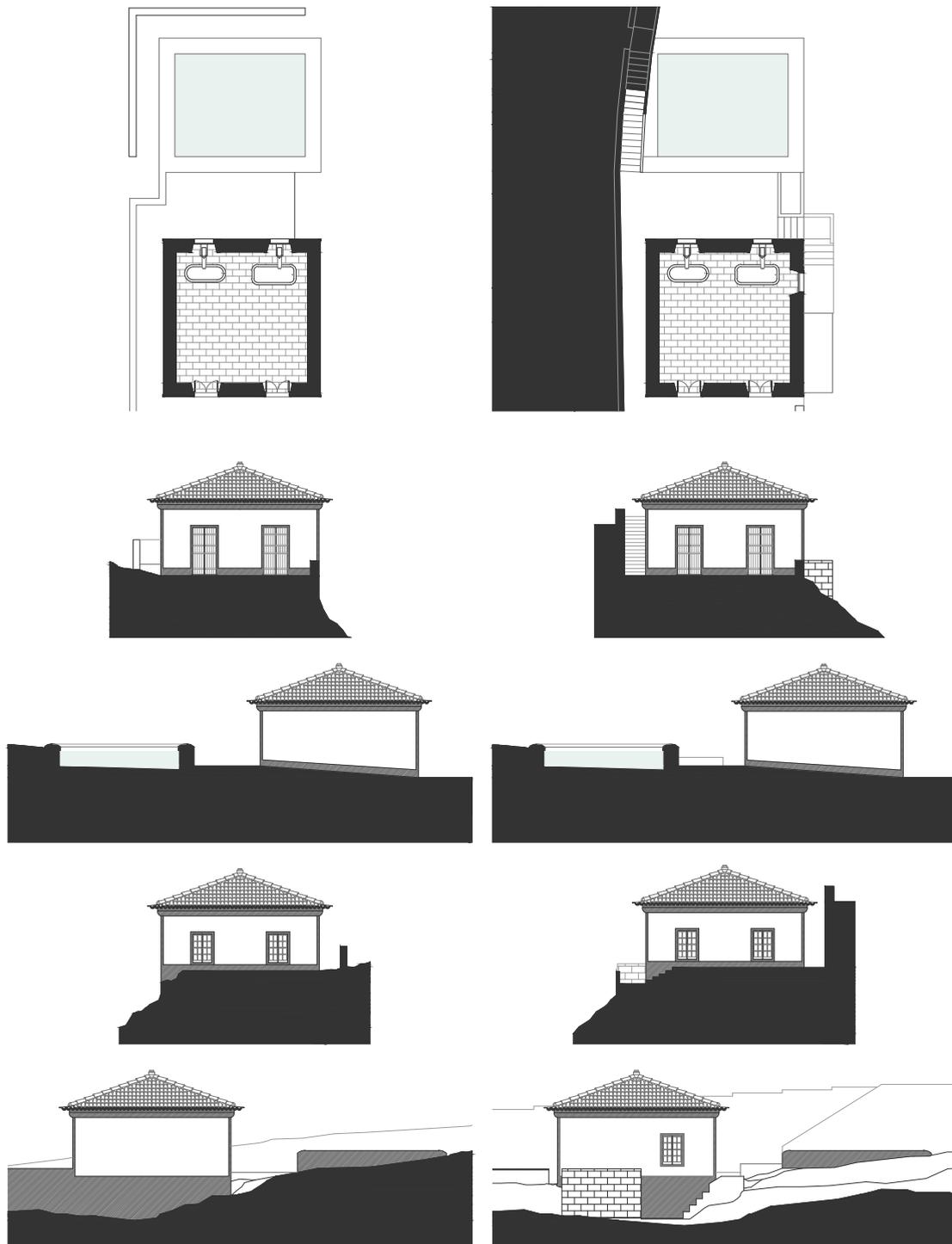
Edifício nunca chegou a ser concluído devido à construção do grande balneário termal das Quen-turas, os Banhos Novos.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Demolido



CASA DE BANHO DE JOSÉ MARIA RAPOSO D'AMARAL OU CHALET DA TIA MERCÊS

LOCALIZAÇÃO

Rua das Caldeiras

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado junto das caldeiras Caldeiras do Vale das Furnas em uma das margens da ribeira Quente. Situado próximo dos Banhos das Quenturas e à face de uma das vias principais de acesso às Caldeias e à Povoação.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual Casa de Chá

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes públicos datada por volta de 1856. Existe uma lápide na fachada principal com a data de 1866, mas suspeita-se que essa não foi a data da construção do edifício, e sim de uma possível reconstrução por parte de um novo proprietário.

Alimentada pelas águas da caldeira do Asmodeu.

Estruturalmente de alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira com telha de aba e canudo.

Edifício de planta livre, onde um biombo de madeira organizava o espaço, servindo como separador entre a zona que servia o proprietário e a outra que servia o público.

As duas banheiras de grés existentes serviam cada espaço respectivo, em que a maior servia a família do proprietário e a mais pequena o povo.

No exterior, nas traseiras do edifício, encon-

tra-se um tanque de arrefecimento que era abastecido directamente pela nascente, que por vez, abastecia as banheiras.

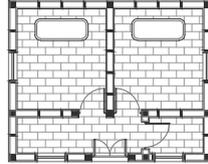
Actualmente no exterior existe um espaço de apoio com mesas e bancos de pedra basáltica, de apoio ao edifício enquanto Casa de chá.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom



CASA DE BANHOS DE SANT'ANA OU BANHO DOS CABAÇOS

LOCALIZAÇÃO

Rua -

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado no Sanguinhal próximo de umas das vias principais de acesso ao Vale das Furnas, inserido no meio de uma propriedade privada destinada a cultivo do inhame.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de banhos quentes
Actual -

ÉPOCA

Séc. XVIII-XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes públicos datada por volta de 1791. Foi um dos primeiros banhos a surgir no Vale, sendo uma simples cabana de colmo com um reservatório de madeira, inserido no chão a trinta ou quarenta centímetros de profundidade, com buracos no fundo tapados por batoques para escoamento, e abastecido por bicas de madeira.

Alimentada pelas águas do Sanguinhal, a uma temperatura de 43,5°C.

Este edifício foi destruído por intemperes e, mais tarde na segunda metade do século XIX, reconstruído pelo sobrinho do proprietário.

Estruturalmente de madeira e estrutura da cobertura em madeira com telha de canudo.

Edifício composto por um átrio, uma pequena arrecadação e por dois quartos de banhos com uma banheira de grés cada.

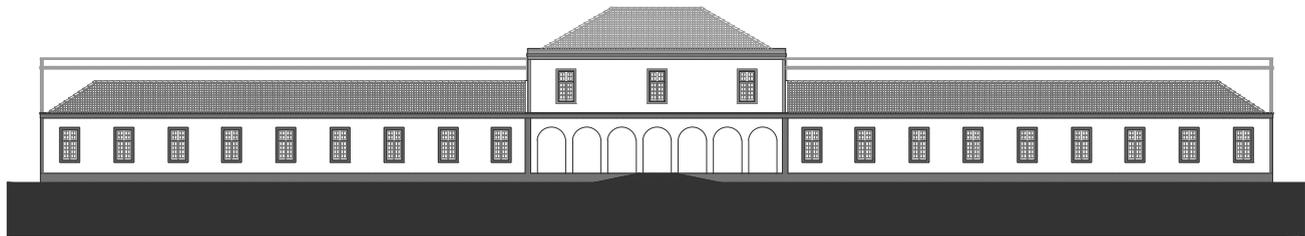
Um quarto servia o povo e outro os proprietários.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Demolido



CASA DE BANHOS DAS QUENTURAS OU BANHOS NOVOS

LOCALIZAÇÃO

Avenida Dr. Manuel de Arriaga

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Situada longe das casas, num campo solitário, junto da ribeira Quente e a pouca distância das Caldeiras, das quais se separava por uma elevação do terreno. Situava-se junto à via de acesso à Povoação.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural/urbana

FUNÇÃO

Inicial Balneário termal/Hospital Termal
Actual Hotel termal

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes públicos datada em 1815-6.

Alimentada pelas águas férreas a 59°C que brotava no local e pela água da caldeira Grande.

Edifício mandado construído pelo Município da Vila Franca do Campo com o auxílio de alguns particulares, por efeito da Correição de 6 de Junho de 1815. Não existem registos fotográficos do primeiro edifício dos banhos das quenturas, mas sabe-se que tinha aspecto de um barracão de pequenas dimensões e mais do que um quarto de banho.

Pela grande afluência de aqúistas ao Vale e pela fama das águas das QUenturas construiu-se em 1863, o Grande Balneário da Junta geral.

Edifício desenhado pelo director das obras Públicas da Povoação, o engenheiro Ricardo Júlio Ferraz.

Edificado no sítio dos antigos banhos das Quenturas com uma área total de 1845 m², de planta rectangular, com quatro alas medindo 33.6m de frente e 21m de profundidade cada, com um cor-

po central distribuidor de acessos para todas as dependências, entre as quais, a moradia do médico-director. Este mesmo corpo central marcava-se por um grande hall de entrada, limitador da ala feminina e da ala masculina. Estas alas albergavam consultórios, quartos de banhos com banheiras de grés, salas de duches, salas de inalações, quartos de repouso, instalações sanitárias, entre outros espaços.

Os banhos novos funcionavam como um hospital, sendo os tratamentos à base de lama e da água da caldeira grande.

Estruturalmente em alvenaria de pedra e estrutura da cobertura em madeira com telha de aba e canudo. Pavimento de pedra basáltica.

Foi alvo de algumas intervenções falhadas desde a sua abertura ficando desactivo após as cheias de 1996.

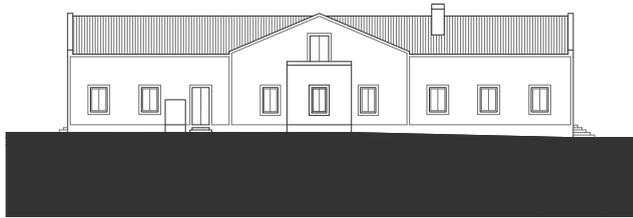
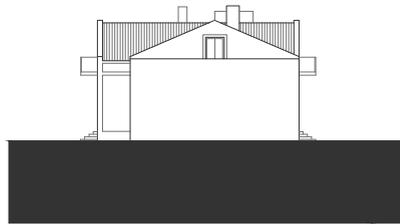
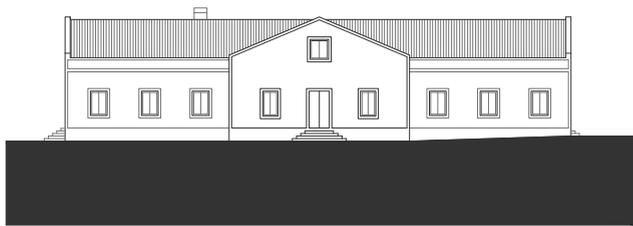
Em 2006 foi submetido a uma reabilitação e inaugurado em 2015 como Furnas Boutique Hotel, o Hotel termal de São Miguel.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Excelente



HOSPITAL TERMAL DA FERRARIA

TERMAS DA FERRARIA - SPA TERMAL

LOCALIZAÇÃO

Rua -

Lugar Ponta Delgada
Freguesia Ginetes

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado próximo do mar no sítio da Ferraria, uma fajã lávica de difícil acesso.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Hospital Termal
Actual -

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Casa de banhos quentes datada em 1888.

Servia para tratamento do reumatismo. Os pobres tinham tratamento gratuito, e ou outros pagavam cerca de 15\$00 por 15 dias.

Inicialmente, o edifício funcionava como uma república. No piso 0 havia alojamento para seis pessoas, e estava composto por cinco quartos, uma sala de jantar, cozinha comum, instalações sanitárias, um quarto de arrumes e cinco quartos de banho, com tinas de cimento. O piso 1 era um sótão com asnas à vista e aí alojavam-se cerca de 40 pessoas, tipo regime de camarata.

Em 2010, a estância termal foi alvo de um plano intervenção desenvolvido pelo arquitecto Manuel Saldanha. O plano integrava a reconstrução do edifício devoluto das termas, reconvertendo-o para um restaurante-bar e um Spa, bem como piscinas exteriores projectadas por uma equipa externa ao coordenador do plano.

O edifício pré existente foi completamente

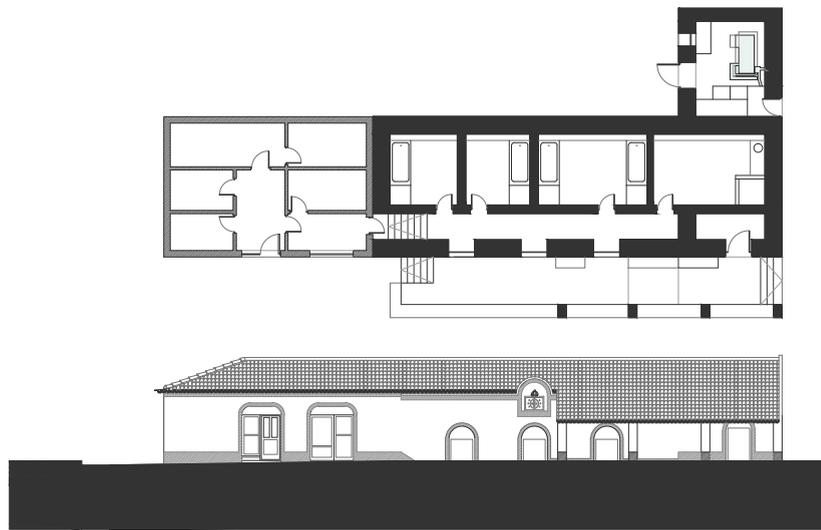
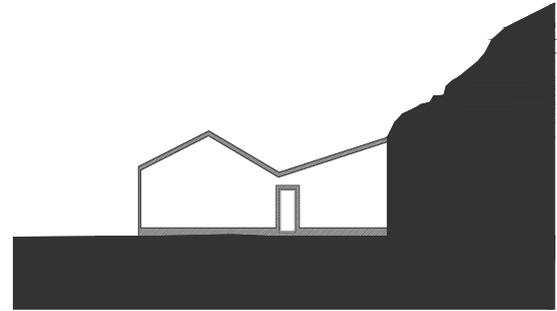
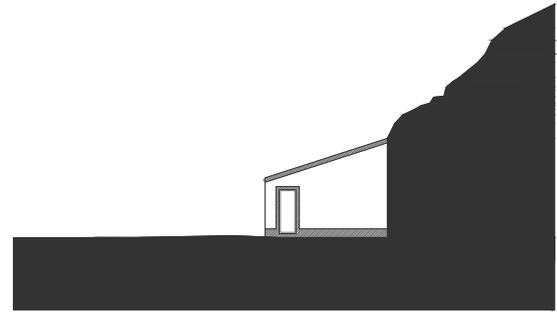
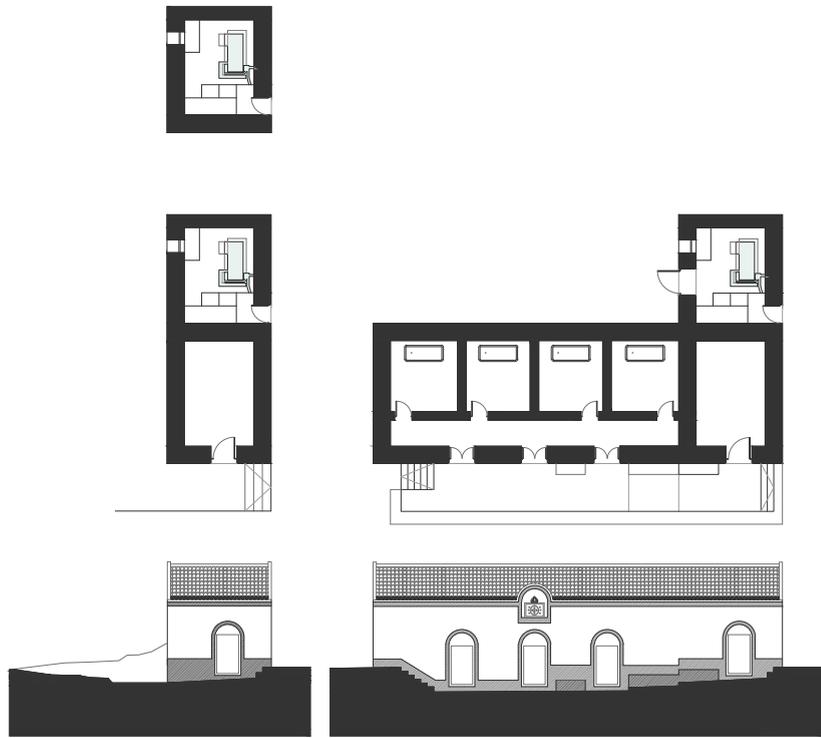
destruído e reconstruído de acordo com a traça do original, distribuindo-se o programa em três pisos: o piso inferior que é uma ampliação em cave, albergando a piscina interior, o spa e as suas dependências de acesso directo às piscinas termais no exterior; o piso intermédio, que corresponde à entrada, integra os espaços comuns e públicos, tais como, o restaurante – bar, instalações sanitárias, e recepção; por último, o piso superior, corresponde aos apartamentos.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom



CASA DE BANHOS DA COROA OU BANHOS DAS CALDEIRAS DA RIBEIRA GRANDE

LOCALIZAÇÃO

Rua

-

Lugar

Ribeira Grande

Freguesia

Vila das Caldeiras da Ribeira Grande

ENQUADRAMENTO

Edifício localizado num vale distante da cidade da Ribeira Grande.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial

Edifício de Banhos quentes

Actual

Edifício de Banhos quentes

ÉPOCA

Séc. XVII

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Alimentada por uma nascente de 60°C.

A referência mais antiga aos banhos locais, é dada pela existência de um pequeno edifício em alvenaria de pedra com telha de canudo, que alberga uma pequena banheira de pedras basálticas talhadas e embutidas no chão, abastecida pela nascente local, sulfúrea, através de canais esculpídos no pavimento em pedra.

Ao longo do tempo o edifício esteve sujeito três intervenções, cujas ainda se mantêm:

1ª_ A adição de um espaço de apoio a essa pequena casa de banhos:

2ª_ Após a publicação das primeiras bibliografias relativas às águas, em Março de 1811, a vereação do município reconhece o valor do lugar e das suas potencialidades deliberando a construção das termas das Caldeiras, também conhecidas por Banhos da Coroa, assumido como o primeiro edifício de banhos da zona dada a existência de registos oficiais relativos à construção. Esta intervenção

resumia-se à ampliação do edifício existente, composta por quatro quartos de banhos, cada qual com uma banheira enterrada no chão com seis pés de comprimento por três de largo. Os compartimentos eram pavimentados por pedra basáltica e as banheiras formadas por uma pedra áspera, favadada e rugosa. tempos depois foi construído um alpendre, que marcava a entrada da casa de banhos.

3ª_ Por fim, a terceira intervenção consistiu na modernização dos equipamentos de tratamento, e pela ampliação do edifício existente para albergar uma assembleia de apoio às festas e actividades locais.

O acesso às termas passou a ser feito pela assembleia, que por sua vez comunica directamente com a sala técnica e os quatro quartos de banho: dois quartos individuais com banheira, e outros dois duplos, um com banheira e outro com duche.

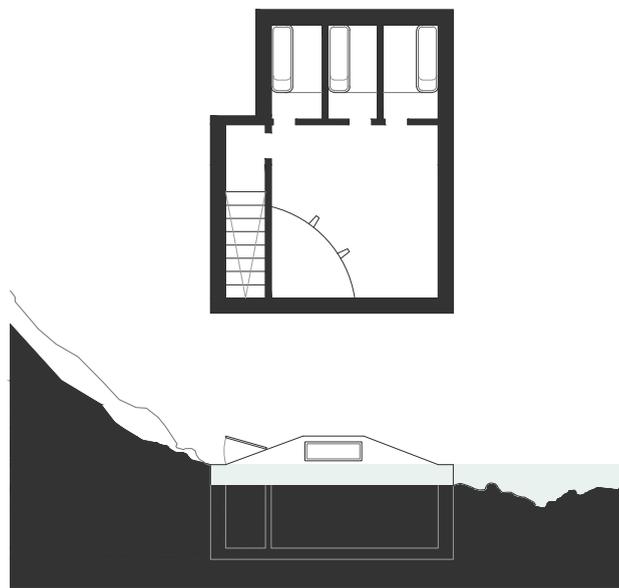
As banheiras foram alteradas por modelos actuais, uma vez que as antigas eram de mármore/grés. Todos os quartos tinham uma banheiras.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom



CASA DE BANHOS DA LADEIRA DA VELHA

LOCALIZAÇÃO

Rua -

Lugar Ribeira Grande
Freguesia Porto Formoso

ENQUADRAMENTO

Localizada junto à via que liga a Ribeira Grande às Furnas, no obelisco da Ladeira da Velha pertencente à freguesia do Porto Formoso, encontra-se a estância termal da Ladeira da Velha. Localizado na orla costeira.

TIPOLOGIA

Arquitectura rural

FUNÇÃO

Inicial Edifício de Banhos quentes
Actual -

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

De difícil acesso, por via de rampas acentuadíssimas que venciam a falésia de 100 metros, esta estância termal de veraneio.

Inserida numa quinta composta por: quatro modestas habitações geminadas aos pares mas servidas pela mesma escada e eram alugadas gratuitamente a pacientes, maioritariamente pobres, que ali procuravam tratamento.

Alimentada por uma nascente de água mineral, rica em potássio, que brota a uma temperatura de cerca de 31°C.

A nascente estava protegida pela estrutura de betão do edifício termal embutido nas rochas, acedido por uma escadaria de pedra que permitia o acesso ao espaço onde a captação de água era feita num canto por dois bicos de cobre servindo para engarrafamento e o resto que escorria, abastecia as banheiras. Este espaço comunicava com os três quartos de banho com uma banheira cada, escavadas mais baixas que o nível do pavimento.

As janelas laterais e a caixa de escadas de acesso ao edifício estavam tapadas por escotilhas de madeira, sendo elas indispensáveis para a ventilação.

O edifício termal encontrava-se inserido nas rochas, e tinha a cobertura resistente de betão, galgável, devido ao mau tempo que se fazia sentir no Inverno, por vezes ficava submerso e como tal era frequentado apenas nos meses de Verão.

As termas eram muito frequentadas pelos benefícios das suas águas no tratamento do reumatismo e, sobretudo, pelos baixos valores das rendas, mas as quatro moradias eram insuficientes para compensarem o capital investido..

Entretanto, o edifício termal e as suas acomodações foram abandonados, encontrando-se actualmente num estado avançado de degradação.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Em ruínas



POÇA TIA SILVINA

LOCALIZAÇÃO

Avenida Dr Manuel Arriaga

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Localizada numa das margens da ribeira Quente, próxima de um conjunto de nascentes termais e do hotel termal - o Furnas Boutique Hotel, os antigos Banhos Novos das Qenturas.

TIPOLOGIA

Poça/Piscina termal

FUNÇÃO

Inicial -
Actual -

ÉPOCA

Séc. XX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Construída após a execução do Plano de Urbanização das Furnas, em 1971, para a protecção das zonas termais e valorização das suas nascentes.

É uma pequena piscina rectangular, de quarenta centímetros de profundidade e abastecida por uma nascente de emergência a 40°C, usada pela população no tratamento de Dermatoses.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom



POÇA DA DONA BEIJA

LOCALIZAÇÃO

Rua	-
Lugar	Povoação
Freguesia	Furnas

ENQUADRAMENTO

Localizada na zona ocidental da freguesia das Furnas denominada por Águas Quentes, na margem de um pequeno canal da ribeira que forma a jusante Ribeira dos Lameiros.

TIPOLOGIA

Ribeira/Poça/Piscina termal

FUNÇÃO

Inicial	-
Actual	-

ÉPOCA

Séc. XX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

Este espaço nasceu de um conjunto de nascentes férreas do Sanguinhal e, resumia-se a uma pequena poça de água quente na gruta da Lomba das Barracas.

Em 1988, devido à afluência ao local deu-se a primeira intervenção governamental, ficando esta conhecida mundialmente pela beleza da sua paisagem natural.

Em 2007, por questões de segurança e saúde pública, a nascente termal é fechada ao público e é iniciada uma requalificação da zona termal, sendo concluída apenas em 2010. Nesta primeira intervenção foram construídas na margem da Ribeira dos Lameiros duas piscinas, uma modesta bilheteira, instalações sanitárias e um vestiário de apoio aos banhos.

Por motivos de vandalismo nas instalações e agravado o risco de contaminação das águas minerais, nos finais de 2014 e inícios de 2015, ocorreu uma intervenção para a requalificação da Poça, levada a cabo pela empresa Criações Naturais Lda.

Esta requalificação teve como principal objectivo a melhoria das condições de segurança e da exploração recursos naturais existentes no local, através da: substituição do todo o pavimento do

percurso de acesso às piscinas por um ripado de madeira de criptoméria da região, dado o desgaste dos materiais existentes, causado pela sua grande afluência; construção de mais um núcleo de piscinas, composta por um tanque e um lava-pés, no sentido de aumentar a capacidade da área balnear do recinto; demolição da antiga bilheteira e de um volume de apoio, que se encontravam implantadas junto à entrada principal do recinto, que por exigências programáticas foram substituídos por um único edifício que provinha otimizar os espaços de serviço e toda a entrada no recinto, com uma linguagem arquitectónica que estabelece uma relação de maior equilíbrio com a envolvente.

O novo edifício, localizado a uma distância mínima de 7 metros de margem da ribeira e com base numa directriz paralela ao muro periférico existente a sul, é composto por uma cobertura de uma água e revestido integralmente por um ripado de madeira de criptoméria, o seu interior organiza-se pela portaria/bilheteira, uma instalação sanitária para os funcionários, um compartimento para armários e uma área de exposição ou loja.

O núcleo das piscinas é formado por cinco piscinas de temperaturas diferentes e profundidades, porém, novas piscinas localizadas na margem norte da ribeira foram construídas com base nas estruturas já existentes e o seu acesso é assegurado por um passadiço de estrutura metálica, revestido por um ripado de madeira de criptoméria.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Excelente



FERRARIA

LOCALIZAÇÃO

Rua -

Lugar Ponta Delgada
Freguesia Ginetes

ENQUADRAMENTO

Localizada na orla costeira no sítio da Ferraria, uma fajã lávica de difícil acesso.

TIPOLOGIA

Piscina natural termal

FUNÇÃO

Inicial -

Actual -

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

É um elemento fundamental da estância termal formada por um complexo termal composto por duas nascentes de água mineral termal, uma com a temperatura de 61.8°C, que aquece as piscinas naturais e a outra de 64°C abastece o edifício termal implantado nas imediações.

A nascente que brota no mar varia de temperatura consoante a maré, na maré baixa atinge os 28.1°C e na maré alta os 18°C.

As piscinas termais foram durante muito tempo o único recurso de tratamento e de lazer nesta zona termal, cada vez mais procuradas por residentes e turistas.

Em 2010 a estância termal foi alvo de uma intervenção paisagística de modo a que o aquista pudesse usufruir dos vários elementos que o local oferece. É projectado um edifício de apoio à zona termal das piscinas naturais na orla costeira, composto por balneários, instalações sanitárias, uma loja e um centro de informação.

O desenho da piscina natural foi recuperado de maneira a permitir o acesso e um banho seguro no mar, visto que o seu limite foi se alterando ao longo dos tempos devido à erosão provocada pelas

ondas.

Actualmente é um ponto de referência turística termal quer pelas suas águas, quer pela beleza natural local.

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom



CALDEIRA VELHA

LOCALIZAÇÃO

Rua

-

Lugar
Freguesia

Ribeira Grande
Conceição

ENQUADRAMENTO

Localizada a 315m de altitude na serra da Água de Pau, a actual periferia da reserva Natural da Lagoa do Fogo. Distante da cidade da Ribeira Grande e inserida numa área de relevo acidentado, profundamente encaixada num vale e rodeada por íngremes escarpas. Situada por baixo de uma rocha perpendicular, na parte sul da cratera irregular e lacerada.

TIPOLOGIA

Piscina termal

FUNÇÃO

Inicial
Actual

-
-

ÉPOCA

Séc. XIX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

A Caldeira Velha é um local composto por um conjunto de manifestações de vulcanismo secundário como um campo fumarólico e uma nascente de água que ascende de um aquífero termal aquecido pelo vulcão da Lagoa do Fogo.

Este foi um local que despertou muita curiosidade aos mais distintos estudiosos, surgindo ao longo dos tempos inúmeros artigos científicos acerca das propriedades e dos benefícios das suas águas.

Era inicialmente um charco de água lodosa branca, de trinta pés de comprimento por vinte de largo, quase por toda a parte a água fervia em jactos de seis polegadas a um pé acima do solo, com o mesmo movimento ondulatório que se observa à superfície de qualquer caldeira a ferver.

Actualmente no local encontram-se água e lamas em ebulição a uma temperatura de 90,2°C nos locais de afloramento, e um pouco acima desta caldeira, a 328 metros de

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom

altitude, brota uma fonte de água alcalina, férrea, emergente a uma temperatura na ordem dos 35°C, atingindo valores na ordem dos 25°-30°C ao longo da ribeira. Estas características levaram a que no final do século XX fosse construída uma piscina, junto à cascata, uma vez que a temperatura e as propriedades da água sempre foram convidativas aos visitantes para um banho relaxante.

A prática dos banhos neste local exótico virou um hábito comum, por parte da população da ilha e de forma crescente por turistas, tanto que em 2013 o local foi submetido a um plano de intervenção paisagístico e arquitectónico, para valorização e protecção dos recursos termais, da fauna e flora. O plano baseou-se: na requalificação dos percursos e acessos locais; delimitação dos limites das caldeiras; construção de instalações de apoio à zona balnear, tais como, a bilheteira, as instalações sanitárias e os vestiários; construção de uma nova piscina natural, e por fim, um centro interpretativo do Monumento da Caldeira Velha -localizado na encosta norte do maciço central da Serra de Água de Pau - que visa a promoção do património natural, de modo a que os visitantes possam experienciar um contacto mais directo com a natureza, através dos passeios e dos banhos de água quente



PISCINAS TERMAIS DO PARQUE TERRA NOSTRA

LOCALIZAÇÃO

Rua -

Lugar Povoação
Freguesia Furnas

ENQUADRAMENTO

Localizada a 315m de altitude na serra da Água de Pau, a actual periferia da reserva Natural da Lagoa do Fogo. Distante da cidade da Ribeira Grande e inserida numa área de relevo acidentado, profundamente encaixada num vale e rodeada por íngremes escarpas. Situada por baixo de uma rocha perpendicular, na parte sul da cratera irregular e lacerada.

TIPOLOGIA

Piscina termal

FUNÇÃO

Inicial -

Actual -

ÉPOCA

Séc. XX

VALOR HISTÓRICO E ARQUITECTÓNICO

A Caldeira Velha é um local composto por um conjunto de manifestações de vulcanismo secundário como um campo fumarólico e uma nascente de água que ascende de um aquífero termal aquecido pelo vulcão da Lagoa do Fogo.

Este foi um local que despertou muita curiosidade aos mais distintos estudiosos, surgindo ao longo dos tempos inúmeros artigos científicos acerca das propriedades e dos benefícios das suas águas.

Era inicialmente um charco de água lodosa branca, de trinta pés de comprimento por vinte de largo, quase por toda a parte a água fervia em jactos de seis polegadas a um pé acima do solo, com o mesmo movimento ondulatório que se observa à superfície de qualquer caldeira a ferver.

Actualmente no local encontram-se água e lamas em ebulição a uma temperatura de 90,2°C nos locais de afloramento, e um pouco acima desta caldeira, a 328 metros de

DEPENDÊNCIAS

Não

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Muito Bom

altitude, brota uma fonte de água alcalina, férrea, emergente a uma temperatura na ordem dos 35°C, atingindo valores na ordem dos 25°-30°C ao longo da ribeira. Estas características levaram a que no final do século XX fosse construída uma piscina, junto à cascata, uma vez que a temperatura e as propriedades da água sempre foram convidativas aos visitantes para um banho relaxante.

A prática dos banhos neste local exótico virou um hábito comum, por parte da população da ilha e de forma crescente por turistas, tanto que em 2013 o local foi submetido a um plano de intervenção paisagístico e arquitectónico, para valorização e protecção dos recursos termais, da fauna e flora. O plano baseou-se: na requalificação dos percursos e acessos locais; delimitação dos limites das caldeiras; construção de instalações de apoio à zona banhear, tais como, a bilheteira, as instalações sanitárias e os vestiários; construção de uma nova piscina natural, e por fim, um centro interpretativo do Monumento da Caldeira Velha -localizado na encosta norte do maciço central da Serra de Água de Pau - que visa a promoção do património natural, de modo a que os visitantes possam experienciar um contacto mais directo com a natureza, através dos passeios e dos banhos de água quente



VERTENTE PRÁTICA

Pontos de Equilíbrio numa cidade de Contrastes

O actual exercício da disciplina de Projecto Final de Arquitectura integra-se na programação do Concurso da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2016.

Este é um exercício de reflexão sob a cidade de Sines, com o objectivo de analisar a potencialidade do lugar tendo em conta aspectos como a escala, a produção, os limites e o tempo.



Sinés é uma cidade piscatória (Fig.1) pertencente ao distrito de Setúbal, região do Alentejo e sub-região do Alentejo Litoral.

A cidade é limitada a norte pelo município de Santiago do Cacém e a sul pelo município de Odemira. Desde a fundação da cidade de Sines, o mar e os seus recursos definiram a economia, a cultura, a composição e até o carácter da sua população. Actualmente encontra-se em Sines a maior e a primeira área portuária de Portugal, assim como a principal Cidade Industrial Logística e Portuária. Neste território coabitam diversas estruturas, entre máquinas de transporte, circulação ferroviária, rodoviária e pedonal, praia, pesca e extração mineral, com diferentes escalas. Tal como as escalas, são várias as dimensões, distâncias e velocidades associadas a programas e recursos de produção, de logística e de lazer: do turismo, do espaço do mar e além-mar, dos recursos energéticos e infraestruturais.



Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo

Caracterização de Sines

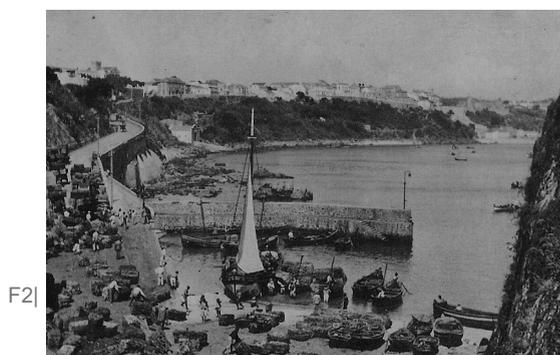


Figura 2| Calheta

Figura 3| Praia de Sines, anos 60

Figura 4| Perspectiva da cidade de Sines, actual

Sines é uma cidade de dois andares, o planalto e o aterro, onde todo o potencial encontra-se na conta superior, aí localizam-se os equipamentos, as actividades, as melhores vistas. Privilegia-se o contacto visual com o mar. Este facto remete-nos ao passado, onde tudo acontecia na cidade e a descida à praia era ocasional, devido à actividade piscatória e aos banhos férreos/banhos no geral (Década de 30).

Até 1970, Sines caracterizava-se como uma vila, o seu desenvolvimento prende-se com a chegada do complexo industrial. Este marco vem revolucionar a todos os níveis uma pacata vila, na qual o desenvolvimento estava estagnado, onde as indústrias se encontravam em plena decadência, mas onde começava a crescer um potencial a nível turístico(Fig.2), e a vinda de Marcello Caetano com o seu projeto megalómano vieram transformar uma paisagem e uma cultura que dificilmente voltará a ser a mesma. Dá-se um boom demográfico de tal maneira que a população chega a crescer para o dobro, consequência da vinda de trabalhadores do interior alentejano, da zona de Setúbal e os retornados das ex-colónia que vinham essencialmente para trabalhar na construção do porto.

Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo

Durante os próximos anos, após a sua fundação, nascem infraestruturas portuárias (Fig.3) fazendo marcas num território cuja relação com o mar passa a ter outros intervenientes e como tal a cidade distancia-se, concluindo o cenário atual demonstra dois organismos autónomos: a cidade e o porto, na qual a relação é estritamente territorial, o porto a partir do momento em que se fixa passa a exercer poder sobre a cidade deixando a mesma confinada ao planalto e ao crescimento entre os seus limites.

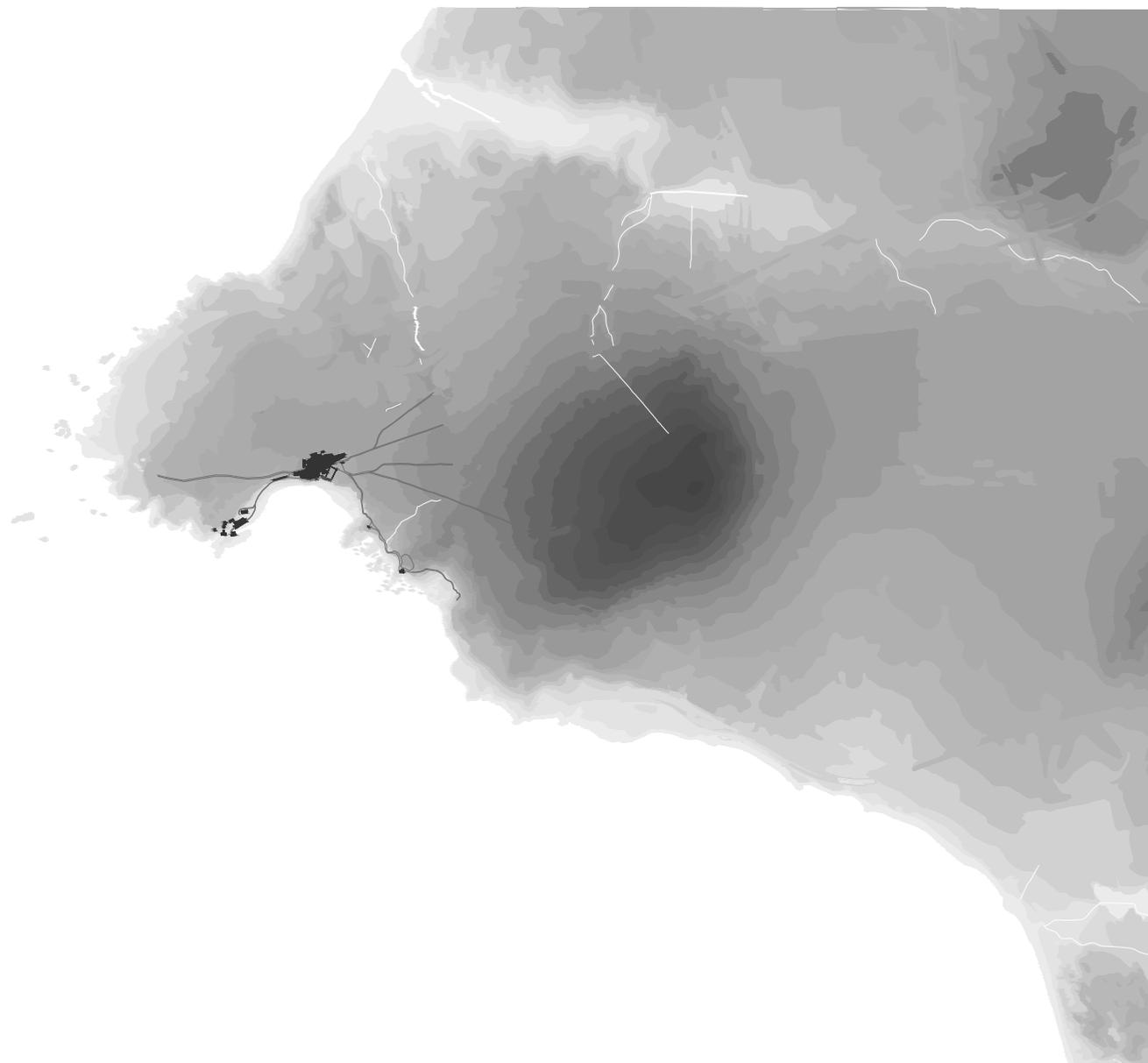
A situação geomorfológica altera-se completamente, a construção de um porto de águas profundas obriga a que sejam carregadas toneladas e toneladas de pedra de uma pedreira aberta no perímetro a sudeste da cidade, situação que levou ao corte de uma das mais importantes estradas que faziam a ligação Sines-Cercal e impondo-se como um limite ao crescimento da mesma, acontecimento replicado quando se dá a construção do bairro 1º de Maio na qual é interrompida a Estrada de Santiago.

O futuro do porto passa pela extensão dos molhes de maneira a maximizar a sua eficiência o que leva ao aumento da área de exploração da pedreira e a cidade procu-

ra reencontrar-se dentro dos seus limites, através de planos urbanos (Costa Norte, cidade desportiva, Sul, reabilitação do centro histórico, entre outros) cuja finalidade não resolve os problemas atuais e do ponto de vista arquitetónico-urbanístico não são eficazes uma vez que as necessidades da cidade não são supridas e a sua posição submissa contrasta com a do porto.

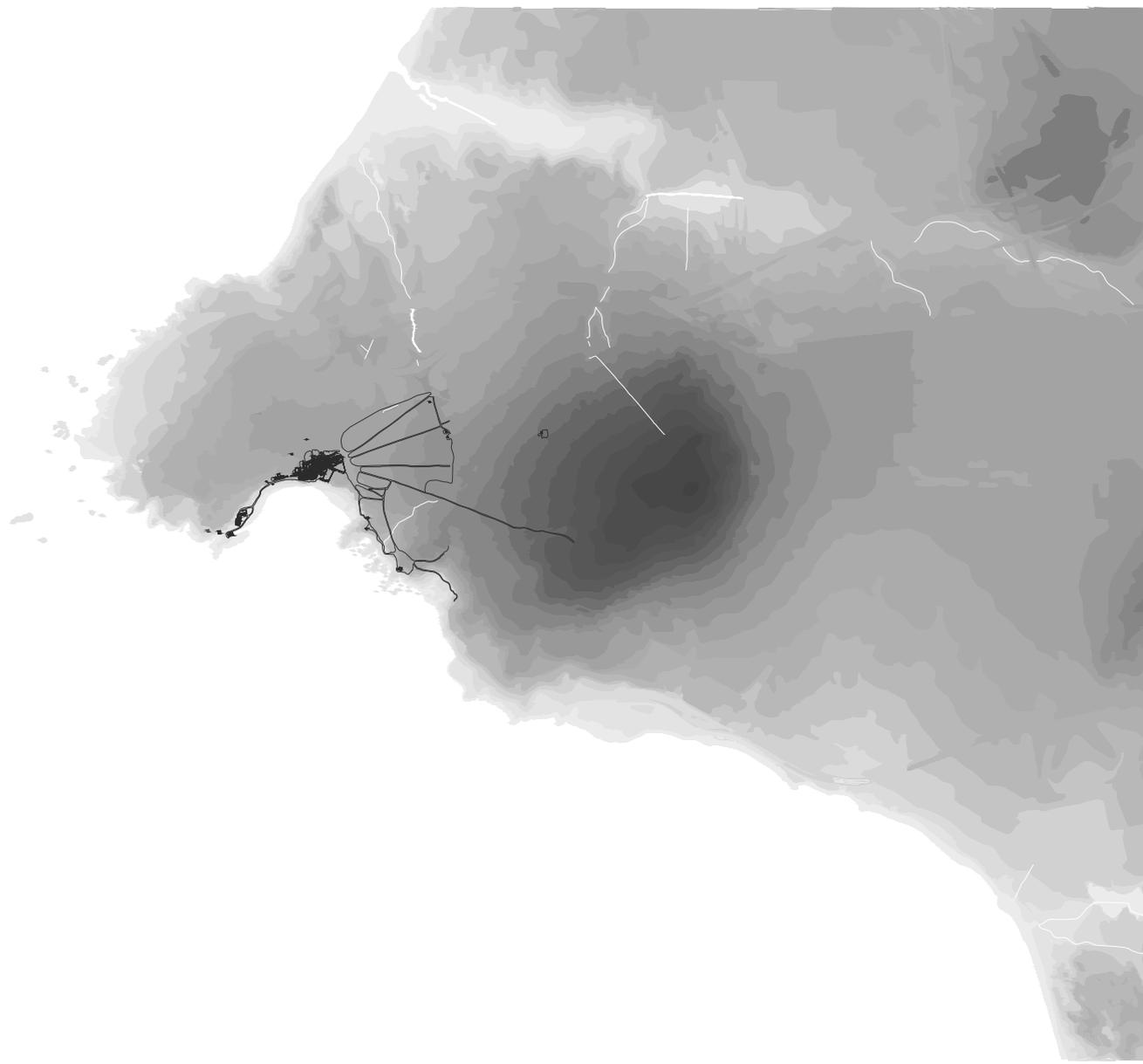


F4|



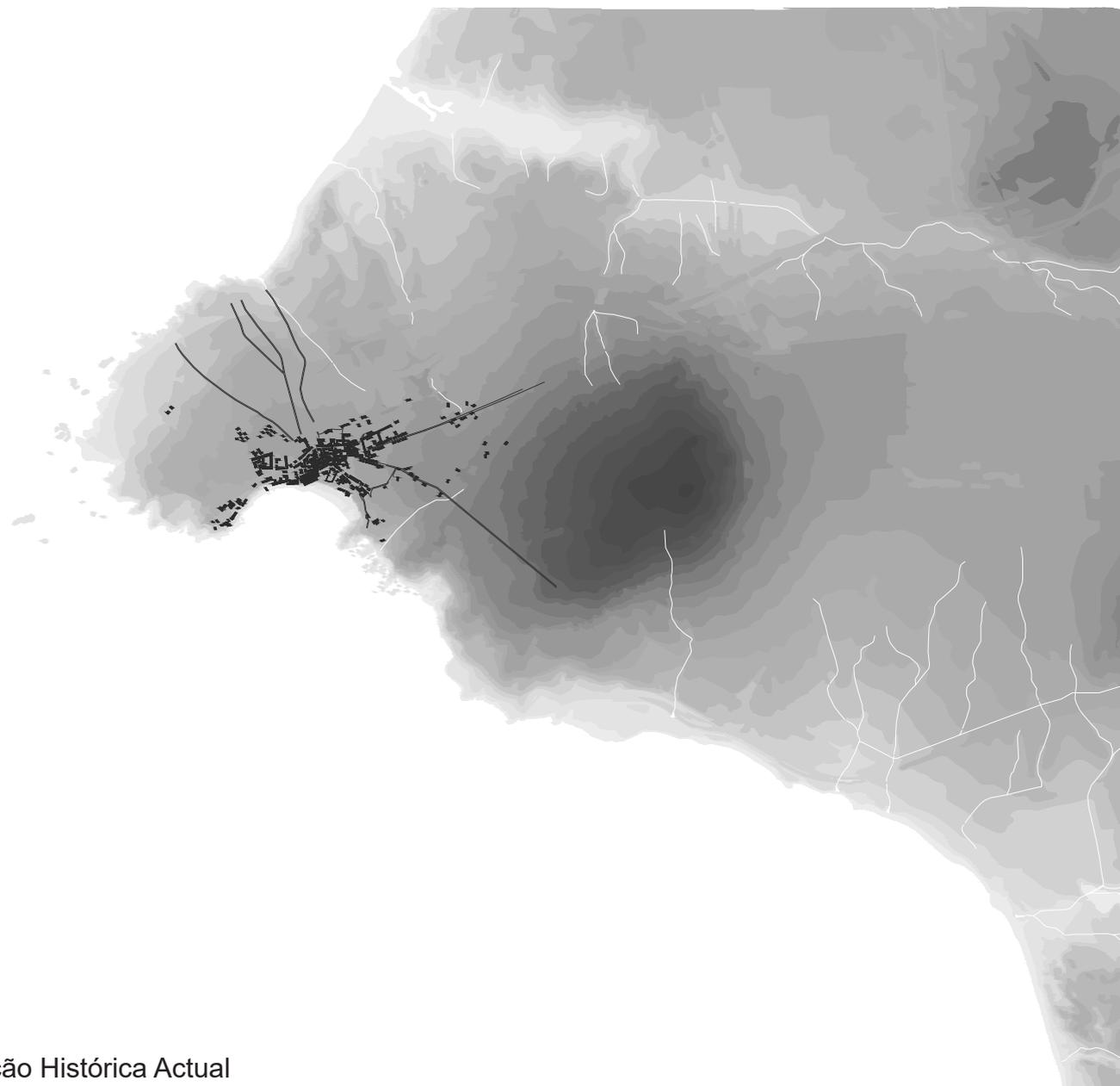
Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000



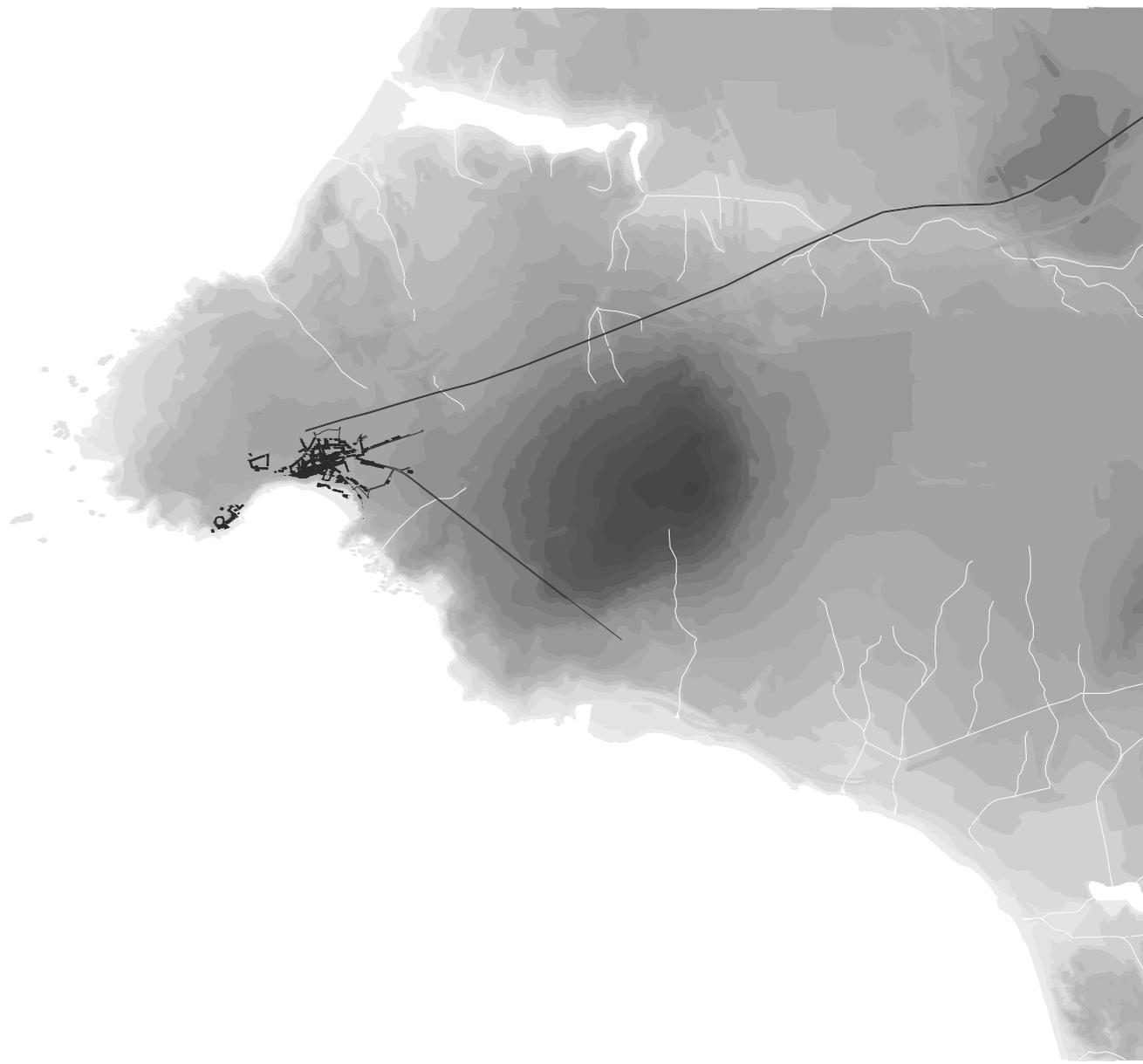
Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000



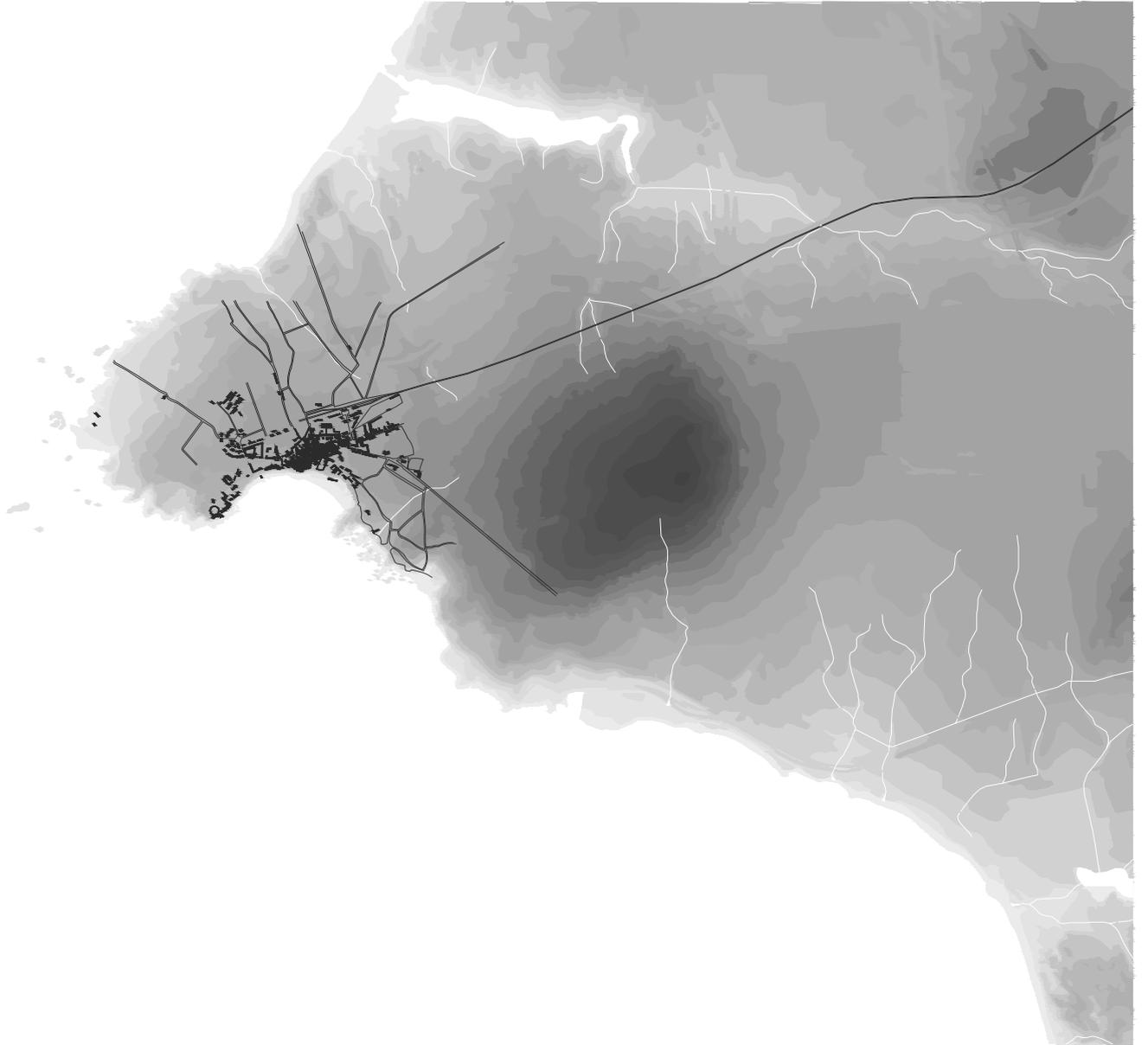
Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000



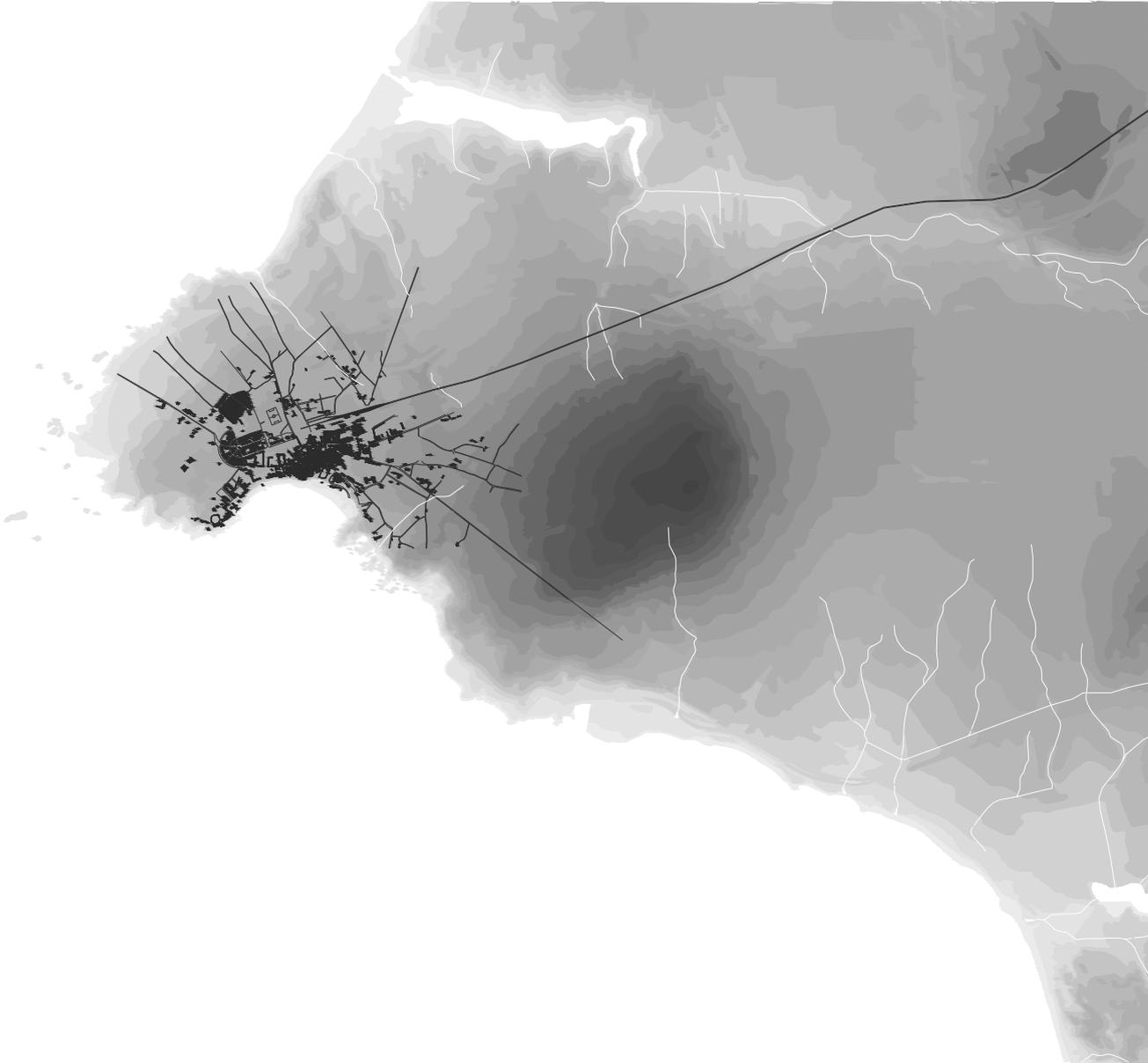
Evolução Histórica Actual





Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000



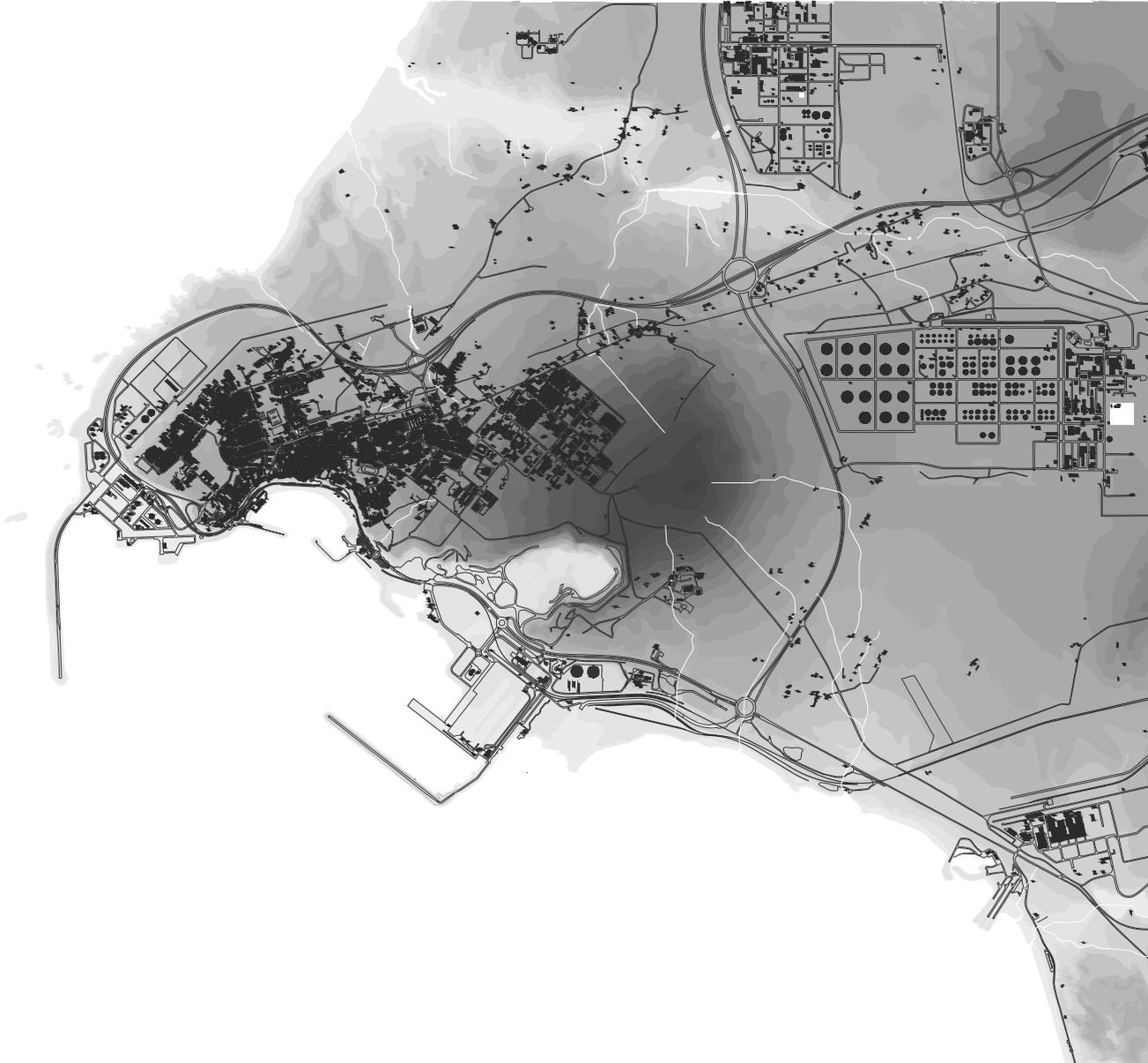
Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000



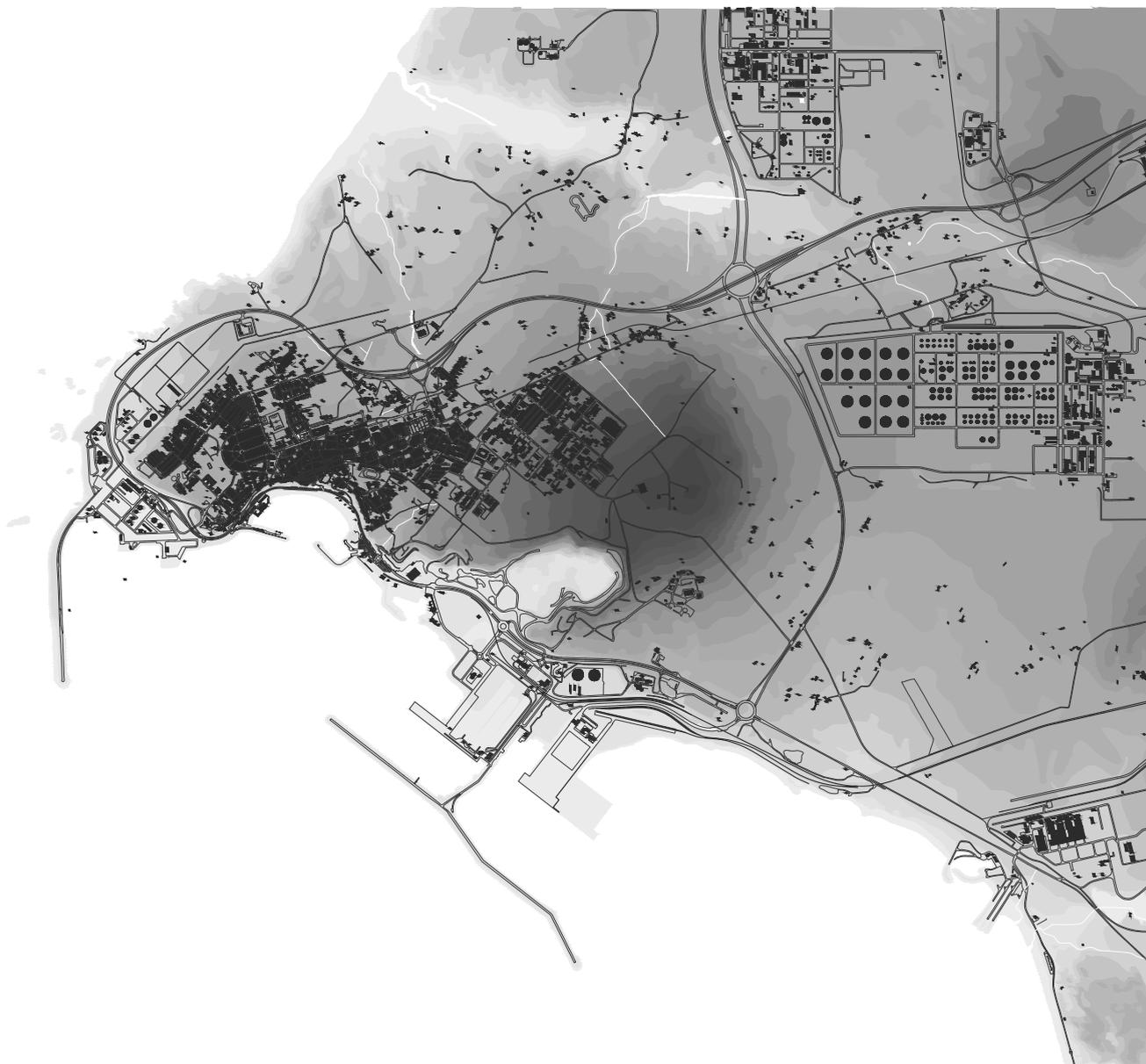
Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000



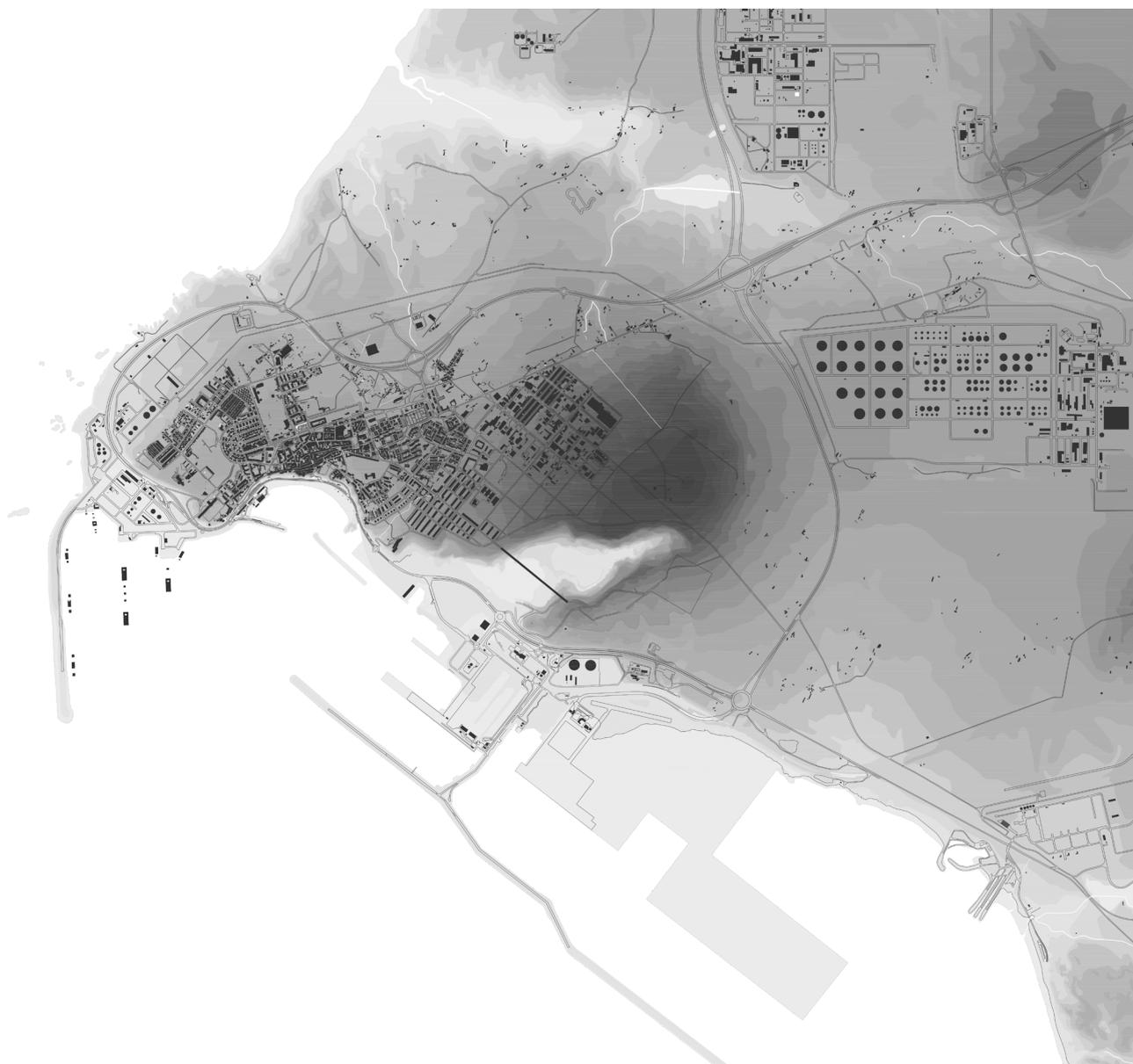
Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000



Evolução Histórica Actual

0 200 500 1000

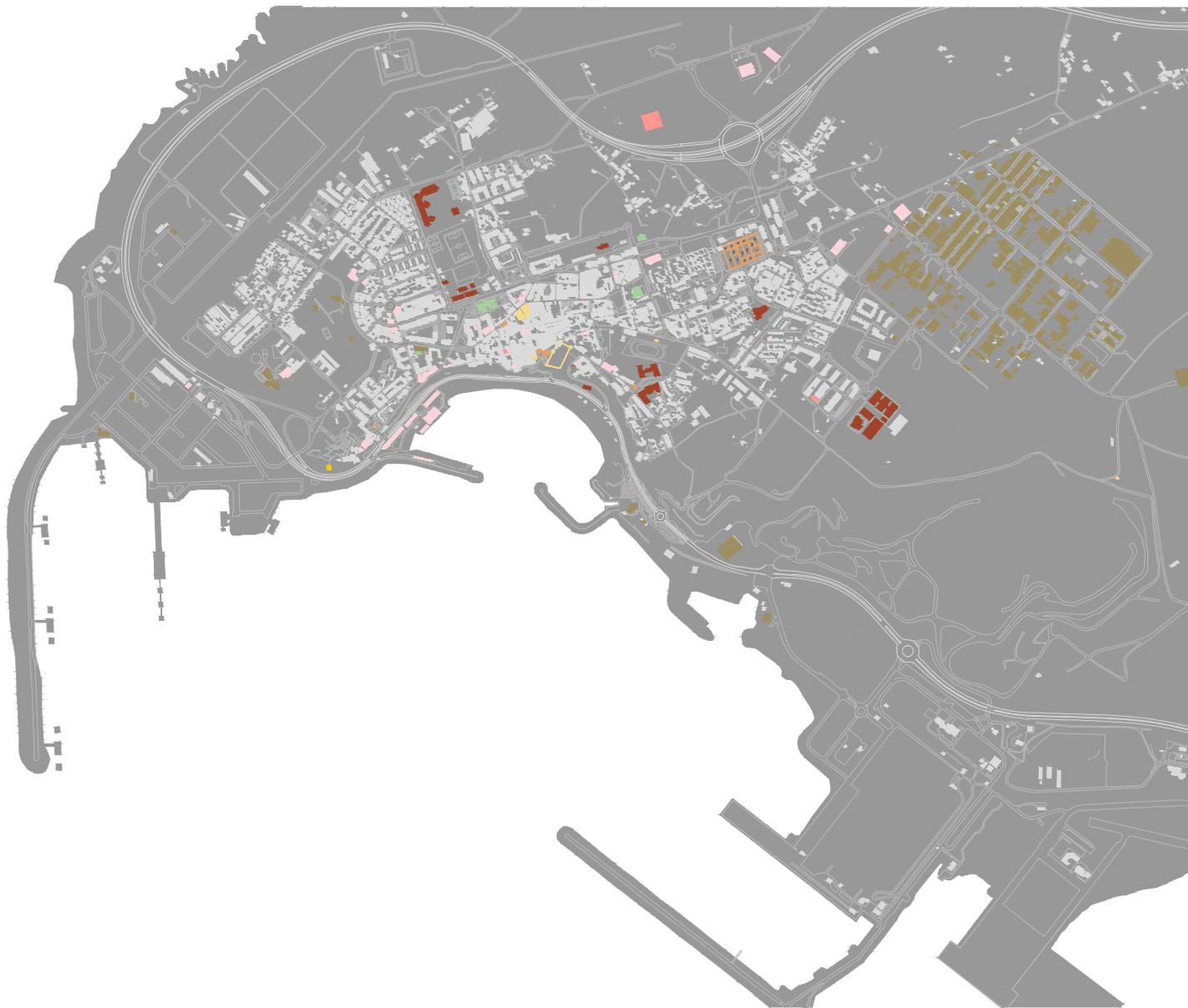


Evolução Histórica Actual (Fu-

0 200 500 1000

Mapa de Verdes





Mapa dos Equipamentos

0 200 500

Habitação em Construção

Devolutos: Barraca/Telhei-

Lazer

Cultural

Religioso

Saúde

Comércios e Serviços

Equipamentos Escolares

Edifícios Despor-

Áreas Industriais e Infra- Estru-

Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo

Proposta

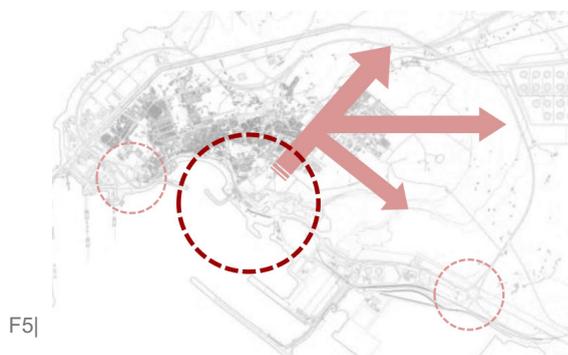


Figura 5| Esquema do nó proposto

Figura 6| Vias reforçadas com a proposta

Figura 7| Locais intervencionados

Figura 8| Antigo Caminho da N^a Sr^a das Dores

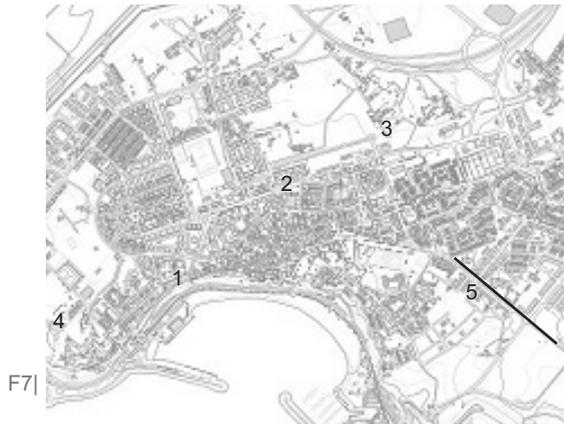
A relação Cidade-Porto necessita de ser reestruturada através da indústria, do turismo, da cultura e da educação, como ferramentas para o crescimento da cidade e para a melhoria da qualidade de vida da mesma. Pretende-se a interligação a indústria com a cidade, supera-se o estigma dos espaços de produção para evidenciar a possibilidade de formas de habitar complexas e agregados.

É neste contexto que a intervenção em Sines surge, a essência da mesma passa por intervir em zonas que consideramos pontos-chave da cidade, pontos de equilíbrio entre a cidade e o porto. Dito isto, foi necessário encontrar uma escala intermédia que amenizasse a relação entre ambos.

A intervenção dá-se após as obras portuárias estarem finalizadas e conseqüentemente a exploração da pedreira estar cessada, com isto depois de uma cuidadosa análise às componentes histórico-urbanísticas, território e arquitetónico-urbanísticas enunciaram-se 3 princípios gerais de intervenção: Redefinição da linha costeira marítima e linha do planalto; Redefinição da estrutu-

Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



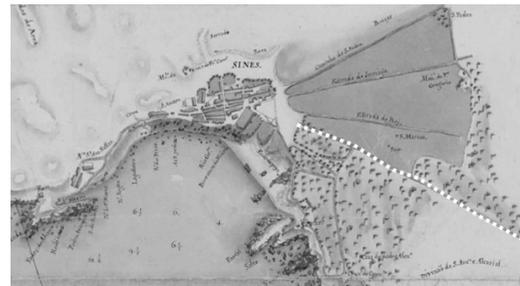
F7|

ra verde; Reestruturação da malha urbana através da reverificação de eixos históricos. A pedreira surge na paisagem como uma “ferida” criada por interesses Portuários. Propomos a renaturalização desta de modo a servir a cidade. A sua configuração (dada pela especulação de estimativas discutidas em aula) permite preparar os limites da cidade tendo em consideração o crescimento da mesma. A tendência do crescimento da cidade vira-se para nascente porque a Norte e a Poente os limites da mesma são traçados através das infra-estruturas portuárias, os gasodutos. Dito isto, o novo centro da cidade passa a ser dado pelo nó central proposto na estratégia.

De maneira a reorganizar e redefinir a malha urbana decidiu-se efetuar uma permuta de edifícios, redefinir vias importantes cujo traçado não estava de acordo com um pensamento urbanístico correto, interrompendo traçados históricos com valor inestimável para a cidade tornando-os extintos. Ocupar vazios expectantes, para a construção de equipamentos com naturezas distintas, tanto de apoio às atividades portuárias como às cidadinas.

Exemplos para este ponto temos a demolição do edifício da GNR (1) de maneira a permitir uma circulação pedonal e automóvel clara, recuperando o antigo trajeto por onde era efetuada a procissão dos Passos; Conversão da antiga estação ferroviária (2), atualmente escola de música, para uma estação rodoviária; A escola de artes passará a funcionar no Palácio dos Pidwell(3); Redefinição da sede da APS (4), a sede atualmente ocupa uma posição privilegiada no promontório junto ao Forte do Revelim; Um

F8|



Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo

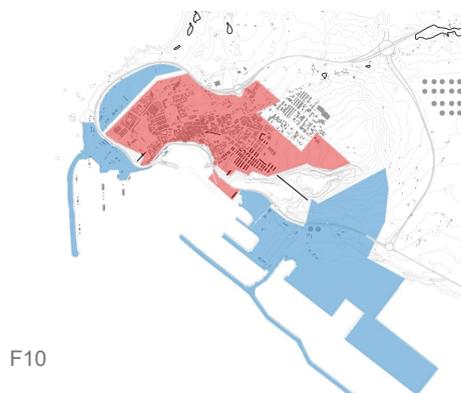
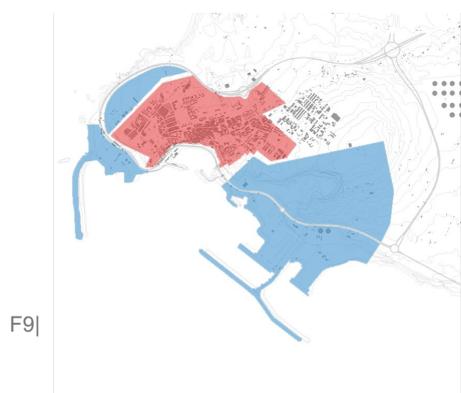


Figura 9| Relação entre a cidade (vermelho) e o porto industrial (Porto) . Planta Actual

Figura 10| Relação entre a cidade (vermelho) e o porto industrial (Porto) . Planta de Proposta

A redefinição da estrutura verde toca essencialmente em dois pontos: A recuperação da antiga floresta e prolongamento desta massa verde para o interior da vila, colmatando a falta de espaços verdes de cariz público no tecido urbano e a criação sobretudo daquele que é “O” grande verde da cidade, e por fim dar continuidade ao verde da falésia, culminando no parque urbano na pedreira.

O último ponto refere-se à redefinição da linha costeira e da linha do planalto através da supressão da necessidade de haver um porto que sirva as pequenas industrias ligadas à cidade, ou seja o porto da cidade. Este novo desenho de frente tem como objetivo: em primeiro lugar dar continuidade à avenida marginal prolongando esta até aquele que é o limite dado pelo porto e em segundo, através de um novo desenho de frente, reaver uma relação de proximidade com o mar perdida facto reforçado pela construção da marginal impondo uma distância.

Este novo desenho implicou redefinir as funções atuais do porto de recreio, aumentando a capacidade de apertamento para 250 barcos, os serviços de apoio à mesma são melhorados e por fim é adi-

cionada uma nova frente comercial, apoiada por um amplo espaço verde de recreio, que pretende dinamizar e dar sentido urbanístico àquela que é a única área não reclamada pelo complexo portuário. Além destes serviços é redesenhada a plataforma do Centro Náutico, visando melhorar as condições atuais de operacionalidade e mantendo alguns elementos apenas por questão de memória da construção do porto e de logística também.

Por fim a proposta de equipamentos para a cidade de Sines, que revela potencial do ponto de vista turístico, cultural e educacional, surge de acordo com o crescimento das ZILs, além de amenizarem o confronto com o porto e requalificarem os espaços da cidade, acredita-se que possam dar pistas e/ou direções para o desenvolvimento futuro da mesma.

PONTOS ESSENCIAIS

_REDEFINIÇÃO DA LINHA COSTEIRA MARÍTIMA E LINHA DO PLANALTO.

_Desenhar um porto civil, o porto da cidade.

_Redesenhar o clube náutico e a marina assim como outros serviços de apoio.

_REDEFINIÇÃO DA ESTRUTURA VERDE

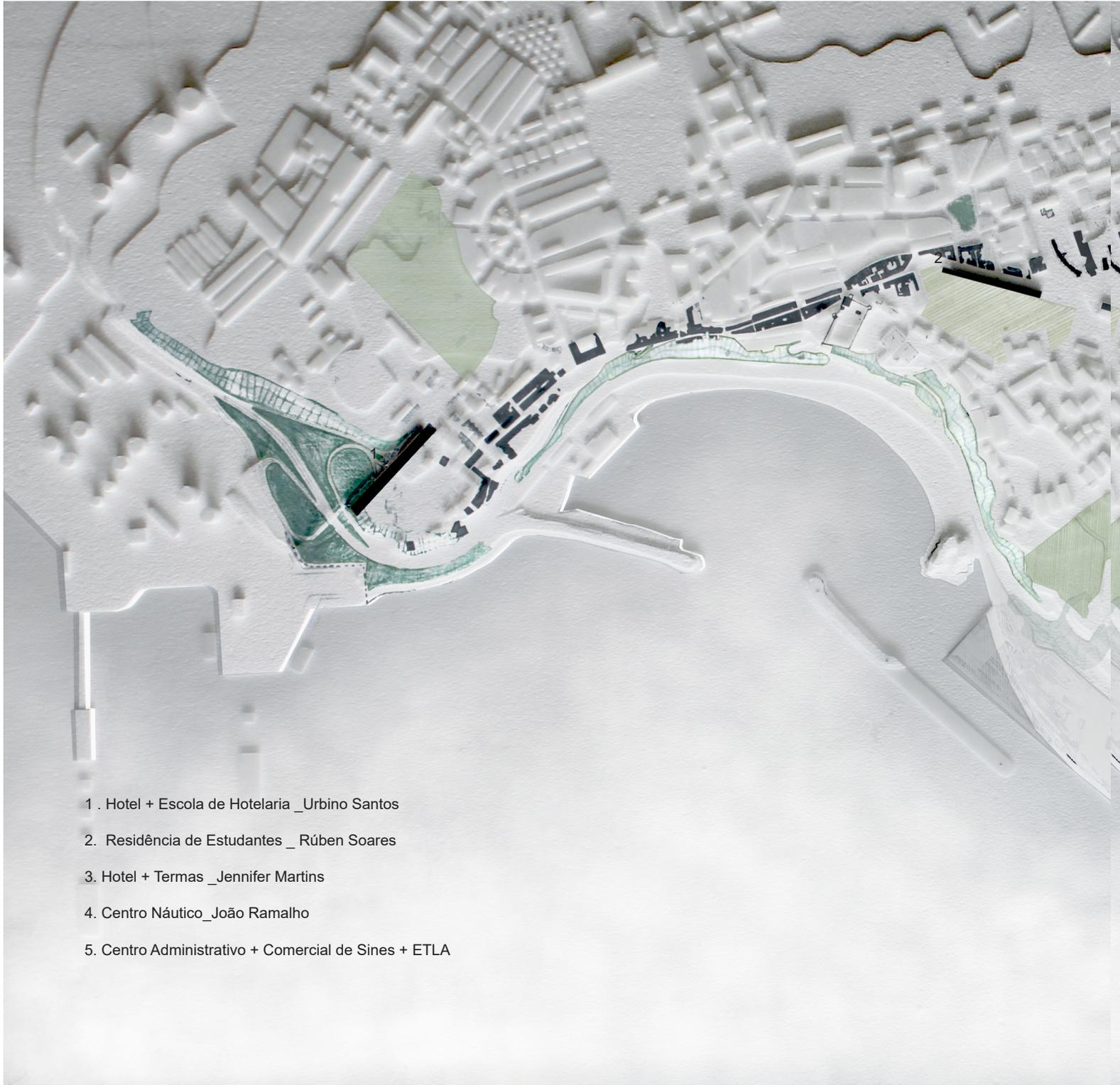
_Falta de espaços verdes na cidade, sobretudo O grande espaço verde que sirva a mesma.

_Recuperar a antiga floresta e contaminar a cidade com espaços verdes, ou seja, prolongar a massa verde a norte de modo a dar uma continuidade ao verde existente na falésia. A pedreira (Parque Urbano) surge como o ponto final desta massa verde.

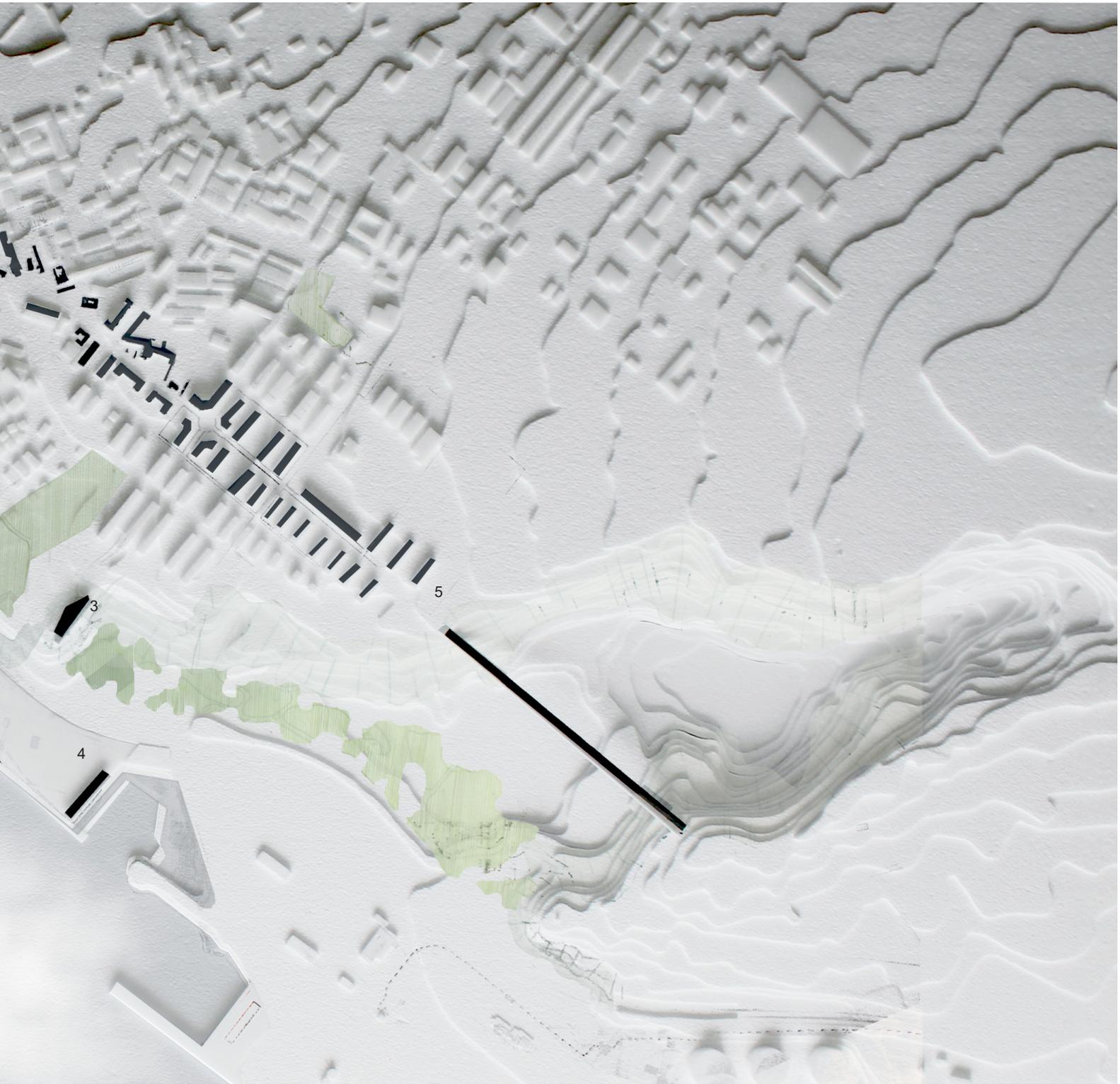
_REESTRUTURAÇÃO DA MALHA URBANA ATRAVÉS DA REVERIFICAÇÃO DE EIXOS HISTÓRICOS

_Reorganizar e redefinir a malha urbana, através da permuta de edifícios e da redefinição de vias.

_Ocupar vazios expectantes, para a construção de equipamentos de naturezas distintas, tanto de apoio às actividades por-

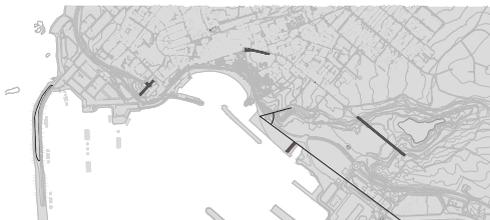
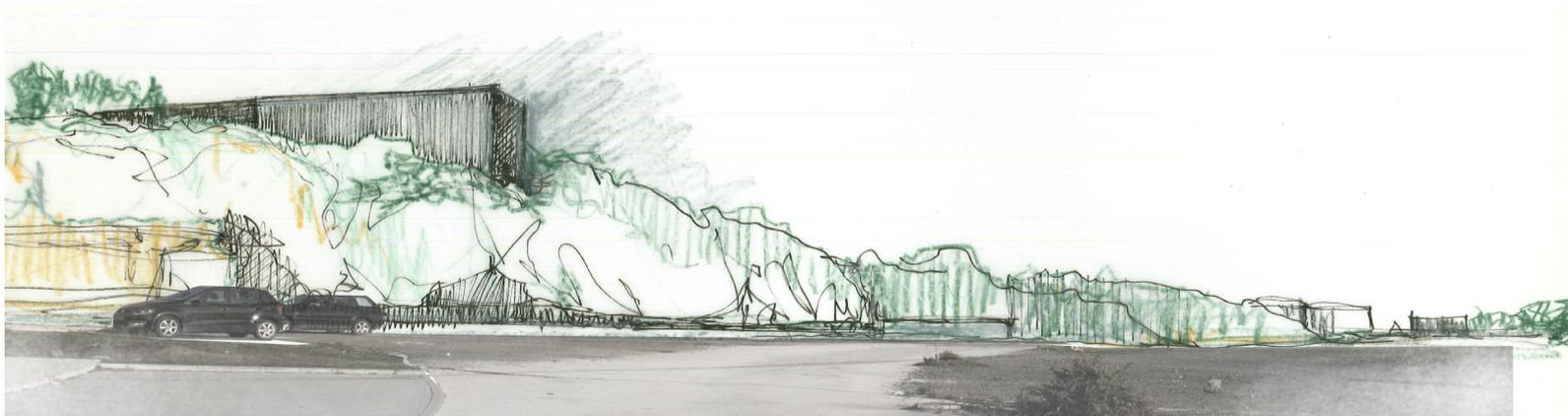


- 1 . Hotel + Escola de Hotelaria _ Urbino Santos
2. Residência de Estudantes _ Rúben Soares
3. Hotel + Termas _ Jennifer Martins
4. Centro Náutico _ João Ramalho
5. Centro Administrativo + Comercial de Sines + ETLA



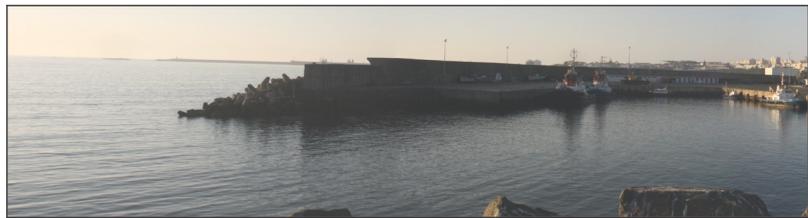
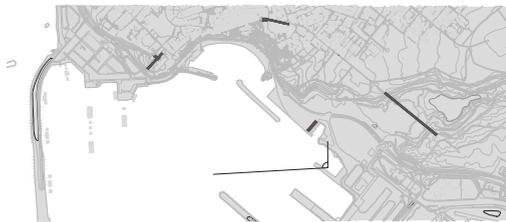
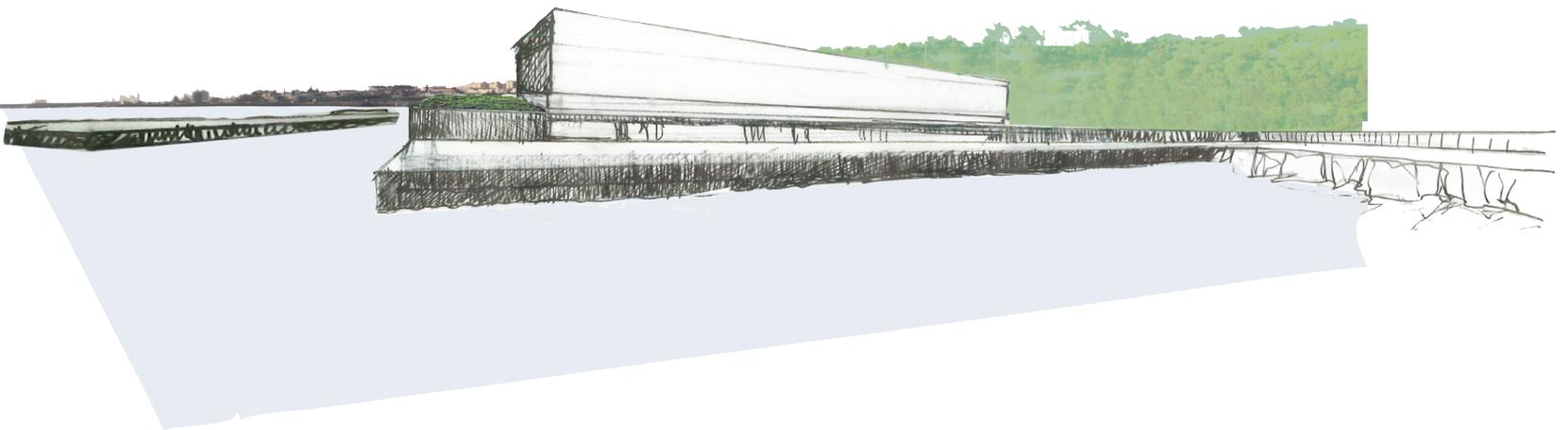
Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



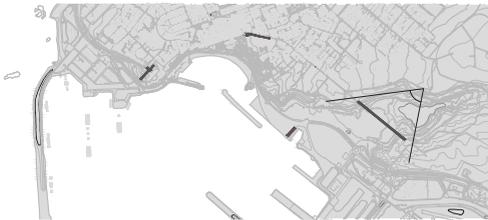
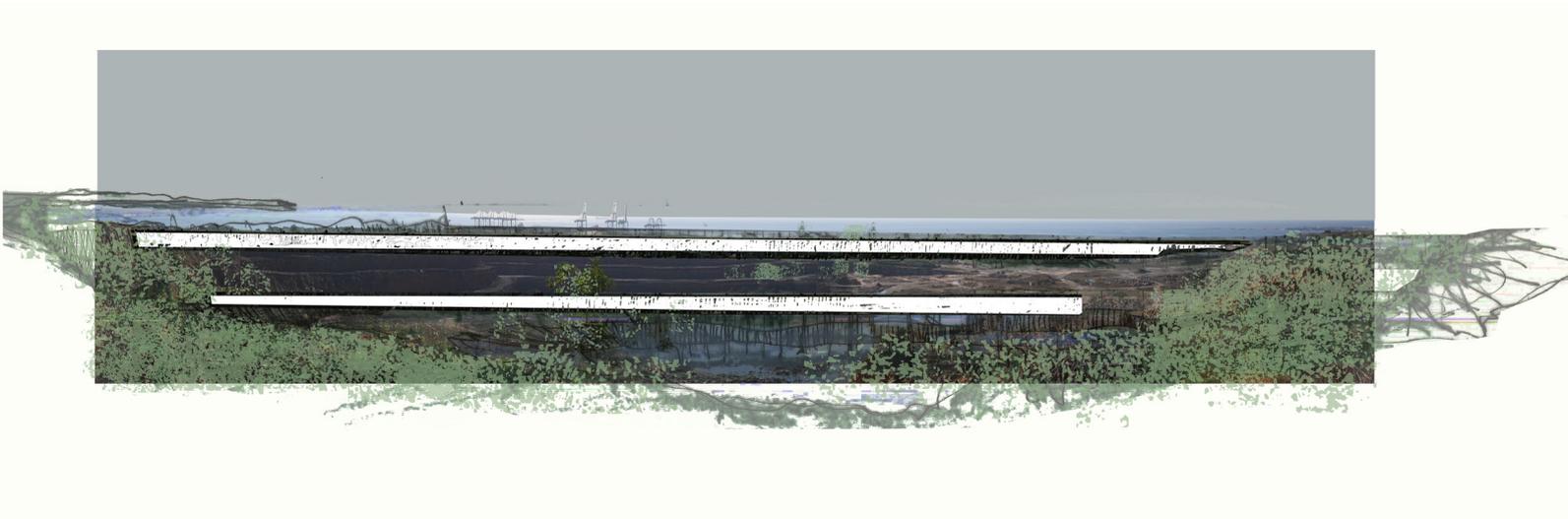
Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



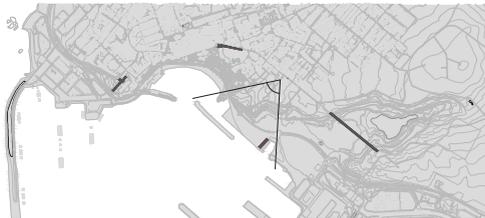
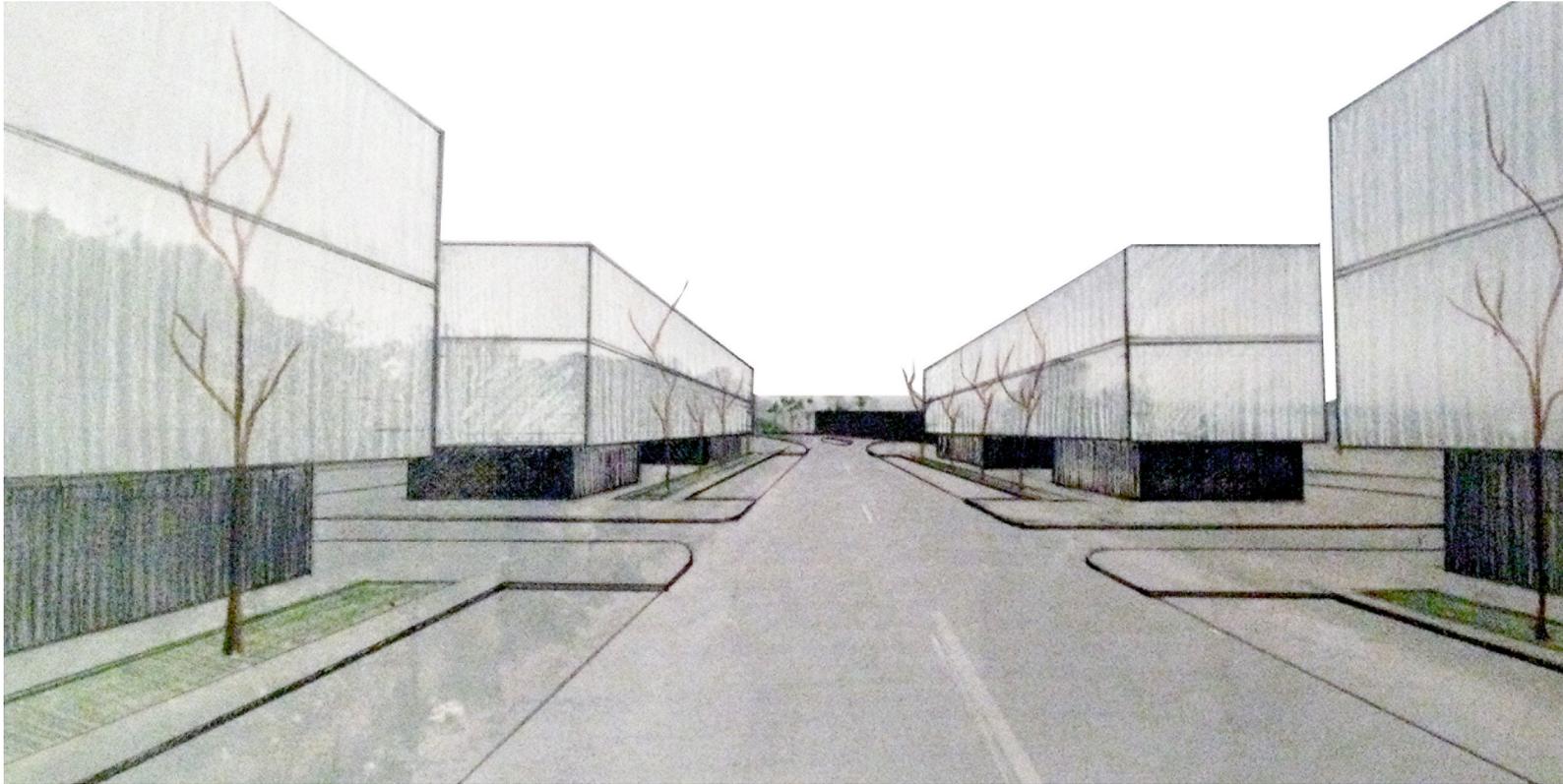
Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



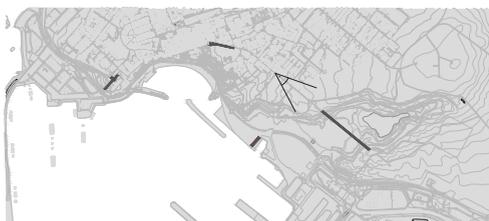
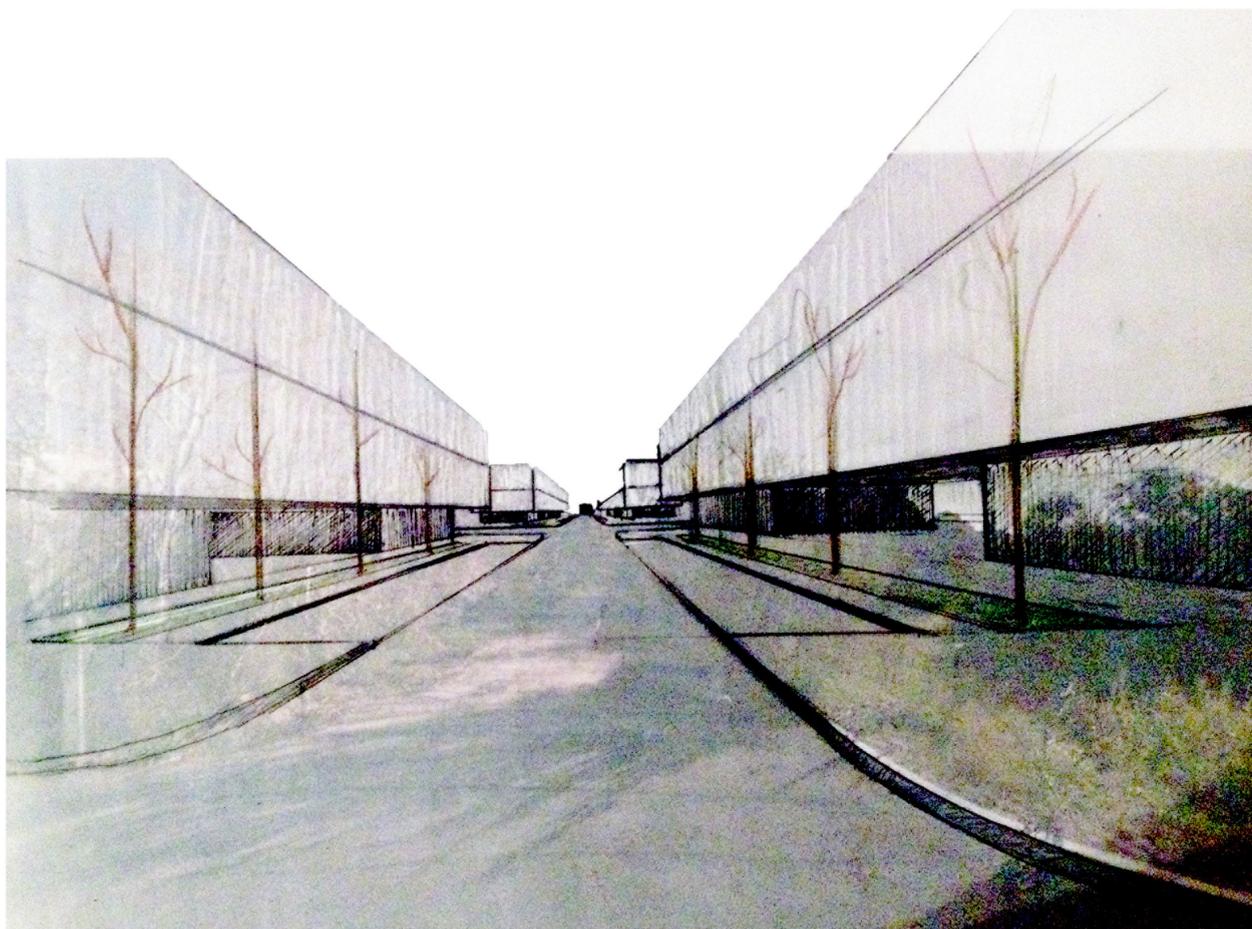
Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



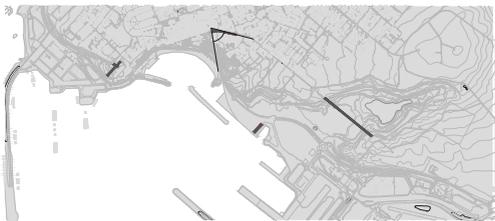
Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



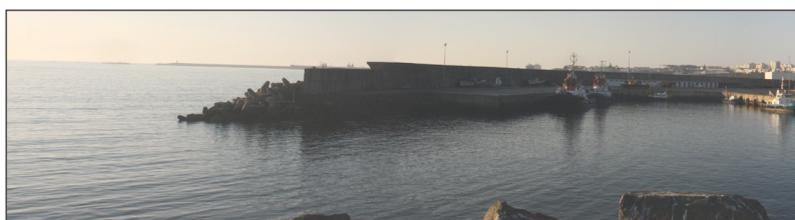
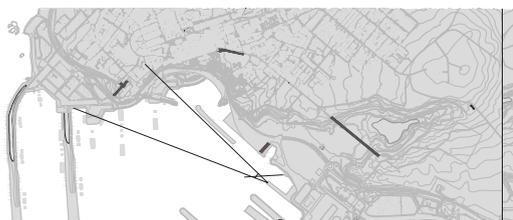
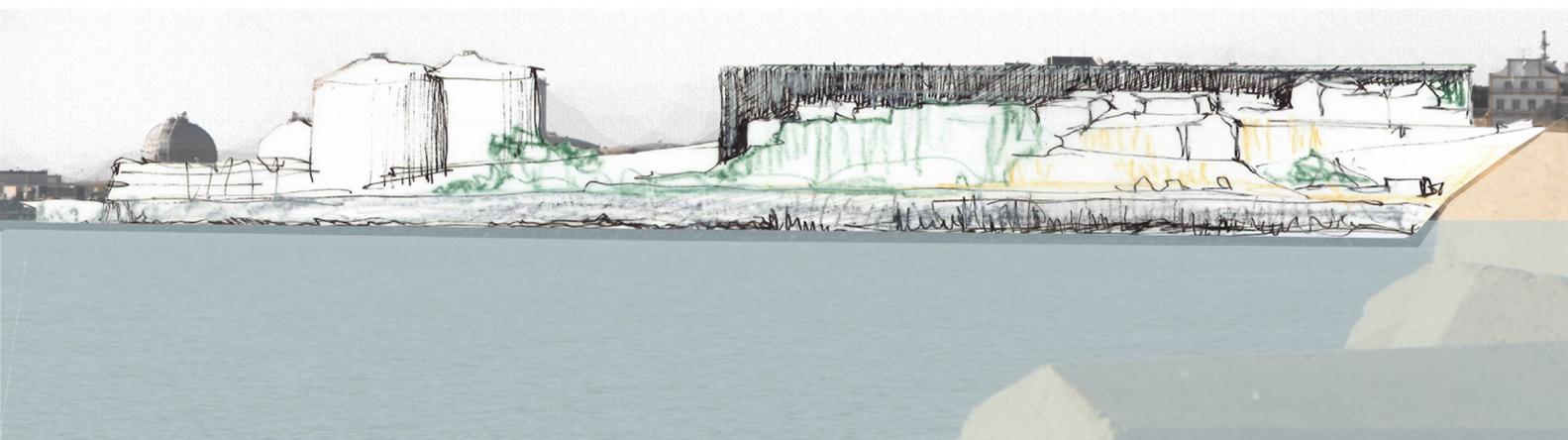
Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



Pontos de Equilíbrio numa Cidade de Contrastes

Sines, Estratégia de Grupo



Memoria Descritiva

O plano de pormenor da Zona Sul, a par dos restantes planos projetados para a cidade de Sines, passa pelo investimento nos programas mistos de habitação e comércio, somente habitação ou somente edifício público. Mesclado surge o jardim projetado pelo arquiteto Costa Lobo para o plano da Zona Sul de Sines, que à data do desenvolvimento deste projeto surge como um limite da cidade, iniciando o processo de transição do natural para o artificial.

Neste contexto o plano é assumido, parcialmente, pelo que se constatou de que o limite a dar à cidade é construído, usufruindo das características do jardim para a valorização desse mesmo construído.

Assumida como a nova entrada para Sines, reinterpretou-se o plano ao nível urbanístico, com a abertura de novas vias que ligam a cidade velha à cidade nova e também à cidade futura, e pela implantação de novos programas de uso misto, enriquecendo aquele que será o novo centro de Sines. A antiga floresta ou aquilo que ainda resta dela, também é alvo do plano de intervenção, propondo-se que esta se enraíze e crie ligações com os outros espaços verdes da cidade, como por exemplo o jardim do plano da zona Sul ou mesmo o jardim proposto de apoio ao programa de residência de estudantes.

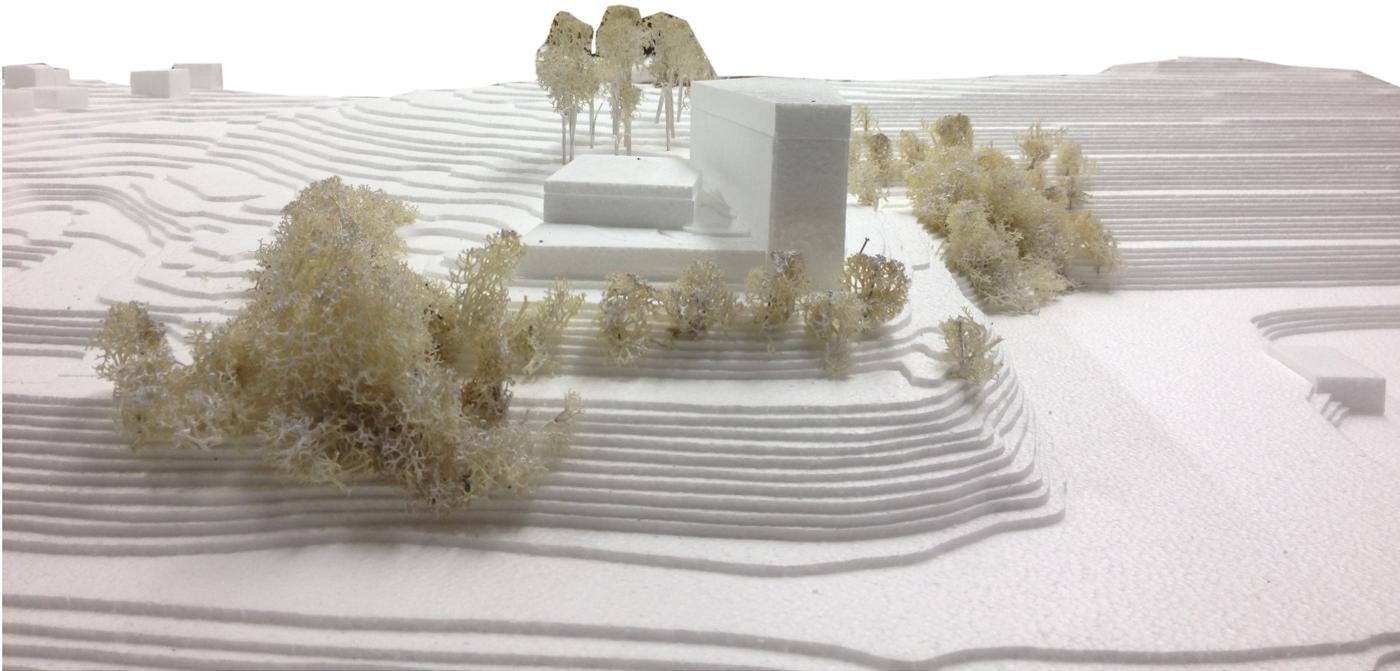
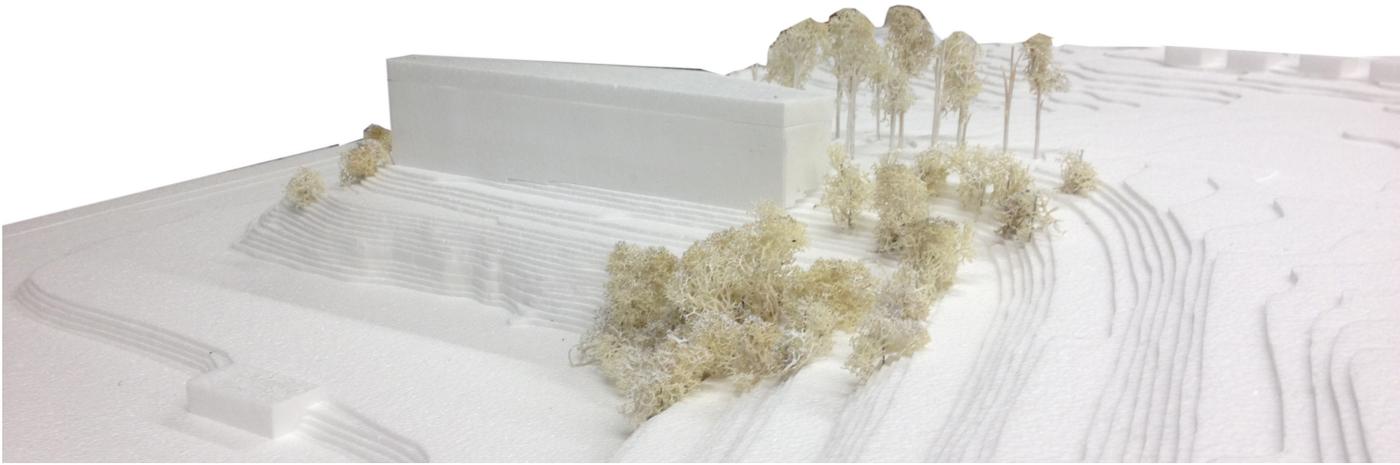
Como foi referido anteriormente, a proposta de grupo passa pela recuperação e reinterpretação de costumes perdidos no tempo. O uso dos banhos quentes de Sines era até 1941, data do ciclone que destruiu maior parte do edificado na praia, um bem essencial na cura de doenças do foro reumatológico e dermatológico, procurados inclusive pelas gentes de todo o país, em especial do interior alentejano.

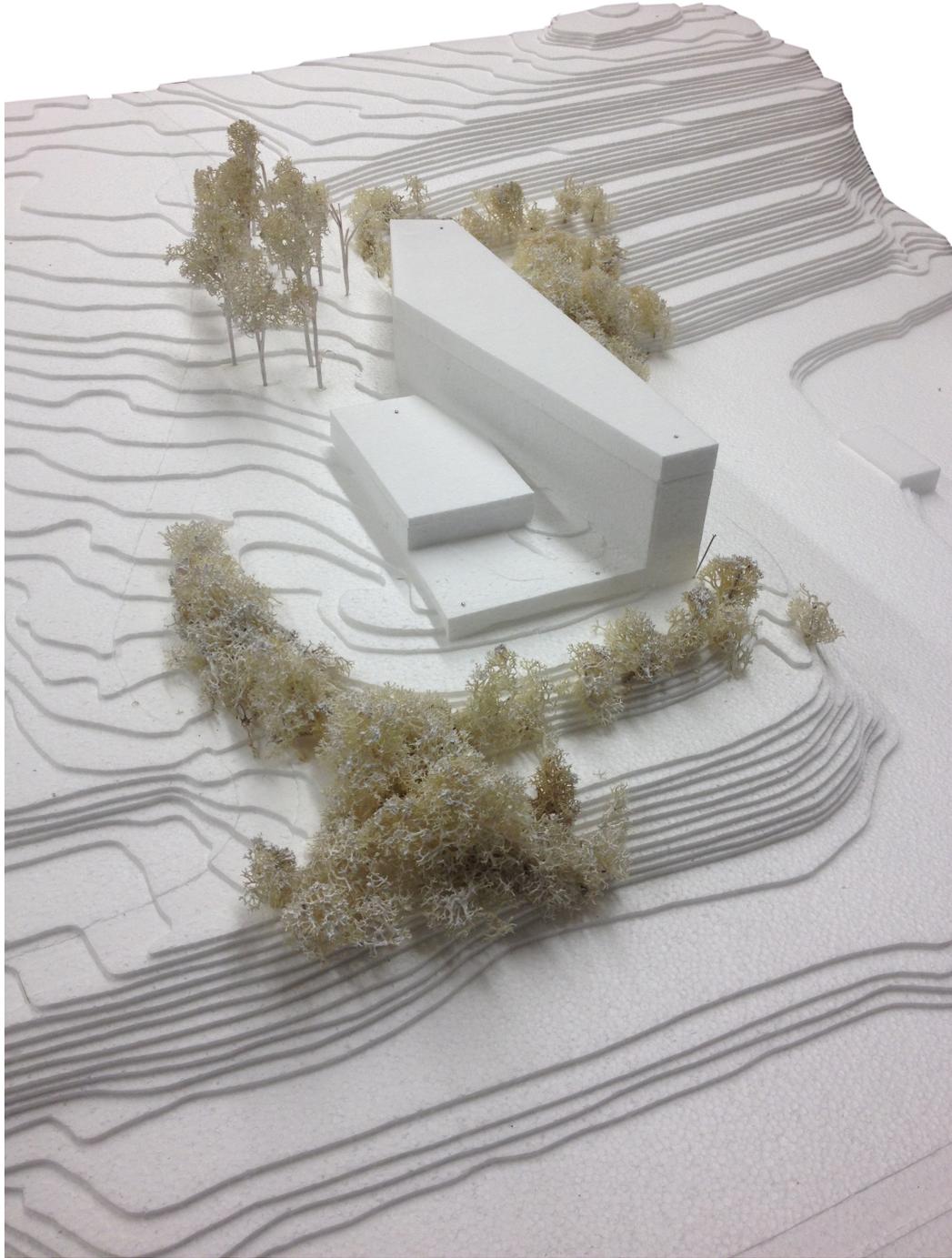
É neste contexto que surge a hipótese de projetar um Hotel desta tipologia, em Sines, implantado naquele que é o ponto de união da falésia natural com a falésia artificial, reforçando o papel de marco transitório de duas realidades distintas. A posição na qual se implanta, no promontório, fortalece o estatuto de domínio sobre a baía e o porto



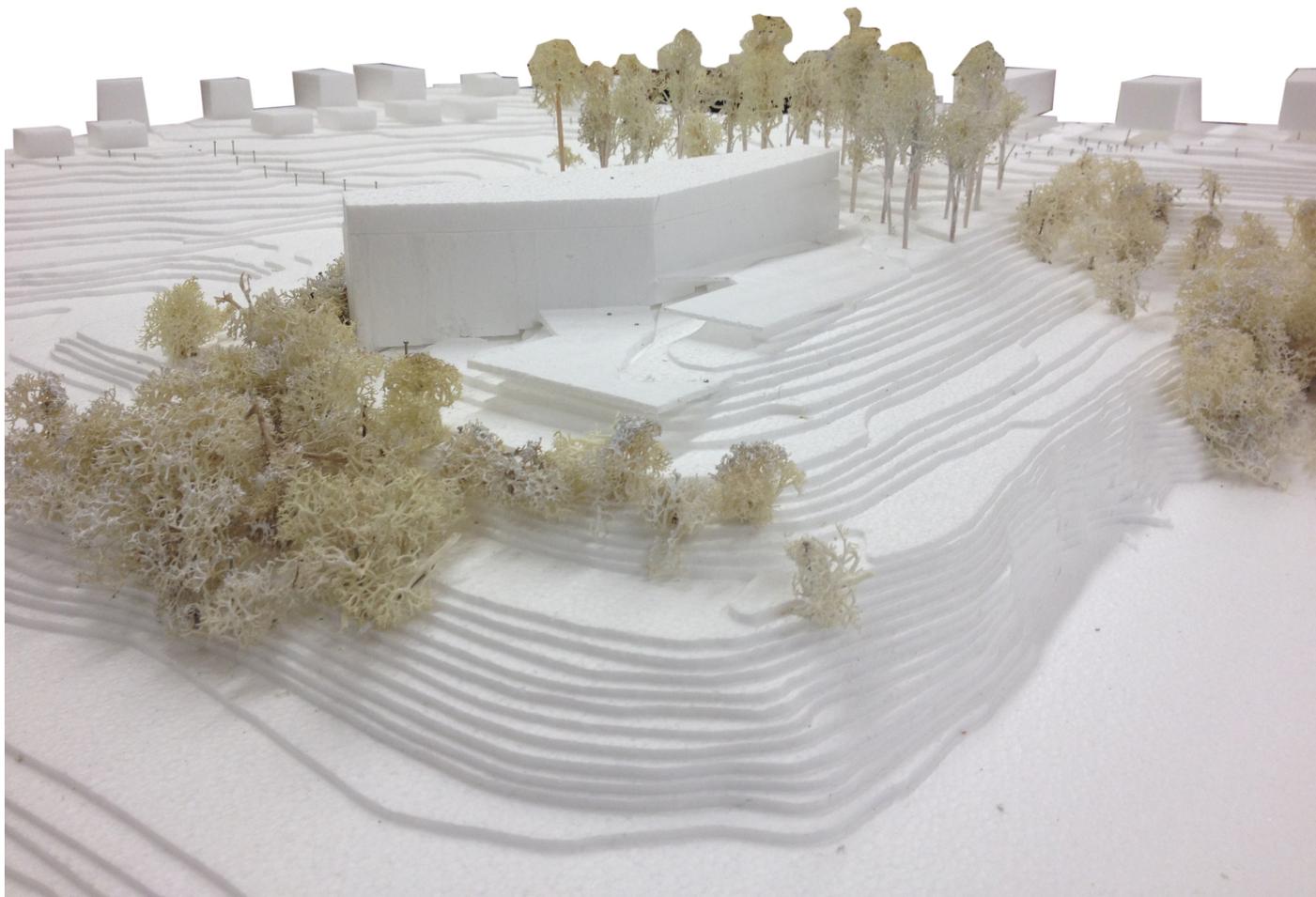


PROCESSO





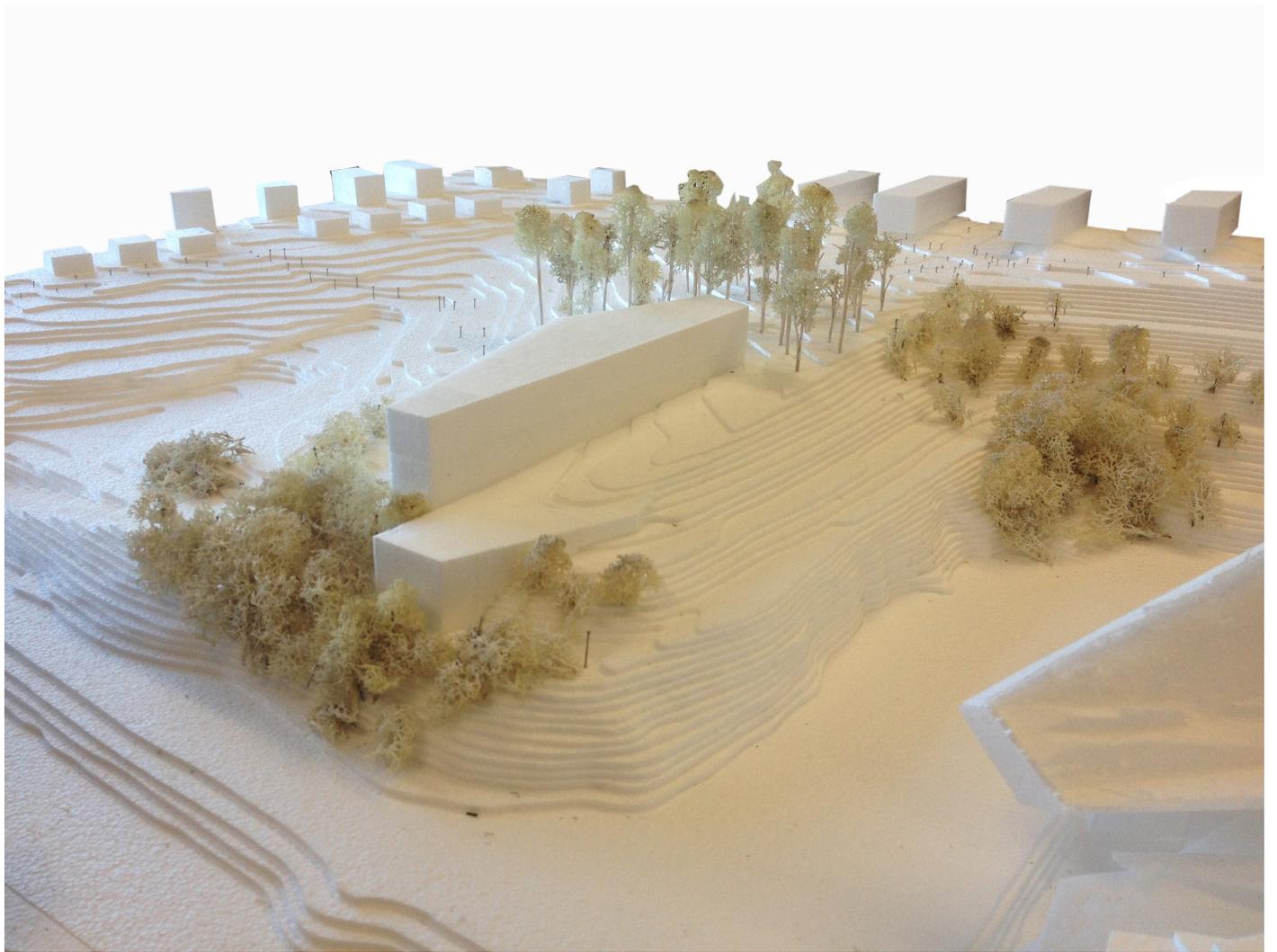




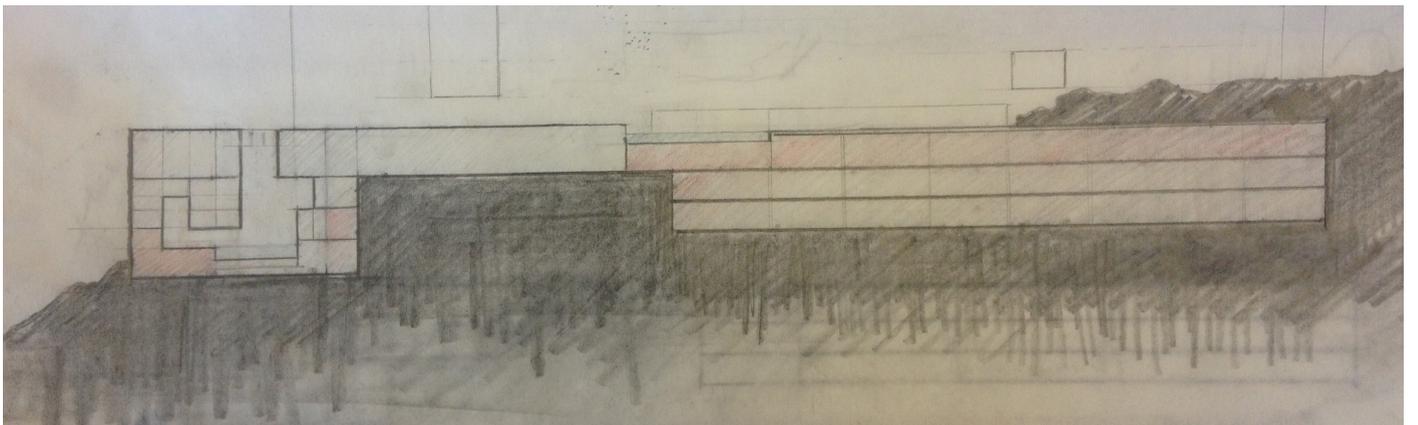
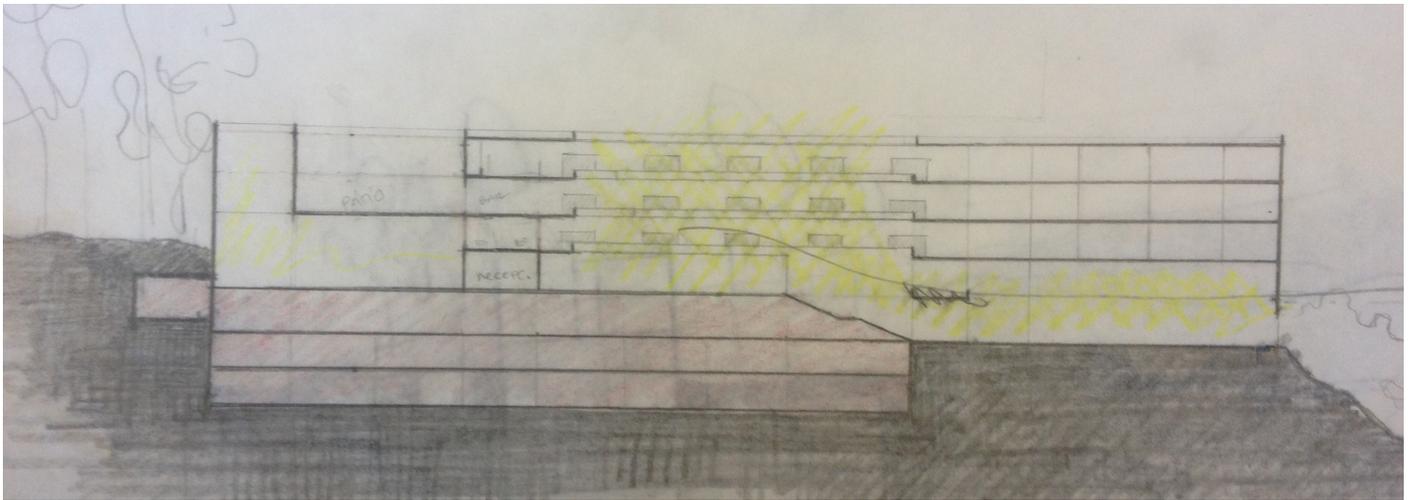
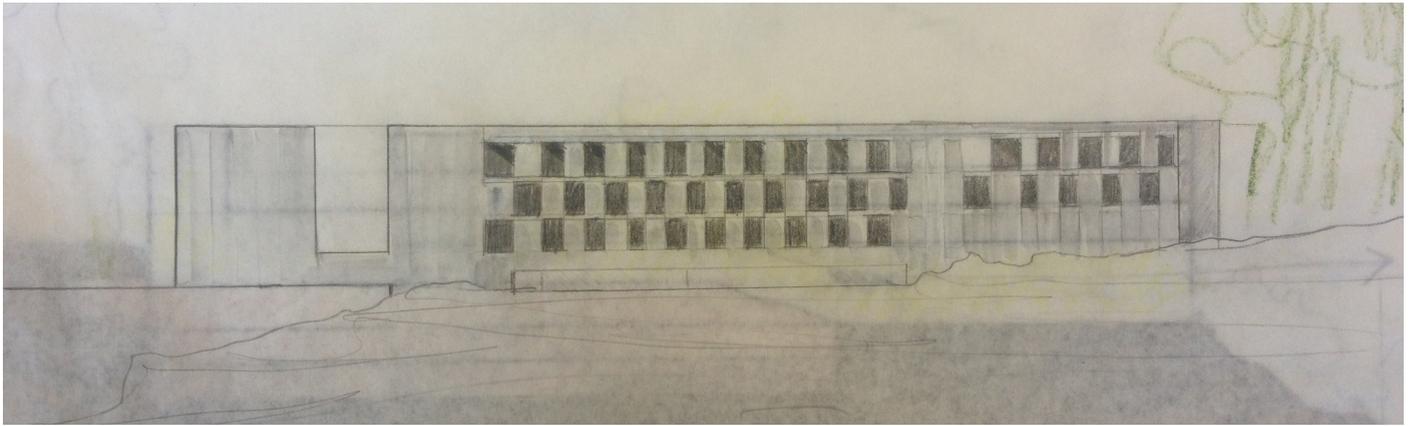


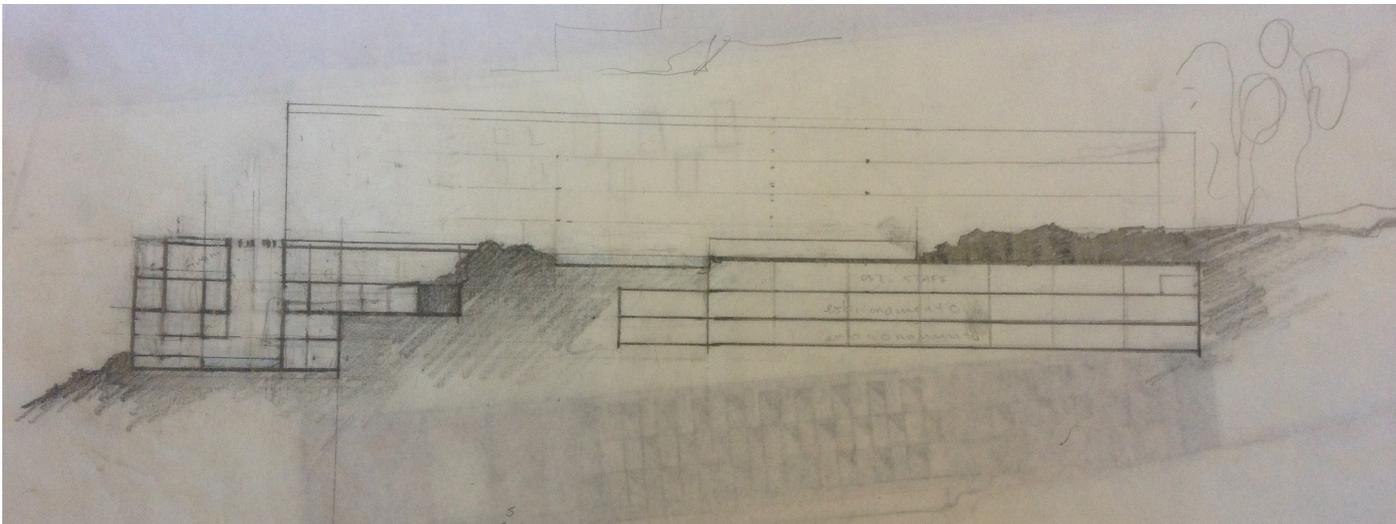
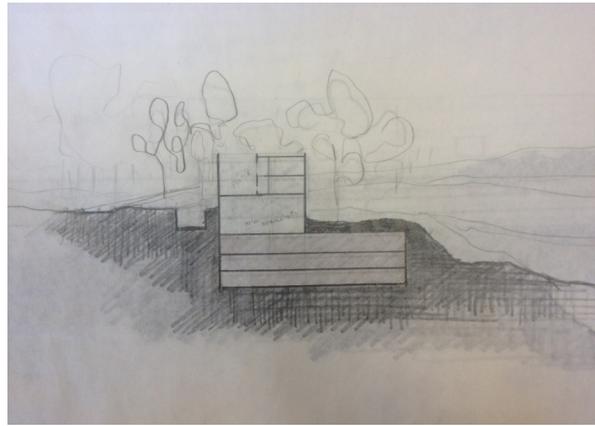
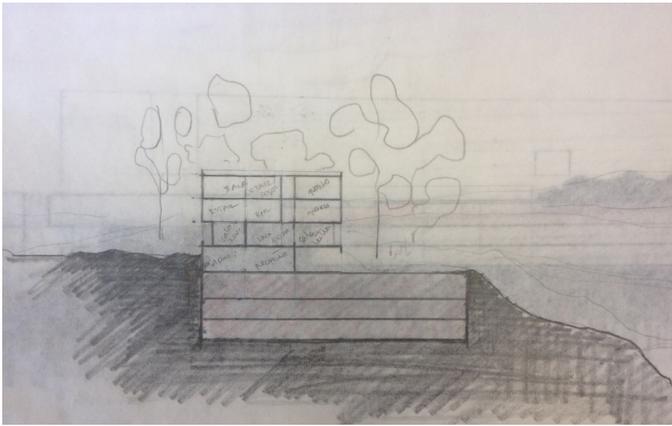


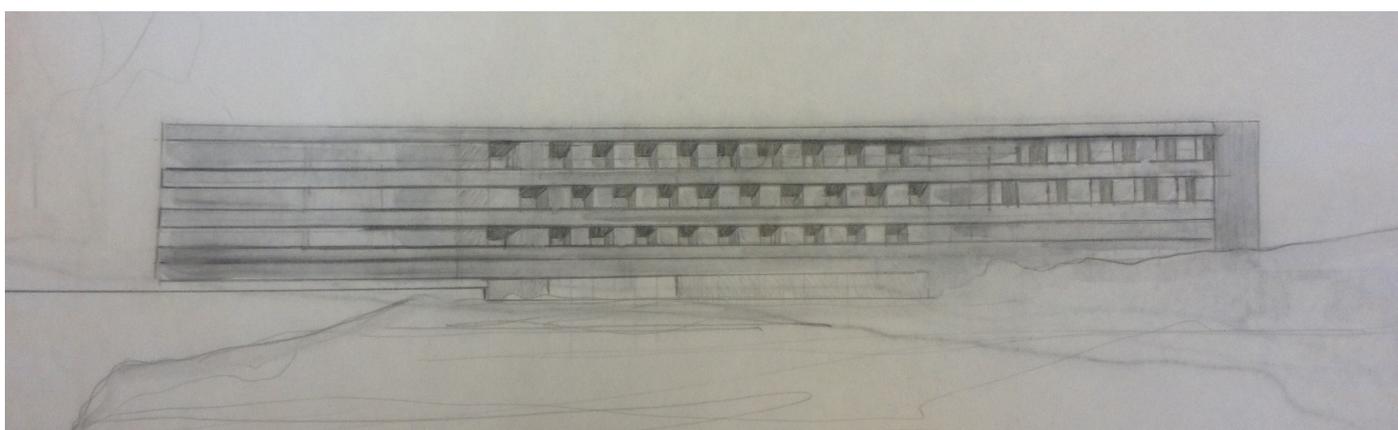
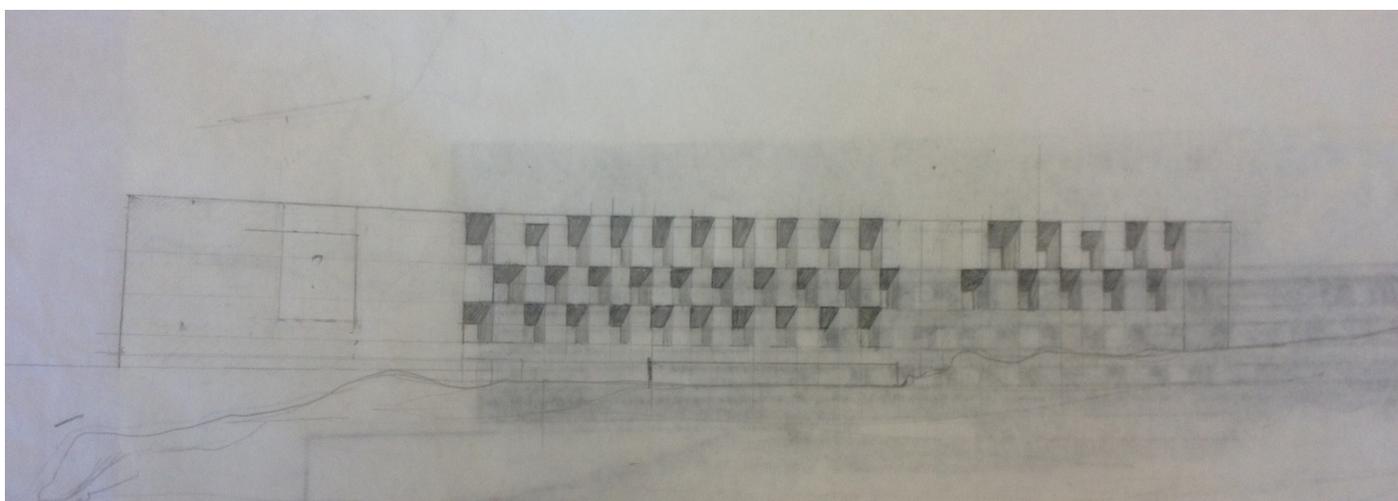
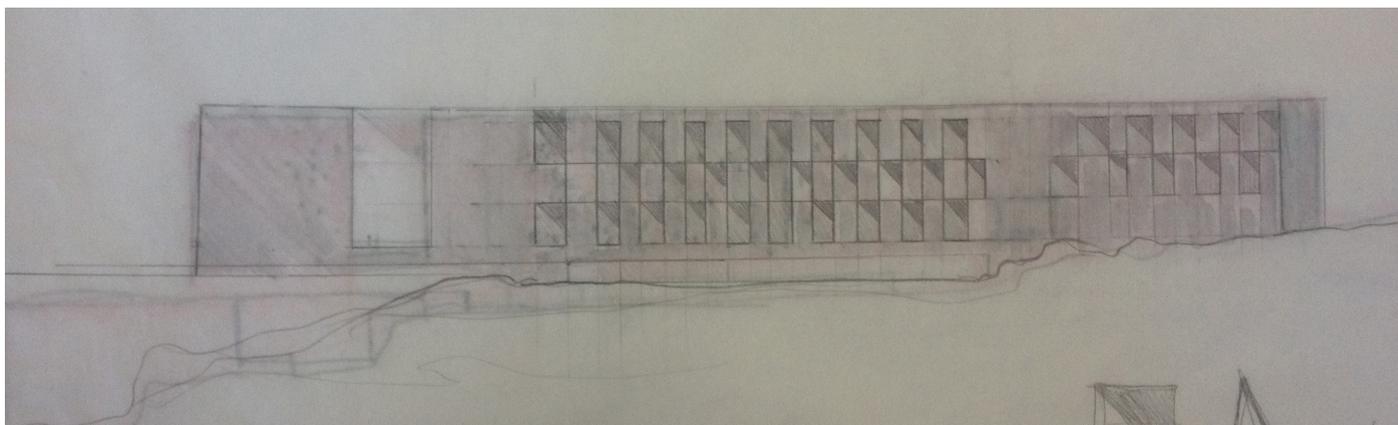


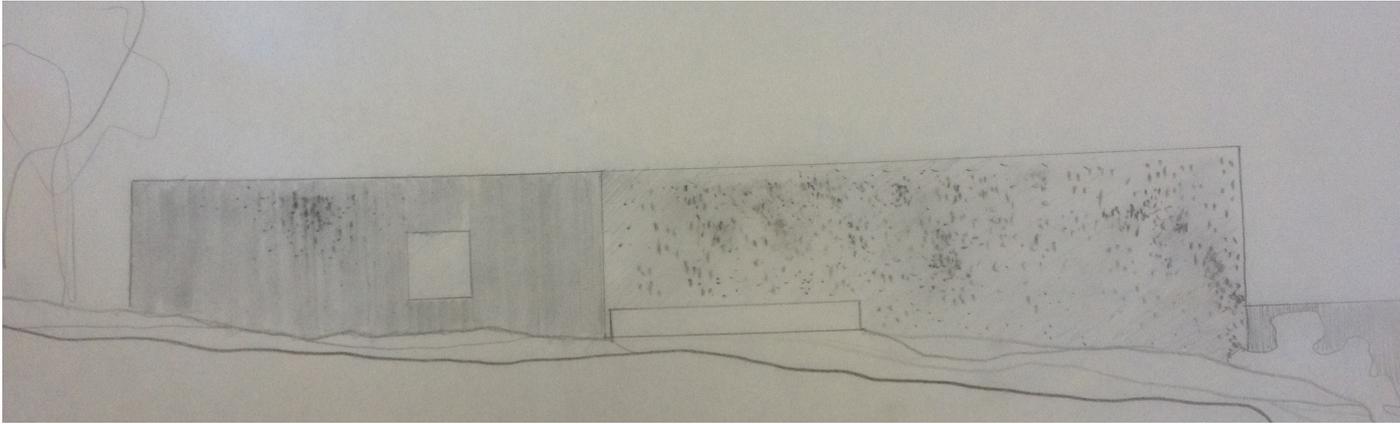


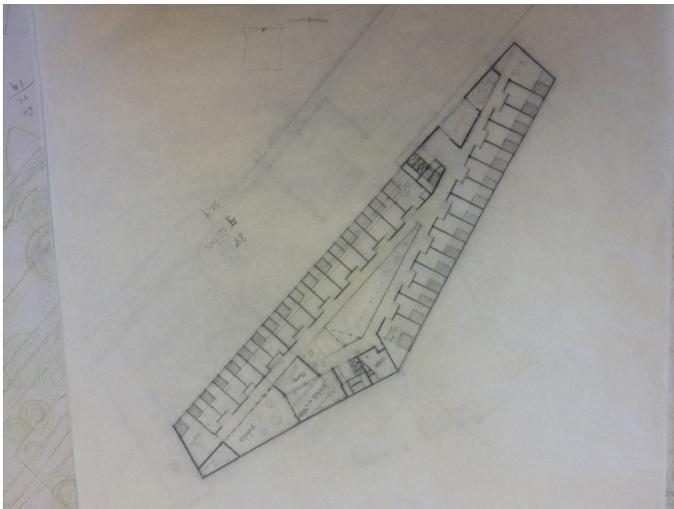
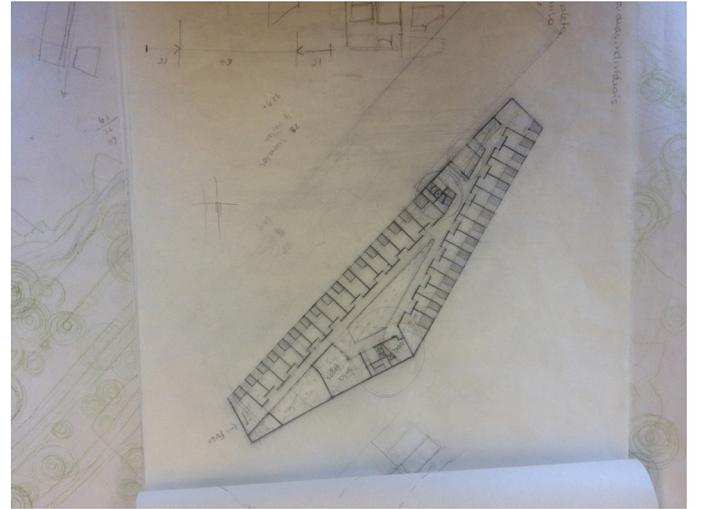
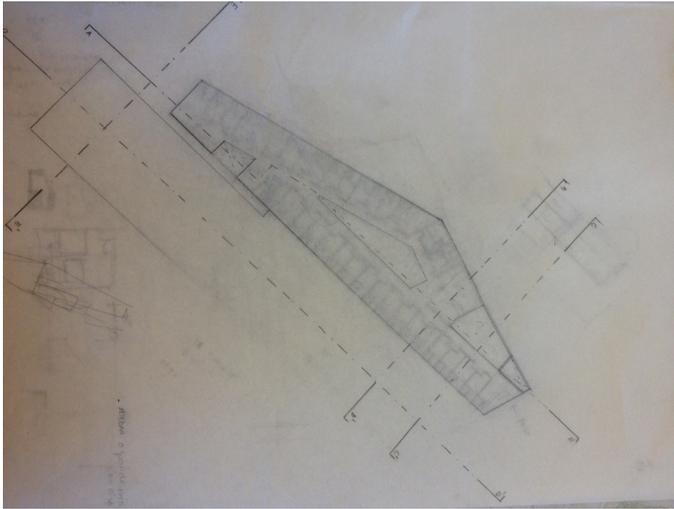


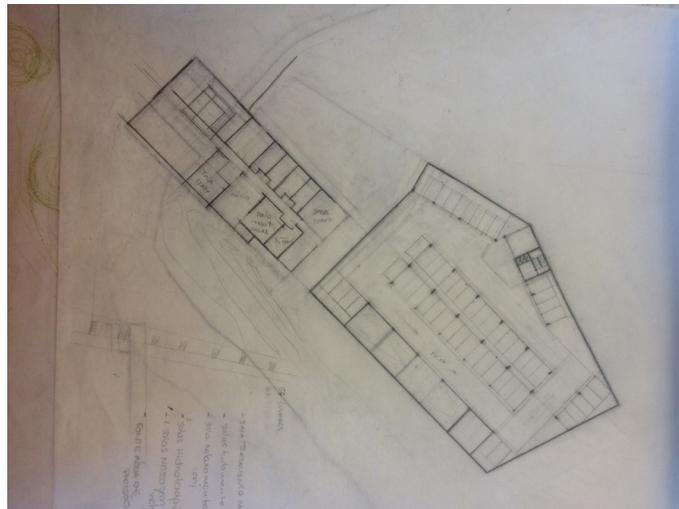
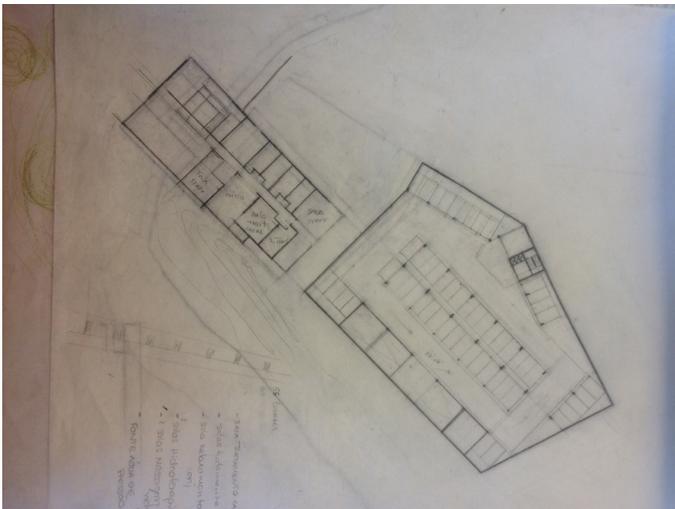
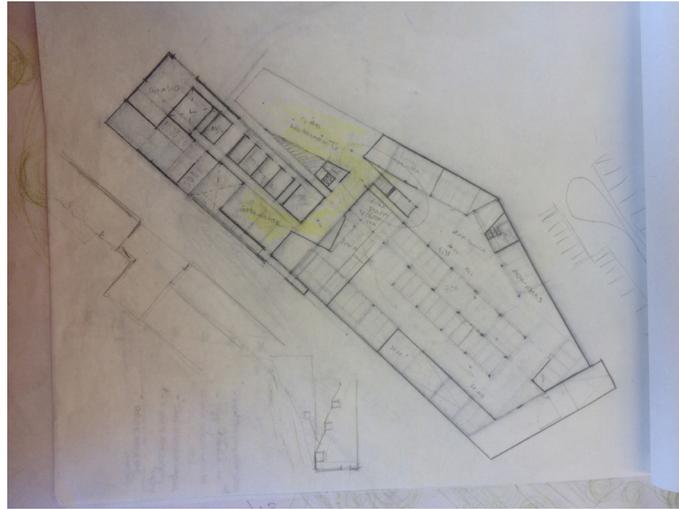
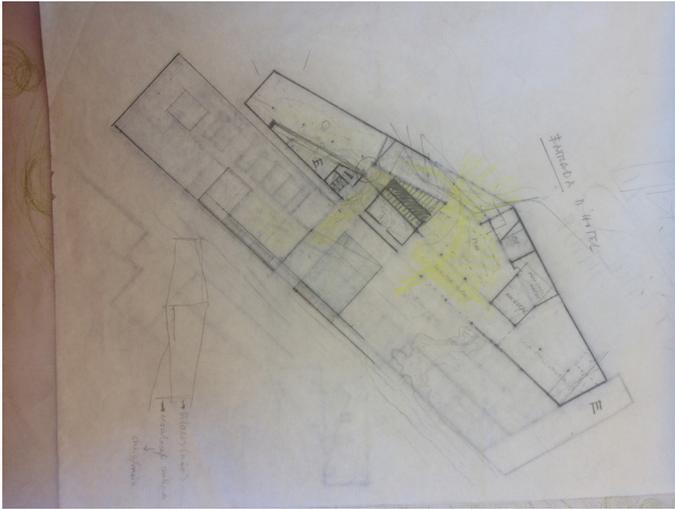


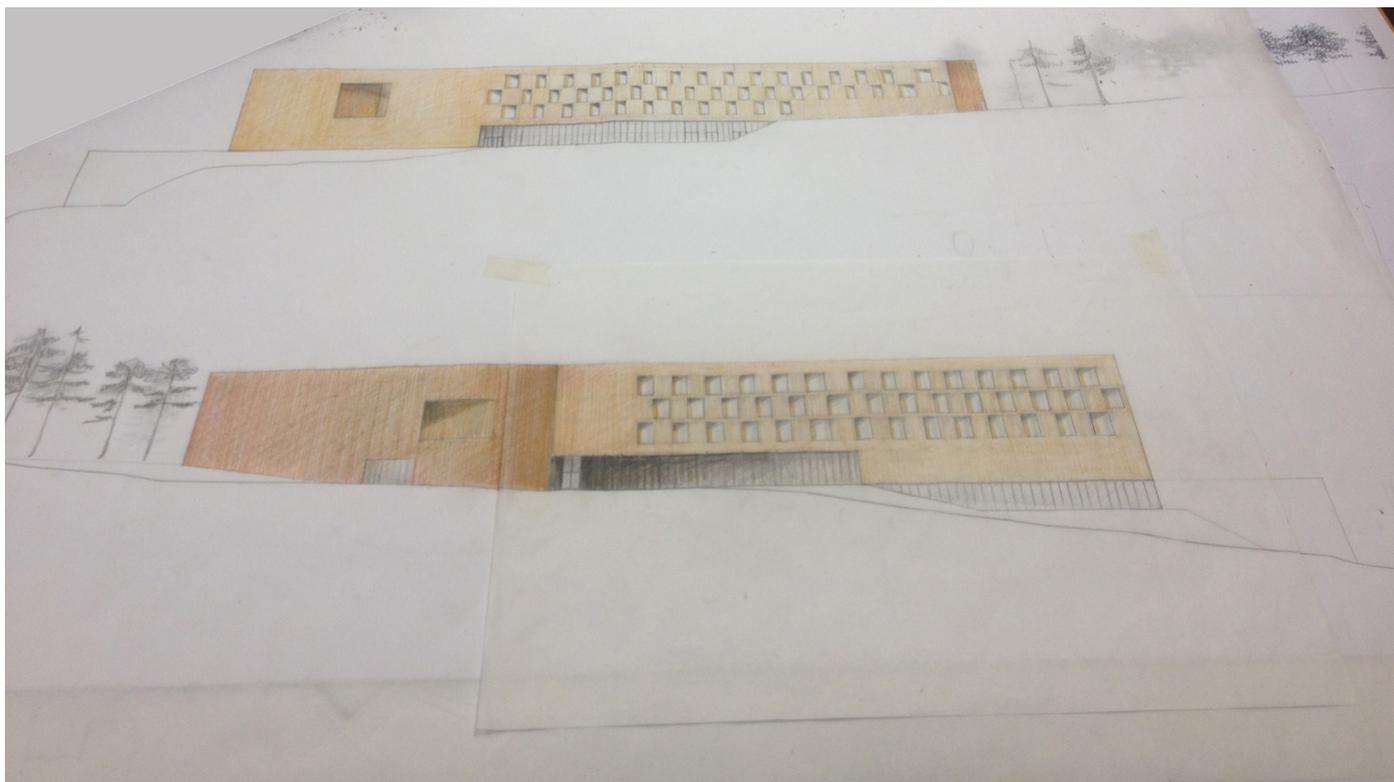






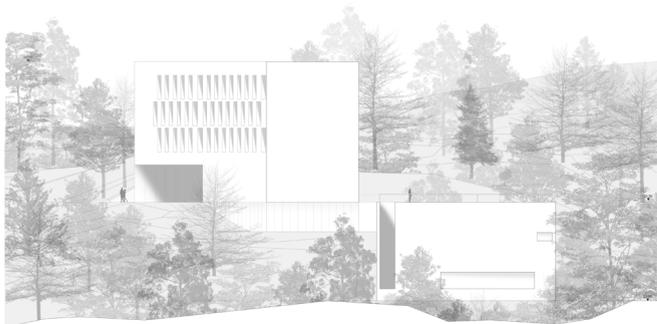








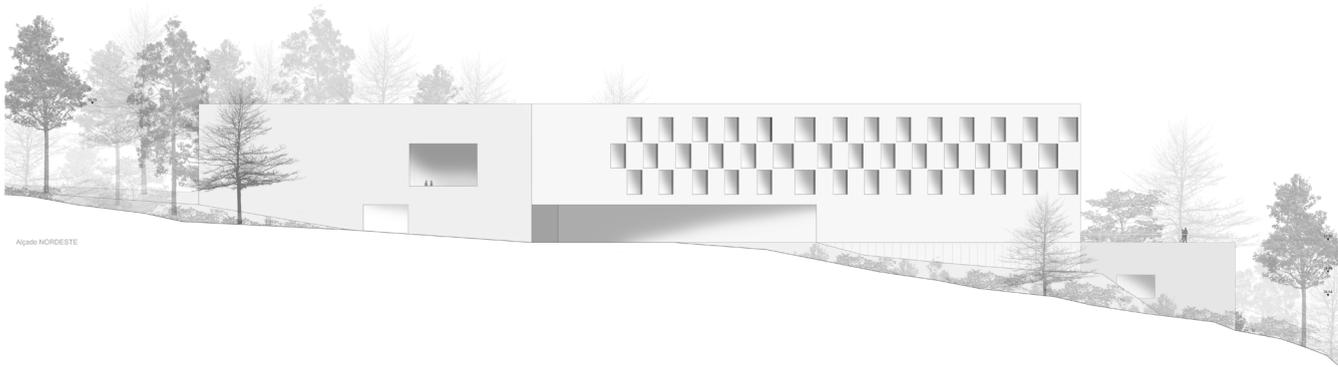
CORTES



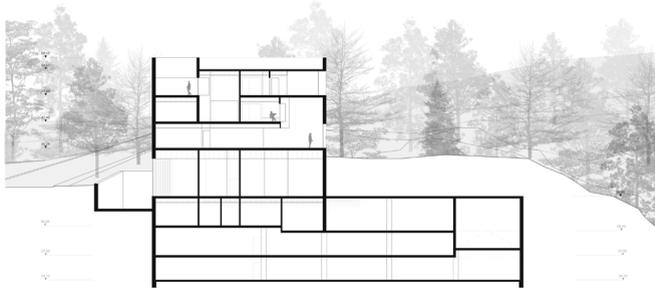
Algado SUDOESTE



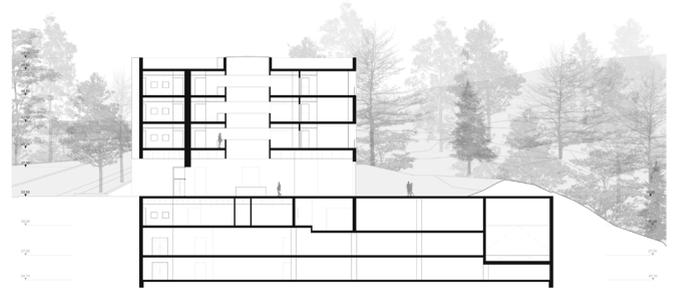
Algado NOROESTE



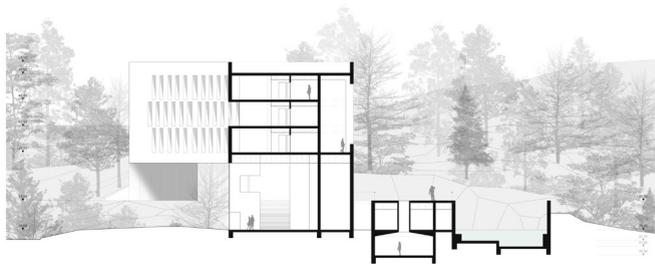
Algado NORDESTE



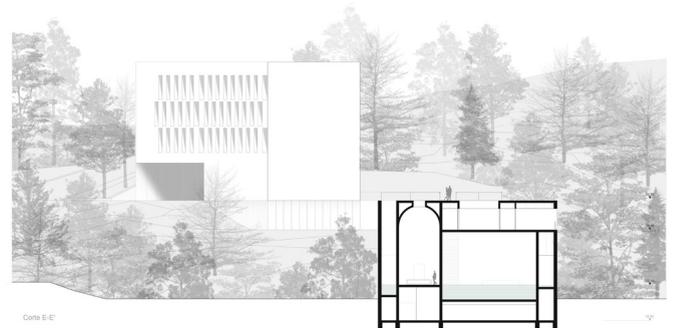
Corte B-B



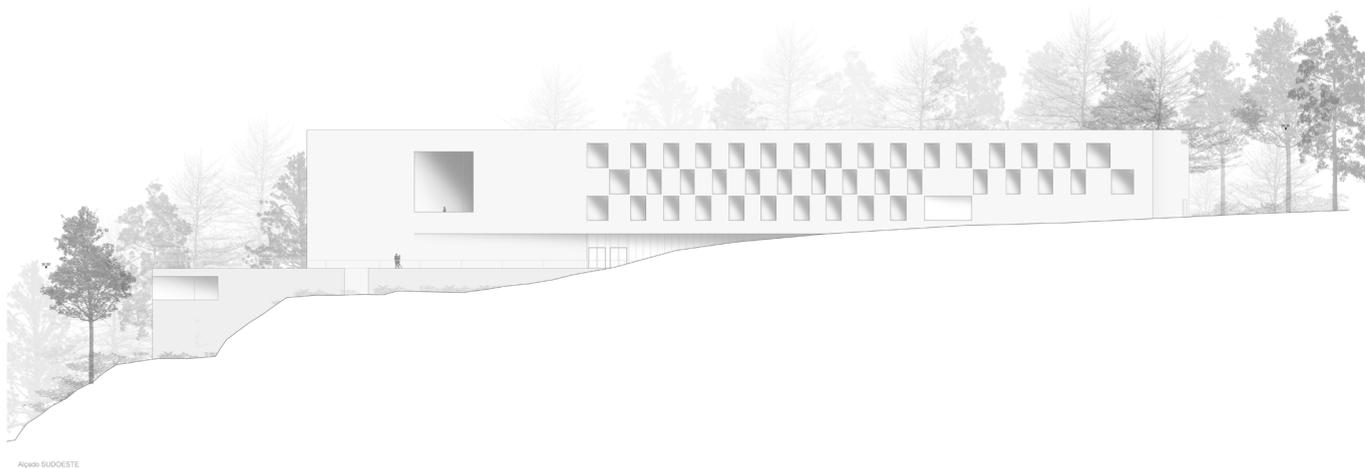
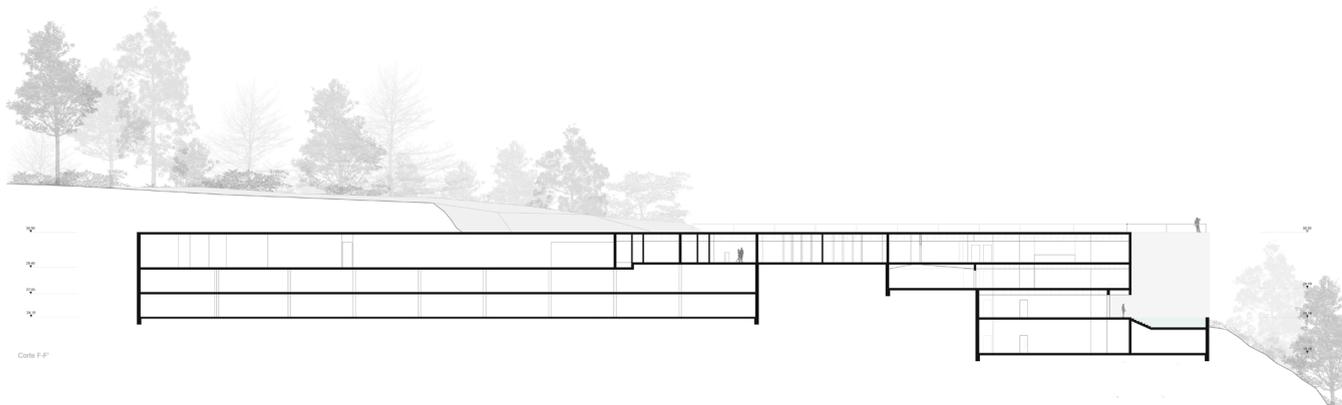
Corte C-C

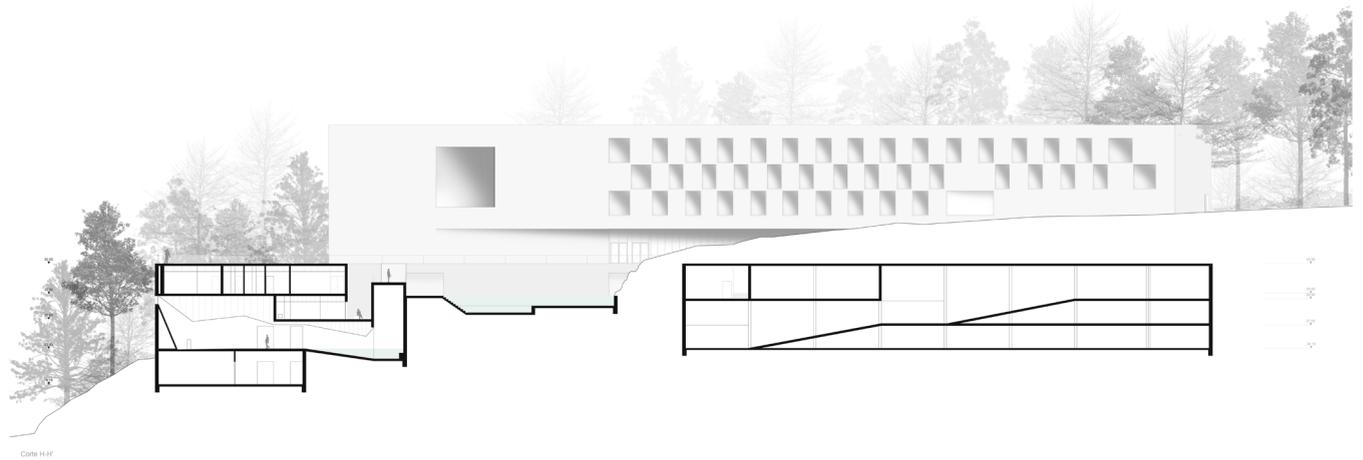
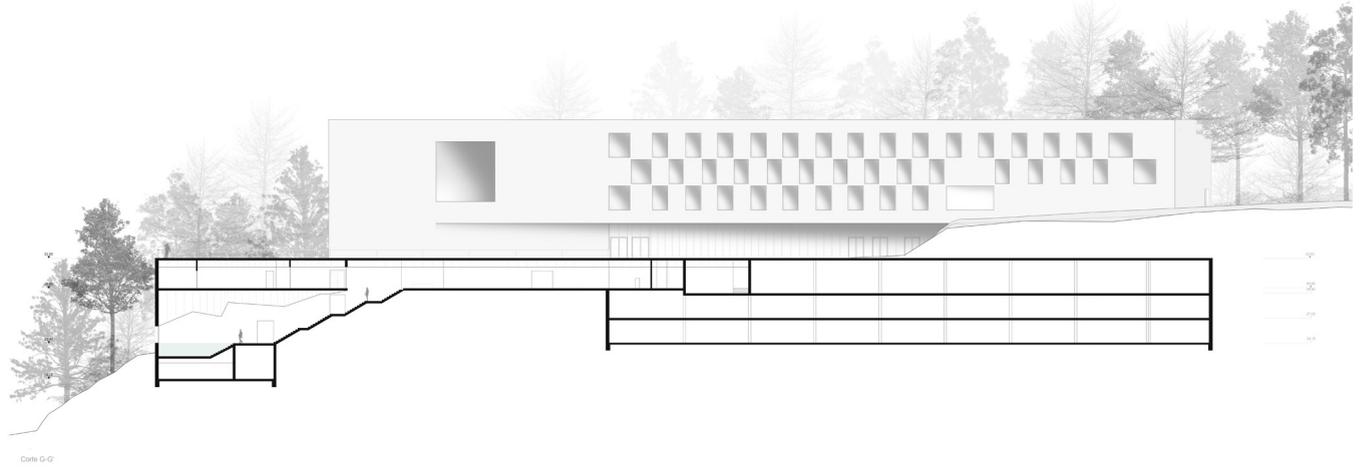


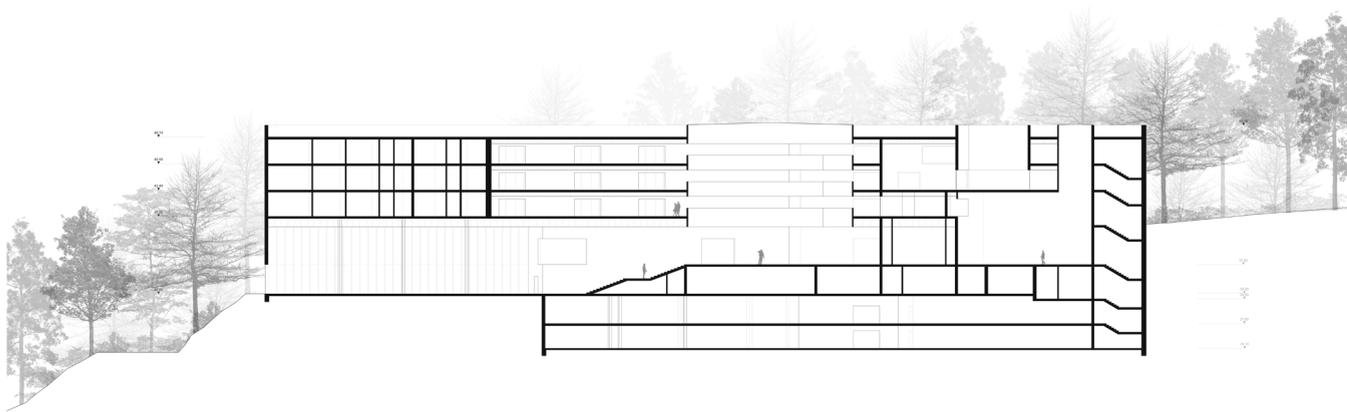
Corte D-D



Corte E-E







Corte A-A'

Alpini SUDDESTE

